



the

Villain

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

L. J. SHEN



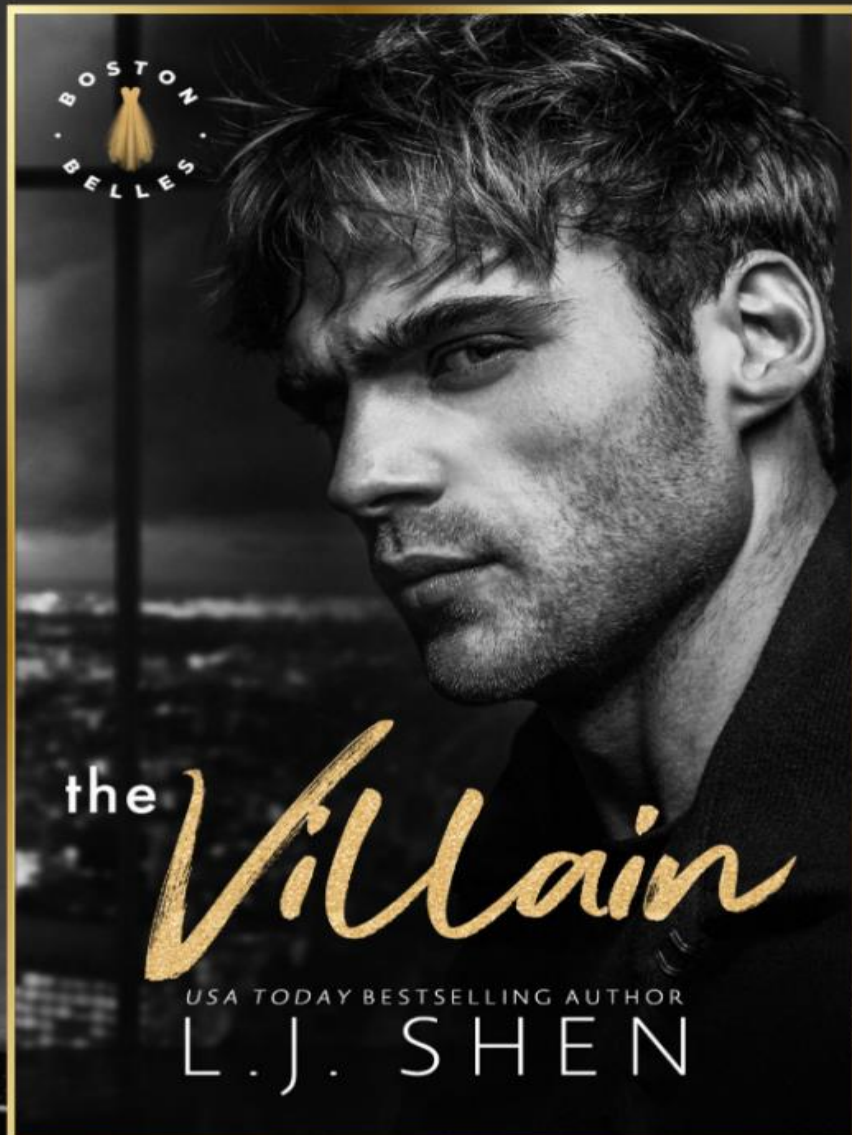




Série

Boston Belles

LANÇAMENTO



LIVRO DOIS



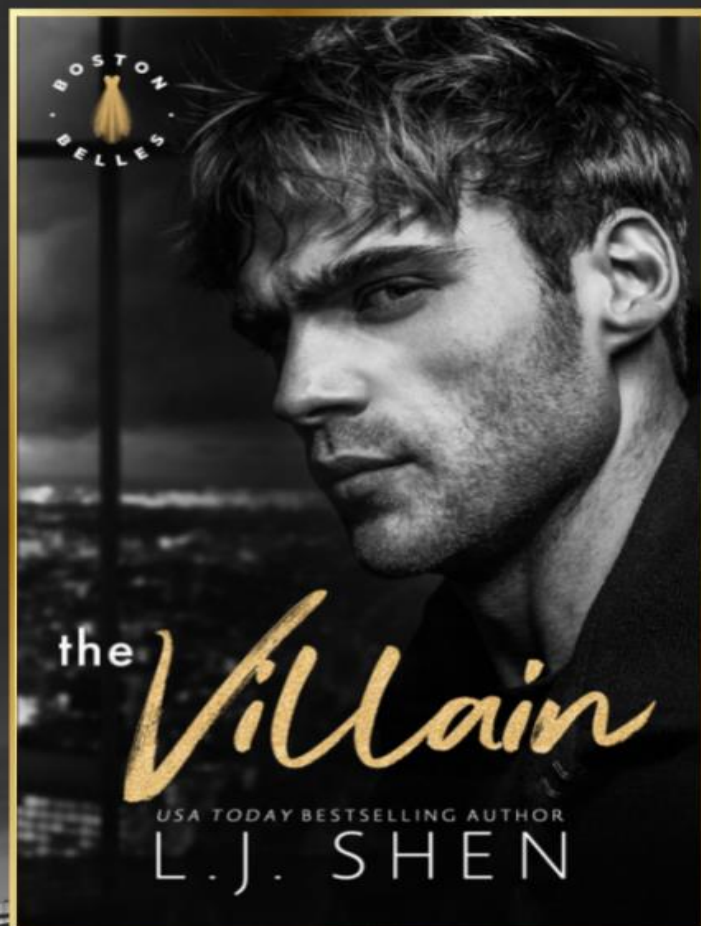
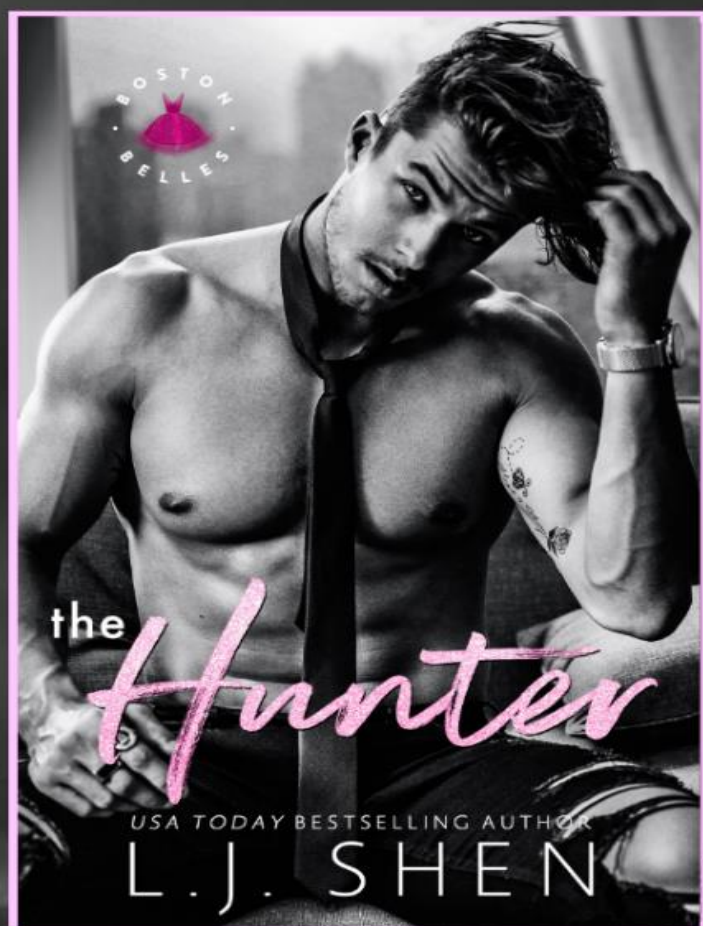
Série

Boston Belles

ORDEM DE LEITURA

LIVRO UM

LIVRO DOIS



LJ
SHEN

A graphic of musical notes and a treble clef on a staff, flowing from the left side of the page towards the word "Playlist".

Playlist

Sub Urban: "Cradles"

Bishop Briggs: "River"

White Stripes: "Hardest Button to Button"

Gogol Bordello: "Sally"

Milk and Bone: "Peaches"

Nick Cave and the Bad Seeds: "Red Right Hand"

the
Villain
L.J. SHEN



Sinopse

Cruel. De sangue frio. Hades em um terno Brioni.

Cillian Fitzpatrick foi apelidado de tudo o que há de perverso no Planeta Terra.

Para a mídia, ele é The Villain.

Para mim, ele é o homem que (relutantemente) salvou minha vida.

Agora eu preciso que ele me faça outro pequeno favor.

Livrar-me da confusão em que meu marido me meteu.

Afinal, o que são cem mil para um dos homens mais ricos da América, afinal?

Só que Cillian não distribui favores de graça.

O preço, ao que parece, é a minha liberdade.

Agora sou o brinquedinho do irmão mais velho dos Fitzpatrick.

Para brincar, moldar, quebrar.

Pena que Cillian esqueceu um pequeno detalhe.

Persephone não era apenas a deusa da primavera, ela era, também, a rainha da morte.

Ele acha que eu vou me curvar sob o peso de seus jogos mentais.

Ele está prestes a descobrir que o veneno mais letal é também o mais doce.



the Villain
L. J. SHEN



Dedicatória

Para Cori e Lana.

the
Villain
L.J. SHEN

Epigrafo

*Perdida no Inferno, Persephone,
Leve a cabeça dela sobre seu joelho;
Diga a ela: “Minha querida, minha querida,
Não é tão horrível aqui.”*

– Edna St. Vincent Millay, Collected Poems

Bleeding heart ¹ é uma flor rosa e branca que tem uma semelhança marcante com a forma convencional do coração. Também é referida como a flor do coração ou como dama-no-banho.

A flor é conhecida por ser venenosa ao toque e mortífera para consumir.

E, como a deusa mitológica Persephone, ela só floresce na primavera.

¹ Na tradução literal, coração sangrando.



Prólogo



Persephone

Minha história de amor começou com uma morte.

Com o som da minha alma quebrando no chão do hospício como porcelana delicada.

E tia Tilda, murchando dentro de sua cama de hospital, sua respiração latejando em seus pulmões vazios como uma moeda.

Eu encharquei sua camisola do hospital com lágrimas, segurando o tecido em meus pequenos punhos, ignorando os suaves apelos de mamãe para deixar sua irmã doente.

— Por favor, não vá embora, tia. Por favor, — resmunguei.

O câncer se espalhou para seus pulmões, fígado e rins, tornando insuportável para minha tia respirar. Nas últimas semanas, ela dormiu sentada ereta, perdendo e retomando a consciência.

Aos doze anos, a morte era um conceito abstrato para mim. Real, mas também estranho e distante. Algo que acontecia em outras famílias, com outras pessoas.

Entendi o que isso significava agora.

Tia Tilda nunca mais me pegaria em seus braços, fingindo dedilhar seus dedos em mim como se eu fosse uma guitarra no ar.

Ela nunca mais pegaria Belle e eu na escola com sacolas Ziploc cheias de fatias de maçã e morangos sempre que nossos pais trabalhavam longas horas.

Ela nunca mais trançaria meu cabelo novamente, sussurrando contos mágicos sobre deuses gregos e monstros de três cabeças.

Minha tia colocava mechas de cachos loiros atrás da minha orelha. Seus olhos brilharam com uma doença tão tangível que eu podia sentir o gosto na minha língua.

— *Ir embora?* — Ela regurgitou. — Oh, que coisa, essa é uma palavra grande. Eu nunca faria isso, Persy. Morta, viva e no meio disso, sempre estarei lá para você.

— Mas, como? — Eu puxei sua camisola, agarrando-me à sua promessa. — Como vou saber que você realmente está aqui depois que seu corpo se for?

— Basta virar o rosto para cima, bobinha. O céu sempre será nosso. É onde nos encontraremos, entre os raios de sol e as nuvens.

Nos verões quentes e úmidos, tia Tilda e eu nos deitávamos na grama perto do Charles River, observando as nuvens. As nuvens iam e vinham como passageiros em uma estação de trem. Primeiro, nós as contávamos. Em seguida, escolhíamos as de formato engraçado e mais fofas. *Então*, dávamos nomes a elas.

Sr. e Sra. Claudia e Claud Clowdton.

Misty e Smoky Frost.

Tia Tilda acreditava em magia, em milagres, e eu? Bem, eu acreditava *nela*.

Enquanto minha irmã mais velha, Emmabelle, perseguia esquilos, jogava futebol com os meninos e subia em árvores, tia Tilda e eu admirávamos o céu.

— Você vai me dar um sinal? — Eu pressionei. — Que você está aí no céu? Um raio? Chuva? Oh, eu sei! Talvez um pombo possa fazer cocô em mim.

Mamãe colocou a mão no meu ombro. Nas palavras de minha irmã Belle – eu precisava tomar um calmante, e rápido.

— Vamos fazer um acordo, — minha tia sugeriu, rindo sem fôlego. — Como você sabe, as nuvens são mais confiáveis do que



estrelas cadentes. Comuns, mas ainda mágicas. Quando chegar a hora e você crescer, peça algo que você queira – algo que você *realmente* queira – quando vir uma nuvem solitária no céu, e eu vou conceder isso a você. É assim que você saberá que estou lá assistindo. Você só consegue um milagre, Persephone, então tome cuidado com o que deseja. Mas eu prometo, qualquer que seja o seu desejo, eu vou conceder a você.

Mantive meu Cloud Wish² por onze anos, abrigando-o como uma preciosa herança.

Não usei quando minhas notas caíram.

Nem quando Elliott Frasier veio com o apelido de Pussyfanny Peen-rise³ no segundo ano, e permaneceu até a formatura.

Nem mesmo quando papai foi despedido, e o McDonald's e água quente se tornaram luxos raros.

No final, desperdicei o Cloud Wish em um momento imprudente.

Por um desejo condenado, uma paixão estúpida, um amor não correspondido.

2 Desejo de Nuvem.

3 Trocadilho maldoso com o nome dela. Persephone – Pussyfanny (periquita, vagina). Penrose – Peen-rise (que levanta pênis).

Sobre o homem, que todos os meios de comunicação da América se referem como The Villain.⁴

Cillian Fitzpatrick.



Três anos atrás.

Estou bêbada antes do meio-dia, no dia em que minha melhor amiga, Sailor, vai se casar.

Normalmente, eu sou bêbada e divertida. Bêbada *responsável*. O tipo de bêbada que falava um pouco mais alto, ria e dançava como se ninguém estivesse olhando, mas também chamava um Uber, salvava suas amigas de ligações ruins e nunca deixava *ninguém* perto de mim fazer uma tatuagem da qual se arrependeria na manhã seguinte.

Não dessa vez.

⁴ O Vilão.



Desta vez, eu estou acelerando o Enola-Gay⁵. O tipo de martelada que acaba no hospital com um soro intravenoso, um bebê surpresa e ficha criminal.

Havia uma variedade de razões pelas quais eu estava tão bêbada, e eu apontaria todas elas se eu fosse capaz de manter um dedo firme no ar.

O problema é que agora é o pior momento possível para ficar indisposta. Estou no dever de dama de honra. A garota de vinte e três anos – *rufo de tambores, por favor* – a Garota das Flores!

É estranho ser uma garota das flores adulta? Porque, não mesmo. É uma honra.

Ok, tudo bem. É um *pouco* constrangedor.

E por um pouco embaraçoso, quero dizer humilhante de esmagar a alma.

No entanto, dizer *não* estava fora de questão.

Eu sou Persephone.

A amiga designada descontraída, de temperamento equilibrado, que se adapta às adversidades.

Aquela que mantinha a paz e largava tudo quando alguém precisava de ajuda.

⁵ Bombardeiro B-29 responsável pela explosão atômica em Hiroshima.

Aisling, que estava prestes a se tornar cunhada de Sailor, era a encarregada de segurar o véu de 2,5 metros, à la Pippa Middleton⁶, e minha irmã, Emmabelle, era a responsável pelas alianças.

A capela Thorncrown era um luxuoso local para casamentos na costa de Massachusetts. O castelo medieval erguendo-se sobre um penhasco ostentava 20 hectares de arquitetura do velho mundo, calcário importado da França, jardins particulares e vista para o oceano. A suíte nupcial era um apartamento em tons de aveia que oferecia uma banheira com pés, uma varanda frontal e quatro penteadeiras totalmente equipadas.

Todas as despesas do luxuoso casamento foram pagas pelo noivo, a família de Hunter Fitzpatrick. Sailor estava se casando, subindo na hierarquia social.

Os Fitzpatricks ficavam ombro a ombro com os Rockefellers, os Kennedys e os Murdochs.

Ricos, poderosos, influentes e – pelo menos, de acordo com os rumores – com esqueletos suficientes em seu armário para abrir um cemitério.

É loucura pensar que a garota com quem eu brincava de amarelinha quando criança e que me deixou cortar a franja se tornaria uma princesa americana em menos de uma hora.

⁶ Irmã da Kate Middleton (esposa do Príncipe William).

É ainda mais louco que foi ela quem me apresentou ao homem que agora ocupava noventa por cento da capacidade do meu cérebro e praticamente todos os meus sonhos.

O vilão que partiu meu coração sem nem perceber minha existência imortal.

Tentando ficar sóbria, andei de um lado para o outro na sala, parando na janela. Inclinei-me sobre o peitoril, inclinando meu rosto para o céu de verão. Uma nuvem solitária deslizou preguiçosamente atrás do sol, segurando a promessa de um dia lindo.

— Tia Tilda, gostaria de vê-la aqui! Como tem passado?

Não foi a primeira vez que falei com uma nuvem como se fosse minha tia morta, então não poderia culpar meu nível de intoxicação por essa peculiaridade. — O tempo está bom. Sailor vai gostar. Como estou?

Girei em meu vestido verde pinheiro na frente da janela, jogando meu cabelo de forma divertida. — Acha que ele finalmente vai me notar?

A nuvem não precisava responder para eu saber a resposta — *não*.

Ele não iria me notar.

Ele nunca fez isso.

Eu duvidava muito que *ele* soubesse que eu existia.

Eu o conhecia há cinco anos e ele ainda não tinha me falado uma palavra.

Suspirando, agarrei as flores que tinha colhido fora da suíte e as pressionei contra o nariz com um suspiro ganancioso. Elas cheiravam quente e fresco, como a primavera.

As flores eram cor-de-rosa e tinham o formato de um coração de Dia dos Namorados. Eu teci algumas delas no meu cabelo, que estava parcialmente penteado no topo.

Um de seus espinhos picou meu dedo e eu o levantei, sugando a gota de sangue que ele produziu. A viscosidade da seiva encheu minha boca e eu gemi.

— Eu sei, eu sei, eu deveria simplesmente esquecê-lo. Ir em frente.

Rapidamente lambi todos os meus dedos para me livrar do néctar. — Há uma linha tênue entre ser romântica e idiota. Acho que estou montada nela há quatro anos.

Eu vinha abrigando minha obsessão pelo irmão Fitzpatrick mais velho nos últimos cinco anos. Meia maldita década. Comparei cada cara com quem namorei com o magnata inatingível, mandei olhares fixos para ele e li compulsivamente todas as informações sobre ele na mídia. Simplesmente decidir esquecê-lo não ia resolver. Eu tentei isso antes.

Eu precisava dar tudo de mim.

Nesse caso, eu precisava usar o desejo de tia Tilda e pedir para seguir em frente.

Abri a boca para fazer o pedido, mas assim que comecei a pronunciar as palavras, minha garganta travou.

Deixei as flores caírem da minha mão, fui cambaleando até o espelho. Uma erupção cutânea espalhou-se pelo meu pescoço como uma palma masculina possessiva. A mancha rubicundo se espalhou para o sul, mergulhando no vale entre meus seios. Cada centímetro da minha carne estava ficando vermelha.

Como diabos eu tive uma reação alérgica? Eu estava ansiosa demais para comer qualquer coisa a manhã toda.

Talvez fosse ciúme.

Um monstro verde de dentes pontudos abrindo caminho para fora do meu coração. Lembrando-me que ser noiva era o *meu* sonho, não o de Sailor, droga.

Claro, não era feminista, nem inspiradora, nem progressista, mas não deixava de ser verdade. *Minha* verdade.

Eu queria casamento, uma cerca branca, bebês risonhos em fraldas vagando livremente no meu quintal e labradores fedorentos perseguindo-os.

Sempre que me permitia pensar sobre isso (o que não era muito comum), a injustiça daquilo me tirava o fôlego. Sailor era a coisa mais assexuada do mundo depois de uma máscara cirúrgica antes de conhecer Hunter.

No entanto, foi ela quem acabou se casando antes de todas nós.

Uma batida na porta me tirou do meu transe.

— Pers? — Minha irmã mais velha, Emmabelle, *Belle* para abreviar, sussurrou do outro lado. — A cerimônia começa em vinte minutos. Por que você está demorando tanto?

Bem, Belle, eu pareço chocantemente com um Cheetos, tanto na cor quanto na pele.

— É melhor você colocar sua bunda em marcha. Nossa garota já vomitou na lata de lixo da limusine duas vezes, amaldiçoou o noivo como um pirata por não fugir para Las Vegas e uma de suas unhas de acrílico está interpretando Amelia Earhart.

— O que você quer dizer? — Gritei de volta pela porta da suíte.

— Ela desapareceu. Espero que não no penteado. — Eu ouvi o sorriso na voz da minha irmã. — Oh, a propósito. Você pode trazer o anel de Hunter se o irmão dele não aparecer para pegá-lo? Tecnicamente, é o trabalho de Cillian, mas ele provavelmente



está nos jardins, esfolando uma funcionária e fazendo casacos de moda com a pele dela.

Cillian.

Meu estômago apertou com a menção de seu nome.

— Entendido. Estarei aí em cinco minutos.

Eu ouvi os saltos da minha irmã clicando quando ela saiu, voltando para a limusine que esperava.

Eu olhei ao redor da sala.

Como posso fazer essa erupção estúpida ir embora?

Estalando mentalmente os dedos, procurei a bolsa de Aisling “Ash” Fitzpatrick, encontrando-a na cama. Eu vasculhei, retirando Band-Aids, um canivete suíço e um kit de maquiagem do tamanho de um polegar. Ela deve ter Benadryl e anti-histamínicos. Ela era uma escoteira, pronta para qualquer ocasião, fosse uma erupção cutânea, uma unha quebrada, uma guerra mundial ou uma pandemia repentina.

— *Bingo.* — Tirei um tubo de pomada calmante da Hermès cravejada de diamantes. Esfreguei a loção na pele, satisfeita por estar bêbada, quando a porta atrás de mim se abriu.

— Cinco minutos, Belle. — Meus olhos ainda estavam grudados em meus braços manchados. — E sim, eu me lembro, o anel de Hunter...

Olhei para cima. Meu queixo caiu quando o resto das minhas palavras murcharam de volta na minha garganta. A pomada escorregou entre meus dedos.

Cillian “Kill” ⁷ Fitzpatrick estava na porta.

Irmão mais velho de Hunter Fitzpatrick.

O solteiro mais cobiçado da América.

Um herdeiro de coração de pedra com um rosto esculpido em mármore.

Acessível como a lua, e tão frio e oscilante.

O mais importante de tudo: o homem que amei em segredo desde o primeiro dia em que o vi.

Seu cabelo castanho-avermelhado estava penteado para trás, seus olhos eram um par de âmbar esfumado. Com a borda de mel, mas sem calor. Ele usava um smoking Edward, um Rolex robusto e a ligeira carranca de um homem que considerava qualquer um com quem não pudesse trepar ou ganhar dinheiro como um inconveniente.

Ele era sempre calmo, quieto e reservado, nunca chamando atenção para si mesmo, mas possuía todos os cômodos em que entrava.

⁷ Kill – assassino.

Ao contrário de seus irmãos, Cillian não era bonito.

Não no sentido convencional, de qualquer maneira. Seu rosto era muito afiado, seus traços muito ousados, sua zombaria muito zombeteira. Sua mandíbula forte e olhos semicerrados não se harmonizavam em uma sinfonia de golpes perfeitos. Mas havia algo decadente nele que eu achava mais atraente do que a franqueza na perfeição Apollo de Hunter ou a beleza da Branca de Neve de Aisling.

Cillian era uma canção de ninar suja, convidando-me a afundar em suas garras e aninhar em sua escuridão.

E eu, apropriadamente nomeada em homenagem à deusa da primavera, ansiava que o chão se abrisse e me sugasse. Para cair em seu submundo e nunca emergir.

Uau. Essa última mimosa realmente matou tudo o que restou de minhas células cerebrais.

— Cillian, — eu engasguei. — Olá. Ei. Oi.

Tão eloquente, Pers.

Temperei minha saudação coçando meu pescoço. Tive sorte de estar sozinha com ele em uma sala pela primeira vez enquanto parecia e me sentia como uma bola de lava.

Cillian caminhou vagorosamente em direção ao cofre com a elegância indolente de um grande gato, exalando um perigo bruto

que fez meus dedos do pé se curvarem. Sua indiferença muitas vezes me fazia pensar se eu estava mesmo na sala com ele.

— Três minutos até a limusine ir embora, Penrose.

Então eu existia.

— Obrigada.

Minha respiração ficou difícil, lenta, e eu estava começando a perceber que talvez precisasse chamar uma ambulância.

— Você está animado? — Eu consegui.

Sem resposta.

A porta de metal do cofre clicou mecanicamente, destrancando. Ele tirou a caixa de veludo preto do anel de Hunter, parando para olhar para mim, seus olhos deslizando do meu rosto e braços vermelhos para as flores rosa e brancas coroando minha cabeça. Algo passou por suas feições – um momento de hesitação – antes que ele sacudisse a cabeça e voltasse para a porta.

— *Espere!* — Eu choraminguei.

Ele parou, mas não se virou para mim.

— Eu preciso... eu preciso... — *Um vocabulário melhor, obviamente.* — Eu preciso que você chame uma ambulância. Acho que estou com uma reação alérgica.

Ele girou nos calcanhares, avaliando-me. Cada segundo sob seu escrutínio baixava minha temperatura em dez graus. Compartilhar um espaço com Cillian Fitzpatrick era uma experiência. Como se sentar em uma catedral vazia e obscura.

Naquele momento, desejei ser minha irmã, Emmabelle.

Ela lhe diria para manter sua atitude onde o sol não brilha. Em seguida, o arrastaria para um dos jardins privados após a cerimônia e montaria seu rosto.

Mas eu não era Belle. Eu era Persephone.

Tímida, legal, boazinha e certinha Persy.

Missionária-sexo-com-as-luzes-apagadas Pers.

A romântica estranha.

A que agrada às pessoas.

A *chata*.

Houve uma batida de silêncio antes que ele desse um passo para trás no quarto, fechando a porta atrás dele.

— Não está acontecendo muita coisa dentro dessa cabeça bonita, hein?

Ele suspirou, jogando o blazer na cama e depois desabotoou as abotoaduras. Dobrando sua camisa até seus antebraços musculosos, ele me olhou com insatisfação.

Meu corpo decidiu que este era um ótimo momento para desabar no chão, então foi o que aconteceu. Caí no tapete, arfando enquanto tentava recuperar o fôlego.

Então é assim que tia Tilda se sentia.

Não afetado pela minha queda, Cillian abriu a torneira da banheira com pés no meio da sala, virando a torneira para o lado azul, para que a água ficasse gelada.

Satisfeito com a temperatura da água, ele deu um passo em minha direção, rolou-me de bruços com a ponta dos sapatos – como se eu fosse um saco de areia – e se abaixou, pressionando a palma da mão na base da minha espinha.

— O que você — eu engasguei.

— Não se preocupe. — Ele arrancou o vestido com espartilho do meu corpo com um longo movimento. O som violento de tecido rasgando e botões estourando cortou o ar. — Meus gostos não vão para menininhas.

Havia uma diferença de idade entre nós. Doze anos não era algo que você pudesse ignorar facilmente. Mas isso nunca me incomodou.

O *que* me incomodou foi meu novo estado de nudez. Eu estremei como uma folha embaixo dele.

— O que diabos você fez? — Eu gritei.

— Você está envenenada, — anunciou ele com naturalidade.

Isso me deixou sóbria.

— Eu estou o *quê*?

Ele chutou as flores rosa ao meu lado em resposta. Elas cambalearam para o outro lado da sala.

Minha respiração ficou mais superficial, mais difícil. A vitalidade vazou do meu corpo. O eco da água gorgolejante derramando na banheira era monótono e calmante e, de repente, eu estava exausta. Eu queria dormir

— Eu as encontrei no jardim fora da suíte, — murmurei, meus lábios pesados. Meus olhos se arregalaram quando percebi algo.

— Eu as provei também.

— Claro que você faria. — Sua voz gotejava sarcasmo. Ele me içou por cima do ombro e me carregou para o banheiro. Largando meu corpo flácido pelo banheiro, ele levantou minha cabeça agarrando meu cabelo. Meus joelhos gritaram de dor. Ele não foi gentil.

— Eu vou fazer você vomitar, — ele anunciou, e sem mais nenhuma introdução, enfiou dois de seus grandes dedos na minha garganta. Profundo. Eu engasguei, vomitando imediatamente enquanto ele segurava minha cabeça.

Nas palavras de Joe Exotic, nunca vou me recuperar disso. Cillian segurando meu cabelo enquanto me faz vomitar.

Esvaziei meu estômago até que Cillian tivesse certeza de que tudo tinha saído. Só então ele enxugou meu rosto com a mão nua, sem se deixar abater pelo resíduo de vômito.

— O que são elas, qualquer coisa? — Eu gaguejei, descansando minha cabeça no assento do vaso sanitário. — As flores.

Ele me pegou nos braços com uma facilidade assustadora, atravessou o quarto e me jogou na cama. Eu estava completamente nua, exceto por uma tanga da cor da pele.

Eu o ouvi remexendo nos armários. Meus olhos se abriram. Pegando um kit de primeiros socorros, ele pegou um pequeno frasco de remédio e uma seringa, franzindo a testa para as minúsculas instruções no frasco enquanto falava.

— Bleeding Hearts. Conhecida por ser bonita, rara e tóxica.

— Assim como você, — eu murmurei. Eu estava realmente contando piadas no meu leito de morte?

Ele ignorou minha observação fascinante.

— Você estava prestes a envenenar uma capela inteira, Emmalynne.

— Eu sou Persephone. — Minhas sobrancelhas franziram.

Engraçado como eu mal conseguia respirar, mas ainda assim consegui me ofender por ser confundida com minha irmã. — E o nome da minha irmã é Emmabelle, não Emmalynne.

— Você tem certeza? — Ele perguntou sem olhar para cima, enfiando a seringa no frasco e puxando o líquido para dentro. — Não me lembro da mais jovem ser tão tagarela.

Fui arquivada sob *A Mais Jovem* em sua memória. Ótimo.

— Se tenho certeza de que sou quem sou ou qual é o nome da minha irmã? — Eu retomei minha coceira, tão recatada quanto um ogro selvagem. — De qualquer forma, a resposta é sim. Eu tenho.

Minha irmã mais velha era memorável.

Ela era mais barulhenta, mais alta, mais voluptuosa; seu cabelo era de um tom deslumbrante de champanhe. Normalmente, eu não me importava de ser ofuscada. Mas eu *odiava* que Kill se lembrasse de Emmabelle e não de mim, mesmo que ele tenha errado o nome dela.

Foi a primeira vez na vida que fiquei ressentida com minha irmã.

Kill abaixou-se até a beira da cama, batendo no joelho.

— No meu colo, Flower Girl⁸.

— Não.

— Essa palavra nem deveria estar no seu vocabulário comigo.

— Acontece que sou cheia de surpresas. — Minha boca se moveu sobre o linho. Eu sabia que estava babando. Agora que estava respirando melhor, percebi o fedor de vômito da minha respiração.

Virei minha cabeça na outra direção da cama. Talvez morrer não fosse uma ideia tão ruim. O homem por quem estive obcecada por anos era um idiota enorme e nem sabia meu nome.

— Eu não me importo se eu morrer, — resmunguei.

— Idem, querida. Infelizmente, você terá que fazer isso no turno de outra pessoa.

Seus braços envolveram meu corpo e ele me envolveu em suas pernas. Meus seios derramaram sobre sua coxa musculosa, meus mamilos roçando suas calças. Minha bunda estava alinhada com seu rosto, permitindo-lhe uma visão perfeita. Felizmente, eu estava fraca demais para me sentir envergonhada.

— Fique parada.

⁸ Garota das Flores.

Ele enfiou a agulha na minha nádega direita, liberando lentamente o líquido na minha corrente sanguínea. Os esteroides atingiram meu sistema imediatamente, e eu suguei uma golfada de oxigênio, minha boca se abrindo contra sua coxa. Eu gemi de alívio, arqueando minhas costas. Senti uma protuberância aninhada contra meu corpo. Era grosso e longo, espalhando-se pela maior parte da minha barriga. Essa coisa pertencia a um estojo de rifle, não a uma vagina.

E a trama se complica.

Não foi a única coisa que fez exatamente isso.

Ficamos assim por dez segundos, comigo recuperando o fôlego, engolindo um ar precioso e ele tirando as flores do meu cabelo com uma ternura surpreendente. Ele jogou as flores dentro de um guardanapo e dobrou-o algumas vezes. Ele colocou uma mão na minha bunda e puxou a seringa lentamente, causando ondas de desejo ao longo do meu corpo.

Minha cabeça caiu na cama.

Eu estava vergonhosamente perto de um orgasmo.

— Obrigada, — eu disse baixinho, empurrando minhas palmas para cima na cama para me levantar. Ele colocou a mão nas minhas costas, me abaixando para ficar em seu colo.

— Não se mova. Seu banho deve estar pronto a qualquer minuto.

Ele tinha a capacidade misteriosa e irritante de me tratar como lixo enquanto me salvava ao mesmo tempo. Presa em um estado de embriaguez, gratidão e mortificação, segui suas instruções.

— Então. *Persephone*. — Ele provou meu nome em sua língua, rolando minha calcinha pelas minhas pernas com seus dedos longos e fortes. — Seus pais sabiam que você seria insuportável e a puniram antecipadamente com o nome de uma stripper, ou eles estavam em um ataque da mitologia grega?

— Minha tia Tilda escolheu meu nome. Ela lutou contra o câncer de mama, intermitentemente. Na semana em que nasci, ela ficou bem depois da primeira rodada de quimioterapia. Minha mãe deixou que ela me nomeasse como um presente.

Em retrospecto, eles foram rápidos demais para comemorar. O câncer voltou com força total alguns anos depois, ceifando a vida de minha tia. Pelo menos eu tive alguns bons anos com ela.

— Eles não podiam dizer não. — Cillian jogou minha calcinha no chão.

— Eu amo meu nome.

— É cafona.

— Ele tem significado.

— Nada significa nada.

Chicoteei minha cabeça para lançar a ele um olhar zangado, minhas bochechas quentes de raiva. — O que você disser, Dr. Seuss.⁹

Cillian tirou meus sapatos, deixando-me completamente nua. Ele me largou na cama para se levantar e fechar a torneira, então se sentou na beira da banheira.

— Dama no banho. — Ele girou o dedo na água, verificando a temperatura.

Inclinei minha cabeça da minha posição na cama.

— Esse é outro nome para a flor bleeding heart, — explicou ele com indiferença. — Entre.

Ele se virou de costas para mim, permitindo-me um pouco de privacidade. Entrei na banheira, prendendo a respiração. A água estava gelada.

Cillian mandou uma mensagem em seu telefone enquanto a água ártica acalmava minha pele. Já estava me sentindo muito melhor depois da injeção. Apesar de vomitar a maior parte do que comi e bebi naquela manhã, ainda estava exuberante. O silêncio se estendeu entre nós, pontuado pela equipe e coordenadores do evento latindo instruções além das paredes da suíte. Eu sabia que, apesar da situação embaraçosa, só teria uma chance de dizer a ele como me sinto. As probabilidades estavam contra mim.

⁹ Escritor e cartunista norte-americano.



Além de sua ereção por me ter nua em seu colo, ele parecia desligado por minha própria existência.

Mas era agora ou nunca, e nunca foi muito tempo para viver sem o homem que eu amava.

— Eu quero você. — Apoiei minha cabeça contra a superfície fria da banheira. As palavras encharcaram as paredes e o teto, e a verdade encheu o ar, carregando-o de eletricidade. Usar a palavra com *A* era muito íntimo. Muito assustador. Eu sabia que o que sentia por ele era amor – apesar de seu comportamento rude – mas também sabia que ele nunca acreditaria em mim.

Suas mãos ocupadas em seu telefone. Talvez ele não tenha me ouvido.

— Eu sempre quis você, — eu disse, mais alto.

Sem resposta.

Ávida por punição, continuei, meu orgulho e confiança desmoronando tijolo por tijolo.

— Às vezes, eu te quero tanto que custa respirar. Às vezes, a dor de respirar é uma boa distração para não querer você.

Uma batida na porta o fez se levantar. Aisling estava na soleira, segurando uma réplica do vestido das damas de honra que todas nós usávamos.



— Você disse que precisava do meu vestido extra? Por que diabos... — Ela parou, vendo-me atrás do ombro de seu irmão. Seus olhos brilharam.

— Santa Mãe Maria. Vocês dois...?

— Nem em um milhão de anos, — Cillian estalou, arrancando o vestido da mão de sua irmã. — Pare a limusine. Ela descerá em cinco minutos.

Com isso, ele bateu a porta na cara dela, então a trancou para uma boa medida.

Nem em um milhão de anos.

O pânico quente misturado com um bom constrangimento corria por minhas veias.

A realidade afundou.

Eu me envenenei.

Divaguei bêbada até Cillian.

Deixei-o me despir, fazer-me vomitar, aplicar-me uma injeção, jogar-me na banheira.

Em seguida, confessei meu amor eterno por ele com pedaços de vômito ainda decorando minha boca.

Kill jogou um roupão de banho em minhas mãos, todo profissional.

— Seque-se.

Pulei de pé, fazendo o que me foi dito.

Ele se aproximou de mim com o vestido sobressalente de Aisling, ajudando-me a vesti-lo.

— Eu não quero sua ajuda, — eu falei, sentindo minhas bochechas corarem.

Estúpida, estúpida, estúpida.

— Eu não me importo com o que você quer.

Franzindo os lábios, observei sua figura escura no espelho enquanto ele fechava meu espartilho, trabalhando mais rápido e com mais eficiência do que qualquer costureira que eu já vi em ação. Foi chocante. Seus dedos se moveram como mágica ao redor da fita, prendendo-a nos aros habilmente para me amarrar como um presente dobrado.

Ocorreu-me que ele sabia que eu estava envenenada desde o momento em que entrou na sala e viu as flores no meu cabelo, mas não se ofereceu para me ajudar até que eu pedi a ele para chamar uma ambulância.

Eu poderia ter morrido.

Ele não estava brincando quando disse que só me salvou porque não queria que eu morresse sob seu turno – ele honestamente não se importava.

Cillian puxou as cordas de cetim do meu vestido, apertando-o em volta de mim.

— Você está me machucando, — eu sibilei, estreitando meus olhos para o espelho na nossa frente.

— Isso é o que você ganha por ter um bleeding heart.

— A flor ou órgão?

— Ambos. Um é um veneno rápido. O outro lento, mas igualmente destrutivo.

Meus olhos se agarraram a ele em nosso reflexo. Gracioso e seguro de si. Ele era alto e orgulhoso, nunca usava palavrões e era a pessoa mais meticulosa que conheci.

Era o que mais admirava nele. A fina película de propriedade engolfando o caos fervilhando dentro dele. Eu sabia que por baixo do exterior impecável havia algo selvagem e perigoso.

Parecia nosso segredo. O Cillian Fitzpatrick perfeito, na verdade, não era tão perfeito. E tudo que eu queria era descobrir como.

— Você não ia me ajudar. Você ia me deixar para morrer. — Meu tom era assustadoramente suave. Fiquei mais sóbria a cada segundo que passava. — Por que você fez isso?

— Uma dama de honra envenenada dá má impressão.

— E eles dizem que o cavalheirismo está morto, — eu disse sarcasticamente.

— O cavalheirismo pode estar morto, mas você não, então cale a boca e seja grata. — Ele deu outro puxão nas cordas de cetim. Eu estremeci.

Ele *tinha* razão. Cillian não apenas me salvou esta manhã, mas ele também não tentou nenhum negócio engraçado e provavelmente estava correndo tão tarde quanto eu agora porque minha bunda estúpida decidiu colher flores venenosas.

A contragosto, murmurei: — Obrigada.

Ele arqueou uma sobrancelha, como se perguntasse - *pelo quê?*

— Por ser um cavalheiro, — eu esclareci.

Nossos olhos se encontraram no espelho.

— Não sou um cavalheiro, Flower Girl.

Ele terminou com um puxão final, então se afastou e pegou seu blazer do colchão. Tive que pensar rápido, bem rápido. Meu olhar se desviou para a janela. A nuvem solitária ainda estava lá.

Assistindo-me.

Provocando-me.

Esperando para ser usada.

Você só consegue um milagre.

Este valia a pena.

Respirei fundo e disse as palavras em voz alta, não querendo estragar tudo, caso houvesse uma letra miúda e eu precisasse fazer a coisa toda do Hocus Pocus¹⁰.

— Eu gostaria que você se apaixonasse por mim.

As palavras surgiram da minha boca como uma nevasca, fazendo-o congelar no meio de seu caminho para a porta. Ele se virou, seu rosto uma máscara perfeita de brutalidade severa.

Respirando fundo, continuei.

— Eu gostaria que você se apaixonasse por mim tanto que não seria capaz de pensar em mais nada. Comer. Respirar. Quando minha tia Tilda morreu, ela me concedeu um milagre. Este é o desejo que escolhi. Seu amor. Há um mundo além de suas paredes de gelo, Cillian Fitzpatrick, e está cheio de risos, alegria e calor. — Dei um passo em sua direção, meus joelhos tremendo. — Vou retribuir seu favor. Vou salvar sua vida do meu jeito.

Uma maldição.

Um feitiço.

¹⁰ É um encantamento utilizado por mágicos do século XVI, com a função de criar um ar de mistério em suas performances.



Uma esperança.

Um *sonho*.

Pela primeira vez desde que ele entrou na sala, vi algo semelhante à curiosidade em seu rosto. Mesmo meu corpo nu espalhado em seu colo não o fez piscar duas vezes. Mas isso? Isso perfurou seu exterior, mesmo que apenas fizesse as menores rachaduras. Suas sobrancelhas franziram e ele avançou em minha direção, apagando o espaço entre nós em três passadas confiantes. Lá fora, Belle e Aisling bateram com os punhos na porta, gritando que estávamos atrasadas.

Minha vida inteira saiu de foco naquele momento. Minha fantasia cuidadosamente elaborada se desfazendo em um pesadelo.

Cillian ergueu meu queixo com o dedo, seus olhos fixos nos meus.

— Ouça-me com atenção, Persephone, porque só direi uma vez. Você vai sair desta sala e esquecer que me conhece, assim como não notei sua existência até agora. Você vai conhecer um cara legal, são e *chato*. Um ajuste perfeito para você, bom, são e *entediante*. Você vai se casar com ele, ter filhos e, graças às suas estrelas da sorte, não tive tesão o suficiente para aceitar sua oferta nada sutil. Estou dando a você o presente de lhe rejeitar. Pegue-o e fuja.



Ele sorriu pela primeira vez, e foi tão desagradável, tão torto que me deixou sem fôlego. Seu sorriso me disse que ele não estava feliz. Não esteve por anos. Décadas, até.

— Por que você me odeia? — Eu sussurrei.

As lágrimas turvaram minha visão, mas me recusei a deixá-las cair.

— Odiar você? — Ele enxugou as lágrimas com as costas da mão. — Eu não tenho sentimentos, Persephone. Não por você. De modo nenhum. Eu sou incapaz de odiar você. Mas eu também nunca, *nunca* te amarei.



Presente.

A calçada de paralelepípedos cavou em meus pés através dos meus sapatos baratos enquanto eu prendia minha bicicleta no suporte para bicicletas.

A escuridão banhava as ruas de North End. Trabalhadores de pub jogavam sacos de lixo gordos e encharcados nas mandíbulas de contêineres industriais, conversando e rindo, ignorando a chuva que caía do céu.

Fiz uma oração silenciosa para que ficassem na rua até que eu chegasse em segurança ao meu prédio. Eu odiava chegar tarde em casa, mas não podia dizer não ao trabalho de babá que me ofereceram depois do horário escolar. Pegando a barra do meu vestido molhado, corri para a minha porta. Empurrei, pressionando minhas costas com um suspiro de alívio.

Uma mão disparou em minha direção no escuro, puxando meu pulso e me jogando do outro lado da sala. Minhas costas bateram contra a escada e a dor explodiu do cóccix até o pescoço.

— Sra. Veitch. É um prazer ver você aqui.

Mesmo na escuridão, reconheci a voz de Colin Byrne. Era suave e baixo, um toque de zombaria em seu sotaque sulista.

— *Ê senhorita Penrose.* — Corri para ficar de pé, afastando mechas de cabelo molhado do rosto e espanando meus joelhos. Liguei o interruptor. Uma luz amarela acumulou-se no corredor. Tom Kaminski – simplesmente Kaminski para qualquer um que o conhecesse – garoto de recados e homem musculoso de Byrne, estava atrás do agiota magro e enrugado com os braços fortes cruzados sobre o peito.

Byrne cobriu a distância entre nós, o cheiro forte de sua colônia picando meu reflexo de vômito.

— Penrose? Nah, esse não é o nome na sua carteira de motorista, Persy baby.

— Eu pedi o divórcio. — Dei um passo para trás dele, fechando meu rosto.

— Bem, eu pedi um trio com Demi Lovato e Taylor Swift. Parece que nós dois não estamos realizando nosso desejo, boneca. O fato é que você é casada com Paxton Veitch, e Paxton Veitch me deve dinheiro. Uma tonelada de merda disso.

— Exatamente. *Paxton está em dívida com você* — falei com veemência, sabendo que estava entrando em uma guerra perdida. Byrne não quis ouvir. Ele nunca fez isso. — Era ele quem fazia as apostas. Era ele quem estava perdendo dinheiro nas suas juntas. É sua bagunça para consertar, não minha.

Colin ergueu minha mão esquerda, esfregando meu dedo nu de casamento. A linha de bronzeamento estampada onde o anel costumava ser refletido de volta para nós dois, lembrando-me que meu relacionamento com Pax não era uma história antiga.

Não só eu ainda estava casada com ele, mas também honrei meus votos. Eu não tinha namorado ninguém desde que Pax fugiu. Inferno, eu ainda visitava sua avó na casa de repouso toda semana, levando biscoitos amanteigados e suas revistas de culinária favoritas.

Ela estava sozinha, e não era sua culpa que seu neto acabou sendo um idiota.

— Pax já se foi há muito tempo e sua linda esposa se recusa a me deixar saber onde posso encontrá-lo. — A voz de veludo de Byrne perfurou meus pensamentos enquanto ele brincava com meus dedos.

— A esposa dele não *sabe* onde ele está. — Tentei puxar minha mão sem sucesso. — Mas ela sabe como usar spray de pimenta. Espaço pessoal aqui.

Não queria que Belle, que estava lá em cima, ouvisse a comoção no corredor e saísse do apartamento para investigar. Ela não sabia nada sobre minha situação, e eu tinha certeza que minha irmã selvagem não hesitaria em pegar a Glock que ela possuía e fazer um buraco na cabeça de cada um desses bastardos se ela entrasse nessa cena.

Eu não queria sobrecarregar Belle com meus problemas. Não este problema específico, de qualquer maneira. Não depois de tudo que ela já fez por mim.

— Use suas excelentes habilidades de investigação para descobrir, — Byrne sorriu. — Afinal, você conseguiu pegar o pior marido da Nova Inglaterra. Você o encontrou antes e pode fazer isso de novo. Tenha um pouco de fé.

— Nós dois sabemos que não tenho a menor ideia de por onde começar a procurar. Seu telefone está mudo, meus e-mails estão voltando e seus amigos não falam comigo. Não é como se eu não tivesse tentado. — Usei a mão que Colin segurou para afastar seu rosto com força.

Ele não se mexeu. Apenas envolveu seus dedos com mais força nos meus.

— Então temo que a dívida dele agora seja sua. O que aconteceu com na doença e na saúde? Para mais ricos ou mais pobres? Como vai o juramento? — Byrne estalou os dedos para Kaminski atrás dele.

Kaminski bufou, mostrando uma fileira de dentes podres.

— Não sei, chefe. Nunca fui engatado. Não estou planejando, também.

— Homem inteligente.

Byrne levou minha mão à boca, pressionando um beijo frio nas costas dela, passando a língua entre meu indicador e o dedo médio, mostrando-me o que ele queria fazer com o resto do meu corpo. Engoli uma bola de vômito e respirei pelo nariz. Ele estava fazendo um ótimo trabalho em me assustar profundamente, e ele sabia disso. Byrne era um agiota notório por cobrar seus cheques com sol ou chuva, e meu marido devia a ele mais de cem mil dólares.

Ele descansou minha palma úmida em sua bochecha, acariciando-a.

— Desculpe, Persephone. Não é nada pessoal. Tenho uma dívida a cobrar e, se não a cobrar logo, as pessoas vão presumir que não há problema em tirar dinheiro de mim sem me pagar de volta. Se você estiver interessada em me reembolsar em uma moeda diferente, posso montar um plano. Não sou um homem irracional. Mas não importa como você olhe para isso – você *vai* pagar a dívida de seu marido, e é melhor se apressar, porque os juros estão se acumulando bem com o passar das semanas.

— O que você está insinuando? — Meu coração abriu caminho através de minhas costelas, prestes a abandonar o navio e correr para fora do prédio sem mim.

Essa ideia nunca tinha surgido antes nos meses em que Byrne e Kaminski vinham me fazendo visitas semanais. Eu era professora de pré-escola, pelo amor de Deus. Onde eu poderia encontrar cem mil dólares? Mesmo meus *rins* não valiam tanto.

E sim, eu estava desesperada o suficiente para pesquisar no Google.

— Estou dizendo que se você não puder pagar o saldo devedor, terá que *trabalhar* para isso.

— Apenas cuspa, Byrne — sibilei, todos os nervos do meu corpo prontos para abrir minha bolsa, pegar o spray de pimenta e esvaziar aquela merda em seus olhos. Tão desprezível como ele era, eu duvidava que ele desistisse de cem mil apenas para me enrolar entre seus lençóis.

— Servir a homens que não são nada higiênicos e não têm muito que ver. — Colin sorriu se desculpando. — Você é uma garota bonita, Veitch, mesmo nesses trapos. — Ele puxou o vestido barato e enlameado que eu usava. — Seis meses trabalhando no meu clube de strip, fazendo turnos dobrados todos os dias, e podemos ficar quites.



— Eu prefiro morrer antes de dançar em um poste, — eu fervei, empurrando meus dedos em suas órbitas com a mão que ele segurava. Ele se esquivou do ataque erguendo a cabeça para trás, mas consegui causar alguns arranhões em sua bochecha.

Kaminski deu um passo à frente, prestes a interferir, mas Byrne o dispensou, rindo.

— Você não vai dançar, — disse ele, seus olhos brilhando com diversão. — Você estará de costas na sala VIP. Embora eu não possa prometer que você não estará em suas mãos e joelhos, também, se eles estiverem dispostos a pagar mais.

A bola de vômito na minha garganta triplicou de tamanho, bloqueando minha traqueia. Uma camada fria de suor cobriu cada centímetro do meu corpo.

Byrne queria me agenciar como prostituta se eu não arranjasse o dinheiro que Paxton devia a ele. Nos oito meses que Paxton se foi, eu esperava estupidamente que ele fizesse a coisa certa e aparecesse na última hora para lidar com a tempestade de merda que ele criou, deixando-me no centro dela.

Que ele me concedesse o divórcio que eu implorei nos dias antes de seu desaparecimento.

Eu segurei minha raiva, recusando-me a deixá-la se transformar em resignação, porque isso significava aceitar que esse era o meu problema.

Agora, eu finalmente estava aceitando os fatos que Byrne já sabia:

Paxton nunca mais voltaria.

Seus problemas eram meus para lidar.

E eu tinha que encontrar uma solução, *rápido*.

— E se eu não pagar? — Minha mandíbula cerrou. Eu não choraria na frente deles, não importa o quê. Posso não ser tão mal-humorada e feroz como minha irmã mais velha, mas ainda era uma originária do Southie¹¹.

Uma doce romântica, mas selvagem, no entanto.

As botas pesadas de Byrne estalaram suavemente enquanto ele caminhava em direção à entrada do prédio. — Então terei que fazer de você um exemplo. O que, garanto-lhe, Sra. Veitch, me machucaria mais do que a você. É sempre triste quando a esposa tem que assumir o fardo dos erros do marido. — Ele parou na porta e balançou a cabeça, com uma expressão distante no rosto. — Mas se eu deixar isso passar, vou perder minha credibilidade nas ruas. Você *vai* pagar. Ou em dinheiro, com a coisa entre as pernas, ou com seu sangue. Te vejo mais tarde, Persy.

A porta se fechou atrás dos dois homens. O trovão retumbou, lambendo suas formas através da porta de vidro em

¹¹ Região Sul de Boston.

azul elétrico. Eles correram para um Hummer preto estacionado do outro lado da rua, deslizando para dentro e atirando de volta para o buraco do inferno de onde vieram.

Tropecei escada acima para o apartamento da minha irmã. Eu estava com ela desde que Paxton saiu, oito meses atrás. Virando trêmula a chave dentro do buraco, empurrei a porta aberta.

Eu não pagava aluguel. Belle acredita que Pax roubou todo o dinheiro que ele e eu economizamos para comprar uma casa quando ele fugiu. Essa parte não era mentira. Ele tomar o nosso dinheiro. O que ela não sabia é que não só que ele gastou as economias da minha vida inteira em um cassino subterrâneo - eu estava realmente endividada por causa dele.

— Pers? Caramba, cara. Há uma tempestade lá fora. — Belle esfregou os olhos, espreguiçando-se no sofá. Ela usava uma camisa grande do *Fries Before Guys*¹². Um drama coreano dançava na tela da TV plana e um saco de pretzels de manteiga de amendoim equilibrado em sua barriga lisa. Uma pontada de ciúme picou meu peito enquanto eu a observava deitada ali. Livre de problemas e relaxada.

¹² Batatas fritas antes de rapazes.

Ela não precisava se perguntar se conseguiria chegar viva na semana que vem, sem vender seu corpo em um clube de strip sujo no Southie.

Ela não teve sua mão beijada, lambida e torcida por Colin Byrne, o cheiro de sua colônia barata persistindo em suas narinas por dias após cada uma de suas visitas, fazendo seu estômago revirar.

Ela não se mexia à noite, imaginando como se salvar de uma morte sangrenta.

Pendurei meu blusão esfarrapado perto da porta. O apartamento de Emmabelle era minúsculo, mas elegante. Um estúdio com piso de madeira, papel de parede de palmeira moderno, teto verde escuro e móveis descolados. Tudo o que ela possuía e usava gotejava de sua personalidade ousada e sofisticada. Nós compartilhávamos sua cama de solteiro.

— Me desculpe por isso. Os pais de Shannon foram para um drive-in e devem ter se empolgado. Eu nem sabia que ainda existiam drive-ins. Você sabia? — Tirei meus sapatos furados na entrada, escondendo meu desespero com um sorriso.

Talvez eu devesse admitir a derrota e fazer o que Paxton fez. Pegar o próximo voo para fora dos Estados Unidos e desaparecer.

Ao contrário de Paxton, eu era apegada ao lugar onde cresci. Eu não conseguia imaginar minha vida sem minha irmã, meus pais, meus *amigos*.

Paxton era sozinho. Órfão aos três anos, ele foi criado por sua avó Greta e vários parentes. Jogado entre as casas sempre que ficava muito difícil. Isso foi o que ele me disse quando nos encontramos pela primeira vez, e meu coração estava com ele.

— Drive-ins? Certo. Algumas das minhas escapadas sexuais favoritas aconteceram no drive-in de Solano. Mas está chovendo tanto que duvido que eles possam assistir alguma coisa lá. Você realmente deveria ter me ligado. Eu teria lhe buscado. Você sabe que esta noite é minha noite de folga. — Ela mexeu os dedos dos pés sob a manta.

Exatamente. Era sua noite de folga. Quem era eu para tirar a única noite grátis que ela tinha para si mesma? Ela merecia fazer exatamente o que estava fazendo. Assumir um programa de TV, comer porcarias e usar uma máscara facial da Ross¹³ com desconto.

— Você já faz muito por mim.

— Isso é porque aquele bastardo, Pax, ferrou você. Lembre-me por que você se casou com ele de novo?

¹³ ROSS – rede de lojas dos EUA onde se encontra de tudo a ótimos preços.

— Amor? — Sentando-me ao lado dela no sofá de veludo cotelê mostarda, apoiei meu queixo em seu ombro com um suspiro. — Achei que estava respeitando nosso pacto.

Era uma vez, quando estávamos na faculdade, Sailor, Emmabelle, Aisling e eu fizemos um pacto de casarmos apenas por amor. Sailor foi a primeira a manter sua palavra. Mas aconteceu de ela se apaixonar por um homem que adorava o solo em que ela pisava, parecia um irmão Hemsworth e tinha dinheiro suficiente para começar um novo país.

Eu fui a segunda na gangue a dizer “sim”. Alguns beijos apressados atrás de arbustos cuidadosamente aparados foram o suficiente para eu cometer o maior erro da minha vida. Paxton Veitch era o Kaminski anterior de Colin. Um simples soldado que trabalhava como segurança no setor privado. Paxton sempre afirmou que era segurança em um dos bares de Colin. Disse que ia pedir demissão assim que encontrasse um emprego mais estável.

Alerta de spoiler: ele nunca procurou um. Ele não apenas amava ser um bandido, mas também gostava de perder o dinheiro que Byrne lhe pagava em suas juntas quando estava de folga.

Não foi até que eu estava muito longe que descobri que Paxton não era um segurança. Ele quebrava mãos, narizes e espinhas para viver e tinha um registro policial mais denso do



que *O Senhor dos Anéis*. Eu nunca disse a Belle, Aisling e Sailor que Pax era um mafioso de baixo nível. Elas o amavam quase tanto quanto amavam Hunter, e eu não queria estourar sua bolha.

E de qualquer maneira, Paxton não era de todo ruim. Ele era bonito, engraçado e incrivelmente bondoso no início de nosso relacionamento. Ele me deixava cartas de amor em todos os lugares, arrumava minha lancheira para todas as noites, me mandava flores sem motivo nenhum e organizou férias espontâneas na Disney World, onde iríamos para a Flórida em nosso carro surrado, comendo lixo em posto de gasolina horrível, e cantando Paula Abdul e Wham!, minha lista de reprodução no topo de nossos pulmões.

Um cara que se ofereceu para pintar a casa inteira dos meus pais de graça antes que eles a vendessem, comprou um anel de noivado para mim usando cada centavo que tinha em seu nome e estava sempre lá quando eu precisava dele.

Até que ele não estava.

Achei que poderia ajudá-lo a entrar no caminho certo. Esse amor conquistaria tudo.

Acontece que não conseguiu vencer o vício do jogo.



— Você ainda acredita naquele vadio? — Belle inclinou a sacola de pretzels em minha direção ao oferecer, tirando-me de minhas reflexões.

— Em quê? — Peguei um pretzel, mastigando sem provar. Eu tinha ficado assustadoramente magra nos últimos meses. O efeito colateral de herdar os graves problemas de Paxton.

— Amor. — Belle ergueu uma sobrancelha. — Você ainda acredita no amor depois que Pax deu uma reviravolta em todo o conceito e colocou fogo nele?

— Sim. — Senti minhas orelhas ficarem rosadas, mascarando meu constrangimento com uma risada. — Patético, certo?

Minha irmã deu um tapinha na minha coxa.

— Quer falar sobre isso?

Eu balancei minha cabeça.

— Quer *beber* sobre isso?

Eu concordei. Ela riu.

— Vou esquentar pizza também.

A ideia de comer me deu vontade de vomitar. Mas também sabia que Belle estava ficando desconfiada, com a minha perda de peso e a minha incapacidade de dormir.

— Pizza parece ótimo. Obrigada.

Ela se levantou e foi até a cozinha. Observei enquanto ela abria a porta da geladeira, sacudindo a bunda ao seu apito desafinado.

— Belle? — Eu limpei minha garganta.

— Hmm? — Ela empurrou uma fatia de pizza no micro-ondas, ajustando o cronômetro para trinta segundos.

— O que você acha que vai acontecer com Pax? — Peguei um travesseiro e o abracei contra o peito, puxando um fio dele. — Não posso ficar casada com ele para sempre, certo? Estarei aliviada deste casamento em algum momento se ele não aparecer?

Belle tirou uma lata de Pepsi da geladeira, batendo os lábios enquanto contemplava minha pergunta.

— Bem, o casamento não é um banheiro público. Não tenho certeza se você pode ficar *aliviada* disso, mas, com certeza, você pode sair se se dedicar a isso. O homem não existe há quase um ano. Você precisa economizar, conseguir um bom advogado e acabar com essa bagunça.

Eu. Pagar por representação legal. *Certo.*

— Você vai ter que fazer isso em algum momento, sabe, — disse minha irmã, mais baixinho agora. — Procure ajuda legal. Derrube o bastardo.

— Com que dinheiro? — Suspirei. — E, por favor, não me ofereça outro empréstimo. Eu simplesmente vou recusar.

Belle estava trabalhando como promotora de um clube para um dos bares mais ultrajantes de Boston, Madame Mayhem. Ela era um gênio em seu campo e conquistou uma clientela que fez os proprietários espumarem de boca aberta, mas ela estava longe de estar financeiramente estabelecida. Além disso, eu sabia que ela estava economizando para contribuir com a reforma iminente de Madame Mayhem para que ela pudesse se tornar uma parceira.

— Digamos que você seja muito orgulhosa para aceitar dinheiro de mim – de sua própria *irmã*, veja bem – e ainda queira representação legal. Eu simplesmente iria até Sailor e pediria um empréstimo. — Sua voz ficou quente, desesperada. — Os Fitzpatricks têm dinheiro suficiente para construir uma estátua em formato de pau do tamanho da Estátua da Liberdade. Sailor não terá dificuldade em recuperá-lo, você terá zero de juros e ela sabe que você é boa nisso. Você vai pagar eventualmente.

— Eu não posso. — Eu balancei minha cabeça.

— Por quê? — Ela tirou a pizza do micro-ondas, colocou em um prato de papel e caminhou até o sofá, jogando-a no

travesseiro que eu estava abraçando. — Coma tudo, Pers. Você está pele e ossos. Mamãe acha que você tem um distúrbio alimentar.

— Eu não tenho transtorno alimentar. — Eu fiz uma careta.

Belle revirou os olhos. — Vadia, eu sei. Sua bunda inalou três refeições do Cheesecake Factory há apenas oito meses e engoliu tudo com margaritas, Tums e arrependimento. Você está passando por algo e quero que saia dessa. Peça dinheiro à Sailor!

— Você está louca? — Acenei a pizza encharcada no ar. — Ela não tem tempo para o meu drama. Ela acabou de nos dizer que estava grávida.

Três dias atrás, em nossa tradicional noite de entrega semanal, Sailor jogou a bomba. Houve muitos guinchos e lágrimas. A maioria deles era meu e de Ash, enquanto Sailor e Emmabelle nos olhavam fixamente, esperando que superássemos nossa histeria.

— *E?* — Belle inclinou a cabeça. — Ela pode estar grávida e te dar dinheiro, você sabe. As mulheres são conhecidas por serem multitarefas.

— Ela vai ficar preocupada. Além disso, não quero ser aquela amiga perdedora.

— São apenas alguns milhares de dólares.

São cem mil deles.

Mas minha irmã não sabia disso.

Qual foi a *verdadeira* razão de eu não ter pedido à Sailor.

— Pelo menos pense sobre isso. Mesmo que pareça estranho para você recorrer a Sailor e Hunter, aquele sociopata Cillian lhe daria o dinheiro. Claro, ele faria você suar por isso – eu juro, aquele idiota é tão irritante quanto seu rosto é agradável – mas você sairá de lá com o dinheiro.

Cillian.

Após o incidente da suíte, minhas amigas e irmã exigiram saber o que aconteceu entre nós. Eu disse a elas a verdade. A maior parte, de qualquer maneira. Sobre o bleeding heart e a injeção de esteroide, omitindo a parte em que eu disse a ele que estava apaixonada por ele e coloquei uma maldição sobre ele.

Por que entrar nos pequenos detalhes, certo?

Eu consegui esquecer Cillian com o tempo. *Mal.* Até mesmo a memória dele me salvando desbotou e foi lavada junto com a performance “Desejo da Nuvem” que eu estava determinada a suprimir de minha memória.

Eu não tinha falado com minha tia Tilda desde aquele dia. Naquele dia, parei de ver nuvens solitárias no céu e tentei seguir em frente com minha vida.



Eu me apaixonei.

Casei-me.

Quase me divorciei.

Cillian, no entanto, permaneceu o mesmo homem que deixou aquela suíte.

Imortal, atemporal e taciturno.

Ele ainda era solteiro e, pelo que eu sabia, não tinha saído com ninguém, sério ou não, desde que me rejeitou no dia do casamento de Sailor e Hunter.

Oito meses atrás – na semana em que Paxton havia desaparecido – Kill assumiu as rédeas da Royal Pipelines, a empresa de petróleo de seu pai, e tornou-se oficialmente CEO.

Como não pensei nele antes?

Cillian “Kill” Fitzpatrick era minha melhor chance de conseguir o dinheiro.

Ele não tinha lealdade a ninguém além de si mesmo, era bom em guardar segredos e ver as pessoas se contorcerem era seu passatempo favorito.

Ele me ajudou antes, e faria de novo.

Cem mil dólares eram alguns trocados para ele. Ele me entregaria o dinheiro apenas para me ver virar uma centena de



tons diferentes de vermelho enquanto eu deslizava cheques mensais lamentáveis que nada significavam para ele em sua caixa de correio. Eu até concordaria em retirar a maldição onde eu disse a ele que ele se apaixonaria por mim.

Pela primeira vez em muito tempo, senti água na boca.

Não por causa da pizza, mas por causa da solução que praticamente dava para sentir a ponta dos dedos roçando.

Eu tinha um plano.

Uma rota de fuga.

O irmão Fitzpatrick mais velho me salvaria, de *novo*.

Ao contrário de meu marido, tudo que eu precisava fazer era jogar minhas cartas da maneira certa.

Dois



Persephone

— Desculpe, querida, eu não acho que ver o Sr. Fitzpatrick esteja em seus planos hoje. — A assistente Pessoal desnutrida fez um show ao sacudir o rabo de cavalo platinado, um sorriso venenoso nos lábios vermelhos. Ela usava um vestido de vinil rosa chiclete que a fazia parecer uma Barbie BDSM¹⁴, perfume suficiente para afogar uma lontra e a expressão de alguém que morreria antes de deixar outra mulher reivindicar seu chefe.

Apareci sem avisar nos escritórios da Royal Pipelines assim que terminei o trabalho, pedindo para me encontrar com o Sr. Fitzpatrick. Sailor mencionou que Hunter, que também trabalhava para a empresa da família, estava-a acompanhando em sua primeira consulta de obstetrícia e saiu cedo. Eu não queria que Hunter me visse e passasse as informações para meus amigos.

¹⁴ É um conjunto de práticas sexuais consensuais e significa bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo.



Quando eu apareci, a assistente pessoal de Cillian fez beicinho o tempo todo em que falou com ele ao telefone.

— Oiiiiii, Sr. Fitzpatrick. Aqui é Casey Brandt.

Pausa.

— Sua assistente nos últimos dois anos, senhor.

Pausa.

— Sim! Com o rosa. — Ela deu uma risadinha. — Muitas desculpas por incomodá-lo, mas eu tenho a Srta. Persephone Penrose aqui sem hora marcada.

Pausa.

— Ela disse que precisa falar com você com urgência, mas, tipo, se recusou a me dar mais informações?

Eu não tinha certeza de por que o ponto de interrogação era necessário. Então, novamente, eu não tinha certeza de por que sua AP parecia que ela pertencia a um Corvette rosa, dirigindo por aí com seu namorado de plástico, Ken, e o cachorrinho Taffy.

— Sim, eu sei que é meu trabalho arrancar as informações dela. Infelizmente, ela tem sido muito pouco cooperativa, senhor.

Pausa.

— Sim senhor. Eu vou avisá-la.



Ela olhou para mim como se eu fosse chiclete preso na sola de seus saltos de onze polegadas.

— Senhor Fitzpatrick não consegue encaixar você em sua agenda.

— Diga a ele que não vou embora até que ele me veja. — Minha voz tremeu com as palavras, mas eu não poderia sair daqui sem vê-lo. Sem tentar.

Ela hesitou, mordendo o lábio com gloss.

Eu empurrei meu queixo em direção ao telefone. — Vá em frente, dê a ele minha resposta.

Ela obedeceu, então começou a bater a mesa telefônica.

— Ele disse que está em uma reunião que provavelmente durará horas.

— Tudo bem. Eu tenho tempo.

Isso foi há duas horas.

O grande saguão do andar de gerenciamento da Royal Pipelines brilhava em detalhes dourados. Monitores de TV acompanhando as ações da empresa em todos os mercados mundiais brilhavam em verde e vermelho.

Casey estava ficando inquieta, tamborilando as pontas das unhas pontudas na mesa cromada.

— Eu preciso ir ao banheiro feminino, — ela bufou, puxando um kit de maquiagem de sua bolsa debaixo da mesa.

Levantei os olhos do diário de petróleo e gás que fingia ler.

— Oh? — Eu perguntei docemente. — Você não está totalmente treinada para usar o penico? Você sabe, eu sou uma professora pré-escolar. Acidentes não me incomodam nem um pouco. Precisa de ajuda no banheiro de uma menina grande?

Ela me lançou um olhar assassino.

— Não vá a lugar nenhum, a menos que seja de volta ao estacionamento de trailers de onde você veio. — Ela se levantou, passando os olhos pelas minhas roupas baratas. — Ou o inferno.

Seus saltos altos de sola vermelha perfuraram o chão em seu caminho para o banheiro, deixando marcas.

Assim que Casey estava fora de vista, eu pulei de pé, correndo à frente. O escritório de Cillian era o maior e mais luxuoso do andar. Foi fácil localizar aquele adequado para o rei do castelo.

Eu só podia ver as costas do visitante através da porta de vidro enquanto corria em sua direção. O homem que o escondia de minha visão tinha ombros largos, cabelos loiros fulvos, um terno elegante e uma postura impecável. Eles pareciam estar em uma conversa profunda, mas eu não me importei. Eu abri a porta sem bater, entrando antes que perdesse a coragem.

Infelizmente, minha grande entrada não foi suficiente para tirar o olhar de Cillian do homem na frente dele. Eles estavam curvados sobre uma massa de papéis espalhados por toda a mesa de prata.

—... ações subindo, mas ainda percebi uma tendência na imprensa negativa. Dizer que a mídia não gosta de você seria um eufemismo. Seria como dizer que o oceano está úmido. Que o sol está morno. Essa Megan Fox é *meramente* transável...

— Eu entendo a essência disso, — Cillian cortou. — Como corrigimos a situação?

— Suponho que um transplante de personalidade estaria fora de questão? — O homem falou lentamente.

— A única coisa que está prestes a ser transplantada é meu pé na sua bunda, se você não me der uma solução.

Multidão resistente. Estou prestes a enfrentar uma multidão muito difícil.

— Caramba, Cillian, — bufou o homem elegante, — você começou sua jornada como CEO demitindo 9% da administração da empresa e abrindo buracos no Ártico. Você não ganhou exatamente nenhum fã.

— Eu cortei a gordura.

— As pessoas gostam bastante de gordura. A indústria de fast food rola 256 bilhões de dólares em receita a cada ano. Você sabia disso? As pessoas que você demitiu conversaram com jornalistas, colocando lenha na fogueira e fazendo de você um dos piores vilões do país. A Royal Pipelines já é considerada a empresa mais odiada dos EUA. A explosão da refinaria no Maine, o rali climático da Green Living, onde uma jovem de 18 anos quebrou as duas pernas...

— Não fui eu quem quebrou as pernas dela, — Cillian interrompeu, segurando a palma da mão para cima. — *Infelizmente.*

— Não importa como você gire, você deve limpar seu ato. Jogue o jogo deles. Promova uma imagem saudável e alegre. A reputação da empresa precisa ser restaurada.

O homem tinha um sotaque inglês suave. Principado, encharcado de direitos e autoridade gotejante. Ele estava divertidamente distante. Um enigma. Eu não sabia se ele era um cara bom ou mau.

— Bem. Vou beijar alguns bebês. Patrocinar alguns alunos. Doar fundos para abrir uma nova ala hospitalar. — Cillian se recostou em sua cadeira, seus olhos caindo de volta para a papelada na frente dele.

— Acho que já passamos bastante da fase de beijar bebês. Está na hora, Kill.

Cillian ergueu os olhos, carrancudo.

— Não vou sacrificar minha vida pessoal para apaziguar alguns idiotas hipócritas e dirigentes de Tesla...

— Cillian? Quer dizer, Sr. Fitzpatrick? — Limpei a garganta, entrando na conversa antes que mais informações que não eram destinadas aos meus ouvidos fossem dadas.

Os dois homens se viraram para me olharem surpresos. Com olhos azuis carbonizados de ouro, uma mandíbula de granito e um nariz elegante, o britânico era o tipo de belo que deveria ser banido.

Cillian... bem, ele ficou lindo em seu próprio jeito de se ferrar.

Kill ergueu uma sobrancelha. Minha aparição em seu escritório não o surpreendeu nem um pouco.

— Eu não queria interromper...

— Ainda assim, você fez, — ele cortou minhas palavras.

— Desculpe-me por isso. Posso falar com você?

— Não, — ele respondeu categoricamente.

— É importante.



— Não para mim. — Ele largou os documentos em sua mesa, já parecendo desinteressado. — Qual irmã Penrose é você? A mais velha e barulhenta, ou a jovem e chata?

Depois de todos esses anos, ele ainda não conseguia diferenciar Emmabelle de mim. Nós nem nos parecíamos. Sem falar que ele me viu nua como no dia em que nasci (também: tão vermelha).

Mais uma vez, encontrei-me dividida entre a necessidade de seduzi-lo e esfaqueá-lo.

— Eu sou Persephone. — Eu fechei minhas mãos em punhos ao lado do meu corpo, lembrando o quanto doeu quando ele quebrou meu coração. Como me senti sublimemente idiota depois de tentar lançar aquele feitiço ridículo sobre ele.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Tudo bem, — eu mordi. — Eu sou a *chata*.

Ele voltou seu foco para os arquivos em sua mesa, folheando-os. — O que você quer?

— Falar com você em particular, por favor.

— Entrar no meu escritório sem avisar é inútil. Esperar que eu não te expulse implica que você se formou no Sam's Club local. Derrame isso. O Sr. Whitehall é meu advogado.

— Os advogados também são gente, — aponte. Minha humilhação não precisava de audiência.

— Discutível. — O lindo homem loiro sorriu maliciosamente. — E, na verdade... — Ele se levantou de sua cadeira, olhando para frente e para trás entre nós com diversão dançando em seus olhos de mármore. — Eu tenho coisas melhores para fazer do que assistir vocês dois se envolvendo em preliminares verbais. Saúde, Kill.

Ele reuniu seus documentos, bateu duas vezes na mesa e saiu correndo. A temperatura do escritório de Cillian parecia a de um freezer industrial. Tudo era limpo, minimalista, organizado e cromado. Clínico e deliberadamente enervante.

— Posso entrar? — Torci meu vestido florido. Eu nem tinha percebido meu vestido preferido quando saí de casa esta manhã, mas agora, a ironia não passou despercebida.

Ele girou em sua cadeira para me encarar, apoiando um tornozelo sobre o outro em sua mesa. Seu terno cinza escuro de cinco peças parecia ter sido costurado diretamente em seu corpo. Mesmo que minha obsessão por Cillian Fitzpatrick tenha se transformado em ressentimento com o passar dos anos, eu não podia negar que ele era o tipo de ardor que fazia Michele Morrone parecer Steve Buscemi.

— Você tem exatamente dez, não, espere, cinco minutos antes de eu chamar a segurança. — Ele jogou uma amпуlheta



em sua mesa. — Dê-me o argumento de venda de elevador, Flower Girl. Faça-o bem.

Flower Girl.

Ele lembrou.

— Você vai chamar a segurança para mim?

— Minha lista de tarefas é longa e minha paciência é curta. Quatro minutos e meio. — Ele estalou os nós dos dedos.

Corri pelos detalhes tão rápido que minha cabeça girou. contei a ele sobre Paxton me levando à lavanderia. Sobre Colin Byrne e Tom Kaminski. Sobre a enorme dívida. Eu até contei a ele sobre a promessa de Byrne de que me agenciaria ou me mataria se eu não arranjasse o dinheiro. Quando terminei, tudo que Cillian fez foi acenar com a cabeça.

— Você conseguiu enfiar tudo isso em menos de três minutos. Talvez você não seja completamente inútil.

Um estrondo atrás de nós nos fez torcer nossas cabeças em uníssono. Casey estava grudada na porta de vidro, com os olhos arregalados. Ela a abriu, mostrando os dentes falsos.

— Puxa, sinto muito, Sr. Fitzpatrick. Ela prometeu que não iria...

— Senhorita Brandt, saia, — Cillian cortou.



— Mas eu...

— Guarde para alguém que se importa.

— Eu...

— Esse alguém não sou eu.

— Senhor, eu só queria que você soubesse que...

— A única coisa que sei é que você falhou em seu trabalho e será avaliada de acordo. Você sairá nos próximos três segundos, seja pela porta ou pela janela. Conselho amigável: escolha a porta.

Ela fugiu como o Looney Tunes Road Runner, quase deixando uma nuvem de areia em seu rastro. Cillian se virou para mim, ignorando o olhar de horror espalhado no meu rosto.

— Você acabou de ameaçar jogar a Barbie pela janela. — Empurrei meu polegar atrás de mim.

— Não ameaçado, fortemente *implícito*, — ele corrigiu. — Você tem menos de dois minutos e eu tenho cerca de quinhentas perguntas.

Minhas palmas umedeceram apesar da temperatura na sala.

— Isso é justo.



— Um: Por que eu? Por que não Hunter, Sailor ou qualquer um que realmente se importe com você, perdoe minha ousadia?

Não pude contar a ele sobre a gravidez de Sailor. Ela ainda não tinha compartilhado a notícia com sua família toda. Ou sobre minha necessidade de não ser a perdedora em nosso grupo de amigos. Aquela que precisa ser salva.

Eu me conformei com meia verdade.

— Sailor e Hunter não sabem o que Paxton fez, e eles são as únicas pessoas de quem sou próxima que realmente têm esse dinheiro. Eles sabem que Pax me deixou e pegou o dinheiro que havíamos economizado, mas não sabem sobre a dívida. Não quero manchar minha amizade com minha melhor amiga colocando-a nesta posição. Achei que você e eu não compartilhamos nenhuma história, nenhum vínculo. Conosco, será uma transação comercial e nada mais.

— Por que não Sam Brennan?

Sam era o irmão mais velho de Sailor e, pelo que eu sabia, um bom amigo de Cillian. O rei mandante do underground de Boston. Um psicopata arrojado com um gosto peculiar pela violência e bolsos tão profundos quanto seus olhos cinzentos sem alma.



— Misturar-se com Brennan para tentar pagar um agiota de rua é como cortar seu braço porque quebrou a unha, — eu disse baixinho.

— Você acha que eu sou menos perigoso do que Brennan?
— O fantasma de um sorriso passou por seus lábios.

— Não. — Eu inclinei minha cabeça para cima. — Mas acho que você se divertiria vendo-me me contorcer enquanto eu retribuo, e portanto é mais provável que me dê o dinheiro.

Seu sorriso estava armado e carregado, como uma arma carregada.

Eu tinha razão. Ele *estava* gostando disso.

— Onde está aquele seu marido inútil agora?

— Eu não sei. Acredite em mim, se eu soubesse, eu o teria perseguido até o fim da Terra e voltado. — Eu o faria pagar pelo que fez.

— Como você planeja pagar este empréstimo? — Kill passou as costas da mão pelo queixo pontudo.

— Lentamente. — A verdade tinha um gosto amargo na minha boca. — Eu sou uma professora pré-escolar, mas trabalho como babá e tutora da primeira e segunda séries. Vou trabalhar incansavelmente até pagar cada centavo de volta. Você tem minha palavra.

— Sua palavra não significa nada. Eu não te conheço. O que me leva à minha pergunta final: Por *que* devo ajudá-la?

Que tipo de pergunta foi essa? Por que pessoas normais geralmente ajudam outras? Porque era a coisa decente a fazer. Mas Cillian Fitzpatrick *não era* normal nem decente. Ele não jogou pelas regras.

Eu abri minha boca, procurando em meu cérebro por uma boa resposta.

— Trinta segundos, Persephone. — Ele bateu na ampulheta, me observando.

— Porque, você pode?

— O número de coisas que posso *fazer* com meu dinheiro é infinito. — Ele bocejou.

— Porque é a coisa certa a fazer! — Eu gritei.

Ele pegou um dos folhetos em sua mesa, folheando-o.

— Eu sou um niilista.

— Não sei o que isso significa. — Senti as pontas das minhas orelhas ficarem vermelhas de vergonha.

— Certo ou errado são o mesmo lado da moeda para mim, apresentados de forma diferente, — disse ele impassível. — Não tenho moral ou princípios.

— Essa é a coisa mais triste que já ouvi.

— Mesmo? — Ele ergueu os olhos do folheto, seu rosto uma máscara de pedra de crueldade. — A coisa mais triste que ouvi recentemente é uma mulher que foi enganada pelo marido que não compareceu e estava prestes a ser traficada, assassinada ou ambos.

— Exatamente! — Eu exalei, apontando para ele. — Sim! Vê? Se algo acontecer comigo, será sob sua consciência.

Meu lábio inferior tremeu. Como sempre, mantive minhas lágrimas sob controle.

Ele jogou o folheto sobre a mesa.

— Primeiro de tudo, como eu mencionei nem dois segundos atrás, eu tenho *nenhuma* consciência. Em segundo lugar, tudo o que acontece com você é culpa sua e do palhaço completo e absoluto com quem se casou. Eu não sou mais um item na sua pilha de decisões ruins.

— Casar-me com Paxton não foi uma má decisão. Eu me casei por amor.

Isso soou patético, mesmo para meus próprios ouvidos, mas eu queria que ele soubesse. Saber que eu não estava girando meus polegares, ansiando por ele todos aqueles anos.



— Todas as garotas de classe média gostam. — Ele verificou a hora na ampulheta. — Muito pouco inspirador.

— Cillian, — eu disse suavemente. — Você é minha única esperança.

Além dele, minha única opção era desaparecer. Fugir da minha família e amigos, de tudo que eu conhecia, amava e estimava.

Da vida que construí nos últimos vinte e seis anos.

Ele ajustou a gravata presa sob o colete.

— É o seguinte, Persephone. Por princípio, não dou nada sem receber algo em troca. A única coisa que me separa daquele agiota que está atrás de você é uma criação e uma oportunidade privilegiada. Eu também não estou no negócio de distribuir favores de graça. Então, a menos que você me diga o que, exatamente, eu poderia ganhar com os cem mil dólares que você está me pedindo para dar um beijo de despedida, vou recusar. Você tem dez segundos, por falar nisso.

Fiquei ali parada, com as bochechas em chamas, os olhos em chamas, todos os músculos do meu corpo tensos como uma corda de arco. Um calafrio percorreu minhas costas.

Eu queria gritar. Atacar. Desabar no chão em cinzas. Arrancar seus olhos, morder e lutar com ele e... *e fazer coisas que nunca quis fazer a ninguém, incluindo meus inimigos.*



— Cinco segundos. — Ele bateu na ampulheta. Seus olhos de cobra brilharam em diversão. *Ele estava gostando disso.* — Dê-me sua melhor oferta, Penrose.

Ele queria que eu lhe desse meu corpo?

Meu orgulho?

Minha alma?

Eu não faria isso. Não para Byrne. Não para ele. Para ninguém.

Os segundos restantes pingaram como vida deixando o corpo de tia Tilda.

Seu dedo bateu em um botão vermelho na lateral da mesa.

— Tenha uma boa vida, Flower Girl. O que sobrou dela, de qualquer maneira.

Ele balançou sua cadeira para a janela, documentos em mãos, pronto para retornar ao seu trabalho. A porta de vidro atrás de mim se abriu, e dois homens musculosos em ternos entraram, cada um me agarrando por um braço para me arrastar para fora.

Casey esperou na margem do elevador com os braços cruzados e os ombros apoiados na parede, as bochechas coradas de humilhação.



— Não é todo dia que a segurança leva o lixo para fora. Acho que há uma primeira vez para tudo. — Ela sacudiu o cabelo, cacarejando como uma hiena.

Passei todo o trajeto de bicicleta até North End lutando contra as lágrimas.

Minha última e única chance acabou em chamas.

Três



Cillian

— Estamos grávidos.

Hunter fez o anúncio na mesa de jantar. Eu queria limpar seu sorriso de comedor de merda com um desinfetante.

Ou meu punho.

Ou uma bala.

Respire, Kill. Respire.

Sua esposa, Sailor, esfregava a barriga lisa. De um modo geral, ela era tão maternal quanto uma tanga mastigável, então eu não tinha certeza se algum desses idiotas era capaz de cuidar de algo mais complexo do que um peixinho dourado.

— Estamos de oito semanas. Ainda é cedo, mas gostaríamos que vocês soubessem.

Mantive minha expressão em branco, estalando meus dedos debaixo da mesa.

O momento deles não poderia ter sido pior.

Mamãe saltou de sua cadeira com um guincho ensurdecador, jogando os braços sobre o casal feliz para sufocá-los com beijos, abraços e elogios.

Aisling falava sem parar sobre como ser tia era um sonho que se tornava realidade, o que teria me alarmado sobre seus objetivos de vida se não fosse o fato de que ela estava prestes a terminar a faculdade de medicina e começar sua residência no Hospital Brigham and Women's em Boston. *Athair* apertou a mão de Hunter como se eles tivessem assinado um negócio lucrativo.

De certa forma, eles fizeram.

Gerald Fitzpatrick deixou perfeitamente claro que esperava herdeiros de seus filhos. Crias para continuar o legado Fitzpatrick. Eu era o primeiro da fila, o Fitzpatrick mais velho e, portanto, estava sobrecarregado com a missão não apenas de produzir sucessores, mas também de garantir que um deles fosse um homem que tomaria as rédeas da Royal Pipelines, independentemente de seu amor pelos negócios e/ou capacidades.

Se eu não tivesse filhos, o título, o poder e a fortuna seriam dados ao filho próximo ao trono. O filho de Hunter, para ser exato.



Athair – *pai* em gaélico irlandês – deu um tapinha estranho nas costas de sua nora. Ele era grande – em altura, largura e personalidade – com uma cabeleira prateada, olhos de ônix e pele clara.

— Ótimo trabalho, querida. As melhores notícias que recebemos durante todo o ano.

Eu verifiquei meu pulso discretamente sob a mesa.

Estava sob controle. *Mal.*

As cabeças de todos se voltaram para mim. Desde que meu pai deixou o cargo e me nomeou CEO da Royal Pipelines, há menos de um ano, fui empurrado para o líder do bando e me sentei à cabeceira da mesa durante nossos jantares de fim de semana.

— Você não vai dizer nada? — Mamãe brincou com seu colar de pérolas, sorrindo com força.

Levantei meu copo de conhaque. — Para mais Fitzpatricks.

— E para os homens que os fazem. — *Athair* bebeu seu licor de uma vez. Eu encontrei seu golpe com um sorriso frio. Eu tinha trinta e oito – onze anos mais velho do que Hunter – solteiro e sem filhos.

Casamento não estava em minha lista de afazeres, em algum lugar sob a amputação de um dos meus membros com

uma faca de manteiga e bungee jumping sem corda. Crianças não eram uma ideia que eu gostasse. Elas eram barulhentas, o tipo chato de sujos e carentes. Eu estava adiando o inevitável. Casar-me sempre foi o plano porque produzir herdeiros e pagar minhas dívidas à linhagem Fitzpatrick não era algo que eu sonhava em me livrar.

Ter uma família fazia parte de um plano maior. Uma visão. Eu queria construir um império muito maior do que aquele que herdei. Uma dinastia que se estendeu por muito mais do que os magnatas do petróleo que éramos atualmente.

No entanto, eu tinha toda a intenção de fazê-lo no final dos meus quarenta e com estipulações que fariam a maioria das mulheres correr para as colinas e se atirar delas para uma boa medida.

Razão pela qual o casamento estava fora de questão.

Até esta semana, quando meu amigo e advogado, Devon Whitehall, incentivou-me a ser engatado para apagar algumas das chamadas dirigidas à Royal Pipelines e a mim.

— Bem, *Athair*, — eu disse sem *emoção*, — Estou feliz que Hunter excedeu suas expectativas no departamento de produção de herdeiros. — A escrita estava na parede, manchada no sêmen do meu irmão desde aquela época em que ele nos arrastou para o inferno de relações públicas com sua fita de sexo.



— Você sabe, Kill, sarcasmo é a forma mais baixa de humor.
— Sailor me lançou um olhar penetrante, tomando um gole de seu Bloody Mary sem álcool.

— Se você fosse uma conversadora seletiva, não se casaria com um homem que acha que piadas de peido são o cúmulo da comédia, — retruquei.

— Peidos *são* o auge da comédia. — Hunter, que evoluiu apenas parcialmente como humano, apontou o dedo no ar. — É ciência.

Na maioria dos dias, eu duvidava que ele fosse alfabetizado. Ainda assim, ele era meu irmão, então eu tinha a obrigação básica de tolerá-lo.

— Parabéns teriam sido suficientes. — Sailor cutucou o ar com o garfo.

— Morda-me. — Engoli meu conhaque, batendo o copo na mesa.

— Querido! — Mãe retrucou.

— Você sabe que existe um termo para pessoas como você, Kill, — Sailor sorriu.

— Bocetas? — Hunter falou sem expressão, pressionando dois dedos nos lábios e jogando um microfone invisível no chão. Uma das ajudantes derramou dois dedos novos de conhaque em



meu copo vazio. Depois três. Depois quatro. Não fiz sinal para ela parar até que o álcool quase derramou.

— Língua! — Mamãe jogou outra palavra aleatória no ar.

— Sim. Falo pelo menos duas fluentemente... inglês e palavrões. — Hunter gargalhou.

Ele também usava a palavra “foda-se” como unidade de medida (*foda-se*), engajado na carnificina grotesca da língua inglesa (“*ver muito*”, “*eu pensar*”) e até se casar com Sailor, tinha fornecido à família o suficiente de escândalos para superar os Kennedys.

Eu, no entanto, evitei qualquer tipo de sacrilégio, segurei bebês em eventos públicos (relutantemente) e sempre estive no caminho certo. Eu era o filho perfeito, CEO e Fitzpatrick.

Com uma falha - eu não era um homem de família.

Isso fez com que a mídia tivesse dias de campo mensais. Eles me apelidaram de Cold Cillian, destacaram o fato de eu gostar de carros velozes e não ser membro de nenhuma instituição de caridade, e continuaram a publicar a mesma história em que rejeitei uma oferta para ser capa de uma revista financeira, sentado ao lado de outros bilionários do mundo, porque nenhum deles, exceto Bezos, estava em qualquer lugar perto de minha faixa de impostos.

— Perto, querido. — Sailor deu um tapinha na mão de Hunter. — Sociopatas. Chamamos pessoas como seu irmão de sociopatas.

— Isso faz muito sentido. — Hunter estalou os dedos. — Ele realmente sopra uma nova morte na sala.

— Ora, ora. — Jane Fitzpatrick, também conhecida como Mãe Querida, tentou acalmar a discussão. — Estamos todos muito animados com a nova adição à família. Meu primeiro neto. — Ela apertou as mãos, olhando sonhadoramente para a distância. — Esperançosamente um de muitos.

Tão rico para quem tinha o instinto maternal de uma lula.

— Não se preocupe, mãe, pretendo engravidar minha esposa quantas vezes ela permitir. — Hunter piscou para sua esposa ruiva.

Meu irmão era o garoto-propaganda da TMI. E possivelmente piolhos públicos.

A única coisa que me impediu de vomitar neste momento foi que ele não valia a pena desperdiçar comida.

— Puxa, estou com tanto ciúme, Sail! Mal posso esperar para ser mãe. — Ash equilibrou seu queixo em seu punho, deixando escapar um suspiro melancólico.



— Você vai ser uma mãe maravilhosa. — Sailor estendeu a mão por cima da mesa para apertar sua mão.

— Para seus filhos imaginários com seu cunhado. — Hunter jogou um pedaço de batata refogado na boca, mastigando. Ash ficou vermelha. Pela primeira vez desde que o jantar começou, fiquei um pouco divertido. Minha irmã nutria uma obsessão irremediável por Sam Brennan, o irmão mais velho de Sailor e um cara que trabalhava para mim por conta própria.

O fato de ela ser uma pessoa tímida e ele um Don Corleone moderno não a perturbava nem um pouco.

— E você, *mo òrga*¹⁵? — *Athair* se virou para mim. Meu apelido significava *My Golden* em gaélico irlandês. Eu era o proverbial Midas moderno, que transformava tudo que tocava em ouro. Formado e moldado em suas mãos. Embora, a julgar pelo fato de eu não ter dado nada a ele além de má publicidade desde que herdei a posição de CEO, não tinha certeza se o apelido era mais adequado.

Não era sobre meu desempenho. Não havia uma alma na Royal Pipelines que pudesse me superar em habilidade, conhecimento e instintos. Mas eu era um homem impessoal e sem alma. O oposto do que o povo patriarca queria ver à frente

¹⁵ Meu ouro.

de uma empresa que matava florestas tropicais e roubava a Mãe Natureza de seus recursos naturais diariamente.

— E quanto a mim? — Cortei meu salmão em pedaços minúsculos. Meu TOC era mais proeminente quando eu estava sob pressão. Fazer algo ritualmente me dava uma sensação de controle.

— Quando você vai me dar netos?

— Sugiro que você direcione esta pergunta para minha esposa.

— Você não tem uma esposa.

— Acho que também não terei filhos tão cedo. A menos que você seja imparcial com bastardos mal concebidos.

— Por cima do meu cadáver, — meu pai sibilou.

Não me tente, velho.

— Quando você anunciará a gravidez publicamente? — *Athair* se virou para Hunter, perdendo o interesse no assunto de minha descendência hipotética.

— Não antes do final do segundo trimestre, — Sailor forneceu, colocando uma mão protetora sobre seu estômago. — Meu obstetra me avisou que o primeiro trimestre é o mais complicado. Além disso, dá azar.

— Mas um bom título para Royal Pipelines. — Meu pai coçou o queixo, contemplando. — Especialmente depois da demonstração de Green Living e o idiota que conseguiu quebrar as duas pernas dela. A imprensa cuidou dessa história.

Eu estava cansado de ouvir sobre isso. Como se a Royal Pipelines tivesse algo a ver com o fato de uma idiota ter decidido escalar a estátua do meu avô na praça mais movimentada de Boston com um megafone e cair.

Athair serviu-se de uma terceira porção de salmão assado com mel, seus três queixos vibrando enquanto falava.

— *Ceann beag* tem sido o queridinho da mídia nos últimos dois anos. Bom, trabalhador, acessível. Um playboy reformado. Talvez ele devesse ser o rosto da empresa nos próximos meses até que as manchetes passassem.

Ceann beag significa *pequeno*. Mesmo que Hunter fosse o filho do meio, meu pai sempre o tratou como o mais novo. Talvez porque Ash fosse sábia além de sua idade, mas mais do que provavelmente porque Hunter tinha a maturidade de um Band-Aid.

Coloquei meus utensílios para baixo, lutando contra a contração na minha mandíbula enquanto deslizava minhas mãos por baixo da mesa para estalar os nós dos dedos novamente.

— Você quer colocar meu irmão de 27 anos como chefe da Royal Pipelines porque ele conseguiu engravidar sua esposa? — Eu perguntei, minha voz calma e uniforme. Eu tinha meu traseiro na Royal Pipelines desde a minha adolescência, assumindo meu lugar no trono ao custo de não ter vida pessoal, vida social e nenhum relacionamento significativo. Enquanto isso, Hunter estava pulando de uma orgia em massa para outra na Califórnia, até que meu pai o arrastou pela orelha de volta para Boston para limpar seu ato.

— Olha, Cillian, temos enfrentado muitas reações *adversas* por causa da explosão da refinaria e das perfurações exploratórias no Ártico, — *Athair reclamou.*

Cillian. Não mo òrga.

— A explosão da refinaria aconteceu sob sua supervisão, e minhas plataformas de exploração do Ártico provavelmente aumentarão nossa receita em cinco bilhões de dólares até 2030, — indiquei, mexendo na borda do meu copo de conhaque. — Nos oito meses em que estou fazendo este trabalho, nosso estoque subiu quatorze por cento. Nada mal para um CEO novato.

— Nem todos os tiranos são maus reis. — Ele estreitou os olhos. — Suas conquistas não significam nada se as pessoas quiserem que você seja destronado.

— Ninguém quer que eu seja destronado. — Eu dei a ele um olhar de pena. — O conselho está nas minhas costas.

— Todo mundo na empresa quer esfaqueá-lo, — ele rugiu, batendo o punho sobre a mesa de jantar. — O conselho só se preocupa com os lucros e eles votariam da maneira que *eu* quisesse, se fosse necessário. Não fique muito confortável.

Utensílios estalaram, pratos voaram e vinho respingou na toalha de mesa como gotas de sangue. Meu pulso ainda estava calmo. Meu rosto está tranquilo.

Mantenha-se firme.

— Você assusta seus funcionários, a mídia o odeia e, para o resto do público, você é um mistério. Nenhuma família própria. Sem parceira. Sem filhos. Sem âncora. Não pense que não falei com Devon. Acontece que tenho a mesma mentalidade do seu advogado. Você precisa de alguém para diluir sua escuridão e precisa dela rapidamente. Resolva isso, Cillian, e rápido. A imprensa chama você de Villain. Faça-os parar.

Sentindo o tique na minha mandíbula, franzi os lábios.

— Já acabou seu ataque histérico, *Athair*?

Meu pai se levantou da mesa, levantando-se com um dedo apontado para mim.

— Chamei você de *mo òrga* porque nunca precisei me preocupar com você. Você sempre entregou o que eu precisava antes mesmo de eu pedir. O primeiro filho perfeito mais velho Fitzpatrick em gerações desde que seu ta-ta-tataravô fez o seu

caminho de Kilkenny para Boston em um barco frágil. Mas isso mudou. Você está chegando aos quarenta e é hora de se acomodar. *Principalmente* se você quiser continuar sendo a cara dessa empresa. No caso de seu trabalho não ser um incentivo forte o suficiente, deixe-me explicar isso para você. — Ele se inclinou para mim, seus olhos nivelando os meus. — O próximo na fila para o trono é Hunter, e agora, a pessoa depois dele é sua futura sobrinha ou sobrinho. Tudo pelo que você trabalhou será entregue a eles. *Tudo*. E se você foder com tudo, vou me certificar de destronar você também.

Ele saiu da sala de jantar, arrancando da parede um retrato de nós três, irmãos Fitzpatrick.

Mamãe saltou de sua cadeira, correndo ao redor do gerente da propriedade para, sem dúvida, ordenar que mandassem arrumar e reformar o retrato.

Sorri serenamente, dirigindo-me a todos na mesa.

— Mais comida para nós.



Passei o resto do fim de semana em Mônaco.

Assim como meu adorável irmão idiota, eu também tinha um gosto por sexo não convencional.

Ao contrário do meu adorável irmão idiota, eu sabia que não devia ficar com mulheres aleatórias.

Fazia viagens bimestrais à Europa, passando tempo com mulheres discretas e cuidadosamente selecionadas que concordavam em arranjos rígidos. Dormir com uma mulher exigia mais papelada do que comprar uma nave espacial. Sempre fui cuidadoso, e lidar com um escândalo sexual além da farsa que era minha imagem pública não estava em meus planos.

Paguei-lhes uma taxa apetitosa, dei-lhes uma boa gorjeta, fui sempre limpo, cortês e educado e contribuí para a economia europeia. Essas acompanhantes não tinham sorte, mães solteiras ou meninas pobres que vinham de famílias desfeitas. Eram estudantes universitárias de primeira linha, aspirantes a atrizes e modelos envelhecidas de famílias de classe média a alta.

Elas viajavam de primeira classe, viviam em apartamentos luxuosos e eram exigentes com sua clientela decamilionária.

Eu não usava o jato particular da minha família para minhas viagens à Europa desde que fui nomeado CEO. Deixar uma pegada de carbono do Kuwait para transar era muito ruim, até mesmo para minha consciência.

Bem. Eu não tinha consciência.

Mas se a mídia descobrisse, minha carreira estaria praticamente morta, e a morte era uma especialidade que eu deixei para as células cerebrais de Hunter.

Razão pela qual eu estava me escondendo na primeira classe em um voo comercial, silenciosamente suportando a presença de outros humanos no meu caminho de volta para Boston vindo de Mônaco.

Não havia muitas coisas que eu odiasse mais do que pessoas. Mas ficar preso com um grande número deles em um ônibus alado e ar reciclado era um deles.

Depois de me acomodar em meu assento no avião, folheei um contrato com um novo empreiteiro para meu equipamento de lubrificação do Ártico, afastando todos os pensamentos sobre a aproximação da paternidade de Hunter e a irmã Penrose que invadiu meu escritório na semana passada implorando por um empréstimo.

Eu disse a ela que não a reconhecia, o que a deixou louca e me deixou em um estado de ereção constante.

Mas me lembrava de Persephone.

Bem e claro.

Na superfície, Persephone Penrose marcou todas as caixas para mim: cabelo como ouro fiado, olhos azuis-cobalto, lábios em botão de rosa e uma moldura pequena envolta em vestidos

românticos. Uma professora pré-escolar sem garras e sem vida, mais fácil de domar do que um gatinho.

Saudável, idealista e angelical até os ossos.

Ela usava vestidos feitos à mão, batom de melancia, peito aberto e aquela expressão de cordeiro de um personagem de Jane Austen que pensava que pau não era nada mais do que um apelido para homens chamados Richard.

Persephone não estava errada com sua suposição de vir até mim. Com qualquer outro conhecido meu, eu daria o dinheiro apenas para vê-los suar enquanto me pagava de volta.

Só no caso dela, eu não queria minha vida amarrada à dela.

Não queria vê-la, ouvi-la e suportar sua presença.

Não queria que ela me devesse.

Ela tinha se apaixonado por mim antes. Os sentimentos não me interessam, a menos que eu encontre uma maneira de explorá-los.

— Ai. — Um brinquedo mole guinchou atrás do meu assento. — Pare com isso. Juro por Deus, Tree, eu vou...

— Você vai o quê? Contar para a mamãe sobre mim. *Dedoduro.*

*Tree*¹⁶? As pessoas sentadas atrás de mim chamaram seu filho de Árvore? *E* decidiram viajar de primeira classe com dois filhos menores de seis anos?

Esses pais eram a razão de existirem assassinos em série. Eu tomei dois comprimidos de ibuprofeno, engolindo-os com bourbon. Tecnicamente, eu não deveria beber com o remédio que tomava diariamente para minha condição.

Ah, bem. Você só vive uma vez.

— Pare de mexer, Tinder, — a mãe disparou atrás de mim.

Tinder.

Oficialmente encontrei pais piores do que meu irmão seria. Eu tinha noventa e um por cento de certeza que a Sailor não deixaria Hunter chamar seu filho de Pinecone¹⁷ ou Daylight Savings¹⁸. Os nove por cento ausentes se deviam ao fato de que eles estavam de forma nauseante cegos pelo amor, então você nunca poderia saber com certeza.

— Ele, ele sempre faz isso! — O pequeno Tinder berrou, conseguindo chutar a parte de trás do meu assento, embora estivesse a cerca de um metro de distância. — Tree é um cara fedorento.

16 Tree = árvore.

17 Pinha.

18 Horário de Verão.

— Bem, você é feio e esquisito, — retrucou Tree.

— Não sou esquisito. Eu sou especial.

Ambos os diabos eram insuportáveis, e eu estava prestes a dar a notícia a seus pais igualmente diabólicos antes de lembrar que não poderia pagar outra manchete do tipo Cillian-Fitzpatrick-come-bebês-no-café-da-manhã.

O CEO da Royal Pipelines grita com crianças inocentes no voo de volta de seus encontros.

Não, obrigado.

E só para constar, eu nunca consumi carne humana em minha vida. Era muito magro, muito anti-higiênico e totalmente incomum.

Batendo o pé mentalmente até a decolagem, estalei os nós dos dedos.

Uma vez que estávamos no ar, eu me levantei e caminhei, fazendo anotações no contrato com uma caneta vermelha.

Quando voltei ao meu lugar, ele estava ocupado.

Não apenas ocupado, mas levado pelo meu arqui-inimigo.

O homem que eu esperava que ressurgisse das sombras no minuto em que fui nomeado CEO da Royal Pipelines. Francamente, fiquei surpreso por ele ter demorado tanto.

— Arrowsmith. Que surpresa terrível.

Ele olhou para cima, sorrindo de volta para mim.

Andrew Arrowsmith era um bastardo bonito, mais ou menos como um âncora local. Corte de cabelo idêntico, dentes brancos descoloridos, cada um do tamanho de um tijolo, estrutura alta e o que eu tinha setenta por cento de certeza era um transplante de covinha no queixo. Em uma época, ele estava na minha esfera social. Atualmente, tudo o que compartilhamos era uma rivalidade que remontava ao nosso tempo em Evon.

Nós dois frequentamos as mesmas escolas até que não o fizemos. Então sua família faliu e ele caiu na escala social, tão baixo que entrou em outra dimensão, cheia de estacionamentos de trailers e comida enlatada.

— Cillian. Achei que poderia ser você. — Ele se levantou, oferecendo-me sua mão. Quando eu não fiz nenhum movimento para pegá-la, ele se retirou, passando a mesma mão sobre o cabelo estilo Keith Urban.

Eu não tinha visto o homem em mais de duas décadas e estava perfeitamente contente em passar o resto da minha vida esquecendo seu lindo rosto de menino.

— Multidão resistente. Minha família. — Ele apontou para a fileira de assentos atrás de mim, onde uma mulher de cabelos claros em traje Lululemon completo praticava respirações



profundas para se salvar de um colapso mental, duas crianças arrogantes em seu colo, uma na garganta da outra. — Esta é Joelle, minha esposa e meus filhos gêmeos, Tree e Tinder.

Não me escapou que Andrew, que tinha a mesma idade que eu, tinha mulher e filhos. O laço invisível estava se apertando em volta do meu pescoço.

Posso perder meu emprego.

Minha herança.

Minha grande visão dourada.

Eu precisava começar a reproduzir e rápido.

— Quem escolheu seus nomes? — Empurrei meu queixo em direção aos pequenos monstros.

Joelle se animou, acenando com a mão como se eu perguntasse quem encontrou a cura para o câncer.

— *Moi*. Eles não são lindos?

Os nomes ou os filhos? Ambos eram horríveis, mas apenas os nomes eram sua culpa. Voltei-me para Andrew, ignorando a pergunta de sua esposa. Eu nunca menti. Mentir significaria que eu me importava com o que as pessoas pensavam.



— Voltando para Southie? — Eu perguntei. Da última vez que verifiquei, ele morava na pior parte de Boston, onde sua família mal conseguia sobreviver, graças à minha.

Claramente, sua sorte havia mudado se ele estava voando na primeira classe atualmente.

— Você ficaria surpreso em saber que estou. — Ele deu um grande sorriso, seu peito se inchou de orgulho. — Comprei uma casa lá no mês passado. Estou voltando às minhas raízes. De onde eu vim.

Ele veio de Back Bay, a área dos babacas dos ricos, mas não dei o prazer de mostrar a ele que me lembrava.

— Acabei de conseguir um emprego na Green Living. Você está olhando para o seu mais novo CEO.

A Green Living era uma organização ambiental sem fins lucrativos considerada a irmã mais violenta e ousada do Greenpeace. Não havia muitas empresas que odiavam a Royal Pipelines mais do que a Green Living, e não havia muitos homens que me odiavam tanto quanto Andrew Arrowsmith.

Isso, por si só, não era novidade. Eu podia contar com as pessoas que me conheciam e *não* gostavam ativamente de mim. O que tornava Andrew perigoso era que ele conhecia meu segredo.



A única coisa que eu mantive trancada com segurança desde o colégio interno.

Desde Evon.

Agora isso foi uma virada de jogo.

— Isso é fofo, — eu disse secamente. — Eles sabem que você é tão competente quanto um guardanapo?

Isso não era verdade. Eu me mantive de olho nele ao longo dos anos e sabia que não apenas ele era um advogado de sucesso com um talento para a ecologia e questões ambientais, mas que também era o programa matinal e o queridinho da CNN. Cada vez que a mudança climática aparecia no noticiário, ele estava lá com um microfone, liderando uma manifestação em massa, acorrentando-se a uma maldita árvore ou falando sobre isso no horário nobre da TV.

Andrew interferiu nos negócios da Royal Pipelines muitas vezes ao longo de sua carreira. Ele intimidou as empresas de publicidade para que não trabalhassem conosco, fez com que uma empresa de jogos abandonasse sua parceria conosco e escreveu um livro best-seller sobre os senhores do petróleo, essencialmente culpando empresas como a minha por causar câncer às pessoas.

Ele tinha fãs, groupies e grupos no Facebook dedicados a ele, e eu não ficaria surpreso em saber que havia um vibrador com seu rosto nele.

— Oh, eles conhecem minhas capacidades, Fitzpatrick. — Ele pegou uma taça de champanhe da bandeja de uma aeromoça. — Não vamos fingir que não temos vigiado um ao outro. Você conhece minhas credenciais. Minhas vitórias. Meus planos. Eu deixei meus princípios me guiarem assim como meu velho.

Seu pai tinha sido despedido por *meu* pai quando éramos dois meninos, empurrando a família Arrowsmith para uma vida de pobreza. Antes disso, nossas famílias eram unidas e Andrew e eu éramos melhores amigos. Os Arrowsmiths nunca perdoaram os Fitzpatricks pela traição, embora *Athair* tivesse um motivo sólido para demitir Andrew Sênior - o contador havia mergulhado a mão no pote de mel da empresa.

— Como está o seu velho? — Eu perguntei.

— Ele faleceu há três anos.

— Não muito bem, então.

— Vejo que ser um idiota ainda corre em seu sangue. — Ele bebeu o champanhe.

— Não posso lutar contra meu DNA, — eu disse sem rodeios. — Agora, as pessoas que estão atrás do meu sangue são outra coisa. Eu posso lutar com eles com unhas e dentes.



— Que tal Gerald? Ainda aguentando firme? — Andrew ignorou minha ameaça velada.

— Você conhece Gerry. Ele pode sobreviver a qualquer coisa menos que uma explosão nuclear.

— Por falar em coisas que logo morrerão, ouvi que papai deu a você as chaves da Royal Pipelines, já que ele teve que renunciar por causa de... o que era? — Ele estalou os dedos, franzindo a testa. — Diabetes tipo 2? A gula sempre existiu em sua família. Como ele está lidando com seus problemas de saúde?

— Enxugando as lágrimas com notas de cem dólares. — Eu soltei um sorriso de lobo. Arrowsmith tentou ofender minhas sensibilidades delicadas, esquecendo que eu não tinha nenhuma.

Ainda estávamos parados no corredor quando a nova realidade se estabeleceu, escorrendo em minha corrente sanguínea como veneno.

Casar-me não era mais uma opção.

Era uma necessidade para garantir minha posição como CEO da Royal Pipelines.

Andrew Arrowsmith estava voltando para Boston para me derrubar, assumindo uma empresa que colocou a ruína da Royal Pipelines em sua bandeira.



Ele tinha vantagem, apetite por vingança e estava a par do meu segredo mais obscuro.

Eu não perderia a empresa e, definitivamente, não perderia minha riqueza para os futuros filhos de Hunter e Aisling.

— Você vai pular para a parte boa, Andrew? — Fiz um show de bocejo.

— Nenhuma parte de mim acredita que nos esbarramos acidentalmente.

— Sempre um atirador tão direto. — Andrew se inclinou para frente, baixando a voz enquanto tentava matar. — Posso ou não ter aceitado o trabalho de ajustar contas antigas. No minuto em que soube que você estava no trono, a tentação de decapitar o rei tornou-se demais. — Sua respiração soprou ao lado do meu rosto. — Matar você e seu pai financeiramente seria fácil. Com Gerald fraco e fora do circuito, e você vulnerável depois de anos de má publicidade, vou atacar sua garganta, Fitzpatrick. A queridinha da mídia contra o vilão da imprensa. Deixe o melhor homem vencer.

Voltando ao meu assento e me acomodando lá, virei uma página do contrato em que estava trabalhando.

— Você sempre foi um menino bobo, — pensei, virando outra página do contrato que estava segurando com indiferença. — Vou tirar todas as coisas que você conseguiu alcançar desde a



última vez que te vi. Pegue o que quer que seja próximo a você e observe como você paga. Ah, e Andrew? — Eu olhei para cima, dando a ele um sorriso malicioso. — Deixe-me garantir a você, eu ainda sou o mesmo bastardo resistente que você deixou para trás.

Ele voltou para sua família. Senti seu olhar na parte de trás da minha cabeça durante todo o voo.

Eu precisava de uma noiva, e rápido.

Alguém amiga da mídia para equilibrar quem eu era.

O que eu representava.

Eu conhecia a pessoa certa.

Quatro



Persephone

Dias se arrastam como um prego sobre um quadro-negro.

Eu estava no limite. Nervosa, irritadiça e incapaz de respirar fundo e satisfatoriamente.

Desde que voltei do escritório de Cillian de mãos vazias, não conseguia engolir nada – fosse comida, café, água ou me ver no espelho.

Minha mente vagava constantemente para um vídeo mental de Byrne e Kaminski jogando meu corpo sem vida no rio Charles. Sobre a rejeição de Cillian. A dor insuportável disso.

Eu tinha esquecido a letra de todas as músicas durante a aula circular, quase alimentei Reid, que era intolerante à lactose, com macarrão com queijo da Dahlia, e misturei areia cinética com a real, fazendo uma grande bagunça. Eu tive que ficar até tarde para limpar depois.

Nuvens cinzentas inchadas com a chuva pairavam sobre mim enquanto eu voltava para casa, correndo da minha bicicleta até minha entrada, segurando minha bolsa de ombro em um aperto de morsa. Eu me lembrei que tinha spray de pimenta e um Taser, e que havia zero por cento de chance de Byrne e Kaminski me matar na minha porta.

Bem, talvez uma chance de dez por cento.

Provavelmente era algo em torno de vinte e cinco, mas definitivamente *não* mais do que isso.

Assim que entrei em meu prédio, peguei o interruptor. Para minha surpresa, a luz já estava acesa. Uma mão forte agarrou meu pulso, girando-me para encarar a pessoa a quem pertencia.

Lutar ou fugir? Meu corpo me perguntou.

Lute, meu cérebro respondeu. *Lutar sempre*.

Joguei minha bolsa na cara do intruso, um grunhido saiu da minha boca. Ele se esquivou sem esforço, jogando-a no chão e fazendo com que o conteúdo da minha bolsa rolasse. Eu estendi a mão para agarrar seus olhos. Ele agarrou meus pulsos com uma palma, travando-os no lugar entre nós antes de me apoiar contra a porta de entrada para que ficássemos colados um ao outro.

— Deixe-me ir! — Gritei.

Para meu choque, a figura escura e gigantesca fez exatamente isso, recuando e pegando o spray de pimenta que caiu da minha bolsa para examiná-lo levemente.

— *Cillian?*

Resisti ao desejo de esfregar meus olhos em descrença. Mas lá estava ele, vestindo um sobretudo de grife, mocassins italianos pontudos e sua cara feia, *vá se foder*, que fez meu coração dar voltas como uma stripper em um poste.

— Você está aqui, — eu disse, mais para mim mesma do que para ele.

Por quê? Como? Quando? Tantas perguntas flutuaram em meu cérebro nebuloso.

— Eu sinceramente espero que nossos filhos não herdem sua tendência de apontar o óbvio. Acho extremamente trivial. — Ele tirou a trava de segurança do spray de pimenta e apertou de volta, então da próxima vez que eu tentasse usá-lo, ele estaria pronto para funcionar.

— Hmm, o *quê?* — Eu afastei mechas de cabelo que caíram sobre meus olhos como galhos teimosos em uma selva. A sombra de barba velando a espessa coluna de sua garganta me fez querer pressionar meus lábios em seu pescoço.

Suas imperfeições o tornavam intimamente belo. Desprezei cada segundo de estar perto dele.

— Lembra que eu disse que não distribuo favores de graça?
 — Ele rolou o spray de pimenta entre os dedos, os olhos na pequena lata.

— É meio difícil de esquecer.

— Bem, é o seu dia de sorte.

— Permita-me ser cética.

Nesse ponto, eu não estava com sorte. Eu estava quase dois metros *abaixo* dele. Em algum lugar entre infeliz e amaldiçoada.

— Descobri o que quero de você.

— Você quer algo da minha pequena alma? — Coloquei minha mão no meu peito com um suspiro zombeteiro enquanto tentava regular meu batimento cardíaco acelerado. Eu não pude evitar. Ele nunca perdeu a chance de me menosprezar. — Estou sem palavras.

— Não tenha muitas esperanças, Flower Girl, — ele murmurou.

Meu apelido não me escapou. Flower Girl era tradicionalmente a criança no casamento, projetada para atrair arrulhos e atenção positiva. A criança ingênua cujo trabalho era andar em linha reta.

Ele deu um passo em minha direção, invadindo meu espaço pessoal. Seu cheiro de macho, cedro seco e couro infiltrou-se em meu sistema, deixando-me bêbada.

— Para que isso funcione, você não deve desenvolver nenhum sentimento por mim, — ele avisou sombriamente.

Não havia nenhum ponto em dizer a ele que eu nunca o superei em primeiro lugar. Na verdade, não. Não de todas as maneiras que importavam.

Ele removeu uma mecha de cabelo úmido da minha têmpora sem tocar minha pele. A maneira como ele olhou para mim me enervou. Com frio desprezo, sugerindo que ele foi trazido aqui sob a mira de uma arma e não por sua própria vontade.

— Eu vou cuidar de seu dinheiro e problemas de divórcio. Fazê-los sumir. Não como um empréstimo, mas como um presente.

Meu corpo caiu de alívio.

— Oh, Deus. Cillian, obrigada então...

— *Deixe-me terminar*, — ele sibilou, sua voz quebrando no ar como um chicote. — Nunca desperdicei uma boa crise, e a sua pode ser muito benéfica para mim. Você não terá que me pagar porque sua forma de compensação será do lado não convencional. Você vai ser minha esposa. Você vai se casar comigo, Persephone Penrose. Sorrir para as câmeras para mim.

Participar de eventos de caridade em meu nome. E me dar filhos. Quantos forem necessários até eu ter um filho. Seja um, três ou seis.

— Qualquer coisa! — Eu gritei, correndo para aceitar sua oferta antes que suas palavras fossem absorvidas. — Eu adoraria...

Espere, o quê?

Por um longo momento, eu simplesmente olhei para ele. Eu estava tentando decidir se ele estava fazendo alguma piada elaborada em meu nome.

De alguma forma, eu não acho que ele estava. Por um lado, Cillian Fitzpatrick não possuía senso de humor. Se o humor o encontrasse em um beco escuro, ele murcharia e explodiria em uma nuvem de morcegos rangentes. Por outro lado, mais do que cruel, Kill era terrivelmente pragmático. Ele não perderia seu precioso tempo pregando peças em mim.

— Você quer que eu me case com você? — Repeti estupidamente.

Seu rosto estava resignado e solene. Ele me ofereceu um breve aceno de cabeça.

Putá merda, ele não estava brincando. O homem dos meus sonhos queria se casar comigo. Para me tomar como esposa.

Havia apenas uma resposta possível para isso.

— Não. — Eu o empurrei. — Nem em um milhão de anos. Não, não, nien, niet. — Eu estava vasculhando minha memória em busca de outras línguas para recusá-lo. — Não, — eu disse novamente. — O último foi em espanhol, não em inglês.¹⁹

— Elabore, — ele exigiu.

— Não podemos nos casar. Nós não nos amamos. — Inclinei meu queixo em desafio. — E sim, eu sei que o amor é *tão* classe trabalhadora.

— Classe média, — ele corrigiu. — O feliz e burro médium é confortável o suficiente para não se importar e estúpido o suficiente para não mirar mais alto. As classes trabalhadoras e altas sempre levam em consideração as questões financeiras. Devo lembrá-la da última vez que você se casou por *amor*, — disse ele como se você estivesse dizendo *herpes*, — acabou com uma dívida enorme, um marido fugitivo e ameaças de morte? O amor é superestimado, para não dizer inconstante. Ele vem e vai. Você não pode construir uma base sobre isso. Os interesses mútuos e a aliança são uma história diferente.

Mas aqui estava a parte realmente patética — eu não queria me casar com ele precisamente porque uma parte de mim o amava.

¹⁹ “No” significa “não” tanto em inglês quanto em espanhol.

Colocar minha felicidade em suas mãos foi a ideia mais idiota que eu já tive.

Não importa o quanto eu tentei ignorar, Kill foi minha primeira paixão real. Minha primeira obsessão. Meu desejo não realizado. Ele sempre teria um pedaço do meu coração, e eu não queria pensar em todas as maneiras que ele abusaria disso se estivéssemos juntos.

Além disso, casar-me com o vilão mais notório de Boston era uma má ideia, e eu tinha certeza de que preenchi minha cota de maridos idiotas neste século.

— Olha, que tal um acordo? — Eu sorri brilhantemente. — Eu posso namorar você. Ser sua namorada. Segurar seu braço e tirar boas fotos. Faremos um pequeno arranjo.

Ele olhou para mim com diversão aberta.

— Você acha que sua companhia vale cem mil dólares?

— Você está me oferecendo cem mil para ser sua acompanhante e ter seus filhos. *Plural*. Se eu fosse uma barriga de aluguel, receberia a mesma quantidade de dinheiro por um bebê, — explodi.

— Vá ser uma barriga de aluguel. — Ele encolheu os ombros.

— É um procedimento longo. Não tenho tempo suficiente.

— Você também não parece ter cérebro suficiente. — Ele bateu na minha têmpora, franzindo a testa como se se perguntasse quanto havia dentro da minha cabeça. — Aceite minha oferta. É a sua única saída.

Eu o empurrei.

— Você é um bastardo.

Ele sorriu com impaciência. — Você sabia disso quando se ofereceu a mim de boa vontade todos aqueles anos atrás.

Ele lembrou.

Ele se lembrou, e por algum motivo, isso me desarmou completamente.

Tia Tilda, o que diabos você fez?

— Veja. — Eu balancei minha cabeça, tentando pensar direito. — Que tal começarmos a namorar e eu...

— Não, — ele me cortou secamente. — Casamento ou nada.

— Você nem gosta de mim!

Cillian olhou para aquele relógio robusto dele, perdendo a paciência.

— O que gostar de você tem a ver com me *casar* com você?

— Tudo! Tem tudo a ver! Como você espera que nos demos bem?

— Eu não, — ele disse categoricamente. — Você terá sua casa. Eu terei a minha. Você será incrivelmente rica, morará em Billionaires Row²⁰ e se tornará uma das socialites mais invejadas da Nova Inglaterra. Você estará longe o suficiente de mim para fazer o que quiser. Sou sensato, justo e realista. Contanto que você me dê herdeiros, me dê exclusividade ao longo de nossos anos de produção de filhos e fique fora dos tabloides, você não deve me ver muito além dos primeiros anos de nosso casamento. Mas, sem divórcio, — ele avisou, levantando um dedo. — É cafona, ruim para os negócios e mostra que você desiste. Eu não desisto.

Eu queria explodir. Com risos ou lágrimas, eu não tinha certeza.

Não foi isso que pedi, tia, gritei interiormente. Você perdeu a melhor parte de eu o ter.

— Você percebe que sou uma pessoa e não uma air fryer, certo? — Parei a mão sobre meu quadril, perdendo a paciência também. — Porque para mim parece que você está tentando me comprar.

²⁰ Bairro altamente luxuoso bem no centro de Manhattan, Nova York.

— Isso é porque eu *estou*. — Ele olhou para mim como se eu fosse louca. Como se *eu* fosse o único com problema. — As pessoas que difamam o dinheiro têm uma coisa em comum – elas não o têm. Você tem a chance de mudar seu destino, Persephone. Não bagunce tudo.

— Desculpe se pareço ingrata, mas sua proposta soa como uma existência muito triste para mim. Eu quero ser amada. Ser estimada. Envelhecer com o homem que eu escolho e que me escolha.

Mesmo depois do que aconteceu com Paxton, e embora eu ainda tivesse fortes sentimentos por Cillian, eu acreditava em contos de fadas. Simplesmente aceitei que o meu foi escrito de forma excêntrica com muito prefácio e cenas que fiquei feliz em cortar.

Ele tirou um par de luvas de couro do bolso interno, colocando-as sobre sua coxa musculosa antes de deslizar suas mãos grandes nelas.

— Você pode ter todas essas coisas a tempo, mas não comigo. Encontre um amante. Leve uma vida tranquila com ele – desde que ele assine toda a papelada necessária. Você faz por você; eu faço por mim. O que eu faço, caso você tenha alguma ideia romântica remanescente sobre nós, inclui uma quantidade insaciável de acompanhantes sofisticadas e práticas sexuais questionáveis.



A única coisa que me mantinha de pé neste momento era o pensamento de que provavelmente era uma alucinação, devido ao fato de eu não ter dormido ou comido bem recentemente.

Carboidratos. Eu preciso de carboidratos.

— Você quer que eu te *traia*? — Eu esfreguei minha testa.

— Depois de me dar filhos legítimos, você pode fazer o que quiser.

— Você precisa de um abraço. — Eu fiz uma careta. — E um psiquiatra. Não nessa ordem.

— O que eu preciso é gerar herdeiros. Pelo menos um menino. Alguns outros para aparência e apoio.

Apoio.

Estávamos falando sobre crianças ou carregadores de telefone?

Minha cabeça girou. Alcancei a parede em busca de apoio.

Sempre soube que Cillian Fitzpatrick era confuso, mas esse era um nível de loucura que poderia facilmente garantir a ele um lugar em uma instituição mental.

— Por que menino? Caso você não tenha notado, este é o século XXI. Existem mulheres como Irene Rosenfeld, Mary Barra,



Corie Barry... — Comecei a listar CEOs do sexo feminino. Ele me cortou.

— Poupe-me da lista de supermercados. A verdade é que algumas coisas não mudaram. Mulheres nascidas em privilégios obscenos – também conhecidas como minhas futuras filhas – raramente optam por carreiras agitadas, que é o que a administração da Royal Pipelines exige.

— Essa é a coisa mais sexista que já ouvi.

— Surpreendentemente, concordo com você nesse ponto. — Ele começou a abotoar o casaco, sinalizando sua partida. — No entanto, não sou eu quem faz as regras. Tradicionalmente, o filho do primogênito herda a maior parte das ações e do papel de CEO da Royal Pipelines. Foi assim que meu pai conseguiu o emprego. Foi assim que consegui.

— E se a criança quiser ser outra coisa?

Ele me encarou como se eu tivesse acabado de perguntar se deveria furar minha sobrancelha usando uma arma semiautomática. Como se eu estivesse realmente além de qualquer ajuda.

— Quem não quer ser o chefe de uma das empresas mais ricas do mundo?



— Qualquer um que saiba o que um papel como esse envolve, — rebati. — Sem ofensa, mas você não é o homem mais feliz que conheço, Kill.

— Meu primeiro filho vai continuar meu legado, — disse ele com naturalidade. — Se você está preocupada com a saúde mental dele, sugiro que o envie para terapia desde a infância.

— Parece que você vai ser um pai maravilhoso. — Eu cruzei meus braços sobre meu peito.

— Eles terão uma mãe suave. O mínimo que posso fazer é dar a eles os fatos difíceis da vida.

— Você é horrível.

— Você está protelando, — ele brincou.

O nó nervoso de histeria se formando em minha garganta cresceu. Não porque achasse a ideia de me casar com Cillian tão terrível, mas porque não *achava*, e isso me deixou louca. Que tipo de mulher saltava de cabeça no casamento com o homem mais perverso de Boston enquanto ainda estava casada com o homem menos confiável?

Eu.

Era quem.

Tive essa ideia insana por muitos motivos, todos eles errados:

Não há mais problemas de dinheiro.

Um divórcio seguro de Paxton.

Ter a companhia de Cillian e toda a atenção, mesmo que apenas por alguns anos.

Quem sabia? Talvez tia Tilda tenha feito a entrega, afinal. Podemos começar como um acordo e acabar como um casal de verdade.

Não. Não podia embarcar em seu trem para Crazy Town²¹. A última parada foi Heartbreak²², e eu tive o suficiente disso na minha vida. Paxton já havia me esmagado. Mas minha paixão por Pax era doce e confortável. Cillian sempre despertou em mim algo cru e selvagem que poderia me arrebatrar.

Eu precisava pensar sobre isso com clareza, sem que ele ficasse na minha cara com seu cheiro de droga e queixo quadrado e impecável.

Eu dei um passo para o lado, em direção à escada. — Olha, posso pensar sobre isso?

— Claro. Você tem muito tempo. Não é como se a *máfia* estivesse atrás de você, — sua dicção de garoto rico zombou de mim.

21 Cidade Louca.
22 Coração partido.

Eu sabia exatamente o quão ruim era a minha situação. Ainda assim, se eu entregaria oficialmente o resto da minha vida para o homem que me esmagou, eu precisava, pelo menos, dar-me alguns dias para processar isso.

— Dê-me uma semana.

— Vinte e quatro horas, — ele disparou de volta.

— Quatro dias. Você está falando sobre o resto da minha vida aqui.

— Você não vai *ter* uma vida se não aceitar. Quarenta e oito horas. Essa é minha oferta final, e é generosa. Você sabe onde me encontrar.

Ele se virou, abrindo caminho até a porta.

— Espere, — eu gritei.

Ele fez uma pausa, sem se virar.

Um flashback de mim mesma vendo-o sair e pedindo a ele para ficar no casamento de Sailor e Hunter bateu em mim. Eu sabia, com uma certeza que queimava minha alma, que seria nossa norma se eu aceitasse sua oferta.

Eu sempre o procuraria, e ele sempre se retiraria para as sombras. Uma fumaça escura e inebriante de um homem que eu podia sentir e ver, mas nunca pegar.



— Dê-me seu endereço residencial. Não quero voltar ao seu escritório. Isso me faz sentir como se estivéssemos conduzindo negócios.

— Nós *estamos* na realização de negócios.

— Sua assistente é horrível. Ela quase me apunhalou naquele dia em que o visitei.

— *Quase* é a palavra-chave aqui. — Tirando um cartão de visita, ele o virou e rabiscou seu endereço. — Eu não teria coberto seus honorários advocatícios, e ela sabe disso.

Ele entregou o cartão para mim.

— Quarenta e oito horas, — ele me lembrou. — Se eu não ouvir de você, presumo que você recusou minha oferta ou fui dispensado prematuramente e passarei para a próxima candidata da minha lista.

— Há uma lista. — Meu queixo caiu.

Claro que havia uma lista. Eu era apenas uma das muitas mulheres que marcaram todas as caixas para o poderoso Cillian Fitzpatrick.

Eu me perguntei o que essas caixas incluíam.

Ingênua?

Desesperada?

Estúpida?

Bonita?

Engoli, mas a bola na minha garganta não se mexeu. Eu me sentia tão descartável quanto uma fralda e tão desejável quanto.

Cillian me lançou um olhar gelado.

— Navegue pelo seu catálogo de noivas por correspondência, Cillian. — Eu estreitei meus olhos para ele. — Eu vou deixar você saber a minha resposta.

Eu o observei partir, carregando minha liberdade, esperanças e escolhas em seu bolso de grife.

Saber que não importava se eu recusasse ou aceitasse sua oferta – qualquer uma das escolhas seria um erro.



No dia seguinte, apareci no trabalho com um vestido manchado de café e olhos injetados de sangue. Liguei para Sailor, engolindo meu orgulho e fazendo o que prometi não fazer – pedir um empréstimo a ela. Mas antes que eu pudesse fazer o pedido, ela me disse que estava sentindo cólicas suspeitas no abdômen, e eu não consegui perguntar.



Passei minha pausa para o almoço ligando para todos os emprestadores de dinheiro em Boston. A maioria desligou na minha cara, alguns riram e alguns expressaram seu arrependimento, mas disseram que teriam de deixar meu negócio.

Até tentei ligar para Sam Brennan. Recebi uma mensagem eletrônica pedindo um código para entrar em contato com ele.

Eu não tive acesso ao homem mais misterioso de Boston.

Embora eu tenha crescido como a melhor amiga de sua irmã mais nova, era tão invisível para ele quanto o resto de meus amigos.

Belle estava no trabalho quando cheguei em casa. Fiquei feliz por ela estar, porque uma caixa esperava do lado de fora da porta de seu apartamento. O pacote era endereçado a mim, então eu o abri. Havia duas peças de lingerie dentro.

Peguei uma tanga de renda preta, percebendo que dentro da lingerie havia uma bala.

Byrne.

Corri para o banheiro, vomitando o pouco que comi.

Enfiando um pedaço de biscoitos na boca, engoli um pedacinho de queijo e engoli com suco de laranja.



Eu me arrastei para a cama de Belle, ainda com meu vestido de trabalho. Estava frio e vazio. A chuva batendo na janela me lembrou de como eu estava sozinha.

Mamãe e papai haviam se mudado para o subúrbio há alguns anos. Morar com eles agora seria um convite para problemas à sua porta - problemas *mortais* - e eu não poderia fazer isso com eles.

Sailor era casada e estava grávida, dirigia um blog de culinária de sucesso e treinava jovens arqueiros como parte de uma fundação de caridade que ela começou. Sua vida era plena, completa e *boa*.

Ash estava ocupada inventando esquemas para conquistar Sam Brennan, indo para a faculdade de medicina e se tornando uma das mulheres mais fantásticas que eu já conheci.

E Belle estava fazendo uma carreira para si mesma.

Ainda deitada na escuridão, observava pela janela a Dona Noite passando por todas as suas roupas. O céu passou da meia-noite para um azul neon e, finalmente, laranja e rosa. Quando o sol subiu pela linha do horizonte de Boston, centímetro a centímetro como uma rainha se erguendo de seu trono, eu sabia que tinha que tomar uma decisão.

O céu estava sem nuvens.



Tia Tilda não ia me ajudar a sair dessa. Era minha decisão a tomar. Minha responsabilidade.

O silêncio zumbiu pelo apartamento. Belle não voltou para casa na noite passada. Ela provavelmente estava na cama de um homem bonito, espalhando suas curvas como uma obra de arte para ele adorar.

Correndo para fora da cama, fui descalça até a cozinha, então liguei a máquina de café e o rádio antigo de Belle. A mesma estação dos anos 80 que nunca deixou de levantar meu ânimo cantou as últimas notas de “How Will I Know” de Whitney Houston, seguidas por uma previsão do tempo, alertando sobre uma tempestade iminente.

Havia um vaso cheio de rosas frescas no balcão, cortesia de um dos muitos admiradores que frequentavam Madame Mayhem na esperança de captar o interesse de minha irmã.

Flower Girl.

Arranquei uma das rosas brancas. Seu espinho perfurou meu polegar. Uma gota de sangue em forma de coração empoleirada entre as pétalas.

— Casar-me ou não com o vilão favorito de Boston?

Eu arranquei a primeira pétala.

Case-se com ele.



A segunda.

Não se case com ele.

Depois a terceira.

A quarta.

A quinta...

Quando cheguei à última pétala, meus dedos tremeram, meu coração bateu forte e cada centímetro do meu corpo ficou todo arrepiado. Puxei a última pétala, a cor de neve de um vestido de noiva.

O destino disse a última palavra.

Não que isso importasse, pois meu coração já sabia a resposta.

Uma decisão foi tomada.

Agora eu tinha que enfrentar as consequências.

Cinco



Cillian

— Boa sessão, Sr. Fitzpatrick. Você é um dos cavaleiros mais talentosos que já vi. Habilidades malucas, senhor. — Um dos garotos do estábulo cheio de espinhas sob minha folha de pagamento cambaleou atrás de mim, sua língua lambendo como um cachorrinho ansioso.

Caminhei do celeiro de volta para o meu carro, empurrando meu freio em seu peito junto com uma ponta gorda.

No mínimo, ser imundo, imortal e *repulsivamente* rico significava que as pessoas estavam ansiosas para me dizer como eu era o melhor em qualquer coisa, seja equitação, esgrima, golfe ou nado sincronizado.

Não que eu sincronizasse o nadador, mas tinha certeza de que receberia uma medalha por ele se pedisse uma.

— Obrigado pela gorjeta, Sr. Fitzpatrick! Você é o melhor chefe que eu já...



— Se eu quisesse alguém beijando minha bunda, escolheria alguém com mais curvas, mais loira e com um sistema reprodutivo totalmente diferente, — eu disse cortante.

— Certo. Sim. Desculpa. — Ele corou, abrindo a porta do meu Aston Martin Vanquish para mim, curvando-se. Deslizei para dentro do carro, acelerando o motor.

O aplicativo Ring no meu telefone avisou que havia um visitante na minha porta.

Puxando minhas luvas, joguei-as no banco do passageiro antes de deslizar a tela do telefone.

Não precisei checar meu pulso para saber que não estava com minhas habituais cinquenta batidas por minuto. Eu era um equestre altamente condicionado, um atleta nato. Mas agora, estava, pelo menos, sessenta e dois.

Eu era um idiota certificado por desenvolver uma preferência por uma noiva em potencial em relação à outra, considerando que nenhuma das candidatas em minha lista andaria pelo corredor feliz ou voluntariamente.

Todas elas tinham motivos para dizer que sim, e nenhuma delas tinha a ver com minha personalidade vencedora, sagacidade ou maneiras perfeitas.

Persephone Penrose foi a primeira que eu abordei. Ela precisava de alívio financeiro como eu precisava de um bom golpe de relações públicas e alguns filhos.

Ela era, por mais que eu odiasse admitir, também minha candidata favorita. Bem-humorada, de mente mais ou menos sã, com rosto de anjo e corpo que pode tentar o diabo.

Ela era perfeita. Muito perfeita, na verdade. Tão perfeita que às vezes eu tinha que desviar o olhar sempre que estávamos na mesma sala. Desviei meu olhar dela mais vezes do que eu poderia contar, sempre optando por observar sua irmã tagarela. Assistir ao acidente de trem que era Emmabelle me lembrava que eu não queria o pool do DNA de Penrose em qualquer lugar perto do meu.

Emmabelle era barulhenta, obscena e opinativa. Ela poderia discutir com a maldita parede por dias e ainda perder. Focar nela era menos perigoso do que assistir Persephone.

E assistir Persephone era algo que eu fazia discretamente, mas frequentemente, quando ninguém estava olhando.

Razão pela qual o fato de ela não ter retornado para mim com uma resposta era uma coisa boa. Ótima, realmente.

Eu não precisava dessa bagunça.

Não precisava que minha frequência cardíaca aumentasse acima dos sessenta.

Caso em questão – quando o vídeo de minhas portas duplas de metal preto entraram em exibição, meu pulso começou a dedilhar sobre minha pálpebra. Eram as faxineiras e meu chef, marchando para minha casa para prepará-la antes da propina que eu estava oferecendo esta noite.

Joguei o telefone no banco do passageiro, olhando para o meu Rolex.

Fazia exatamente quarenta e nove horas e onze minutos desde que eu apresentei à Persephone minha oferta. Seu tempo acabou. A cronometragem e a confiabilidade eram duas das poucas coisas que eu admirava nas pessoas.

Ela carecia de ambos.

Abrindo meu porta-luvas, peguei o bilhete que Devon tinha me dado com nomes de noivas em potencial. A próxima na minha lista era Minka Gomes. Uma ex-modelo que agora era psicóloga infantil. Pernas por quilômetros, uma boa família e um sorriso perfeito (embora Devon tivesse me avisado que ela tinha facetas).

Ela estava com 37 anos, desesperada por filhos e tradicional o suficiente para querer um casamento católico. Ela já havia assinado um NDA²³ antes de eu abordá-la, algo que fiz Devon fazer com todas as minhas noivas em potencial, exceto por Persephone, que era:

²³ Do inglês Non-Disclosure-Agreements, que significa Acordo de Confidencialidade.

1. *Minha primeira candidata e, portanto, minha tentativa mais desleixada. E...*

2. *Muito boa para contar a uma alma.*

Eu digitei o endereço dela no aplicativo de navegação, saindo da garagem do meu rancho particular, onde passei as últimas horas montando meus cavalos, ignorando minhas responsabilidades e *não* me preocupando com o fato de que Persephone Penrose precisava pensar em se casar comigo quando a outra opção disponível era a morte horrível nas mãos de mafiosos de rua.

Eu deliberadamente não estava em casa porque sabia que Persephone não morderia a isca.

Ela tinha muita integridade, moral, para não mencionar – outro marido louco em algum lugar do globo.

— Vamos torcer para que você não seja burra o suficiente para recusar minha oferta também, — murmurei para uma Minka invisível enquanto pegava a rodovia em direção a Boston.

Era a noiva número dois.

Como se isso fizesse alguma diferença.



Sam Brennan jogou suas cartas na mesa mais tarde naquela noite, inclinando a cabeça para trás, uma tira de fumaça passando por seus lábios.

Ele sempre dobrou.

Ele não veio aqui para jogar cartas.

Não acreditava na sorte, não apostava nela e não contava com ela.

Ele estava aqui para observar, aprender e manter o controle sobre Hunter e eu, dois de seus clientes mais lucrativos. Garantiu que ficássemos longe de problemas.

“Sally”, de Gogol Bordello surgiu do sistema surround.

Estávamos em minha sala de estar para nossa noite de pôquer semanal. Um espaço de bom gosto, embora entediante, com estofados reclináveis de couro e pesadas cortinas cor de vinho.

— Não se preocupem, filhos. Tudo vai acabar logo, — Hunter disse, tentando sua melhor impressão de John Malkovich em *Rounders*. — O pôquer não é para os fracos de coração.

— Isso, vindo de alguém que é membro da Nordstrom e não é uma garota. — Sam deslizou o cigarro de um canto dos lábios para o outro, seus antebraços quase rasgando a camisa preta que vestia.

— Pode apostar que sou membro da Nordstrom. — Hunter riu, imperturbável. — Não tenho tempo para fazer compras com o meu estilista, e as mulheres da loja sabem minhas medidas.

— Eu cubro seus trinta e cinco mil e aumento para oito mil. — Devon jogou oito fichas pretas no centro da mesa, tamborilando os dedos nas cartas.

Devon era o oposto de Sam. Um senhor hedonista com gosto por coisas boas e proibidas, maneiras abertas e zero escrúpulos. Assistir ao dinheiro queimar era seu passatempo favorito. Ironicamente, Devon Whitehall precisava de um trabalho como Hunter precisava de mais insinuações sexuais desagradáveis em seu repertório. Ele escolheu ir para a universidade na América, passou na ordem dos advogados e ficou longe da Grã-Bretanha.

Eu tinha certeza de que ele tinha sua própria lata de minhocas esperando para ser aberta em sua terra natal, mas não me importava o suficiente para perguntar.

— Tudo dentro, — eu anunciei.

Hunter estalou o lábio, empurrando toda a sua pilha de fichas para a frente.

— Você está mijando. — Devon estreitou os olhos para meu irmão. Hunter deu um sorriso inocente, batendo os cílios teatralmente.

— É um jogo de soma zero, Monsieur Whitehall. Não entre na cozinha se você não gosta de queimar.

— Você está misturando duas frases, — eu disse com o charuto cubano na boca, empurrando minhas fichas para o centro da mesa. — Não é necessário entrar na cozinha se você não aguentar o *calor*. Queimadura é o que você ganha entre as pernas por dormir com mulheres suficientes para encher o Madison Square Garden.

— Engraçado, não me lembro de você me convidar para a sua cerimônia de santidade, *irmãozão*. — Hunter deu um gole em sua Guinness, passando a língua pelo bigode de espuma. — Oh, isso mesmo, nunca aconteceu porque você transou com metade da Europa. Além disso, isso tudo foi no passado. Agora sou um homem casado. Só há uma mulher para mim.

— E aquela mulher é minha irmã, então é melhor você pensar cuidadosamente sobre o que vai dizer a seguir se quiser sair daqui com todos os seus órgãos intactos, — Sam o lembrou.

Sam tinha cabelos castanhos, olhos cinza e pele bronzeada. Ele era alto, largo e tinha aquela aparência esfarrapada e atraente que fazia as mulheres perderem as calças e os sentidos.

— Cara, minha esposa está grávida. Tarde demais para você adivinhar o que estamos fazendo em nosso tempo livre. A propósito, a dor no abdômen que ela sentiu esta semana acabou sendo gases, obrigado por perguntar, — Hunter resmungou.

Eu estava realmente ouvindo um relatório dos gases de Sailor agora?

— Nem toda conversa deve girar em torno do fato de sua esposa estar grávida, — eu o lembrei.

— Prove.

Sam apontou o polegar para Hunter.

— Você percebe que vou matar seu irmão em algum momento, certo? — Ele perguntou-me.

— Não vou usar isso contra você. — Cuspi o charuto no cinzeiro. — Mas espere até que ele revele suas cartas.

— Falando em felicidade conjugal, — Devon agitou seu Johnnie Walker Blue Label em seu tubmler, — Eu acredito que nosso anfitrião tem algumas notícias maravilhosas para compartilhar.

— Aww, você finalmente abriu uma conta no OkCupid²⁴? — Hunter juntou as mãos, arrulhando. — Há algum tempo nossos

²⁴ É um aplicativo de relacionamento com o objetivo de unir pessoas compatíveis, assim como o Tinder.

pais andam cavalgando o traseiro dele por serem mais solitários do que um satanista na convenção da Juventude para Jesus.

— Será um dia frio no inferno quando Cillian Fitzpatrick disser que sim, — Sam falou lentamente.

— Melhor trazer um casaco quente, companheiro. — Devon sorriu.

— O inferno não está pronto para mim ainda. E Cillian gosta de variedade demais para se contentar com uma boceta. — Sam acertou Devon com um olhar mortal.

— As mulheres são como panquecas. Todas têm o mesmo gosto, — eu concordei.

Sam mostrou os dentes. — Eu amo panquecas, porra.

O homem tinha dormido com todas na cidade.

Todas, menos minha irmã.

Não era preciso ser um astrofísico para descobrir que Aisling estava estupidamente apaixonada por Brennan. Sempre que ela estava no quarto com o irmão de sua cunhada, ela praticamente babava em seu colo. No minuto em que percebi seu lapso de julgamento, contratei Brennan por conta própria. Eu não tinha muito trabalho para ele quando começamos nosso relacionamento profissional, mas tê-lo na minha folha de pagamento garantia que ele não tocaria em Ash.

Brennan era um homem honrado em seu modo retrógrado e letal.

Estalei meus dedos, meus olhos firmemente em minhas cartas. Eu tinha dois pares. Eu apostaria minhas bolas que ambas as cartas de Hunter tinham letras do alfabeto e desenhos de animais, na melhor das hipóteses. Para um irlandês, a sorte não estava do seu lado.

— Eu estou comprometido. — Eu lancei a bomba.

Sam engasgou com o cigarro, a cinza de um centímetro pendurada dele caindo sobre a mesa. Hunter gargalhou. Devon me deu um breve aceno de aprovação.

Eu? Não senti nada.

A dormência era uma noção com a qual eu estava familiarizado, sabia como administrar e não me tirou do curso.

Hunter deu um tapa na coxa, suas cartas chovendo no chão enquanto ele ria *pra* caramba. Ele caiu da cadeira, segurando o estômago.

— Comprometido! — Ele gritou, arrastando-se de volta para seu assento. — Quem é a mulher azarada? Sua boneca inflável?

— O nome dela é Minka Gomes.

— Você chamou sua boneca inflável de Minka? — Meu irmão enxugou uma lágrima do canto do olho, virando uma

garrafa de água. — Eu pensei que você iria para algo mais stripper. Como Lola ou Candy.

— Não me lembro de ter feito uma verificação de antecedentes dela. — Sam me encarou com um olhar. Hoje em dia, fiz com que ele descobrisse sujeira sobre todos que conhecia, de parceiros de negócios a engraxate.

— Só porque você não ouviu falar dela, não significa que ela não exista, — eu mordi. Reconheço que era difícil explicar como acabei noivo de uma completa estranha.

Minka foi agradável o suficiente quando parei em sua casa com uma oferta de casamento hoje cedo. Devon a preparou para nosso encontro. Ela disse que estava feliz em assinar toda a papelada necessária e pediu que duas cláusulas fossem adicionadas durante nossas negociações. Ela queria uma cabana em Aspen e uma viagem anual para a Fashion Week em uma cidade europeia de sua escolha, junto com um orçamento de compras saudável. Eu estava contente em conceder os dois desejos dela.

Ela era linda, educada e terrivelmente ansiosa para agradar.

Ela também não mexeu com absolutamente *nada* em mim.

— Por favor, me explique como você foi de corromper as melhores princesas da Europa para ficar noivo de uma garota local qualquer. — Hunter esfregou o queixo.

Meu irmão, como o resto da minha família, achava que eu tinha passado meu tempo namorando as melhores membros da realeza da Europa. Essa foi uma história que contei à minha família para protegê-los da verdade. Eu *esbarrei* com duquesas e filhas de condes, socialmente subir meu caminho de outro homem americano rico para o tipo de pessoa que conhecia todo mundo vale a pena conhecer no continente.

Mas eu nunca toquei nelas.

Nunca toquei em uma mulher pela qual não tivesse pago, para ser honesto.

O que eu não estava, com ninguém.

Qualquer uma, menos Persephone.

Mesmo dois dias depois, eu ainda não tinha certeza do que me fez contar a ela sobre minha preferência em pagar por sexo. Eu deliberadamente deixei de fora a parte em que as mulheres que eu tinha visto não eram prostitutas. Esperei para ver a repulsa em seu rosto inocente. Mas ela estava muito ocupada em me bater mentalmente com sua bolsa para ridicularizar seus sentimentos para deixar os pequenos detalhes serem registrados.

Pagar por sexo era minha maneira de dar aos relacionamentos convencionais o dedo médio. Cuidei das mulheres que tinha visto, tanto na cama quanto fora dela, mas nunca lhes ofereci mais do que um bom tempo. Encontros,

presentes, telefonemas, sentimentos – isso estava fora de questão.

Minhas parceiras vieram com uma lista detalhada do que devemos e não devemos fazer, e a única coisa que elas esperavam de nossos encontros era uma grande gorjeta, um orgasmo complementar seu.

Minha primeira vez com uma trabalhadora foi aos quatorze anos.

Meu pai tinha me visitado em Evon, não muito depois de Andrew Arrowsmith desvendar meu segredo.

Tivemos um jantar privado no Savoy de Londres. Eu usava uma camisa de mangas compridas, embora fosse verão, para esconder as queimaduras de cigarro e marcas de mordidas. *Athair* me perguntou com quantas garotas eu dormi, dando uma pequena torrada com caviar Royal Beluga. Enrolei meu dedo indicador no polegar, fazendo um sinal de zero. Eu não pensei muito nisso. Não só frequentava uma escola só para meninos, mas também tinha peixes maiores para fritar do que molhar meu pau.

Gerald Fitzpatrick engasgou-se com o caviar. No dia seguinte, ele decidiu retificar minha terrível situação jogando minha bunda magra em um avião e me levando para uma viagem à Noruega, onde ele estava programado para visitar uma das plataformas de perfuração de petróleo da Royal Pipelines.

Maja, a mulher norueguesa que me livrou do meu status de celibatário, tinha trinta e poucos anos, era quase uma cabeça mais alta que eu, e comicamente confusa quando quase vomitei em seu colo. Eu não queria perder minha virgindade. Não aos quatorze anos, não para uma estranha, e, definitivamente, não em um bordel sofisticado em uma rua lateral em Oslo. Mas fazer coisas para apaziguar meu pai não era um conceito estranho para mim.

Foi apenas mais uma terça-feira na casa dos Fitzpatrick, onde *Athair* balançou as chaves do reino na minha frente para conseguir o que queria.

Não relaxe.

Não xingue.

Não fale mal de uma palavra, não caia do cavalo, não exiba modos nada perfeitos à mesa ou olhe nos olhos de seu pai.

E então, eu coloquei um preservativo e paguei minhas dívidas.

Quando eu saí da sala, *Athair* bateu nas minhas costas e disse: — Isso, *mo òrga*, é a única coisa para a qual as mulheres servem. Abrir as pernas e receber ordens. Seria sensato se lembrar disso. Tente melhorar suas amantes com frequência, nunca se apegue a nenhuma delas, e quando chegar a hora de se

acalmar, certifique-se de encontrar alguém administrável. Alguém que não pediria muito.

Athair fez o que pregou.

Jane Fitzpatrick era quieta, tímida e não tinha nada que se parecesse com uma espinha dorsal. Isso, é claro, não a impediu de trair o marido. Meus pais cometiam adultério, com frequência e abertamente.

Eu cresci olhando para o pior exemplo possível de matrimônio, fiz anotações e esperava-se que seguisse seus passos.

Aparentemente, meu irmão caçula estivera ausente para a palestra *Women are Evil*²⁵. Hunter se casou por amor. Não só isso, mas também se casou com a garota mais difícil que ele já tinha visto.

Surpreendentemente, ele parecia feliz.

Então, novamente, isso não significava nada. Hunter possuía o intelecto de um cachorrinho de laboratório. Eu tinha certeza que biscoitos em forma de osso e lambar suas próprias bolas o deixariam contente também.

— Terra para Kill? — Hunter estalou os dedos na frente do meu rosto. — Eu perguntei por que Minka. Por que agora?

²⁵ Mulheres são más.



Abri minha boca para dizer a ele para cuidar da própria vida quando Petar meu gerente de propriedade, invadiu a sala. Seu cabelo estava úmido da chuva.

— Você tem uma visita, senhor.

Não tirei os olhos das cartas, embora algo estranho e indesejável tivesse acontecido em meu peito.

As chances de ser Persephone eram quase nulas. Mesmo se fosse ela, ela perdeu sua chance, e não havia nada a ser feito sobre isso agora.

— Quem seria? — Eu lati.

— Sra. Veitch.

Eu podia sentir o olhar de Hunter disparando em minha direção, queimando um buraco na minha bochecha.

— Estou ocupado. — Apontei para a mesa.

— Senhor, está tarde e chovendo muito.

— Posso ler as horas e olhar pela janela. Chame um táxi se você se sentir inclinado a ser um cavalheiro.

— Há uma tempestade. As linhas estão desligadas. Os aplicativos de táxi não estão funcionando, — Petar respondeu, com as mãos atrás das costas, cada palavra pronunciada lenta e medidamente. Ele sabia que eu não gostava de ser

menosprezado. Eu sempre ficava feliz em me livrar de funcionários indisciplinados. — Ela está encharcada até os ossos e parece muito chateada.

Hunter abriu a boca, mas levantei a mão para detê-lo.

— Ela tem cinco minutos. Traga-a.

— Você quer que ela venha aqui para esta sala? — Petar olhou ao redor. Uma nuvem rançosa de fumaça de cigarro e charuto pairava acima de nossas cabeças, e o cheiro azedo de álcool morno e rançoso encharcava as paredes. O local cheirava a bordel.

Ela era uma donzela em perigo e eu a estava convidando para a cova dos leões.

Mas Persephone recusou minha oferta. Se meu ego levou uma surra, então o dela poderia precisar de algumas palmadas também.

Encontrei os olhos de Petar com um olhar vago.

— É do meu jeito ou a estrada, e pelo que sei, a Sra. Veitch não pode comprar um carro. *Mande-a. Entrar.*

Nem um minuto depois, Persephone foi conduzida para a sala de estar, encharcada e esfarrapada. Um rastro fino de água a seguiu, seus sapatos rangendo a cada passo que dava. Seus olhos, azuis e sem fundo como o oceano, pareciam febris. Cabelo

amarelo emoldurava suas têmporas e bochechas, e seu blusão furado estava enrolado em seu corpo esguio.

Ela parou no meio da sala, graciosa como uma rainha que permitia a seus servos toda a atenção. Eu vi o minuto em que realmente a atingiu. Quando ela olhou ao seu redor. A iluminação suave, bebidas e charcutaria.

Esta vida poderia ter sido sua. Você recusou por amor.

Ela se ergueu em toda a sua altura – o que, claro, não era muito – respirou fundo e fixou seu olhar em mim.

— Eu aceito.

As duas palavras simples explodiram na sala.

Cuidado com o pulso, Cillian.

— Eu imploro, desculpe-me? — Eu levantei uma sobrancelha.

Ela ignorou Hunter, Sam e Devon, exibindo bolas maiores do que os três. Petar estava ao lado dela, sua postura protetora.

Persephone ergueu o queixo, recusando-se a se encolher e se debater. Naquele momento, encharcada como um rato e a caminho da pneumonia, ela estava impiedosamente linda, e eu sabia exatamente por que sempre escolhia olhar para sua irmã mais velha sempre que estávamos no mesmo local.



Emmabelle não me cegava.

Não me consumia.

Não me *movia*.

Ela era apenas mais uma mulher cheia de maneirismos e direitos, existindo em voz alta, sem se desculpar, desesperada para ser vista e reconhecida.

Persephone era pura e nobre. Sem pretensão.

— Sua oferta. — Sua voz era sedosa e doce como uma romã.
— Eu aceito.

Ela aceita.

Eu ia socar uma parede.

Não, não apenas *uma* parede. *Todas* elas. Reduzindo minha mansão Jacobeana em Back Bay a nada além de poeira.

Ela está aceitando uma oferta que não está mais em discussão.

Suas bochechas ficaram vermelhas, mas ela se recusou a se mover, pregada no meu chão, uma poça de água se formando ao seu redor.

Tê-la parecia quase fácil demais naquele momento, mas totalmente impossível.

— Persy, eu... — Hunter se levantou de sua cadeira, prestes a correr e ajudar a amiga de sua esposa. Eu o empurrei de volta pelo ombro, prendendo-o na cadeira contra a parede com força, meus olhos ainda fixos nela.

— Você sabe por que gosto da mitologia grega, Persephone?
— Eu perguntei.

Suas narinas dilataram-se. Ela não mordeu a isca porque sabia que eu contaria a ela, de qualquer maneira.

— Os deuses têm uma história de punir mulheres por sua arrogância. Veja, cinquenta e cinco horas atrás, eu não era bom o suficiente para ser seu marido. Demorou mais do que tínhamos combinado para voltar para mim.

Sua boca se abriu. Eu nos expus na frente de todos os nossos conhecidos sem nem piscar.

— Houve uma tempestade. — Seus olhos brilharam. — Os trens estavam desligados. Eu tive que andar de bicicleta na chuva...

— Estou entediado. — Abaixando minha cabeça no encosto de cabeça, peguei uma maçã brilhante de uma das frutas sortidas e a rolei na minha mão. — E você está atrasada. Essa é a essência da situação.

— Vim aqui assim que pude!

Seu choque foi substituído por raiva agora. As duas bolas de gude de aço de seus olhos brilharam. Não com lágrimas, mas com outra coisa. Algo que eu não tinha visto antes neles até esta noite.

Ira.

As palavras de meu pai ecoaram em minha cabeça - *case-se com alguém administrável. Alguém que não pediria muito.*

Minka parecia dócil, adaptável e desesperada.

Persephone, por outro lado, pedia o impensável - o amor.

— Já pedi em casamento outra pessoa. — Eu afundei meus dentes na maçã, seu néctar escorrendo pelo meu queixo enquanto nossos olhos permaneceram presos em uma batalha de vontades. — *Ela* aceitou imediatamente.

A sala se encheu de silêncio.

Todos os olhos estavam voltados para mim.

Isto não era uma viagem de poder.

Isto era um grande ato de humilhação.

Eu não queria Persephone Penrose.

Ela não era boa o suficiente para *mim*.

Mesmo se ela fosse, que bem sairia disso? Ela queria todas as coisas que eu não queria.

Um relacionamento. Uma parceria. Intimidade.

Eu não era Hunter. Eu não era capaz de amar ou mesmo *gostar de* minha esposa. Tolerar? Possivelmente, e apenas se reduzíssemos nossa comunicação para uma vez por mês. Além disso, no dia em que meu irmão se casou com a Sailor Brennan, eu quase deixei Persephone morrer de envenenamento apenas para evitar ficar no mesmo quarto sozinho com ela.

Eu estava a segundos de devorá-la.

De afundar meus dentes em sua bunda redonda e firme.

De esfregar-me contra seus seios até gozar nas calças com a fricção.

E agora eu estava duro em uma sala cheia de pessoas. *Ótimo.*

Meu ponto era que Persephone era muito confusa, muito complicada e uma tentação muito grande para eu ceder. Minka era a escolha certa. Minha mente nunca derivaria para Minka espontaneamente.

— Você pediu outra pessoa em casamento, — ela repetiu, cambaleando para trás.

— Minka Gomes. — Sam enfiou o sétimo cigarro naquela hora no canto dos lábios, totalmente comprometido com o câncer de pulmão antes que a noite acabasse. Ele o acendeu, bufando. — Estamos tentando descobrir onde ele encontrou a coitada. Alguma ideia?

— Receio que não, — disse ela calmamente.

— Escapou por pouco. Kill é muito frio, muito velho e muito obstinado para uma garota legal como você. Sem mencionar que tenho minhas suspeitas sobre suas preferências na cama. Acenda uma vela para a dona Gomes na próxima vez que for à igreja e agradeça às estrelas da sorte. Elas definitivamente se alinharam esta noite. — Sam soprou uma tira de fumaça diretamente em sua direção, fazendo-a tossir.

Eu queria matá-lo.

— Persy. — Hunter se levantou. — Espere.

Ela balançou a cabeça, reunindo um sorriso digno.

— Estou bem, Hunt. Totalmente bem. Por favor, volte ao seu jogo. Obrigada pelo seu tempo. Espero que vocês aproveitem o resto da noite.

Ela se virou, seus passos rápidos e regulares. Petar me lançou um olhar de desgosto, depois se virou e a perseguiu.



Hunter estava prestes a correr atrás dos dois, mas eu agarrei a gola de sua camisa e o preguei de volta em seu assento novamente.

— Termine o jogo primeiro.

— Você está brincando comigo? — Meu irmão rugiu. Sua Guinness tombou. A cerveja preta forte assobiou ao se espalhar pelo meu tapete persa. — Você andou por Boston pedindo mulheres em casamento – uma delas é a melhor amiga da minha esposa – e quer que eu *termine* a porra do jogo? Bem. Aqui. O que quer que Kill queira, ele consegue. — Ele bateu com as cartas na mesa. — Agora, se me dá licença, vou consertar essa merda. — Ele apontou para a porta. — A última coisa que minha senhora grávida precisa é de uma amiga irritada. Juro por Deus, Kill, se você puxou alguma coisa dessa garota... Se de alguma forma a engravidou para ter certeza de ter um herdeiro...

Virei suas cartas descartadas, ignorando sua histeria.

Ele tinha um full house.

Hunter estava errado. Eu *nem* sempre obtinha o que queria.



Persephone

Ele ia se casar com outra pessoa.

Eu estava algumas horas atrasada, aparecendo quase meia-noite, parecendo e me sentindo como uma boneca de pano que havia sido deixada na lama durante o século passado, e ele nem me deu uma segunda olhada.

O que eu esperava?

Você esperava que ele a tratasse como mais do que apenas um útero de aluguel.

Mas esse foi meu primeiro e, espero, último erro em relação a Cillian Fitzpatrick.

Voltei de bicicleta para o meu prédio, pisando nas poças deliberadamente. Era meio da noite, chovendo forte, e meu blusão foi arrancado da viagem de ida e volta para Back Bay. Meus dedos das mãos e dos pés estavam dormentes. Talvez eles tenham caído no caminho e eu nem percebi. O resto do meu corpo não sentiria falta deles quando Byrne e Kaminski finalmente me desmembrassem e me dessem de comida aos corvos.

Onde você estiver, Pax, espero que sofra duas vezes mais do que eu.



Abri a porta da frente do meu prédio - o prédio de *Belle*. *Eu não tinha casa*, lembrei a mim mesma. Estava escuro, úmido e mofado. Dei o primeiro passo em direção à escada quando minha cabeça voou para o lado. Minha bochecha ardia tanto que meus olhos ardiam de lágrimas.

Um golpe de chicote perfurou o ar um segundo depois. Antes de saber o que estava acontecendo, eu estava de joelhos, de bruços. O som do gorgolejo reverberou no corredor vazio. Levei um momento para perceber que era sua fonte.

Um chute forte no meu estômago se seguiu, vindo do cobertor de escuridão. Eu desabei de estômago, engasgando. Esticando o pescoço para olhar para o meu agressor, atirei meu braço para frente, batendo no chão para encontrar minha bolsa no escuro e alcançar o spray de pimenta nela.

Uma bota pesada achatou meus dedos. Um som de estalo encheu o ar quando meu atacante colocou todo o seu peso na minha mão.

— Pense de novo, vadia.

Pela primeira vez na minha vida, o medo teve uma forma e um sabor. Meu atacante chutou minha bolsa para longe, fazendo-a girar pelo chão até bater na parede. Aproveitei a oportunidade para cravar minhas unhas em seu tornozelo. Senti minhas unhas dobrando para trás enquanto tentava desesperadamente machucá-lo. Usei sua perna como alavanca,

levantei-me e afundei meus dentes em sua canela, prendendo-a violentamente até que senti minhas gengivas sangrarem.

— Porra! Sua puta!

Uma bota verde suja do exército me chutou. Eu só conhecia um homem que usava esse tipo de calçado.

Kaminski.

— Tom, — eu resmunguei, usando seu primeiro nome como se fosse ajudar. Sangue quente e metálico encheu minha boca. A adrenalina corria em minhas veias e cada célula do meu corpo formigou de pânico. — Por favor, Tom. Me larga. Eu não consigo respirar.

Outro chute me encontrou. Desta vez, ele bateu no meu queixo. Meu rosto latejava e eu mordi minha língua no processo. Mais sangue encheu minha boca.

Kaminski poderia acabar comigo bem aqui, agora, e ninguém jamais saberia. A única pessoa que sabia sobre os mafiosos atrás de mim era Cillian, e entre quase me deixar envenenar e se recusar a me ajudar, era seguro dizer que trazer justiça não estava no topo de sua lista de tarefas.

Comecei a engatinhar escada acima, tentando freneticamente fugir, mas Kaminski agarrou meu pé, puxando-me para baixo pelos três degraus que consegui subir. Ele me girou, abrindo o zíper.



— Por que não vemos o que você vale, hein? — Sua risada ameaçadora sacudiu o ar. — Vendo que você estará sugando um monte de pau em alguns dias para pagar a dívida de Pax.

Erguendo meu corpo, dei um chute na virilha de Tom, batendo meu tênis contra sua ereção pesada. Ele tropeçou para trás, gritando de dor enquanto segurava sua virilha. Eu me virei e subi as escadas em minhas mãos e joelhos, como um animal, gritos guturais saindo de meus pulmões. Eu sabia que Belle não estava em casa, mas tínhamos quatro outros vizinhos no prédio.

Uma mão envolveu meu cabelo, puxando minha cabeça para cima com um puxão violento. O hálito rançoso de Kaminski patinou sobre minha bochecha, o cheiro de cigarros e placa batendo em minhas narinas.

— Salva pelo gongo. Você matou meu pau duro, mas isso só significa que vou pegar você na bunda da próxima vez. Você tem uma semana, Sra. V. Uma semana antes de eu transformar todos os seus pesadelos em realidade. É melhor você acreditar.

Ele soltou meu cabelo. Meu rosto bateu no chão com um baque. A porta de entrada bateu atrás de mim.

Eu fiquei lá, permitindo-me um raro momento para quebrar. Pela primeira vez desde que Paxton partiu, chorei, pressionando meu rosto inchado, quente e machucado no chão.



Enrolando-me em uma bola, chorei como um bebê, a agonia me balançando para frente e para trás.

Chorei por fazer todas as escolhas erradas na vida.

Por ter sido abandonada pelo meu marido.

Por pagar por seus pecados.

Por andar de bicicleta na tempestade, molhada, fria e desesperada, e por ser tão estúpida, inacreditavelmente, pateticamente estúpida.

Por desperdiçar o precioso Desejo das Nuvens de tia Tilda com Cillian Fitzpatrick, que acabou sendo o vilão da minha história.

Por acreditar em seus estúpidos milagres em primeiro lugar.

Minutos, ou talvez horas, tenham se passado antes que eu me soltasse do chão, batendo na sujeira e no sangue dos meus joelhos arranhados. Joguei minha bolsa na lata de lixo do lado de fora do prédio, enfiando a carteira na calcinha para escondê-la, depois subi para o apartamento de Belle.

Minha irmã tinha que acreditar que eu tinha sido violentamente assaltada.

Eu não poderia arrastá-la para essa bagunça.

Uma semana. Eu queria gritar.



Sete curtos dias.

Antes que minha vida acabasse.

Seis



Cillian

— A remuneração dos funcionários na indústria de petróleo e gás está aumentando atualmente, e criamos um ótimo plano para preservar os funcionários-chave e incentivar clientes em potencial a se inscreverem na Royal Pipelines...

Minha mente vagou enquanto meu diretor de RH, Keith, fazia o que certamente foi um dos argumentos de venda mais enfadonhos que eu já ouvi em minha longa carreira corporativa.

À minha frente, Hunter estava em seu telefone, provavelmente renovando sua assinatura do Pornhub Premium.

Devon sentou-se ao meu lado, cumprindo obedientemente seu papel como chefe do meu departamento de conformidade ao fazer uma careta para seu telefone e ignorar as chamadas para fora do país que continuavam passando para sua secretária eletrônica.



O homem herdaria um ducado em alguns anos (se é que algum dia se daria ao trabalho de mostrar o rosto na Inglaterra), mas se recusou a colocar os pés na Inglaterra.

Bati minha caneta Montblanc na mesa, olhando pela janela.

Três dias se passaram desde que Persephone apareceu na minha porta, aceitando minha oferta.

Três dias nos quais tive tempo para refletir sobre o fato de que, de fato, uma tempestade havia paralisado a maior parte do transporte público de Boston naquele dia.

Três dias em que me esqueci completamente da existência de Minka Gomes.

Três dias em que imaginei Persephone dando à luz bebês que pareciam pequenas réplicas dela – com cachos loiros e olhos ciano e pele bronzeada – e não fiquei nem um pouco enojado com a perspectiva.

Meu telefone apitou com uma notificação por e-mail enquanto Keith continuava entediando a sala até a morte.

Deslizei meu polegar sobre a tela.

De: CaseyBrandt@royalpipelines.com

Para: Cillianfitzpatrick@royalpipelines.com



Oiiiiii Sr. Fitzpatrick,

Gostaria de informar que a joalheria foi enviada ao apartamento da Srta. Gomes no início desta manhã para as medidas do anel, e eu as trago aqui comigo.

Devo escolher o anel de noivado em seu nome ou, afinal, gostaria de dar uma olhada? Por favor deixe-me saber. 😊

Da mesma forma, a Sra. Diana Smith, diretora de RP da Royal Pipelines, adoraria agendar uma breve reunião com você esta semana sobre o anúncio oficial de seu noivado com a Srta. Gomes para tornar as coisas oficiais.

Estou anexando sua programação semanal. Os slots destacados podem ser reservados para a reunião.

*Se você precisar de mim para qualquer coisa (e eu quero dizer **qualquer coisa**, LOL) mais, me avise <3*

Xoxo

Casey Brandt

Assistente pessoal executiva de Cillian Fitzpatrick, CEO da Royal Pipelines.

Olhei para cima do meu telefone, franzindo a testa para Hunter.

Ele olhou para mim, murmurando *conserte-o* do outro lado da mesa.

Talvez eu precise consertar isso.

Meu irmão era lamentavelmente frágil e se importava não apenas com sua esposa de aparência mediana, mas também com seus pendentes.

Então havia Aisling em quem pensar. Ela tinha uma alma gentil e não merecia chorar por Persephone se esta fosse assassinada por alguns punks de rua.

Então havia Sailor. se Persephone fosse encontrada cortada em pedaços minúsculos, flutuando no Charles River como tofu estragado em uma sopa de missô, ela poderia perder o bebê.

Escolhendo ignorar o fato de nunca ter mostrado sinais de consciência, integridade ou consideração a ninguém além do meu pau, decidi dar à Persephone mais uma chance de se redimir.

Este seria meu “de graça”.

Casar-me com uma garota para salvá-la da morte certa.



Flower Girl ia me dever tanto depois do sólido favor que eu estava prestes a dar a ela que ela estaria em dívida comigo por toda a eternidade. Isso significava que eu poderia moldar nosso relacionamento da maneira que eu escolhesse, e o que escolhi foi vê-la três vezes por ano, em feriados importantes, eventos da empresa e uma sessão de sexo anual (se eu fosse pagar por ela e seu futuro menino brinquedo de luxo, eu me certificaria de que ele soubesse a quem ela realmente pertencia).

Meus dedos voaram sobre a tela do meu telefone.

Cillian: Prepare meu motorista imediatamente.

Casey: Sr. Fitzpatrick? Você está me mandando mensagem?!<3

O que acontecia com as pessoas afirmando o óbvio?

Cillian: Saindo da reunião de RH agora. Se ele não estiver lá quando eu sair do prédio, vocês dois estão demitidos.

Saí da sala da diretoria sem nem mesmo pedir desculpas. Keith parou no meio da fala, com a boca aberta. Hunter e Devon trocaram olhares.

Eu não me importei.

Não queria me casar com Minka Gomes.

Eu também não queria me casar com Persephone Penrose, mas, pelo menos, sabia o que estava ganhando com a barganha.

Ou seja, crianças fotogênicas, uma mãe amorosa para eles e uma esposa que ficaria bem no meu braço.

Tudo que eu precisava era manter Persephone à distância de um braço e longe de mim depois de amarrarmos o nó.

Casey: Seu dia está reservado consecutivamente, senhor.

Cillian: Você quer dizer que meu dia está claro e aberto porque você usou suas três células cerebrais funcionais para mudar as coisas, que é pelo que estou PAGANDO VOCÊ.

Casey: Com certeza, senhor. O que devo fazer em relação ao anel de noivado?

Cillian: Envie à Srta. Gomes um cheque gordo e um bilhete de desculpas. Eu não vou me casar com ela.

Casey: OMG realmente?

Casey: Desculpe, quero dizer, a vaga ainda está aberta, senhor? ;)

Casey: Vou ser uma boa esposa. Eu prometo. Eu sei cozinhar, pescar, como babá, tipo cuidar de uma tonelada de crianças na minha vida. E eu também sei outras coisas...

Saí do elevador, meus sapatos estalando no saguão de mármore. Eu podia ver o Escalade esperando na calçada da janela do chão ao teto, a nevasca abaixo de zero como pano de fundo.

Deslizando no banco de trás, eu gritei o endereço do trabalho de Persephone para o motorista.

Casey: Não importa. Desculpa. Isso estava totalmente fora de ordem. Se você não pretende se casar com a Srta. Gomes, devo cancelar a reunião de RP com Diana?

Cillian: Eu disse que não vou me casar com a dona Gomes. Ela não é a única mulher do planeta.

Casey: Senhor, infelizmente não entendo. ☹

Cillian: Não se preocupe. Ignorância é uma benção.



A equipe da Academia Little Genius me reconheceu assim que pus os pés lá dentro. Uma recepcionista ansiosa correu para me ajudar a encontrar o caminho até a Sra. Persy, acompanhando-me por um corredor cheio de desenhos, projetos de arte e brinquedos estridentes.

O lugar cheirava a peido quente e compota de maçã. Foi um terrível lembrete do fato de que ter herdeiros exigia criá-los primeiro. Eu acho que eu poderia fazer todo o show de pai remoto em que *Athair* era tão bom e limitar minha comunicação com

meus filhos até que eles estivessem totalmente formados e não exigissem qualquer limpeza de bunda.

— Aí está, sala da Sra. Persy. — A recepcionista parou na porta da sala de aula, abrindo a porta para mim.

Eu assisti enquanto a Flower Girl passeava por uma sala cheia de crianças. Seu cabelo – mechas cor de mel emaranhadas em amarelo brilhante – estava preso em uma trança holandesa, e ela usava um vestido branco até o tornozelo e sapatos baixos que pareciam ter cerca de uma década.

Ela era muito pobre, estava metida na merda e ainda feliz por ir trabalhar todos os dias.

Inacreditável.

Ela segurava as mãos de duas crianças de quatro anos de aparência tímida enquanto a classe dançava em círculo. A cada poucos segundos, a música parava e as crianças paravam no lugar, uma expressão engraçada em seus rostos, tentando não rir.

Encostei-me no batente da porta, as mãos enfiadas nos bolsos da frente, e observei. Ela levou três minutos para me notar. Outros dois para levantar o queixo do chão, endireitar a coluna e ficar escarlate.

Nossos olhos se encontraram através da sala, e aquele murmúrio incômodo em meu peito aconteceu novamente.

Verifique isso. Se você cair morto de um ataque cardíaco aos quarenta anos, não terá mais ninguém para culpar.

Ela estremeceu, parecendo que eu a esbofetei fisicamente.

— Senhor Fitzpatrick.

— Senhorita Penrose.

— Veitch, — ela corrigiu, só para me irritar.

— Não por muito tempo, — eu observei secamente. — Uma palavra?

— Eu conheço muitas. Minha favorita agora é *vá embora*.

— Você quer me ouvir. — Eu estalei meus dedos. — Agora diga adeus aos seus amiguinhos.

Ela olhou para trás e para frente entre as crianças e eu, então se virou e murmurou algo para a professora ao lado dela e correu em minha direção, abaixando a cabeça.

— O que você está fazendo aqui? — Ela fechou a porta atrás dela, sussurrando e gritando.

Tenho me feito a mesma pergunta desde que pulei em cima de Keith e de seu discurso no festival da soneca.

O que diabos eu estava fazendo aqui?

Hunter?

Aisling?

Algo sobre Persephone sendo potencialmente destruída pela máfia?

Os motivos ficaram confusos, mas pareciam válidos quando me sentei na sala de reuniões, pensando em um futuro com uma mulher que eu não conhecia e que não me interessava. Uma mulher que queria uma *cabana de Aspen* como se estivéssemos nos anos noventa.

— Quando você termina aqui? — Eu exigi.

— Só daqui a quatro horas.

— Tire o resto do dia de folga.

— Você é louco? Eu mal posso pagar meus intervalos para o almoço. — Seus olhos se arregalaram. — Eu só tomo porque é obrigatório por lei. Pedi ao diretor que ficasse depois do horário escolar para ajudar na limpeza e conseguir algum dinheiro extra. Eu não posso desistir.

A mulher era teimosa como uma mula.

E eu estava prestes a me casar com ela.

Case-se com uma mulher administrável, disse Athair.

Não era tarde demais para me virar e ir embora, mas ter a morte dessa idiota em minha consciência me fez suspeitar que eu tinha uma, afinal. O pensamento me fez estremecer.

Não. Não é uma consciência. Você só não quer uma grande bagunça.

— Tire o resto do dia de folga, ou você não terá nenhum trabalho para o qual voltar, — eu cerrei, prestes a me virar e caminhar para fora antes que eu pegasse uma intoxicação alimentar de segunda mão só pelo cheiro aqui. Fiz uma pausa, examinando-a de perto pela primeira vez.

— O que diabos aconteceu com o seu rosto?

Seu lábio inferior estava inchado, sua bochecha machucada e, sob a espessa camada de maquiagem, pude ver um roxo proeminente circundando seu olho esquerdo.

Ela desviou o olhar, inclinando o rosto para baixo para esconder de mim.

— Não é nada. Não é da sua conta, de qualquer maneira.

O agiota havia encerrado suas ameaças e agido.

Meu pulso acelerou. Eu estalei meus dedos. Não entendi minha reação ao rosto dela. Ela estava claramente viva e com boa saúde em geral.

Mas a ideia de alguém a tocando... batendo nela...

— Você tem dez minutos para encerrar isso e me encontrar lá fora. Você já deve saber que não gosto de ficar esperando.

Virei-me e voltei para o Escalade, já me arrependendo da decisão de me casar com ela. Não havia analgésicos suficientes no mundo para me salvar da dor de cabeça que a Flower Girl tinha reservado para mim.

Ela apareceu minutos depois, envolta em um casaco barato com buracos em dois lugares diferentes. Abri a porta do banco de trás para ela. Ela entrou e eu a segui.

— Dirija por aí, — ordenei ao meu motorista, clicando no controle remoto para subir a divisória.

Persephone se atrapalhou com o cinto de segurança, evitando o contato visual.

Olhei para o encosto de cabeça de couro na minha frente enquanto falava. Olhar para o rosto dela no estado atual me deixou com raiva, e *nunca* fiquei com raiva.

— Vamos viver em casas separadas. Permanecerei em minha propriedade e você viverá abaixo na mesma rua. Há uma nova construção na Avenida Commonwealth. Um condomínio de quatro quartos e trezentos e vinte e cinco metros quadrados. Pedi à minha corretora de imóveis que lhe assegurasse a cobertura para aluguel. Você pode discutir sua residência permanente com ela e adaptá-la à sua preferência.

Ela virou a cabeça na minha visão periférica, olhando para mim em estado de choque.

— O quê?

— Eu disse, há uma nova propriedade na avenida Commonwealth...

— Eu ouvi o que você disse. — Suas sobrancelhas franziram. — Eu pensei que você queria se casar com outra pessoa.

— Querer é uma palavra grande. Decidi me contentar com você, já que a outra mulher não está à beira da extinção. — Desabotoando meu sobretudo, cruzei as pernas e acendi um charuto, fedendo todo o banco de trás. O granizo batendo nas janelas escuras significava que ela tinha que se sentar no espaço pequeno e confinado e respirar meu veneno.

Um bom exercício para o nosso futuro.

Se ela me recusasse novamente, eu iria nos levar através da fronteira canadense e pagar a alguém para nos casar apenas para irritá-la. Nunca na minha vida uma mulher me fez sentir nervoso, mas esta pequena mer... *mulher*, de alguma forma, conseguiu exatamente isso.

Ela cruzou os braços, sorrindo triunfantemente. — Ela disse não, não foi? Não tinha estômago para ser sua esposa.

Soprei uma nuvem de fumaça diretamente em seu rosto, sem agraciar seu absurdo com uma resposta.

— Garota esperta. — Ela ignorou a cortina de fumaça se escondendo entre nós.

— A julgar pelo estado do seu rosto, recusar-me não é um luxo que *you* possa pagar.

Ela olhou para mim com seus olhos do céu da Califórnia. Sua pele era tão lisa e úmida que a necessidade de afundar meus dentes no lado de sua garganta apenas para manchar sua perfeição fez meus dedos se contorcerem.

— Posso experimentar o seu charuto? — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Estou oferecendo a você um condomínio de 20 milhões de dólares e você está me perguntando sobre um charuto? — Eu lancei a ela um olhar de soslaio.

— Paxton nunca me deixou experimentá-los. Ele dizia que os charutos são viris. — Ela lambeu os lábios, os olhos fixos no espesso rolo de tabaco marrom.

Paxton era um idiota. Por mais razões do que eu poderia contar.

Relutantemente, passei o charuto a ela. Ela apertou seus lábios rosados em torno dele, seus olhos de pálpebras pesadas

piscando de volta para mim. Ela inalou, quase tossindo um pulmão, e o devolveu, acenando com a mão. Eu não peguei, ainda preocupado com a forma como os lábios dela envolveram a coisa. Este era um lado inteiramente novo de mim – um de quatorze anos, provavelmente – que eu não estava ansioso para explorar.

— Tem gosto de pés queimando.

— Você não deveria inalar. — Uma lâmina irônica de diversão coloriu meu tom. — Nem você deve lambe pés em chamas. Agora chupe como se fosse um pau, não um baseado.

Ela inclinou a cabeça para o lado, semicerrando os olhos para mim em diversão.

— Parece um teste.

— Não flerte, — eu avisei. — Não é o seu afeto que procuro.

Meu desejo normalmente não era dirigido a uma mulher ou indivíduo específico. Em vez disso, foi uma sensação espinhosa que eu precisava esmagar. As mulheres que usei eram apenas vasos.

Eu não estava acostumado a gravitar em torno de um ser humano específico.

Francamente, não sabia se era capaz de desejar uma mulher. Se eu fosse, não tinha dúvidas de que vinha com efeitos colaterais dos quais eu não gostaria.

Persephone tentou novamente, fumando o charuto suavemente, depois o devolveu. As pontas dos nossos dedos se roçaram. Uma onda de eletricidade subiu pela minha espinha em uma sensação que eu só poderia descrever como horrível e agradável.

Eu queria beijá-la e jogá-la para fora do carro, de preferência ao mesmo tempo.

Felizmente para meu departamento jurídico, não fiz nada.

— O que mais nosso casamento implicaria? — Ela baixou os cílios, lambendo o lábio inferior.

— Você estará disponível para mim para reuniões sociais, será voluntária na instituição de caridade de minha escolha e desempenhará seu papel como uma esposa obediente.

— Hmm. — Ela relaxou no assento, apreciando o couro luxuoso como um gato mimado. — Algo mais?

— Você terá que assinar um NDA incontestável e um acordo pré-nupcial rigoroso. Mas enquanto você for minha esposa, você será sustentada. Generosamente.

— E se você decidir se divorciar de mim por outra pessoa?

Eu mal consigo chegar a um acordo com um casamento. Dois seria um exagero.

— Eu não deixaria essa preocupação mantê-la acordada à noite, — eu disse laconicamente. — Eu não tenho sentimentos, Flower Girl, o que significa que não posso dá-los a você nem *tirá-los* de você. Não vou desenvolver nada por ninguém.

— Além de nossos *herdeiros*, — disse ela a última palavra com um terrível sotaque inglês, salpicado de aspas no ar.

Suspeitei que minha neutralidade em relação às pessoas se estenderia aos meus futuros filhos. Mas dizer isso a ela parecia contraproducente para colocar um bebê nela.

— Naturalmente. — Passei para outro tópico em nossa agenda. — Como mencionado anteriormente, sexo não faz parte da barganha. Vou satisfazer minhas necessidades sexuais em outro lugar. Os encontros serão discretos e confidenciais, mas acontecerão, e não espero nenhum surto de drama de sua parte.

Apesar de todos os meus defeitos – e o inferno sabia que haviam muitos – o aumento do apetite sexual não era um deles. Duas vezes por mês era o suficiente para me manter satisfeito.

Ela torceu o nariz. — Quer dizer que você ainda vai para prostitutas?

— Elas preferem ser chamadas de trabalhadoras do sexo hoje em dia.

— Por quê?

— Imagino que seja porque a prostituta tem uma conotação degradante e implica uma atividade criminosa e imortal. Embora eu não tenha uma conversa profunda com as mulheres que contrato para chupar meu pau.

— Não, por que você contrata acompanhantes? Você pode ter a mulher que quiser.

— E eu posso ter qualquer mulher que eu quiser por causa da minha conta bancária. O que nos leva à estaca zero – por que não pagar pelo serviço e pular o jantar e bater papo?

— O que há de errado com jantar e bate-papo? — Ela pressionou.

— Eles exigem socialização, e sou firmemente contra o conceito.

— O que fez você ser do jeito que você é?

— Do jeito que eu sou? — Eu rosnei.

— Frio. Cruel. Aborrecido. — Seus olhos percorreram meu rosto como se a resposta estivesse claramente escrita nele.

— Uma mistura de expectativas esmagadoras, um ano ruim e uma educação sem brilho.

Tudo na minha vida foi planejado para me manter no caminho certo. Essa era a única maneira de governar o império que nasci para liderar. Vim a este mundo com uma certa



desvantagem, sabendo que minha família desaprovava as fraquezas. Eu tive que lutar do jeito que fui criado para sobreviver e aguentei dia após dia.

Seu olhar se agarrou ao meu. — Eu não acredito na sua história.

— Sorte minha, não sou James Patterson.

— Compartilharemos a guarda conjunta de nossos pobres filhos?

— Nós poderíamos, — eu respondi uniformemente, — se você não se importa que eles cresçam com babás metade do tempo. Estarei ocupado administrando a Royal Pipelines e expandindo o império Fitzpatrick.

Imobiliária. Banco comercial. Capital privado. Eu queria dominar o mundo.

— Deixe-me ver se entendi. — Ela esfregou a testa, franzindo a testa. — Você quer ter filhos, mas não quer cuidar deles ou fazer isso com sua esposa?

— Você parece estar se dando bem por conta própria. — Eu fumava meu charuto. — Isso é exatamente o que estou dizendo.

— Bem, então eu sugiro que você me deixe aqui mesmo, volte para Minka e continue de onde vocês pararam.

Bem aqui era no meio da rodovia. Embora fosse tentador expulsá-la, era uma manchete que eu não estava nem um pouco ansioso para explicar.

— Eu não posso criar filhos, — eu disse uniformemente.

— Você não será um pai ausente. Você cuidará deles metade do tempo. E quero dizer *realmente* passar tempo com eles. Trocar as fraldas, levá-los aos treinos de basquete e reencenar seus filmes favoritos da Disney. *Com fantasias completas.*

Basquete? Disney? Flower Girl estava claramente planejando criar um higienista dental formado em uma universidade estadual, não o próximo CEO da Royal Pipelines. Felizmente, eu estaria lá para orientar minhas crias na direção certa.

— Claro, — eu brinquei. — Vou fazer todas essas bobagens.

Duas vezes por ano desde que estarão em Evon e outras instituições europeias durante todo o ano.

Ela mastigou a ponta de seu cabelo, o que eu achei surpreendentemente não nojento. — Eu também tenho outras condições. Serei capaz de manter meu emprego e me movimentar sem restrições. Você não vai colocar nenhuma vigilância ou segurança em mim. Eu quero viver uma vida normal.

— Você não vai precisar trabalhar um só dia na sua vida.

A garota era mais lenta do que o Wi-Fi de um aeroporto.

— Então? — Ela me olhou estranhamente, como se não estivesse acompanhando a conversa. Isso foi ótimo. Com meu QI de membro da Mensa e sua beleza, nossos filhos não seriam um desperdício completo de oxigênio. — Eu não trabalho porque tenho que trabalhar. — Ela estreitou os olhos. — Eu trabalho porque *amo* o que faço.

Essa palavra novamente.

— Bem. Mantenha seu emprego.

— E quanto à segurança?

— Sem segurança. — Isso seria um desperdício de meus preciosos recursos.

— Mais uma coisa, enquanto outros homens estão fora dos limites, as outras mulheres também estão. — Ela levantou um dedo no ar.

— Não é assim que funciona. — Apaguei meu charuto, perdendo a paciência. Eu negocieei colocar buracos de cem metros de profundidade na barriga do planeta Terra em menos tempo do que levei para fechar um acordo com esta mulher. — Você é a única à minha mercê. Eu faço as regras.

— Eu sou? — Ela piscou para mim inocentemente. — Porque, me corrija se eu estiver errada, mas você parecia ter me

dito que tinha outra esposa alinhada, e uma boa e longa lista de candidatas potenciais se ela não desse certo. No entanto, aqui está você comigo. Por uma razão que não consigo entender, nós queremos um ao outro. Não vamos fingir o contrário, Kill.

Kill.

Apenas meus amigos me chamavam assim. Todos os dois.

— A única razão pela qual eu prefiro você à Minka é porque se você morrer, as mulheres em minha vida ficariam chateadas, e a única coisa que eu não gosto mais do que humanos são humanos angustiados.

— Eu não me importo com que desculpa você se dá para se casar comigo, — ela disse claramente. — Se nos casarmos, seremos iguais. Pelo menos, você vai fingir que somos.

Estalei meus dedos em sucessão.

Ela estava me irritando. Foi uma sensação, e não fui eu.

— Deixe-me colocar isso claramente. — Eu sorri educadamente. — Não vou ficar celibatário por meses ou mesmo semanas.

— Você não vai precisar. Você vai ter uma esposa.

Ela estava tão vermelha neste ponto que me perguntei se ela ia entrar em combustão no meu banco de trás. Seria um

incômodo limpar o Escalade. Sem mencionar que é difícil de explicar.

— Não. — Senti meus músculos se contraírem sob meu traje.

— Não o quê?

— Eu não vou dormir com você.

— Por que não?

— Porque eu não quero.

— Por que isso?

— Porque você não me atrai, — eu disse impassível.

Eu não estava mais chateado. Eu também estava suando agora. Por que não pude seguir meu plano com Minka? Persephone foi minha ideia do inferno. Eu não poderia tratá-la com a mesma impetuosidade com que tratava Sailor e Emmabelle porque ela era uma coisinha inocente como minha irmã, mas eu tinha que lembrá-la de quem mandava em tudo.

— Como, por favor, diga, você pretende me engravidar, se você não quer fazer sexo comigo? — Ela fez uma careta, parecendo frustrantemente adorável ao fazer isso. — Você *está* familiarizado com como os bebês nascem, certo? Porque nenhuma das versões inclui um repolho.

Comecei a percorrer meu telefone, respondendo e-mails.

— Eu sei como os bebês são feitos, Persephone. É por isso que comprei uma cegonha, — eu disse gravemente.

Ela pareceu chocada por um segundo, antes de soltar uma risadinha. Foi uma risadinha fofa também. Macia e gutural. Se eu tivesse um coração, ele apertaria.

— Eu não sabia que você tinha senso de humor, Kill.

— Eu não sabia que você estava tão pressionada para transar, — retruquei, ainda digitando um e-mail para Keith, também conhecido como Senhor do Sono. — Para responder à sua pergunta, usaremos a fertilização in vitro. Você vai ficar grávida em algum momento e não teremos que nos conhecer biblicamente.

— O que há de errado com a Bíblia? — Ela me olhou.

— Anúncio falso. — Eu sorri ironicamente. — Deus não existe.

Fisicamente ferida pelo meu último comentário, Persephone enrolou-se em seu lado do banco de trás. Aparentemente, ela traçou o limite para Deus.

— Eu realmente deveria odiar você.

— Não se preocupe. Ódio é apenas amor com medo e ciúme jogados na mistura.

— Por que eu? Por que não minha irmã? — Ela endireitou os ombros, agarrando-se ao resto de seu desafio com as unhas sangrando.

Porque ela provavelmente viu mais pinto do que um mictório de estação de trem.

Eu havia quebrado muitas pessoas na minha vida para saber como elas eram um segundo antes de me submeter.

Persephone estava totalmente curvada e à beira de estalar.

Uma vez quebrada, ela seria fácil de remontar para se adequar ao meu estilo de vida e necessidades.

— Porque ela possui virtualmente todas as características que eu desprezo em uma pessoa – desde ser excêntrica, autoritária, falastrona e obstinada até simplesmente estar viva.

— No entanto, você sempre a cobiça. — A quietude em sua voz não deixou margem para dúvidas. Persephone não gostou quando olhei para sua irmã.

— Eu olhei para ela porque não queria olhar para você, — resmunguei.

— Por que você não queria olhar para mim?

Porque você faz meu pulso bater mais rápido, e isso pode arruinar tudo pelo que já trabalhei.

Joguei meu telefone de lado. O que eu estava pensando, casando-me com essa mulher?

O que eu estava pensando, colocando minha fraqueza boba e inexplicável no meu caminho?

— Importa por que eu não pude olhar para você? Estou olhando para você agora e concordo com o que vejo. Por falar na sua irmã, ela não demoraria mais do que cinco minutos de negociações e uma rapidinha para convencer. No entanto, você é aquela que eu escolhi.

O rosto de Flower Girl se contorceu de aversão porque ela sabia que eu estava certo. Emmabelle mostrava a bússola moral de um biscoito da sorte. No papel, ela combinava melhor com minha personalidade ousada. Na prática, porém, Persephone era quem mantinha minha mente girando.

— Terminamos aqui. Envie-me por e-mail as medidas do seu anel. — Pressionei o botão para rolar para baixo a partição.

Ela ergueu a palma da mão. — Mais duas condições antes de eu aceitar.

Minha reação automática foi aconselhá-la a pegar essas condições e enfiá-las dentro de sua pequena bunda empinada. Mas até eu reconheci que ela estava prestes a entregar toda a sua vida a um dos homens mais odiados da América. Se ela quisesse

uma bolsa Hermès bonita e um novo par de seios como presente de casamento, eu poderia aceitar isso.

— Atire.

— Um - quero que concebamos nossos filhos à moda antiga. Sei que você acha lamentável e patético da minha parte, mas não me importo. Não quero fazer tratamentos de fertilização in vitro. Não quero tomar o lugar de outra pessoa em minha busca por um bebê antes de tentar o caminho natural. Eu sei que não sou o seu gosto, mas se eu cheguei tão longe por você, é justo que você...

— Goze *dentro de* você, — eu terminei por ela. — Entendi.

Eu detestava a ideia de dormir com Persephone. O próprio conceito de tocá-la fez minha pele arrepiar. Não porque eu não a achasse atraente. O oposto era verdade. No final das contas, porém, entre engravidá-la e matá-la, eu preferia a primeira opção. *Marginalmente.*

— Seu funeral, — eu disse lentamente. — Sou um homem notoriamente egoísta, na cama e fora dela. Qual é a outra condição?

— Nenhuma acompanhante até eu conceber. Você não pode pular para dentro e para fora da minha cama e ainda visitar suas namoradas europeias.

— Não.

— Sim, — ela imitou meu tom seco e indiferente. — Quando você precisar de satisfação, você virá até mim. Nós serviremos um ao outro até eu ficar grávida.

Suas bochechas rosadas indicavam que ela estava mortificada com a situação, mas ela disse essas coisas de qualquer maneira, o que eu não pude deixar de apreciar.

Ainda estávamos dirigindo por aí. Eu olhei para o meu Rolex e percebi que estávamos indo e voltando por duas horas e meia.

Para onde foi o tempo e como eu poderia reivindicá-lo de volta?

Virei-me para olhar para ela novamente. Seu rosto tinha o dobro do tamanho normal, cortado e machucado.

Eu sabia que a pequena idiota iria desistir desse negócio se eu dissesse não.

Ela fez isso antes e não hesitaria em fazê-lo novamente.

Um cordeiro marchando direto para os braços de Colin Byrne para o abate.

— Você barganha muito bem. Bem-vinda ao lado negro, Persephone. Deixe seu coração na porta.

Sete



Persephone

No dia seguinte, Devon Whitehall bateu na minha porta do apartamento, vestido como o pecado em um terno azul-marinho e um corte de cabelo arrojado. Eu, em contraste, estava usando o vestido mais fino do Walmart de seis invernos atrás, combinado com sapatos que já tinham visto dias melhores e um blusão com desconto do Exército da Salvação.

Carrie Bradshaw, bem atrás de você!

— Senhor Whitehall? — Abracei minha porta, abafando um bocejo.

Ele passou por mim como um soldado, entrando no apartamento onde Emmabelle estava dormindo em nossa cama compartilhada, vestida com nada além de uma camisola vermelha fina, uma perna bronzeada jogada sobre o edredom.

Ela chamou sua atenção, fazendo-o parar e admirar a vista.

— E quem é essa Afrodite nascida na espuma?

— Essa seria minha irmã, Sr. Zeus. Agora, se você fizer a gentileza de tirar seus olhos assustadores das pernas dela...

Devon se virou para mim com relutância, empurrando uma massa de papelada no meu peito. Como Cillian, Whitehall tinha a habilidade incrível de fazer o ar se agitar ao seu redor. Mas enquanto Kill me fazia querer morrer em seus braços, Devon enviava uma vibração diferente. Uma misteriosa.

— Eu preenchi a maior parte. Assine onde indicado com setas e suas iniciais na parte inferior de cada página. Revise os dados de seu cônjuge mais uma vez e verifique se todas as informações estão corretas. Há uma lista de documentos pendentes que preciso que você entregue antes que o casamento seja resolvido. Está na última página. Traga-o para mim amanhã de manhã. O tribunal levará dois dias úteis para processar o pedido, no qual você concorda em não reivindicar nenhum de seus fundos mútuos ou posses do Sr. Veitch.

— Não temos fundos mútuos ou posses.

— Precisamente.

Perguntar como ele planejava me conceder um divórcio rápido foi inútil.

Cillian Fitzpatrick era um homem engenhoso e só trabalhava com a nata da cultura. Com pessoas como Devon Whitehall e Sam Brennan sob controle, ele poderia fazer qualquer

coisa, exceto arrancar a lua do céu apenas para que pudesse desfrutar de um pouco mais de escuridão.

Agarrei os papéis na minha caixa torácica, excitação e medo rodando em minhas entranhas.

— Obrigado, Devon. Isso é...

— Droga, não me agradeça, sua coisinha boba. — Ele ergueu a mão, indicando para eu parar.

— Eu não fiz isso pela bondade do meu coração. Fiz isso porque o seu futuro marido precisa de uma babá, de preferência do tipo que traria notícias positivas à sua porta. É por isso que você também encontrará nesta carga de documentos jurídicos um acordo de sigilo e um acordo pré-nupcial, ambos os quais aconselho você a ler com atenção na companhia de um advogado adequado. — Ele tirou algumas notas de sua carteira, colocando-as entre meus dedos. — Aqui está algum dinheiro, caso você não possa pagar por um. Considere este meu presente de casamento para você. Há uma folha de prós e contras anexada, algumas estipulações com as quais você concordou verbalmente ontem. Sem compartilhamento de casa, uma cláusula de não concorrência...

— Não concorrência? — Eu pisquei. — Não estou planejando abrir uma empresa de petróleo tão cedo.

Quer dizer, nunca diga nunca, mas esse era um cenário bastante improvável.

Devon sorriu.

— Ter acesso ao clã Fitzpatrick significa que você pode espionar para os concorrentes ou decidir trabalhar para alguém que possa representar um conflito de interesses.

— Eu nunca faria isso.

— Claramente, querida. — Ele acariciou minha cabeça como se eu fosse um cachorrinho que ele estava prestes a dar as costas antes de adotar seu irmão. — Nós confiamos em você completamente. E por “completamente” quero dizer cerca de oitenta e três por cento. Os outros dezessete são porque preferimos que seja por escrito. Você terá que hipotecar seus órgãos internos se *nunca* se transformar em um *talvez*.

— Como você vive com você mesmo? — Murmurei distraidamente, folheando as páginas. Eu quis dizer isso como uma declaração geral. Devon, Kill, Sam... eles estavam tão saturados que às vezes me perguntava se eles acreditavam em alguma coisa.

Devon riu facilmente, seu olhar deslizando em direção a minha irmã novamente.

— Considerando que seu rosto foi destruído por mafiosos, eu não julgaria seu futuro marido por querer proteger seus bens.

Futuro marido.

As palavras não haviam penetrado. Ainda não.

— Você se importa? — Eu empurrei minha cabeça na direção de Belle. Ela geralmente dormia como uma morta, mas eu não queria correr nenhum risco. — Minha irmã não sabe o que aconteceu.

— Ela é cega? — Ele ergueu uma sobrancelha, seus olhos fixos no meu olho roxo.

— Ela acha que fui roubada.

— Sem ofensa, mas você não parece o tipo de pessoa que carrega dinheiro extra. — Uma pausa. — Ou moedas. Ou vale-refeição. Você está terrivelmente magra.

Eu o queria fora do apartamento, fora deste edifício, e fora da minha vida antes que Belle acordasse. Eu ainda não tinha contado a ela sobre Cillian. Quando cheguei em casa ontem, ela já havia saído para o trabalho e voltou depois das cinco da manhã, quando eu estava dormindo. Iríamos jantar e beber com Ash esta noite, e achei que seria uma boa ideia dar a notícia então.

Balancei minha cabeça.

— Olha, posso ficar com o número de telefone do meu futuro marido?

Devon arrancou meu telefone da minha mão, inserindo as informações de contato de Cillian nele.

— Como você sabe meu código? — Eu fiz uma careta.

— Tive que anotar sua data de nascimento seiscentas vezes quando preenchi a papelada ontem à noite. Você parece do tipo previsível. Novamente, sem...

— Ofensa. Eu sei. — Seus olhos ainda estavam no meu telefone, seus polegares voando sobre a minha tela. — Você percebe que prefaciá-lo com essas palavras torna isso automaticamente ofensivo, certo?

— O código para chegar até ele é seis seis seis²⁶. Ele apenas responde a textos. Esporadicamente.

Chocante.

Devon bateu com o telefone na pilha de documentos que eu estava segurando.

— Saúde, Persephone.

— Espere! — Eu gritei. — E quanto a Colin Byrne? Posso dizer a ele que terei o dinheiro pronto para ele?

Ele parou na minha soleira.

26 666 – Número da Besta.

— Ah, essa é a melhor parte de se tornar uma Fitzpatrick.
— Ele abriu os braços. — Seus problemas não são mais seus. Eu acredito que Colin é a jurisdição de Sam Brennan. Para esse fim, eu diria que você está totalmente coberta e que Byrne está completa e regamente fodido por colocar a mão em você. Bem-vinda à família, Persy.



— O que você quer dizer com está quebrando o pacto?

Sailor borrifou sua limonada rosa sobre a mesa e em todo o meu vestido, o líquido escorrendo pela boca e pelas narinas.

Ela tossiu, agitando os braços. Aisling correu em seu resgate, dando-lhe tapinhas nas costas. O líquido deve ter descido pelo canal errado.

A tempestade inabalável atingiu a estufa onde nos sentamos para jantar, o granizo ameaçando empalar o vidro. Aos vinte e cinco anos, Aisling ainda morava em Avebury Court Manor, a mansão de seus pais. Ela disse que era porque entre a faculdade de medicina e seu trabalho de caridade, ela não tinha tempo para manter um apartamento, mas todos nós sabíamos que ela

cuidava de seus pais, cuidava deles como um de seus criados e não tinha probabilidade de sair antes dela se casar.

A estufa estava bem iluminada com uma variedade de suculentas coloridas espalhadas por toda parte.

— Ela não está quebrando o pacto. — Ash se apressou em me entregar guardanapos depois de garantir que Sailor estava bem. — Ela ainda é casada com Paxton. Ela não pode se casar com mais ninguém.

Larguei a bomba assim que me sentei à mesa, antes mesmo de ter tempo de me servir de um rolinho primavera.

— *Estou* quebrando o pacto. — Respirei fundo, preparando-me para outra tempestade, bem aqui na estufa. — Eu vou me casar com Cillian. Ele está trabalhando em meu certificado de divórcio neste momento.

— Cillian-Cillian? — Foi a vez de Emmabelle se engasgar, desta vez com um crab rangoon²⁷. — Alto, moreno, taciturno. Dois pequenos chifres vermelhos aparecendo de cada lado de sua cabeça? Possivelmente uma cauda enfiada entre aquelas bochechas de aço do traseiro? — Minha irmã agarrou um bolinho de massa com seus pauzinhos, jogando-o na boca.

— Meu irmão Cillian? — Ash suplementado.

²⁷ Aperitivos de bolinhos crocantes servidos em restaurantes orientais.

— Sim. — Pressionei minha testa no meu prato ainda vazio com um gemido. — O próprio e ele mesmo.

— Por quê? — Perguntou Sailor.

— *Como?* — Belle exigiu.

— Ele está ameaçando você? — Aisling gritou.

— Olha, se for sobre dinheiro, Hunter e eu ficaríamos mais do que felizes em ajudar. — Sailor estendeu a mão sobre a mesa para enxugar minha gola, fingindo remover as manchas de limonada que lançou lá.

— Eu também. Eu não seria capaz de viver comigo mesma se soubesse que você só se casou com meu irmão porque está em dificuldade. — Ash colocou a mão em seu peito sobre o coração. Ela usava um cardigã e uma saia longa xadrez. Seu cabelo negro como o corvo estava cuidadosamente amarrado em um coque.

Elas não entenderam. Qualquer coisa. A realidade da minha vida. Minha situação, meus compromissos, minhas desgraças...

— Claro que ela não quer se casar com ele. — Sailor jogou os braços no ar. — É de Kill Fitzpatrick que estamos falando. Ele não ganhou exatamente nenhum prêmio de Mr. Personality na última década.

— O amor muda as pessoas. Você e meu irmão são excelentes exemplos disso, — ressaltou Aisling.

Sailor balançou a cabeça. — Hunter sempre foi bom e perdido. Cillian é mau e sabe exatamente onde e o que está. Um lobo nunca pode ser um animal de estimação.

Seu marido estrelou uma fita de sexo, eu queria gritar. Quem morreu e fez de você a polícia moral?

Lancei um olhar para Belle. Ela tomou um gole de chardonnay, estudando-me atentamente. Minha irmã estava surpreendentemente quieta. Eu meio que esperava que ela saísse direto para a casa de Cillian e extraísse mais informações dele com uma faca. Mas não. Ela estava apenas absorvendo tudo. Absorvendo.

— Veja. — Suspirei. — Obrigado pelas ofertas, mas estou bem. Vou me casar com ele porque quero. Eu sei que é repentino, mas Kill e eu nos aproximamos nos últimos...

— É melhor você não terminar esta frase — Belle avisou friamente, esvaziando seu copo de chardonnay. — Você já está quebrando o pacto. Pelo menos tenha a decência de não mentir para nós. Você e Kill não se conhecem além de você ser amiga de sua irmãzinha.

— Se Cillian pediu que você se casasse com ele, foi pelos motivos errados. — A voz de Sailor se suavizou enquanto ela tentava mudar de tática. — Ele disse que não tem nenhum sentimentos? Tipo, de jeito nenhum? Ele se orgulha disso.

Sorvendo um macarrão entre meus lábios – minha primeira mordida esta noite – eu balancei a cabeça.

— Eu sei quem é Kill. Há anos que participamos dos mesmos círculos.

— Kill não corre para lugar nenhum. — Sailor riu. — Ele se vangloria com um sorriso arrogante e fode tudo. Apenas me diga de que tipo de dinheiro você precisa e eu a livrarei disso. Esqueça um empréstimo. Não me pague de volta.

Ela se virou para a bolsa de ombro pendurada em seu assento, pegando seu talão de cheques e jogando-o na mesa. Ela clicou em uma caneta e começou a me passar um cheque.

— De minha parte, vou pedir a *Athair* um bom advogado de divórcio, — Aisling entrou na conversa *animadamente*. — Isso é totalmente corrigível. Não é tarde demais para dizer não. Podemos ter certeza de que você ainda terá...

— Vocês querem a verdade? — Eu rosnei, levantando-me de um salto, tremendo de raiva. — Tudo bem, aqui está a verdade – eu não sou como vocês. Belle é uma patroa comedora de gente que quer conquistar o mundo e construir um império. Aisling, você nasceu na realeza. Você tem mais dinheiro do que alguns países, dois irmãos que matariam por você e uma carreira promissora como médica. Sail, você já conheceu seu Príncipe Encantado, e você tem um pai e um irmão que te tirariam de tudo. Eu... — Eu balancei minha cabeça, rindo amargamente. —

Eu sou diferente. Eu queria me casar por amor. E eu fiz. Dizer que não deu certo seria o eufemismo do século. Agora é hora de me casar para conforto. Não é a coisa nobre ou honrada a se fazer. Acreditem em mim, estou bem ciente disso. Mas é *minha* escolha. Eu escolho segurança. Eu escolho estabilidade. Sei que ele não vai me amar, mas vai cuidar de mim, e isso é algo que Paxton deixou de fazer. Se eu posso viver com isso, então vocês também podem.

Um silêncio tenso se estendeu entre nós. O único som audível foi o engolir em seco de Sailor.

— Estou quebrando o pacto, — sussurrei, a mentira queimando na minha língua. Eu *estava me* casando por amor. Aconteceu de ser tragicamente não correspondido. — E não há nada que vocês possam fazer sobre isso.

Oito anos atrás, Sailor arrastou todas nós para um baile de caridade para o qual Hunter a convidou. Nele, vimos uma garota que foi para o nosso colégio pendurada no braço de um homem trinta anos mais velho que ela. Ela parecia entediada, triste, perdida e rica. Uma urna linda e vazia onde as esperanças, sonhos e ambições residiram. Observar sua expressão sozinha sugou a vida da festa. Prometemos uma à outra que nunca permitiríamos uma à outra se casar com ninguém por outra coisa que não o amor.

— Escute, eu tenho opções. Eu tenho. — Peguei minha bolsa e casaco. — Eu *escolho* ficar com Cillian. Ele pode não me dar amor, mas vai me dar tudo o que estou procurando. Serei capaz de começar a família que sempre quis, ter filhos. Um lugar para chamar de meu... — Eu parei. — Tudo que estou pedindo é que vocês apoiem isso. É louco e insano e não convencional, mas ainda é minha escolha.

Aisling baixou a cabeça entre as mãos.

Sailor olhou para o outro lado como se eu a tivesse esbofeteado.

Belle foi a única que se levantou, pegou sua bolsa e pegou minha mão na dela.

— Bem. Se vocês me dão licença, tenho que gritar com minha irmã, ter um colapso mental e depois aceitar sua decisão. Vejo vocês mais tarde, senhoras.



Belle e eu acabamos indo para casa, adiando o jantar.

O clima azedou e ninguém estava mais com fome.

Ash disse que ela sempre estaria lá para mim se eu mudasse de ideia, e Sailor ameaçou atirar em Kill com seu arco e flecha e prendê-lo a uma parede como uma borboleta se ele ferrasse tudo, algo que todas nós sabíamos que ela era capaz, vendo como ela era uma arqueira.

Dez minutos em nossa viagem de volta para casa, eu finalmente quebrei o silêncio.

— Como é que você não surtou? — Fiquei olhando pela janela, observando os edifícios com crosta de gelo passando rapidamente. Belle sinalizou para uma rua lateral.

— Desculpe, você estava esperando uma produção inteira?

— Esperando? Não. *Previsto?* Sim.

Ela riu. — Eu não sou Willy Wonka. Eu não adoço as coisas, irmã. Você sabe como me sinto sobre Kill Fitzpatrick, mas você não é mais um bebê. Você pode tomar suas próprias decisões, mesmo que eu ache que essas decisões devam levá-la para uma ala psiquiátrica.

— Isso nunca a impediu de ser superprotetora comigo antes.

Espere, eu estava brava com minha irmã por não fazer uma cena? Não. Claro que não. Isso seria ridículo. Então, novamente, eu *fui* um pouco ridícula. E não era da natureza de Belle não



levantar o inferno quando a oportunidade se apresentava. Além disso, ela não era exatamente a fã número um de Cillian.

Na verdade, se Cillian *tem* um fã-clube, ela provavelmente queimaria o lugar.

E dançaria sobre suas cinzas.

E depois postaria sobre isso no Instagram.

(Para sua grade, não para histórias. Era assim que ela se comprometia a desprezá-lo.)

— Eu sempre estarei com você. Mas, honestamente? Estou meio convencida com a ideia. Paxton deixou você sem um tostão e com o coração partido. Vi você sofrer nos últimos oito meses, tentando manter a cabeça erguida. Se você quiser mudar de tática e se casar com um homem rico que vai cuidar de você, serei a última a julgá-la por isso. No final das contas, todas nós fazemos escolhas com o melhor de nossas habilidades.

Ela fez uma pausa, mordendo o lábio inferior. — Também há outra coisa.

Virei-me para olhar para ela, desgrudando meus olhos da janela.

— Eu sei que você nunca disse nada, mas eu sempre meio que soube que você tinha uma queda por Kill. Estava em seus olhos quando ele entrava em uma sala. Eles mudavam. Eles

brilhavam, — ela sussurrou. — Nunca é tarde para mudar o nome do príncipe da sua história. Contanto que você não termine com o vilão.

— Ele não pode ser o vilão. — Eu balancei minha cabeça. — Ele já me salvou.

— Você sabe que ele não pode amar? — Ela perguntou baixinho.

— O amor é um luxo que nem todos podem pagar.

— Bem, se alguém pode mover montanhas, é você, mana.

Ela tirou uma das mãos do volante, apertando meu joelho.

Perguntei-me o quanto Belle sabia sobre minha situação. Devon estava certo. Eu não parecia o tipo de mulher que seria brutalmente assaltada. Enquanto Belle cuidava de meus ferimentos e cuidava de cada arranhão no dia seguinte ao de Kaminski me espancar, ela se conteve em sua habitual inquisição espanhola e não me importunou quando disse que não queria registrar um boletim de ocorrência.

Havia um oceano de mentiras e segredos entre mim e minha irmã, e eu queria nadar até a praia, cair a seus pés e contar-lhe tudo.

Sobre Pax. Sobre os agiotas. Sobre Desejo das Nuvens da tia Tilda.



Mas não consegui. Eu não poderia prendê-la na minha bagunça. Era minha para consertar.

— Você não é a donzela ingênua que todos pensam que você é. — Belle desligou o motor e percebi que estávamos estacionados em frente ao prédio dela. — Você tem unhas e dentes, e uma coluna vertebral para ir com eles. Persephone não era apenas uma donzela floral. Ela também era a rainha da morte. Seu noivo terá um rude despertar. Mas saiba disso - se Kill alguma vez tentar jogar de Hades, eu mesmo descerei ao submundo para arrancar suas bolas.

Dito



Cillian

— Tudo aí? — Byrne fungou. Ele olhou para a bolsa de lona preta aberta. Kaminski estava atrás dele, os braços cruzados sobre o peito, observando-nos como O Montanha, o guarda assassino da Rainha Cersei.

— Conte, — ordenou Sam, cuspendo o cigarro no chão.

Byrne começou a vasculhar o dinheiro, que estava vinculado a notas de cem dólares. Sua postura melhorou pela primeira vez desde que entramos em sua casa. Estávamos em seu escritório cumprindo nossa parte do acordo. Byrne havia insistido que fôssemos à sua casa, provavelmente porque seu escritório tinha mais armas do que uma loja tática.

— Kam. — Byrne estalou os dedos enquanto contava, separando as notas lambendo os dedos. Seu soldado se inclinou para frente. Byrne aproveitou a oportunidade para bater na nuca de seu assistente.

— Conte comigo, seu saco de carne inútil.

Levaram vinte minutos até que estivessem satisfeitos com todo o dinheiro ali. Eles fecharam o zíper da bolsa, Byrne sorrindo educadamente para nós.

— Tenho o prazer de dizer que não temos dívidas pendentes entre nós, senhores. Agradeço pelos seus serviços.

Sam acenou com a cabeça, levantou-se e se virou. Eu segui o exemplo. Chegamos à porta. Em vez de abri-la, Sam girou a fechadura da porta, o clique suave sinalizando que não terminamos.

— Na verdade, — Brennan sibilou, — temos um assunto pendente para resolver.

Nós dois colocamos nossas luvas de couro.

— O que seria? — Byrne engoliu em seco.

Sam sorriu loucamente. — Seus ossos do caralho.



Uma hora depois, finalmente senti que estava fazendo valer meu dinheiro.



— Posso te contar um segredinho? — O cigarro aceso de Sam pendurado em seus lábios enquanto ele amarrava um Colin Byrne completamente surrado em sua própria cama, algemando-o aos trilhos, puxando com força. — Sempre tive um fraco por números. Não sei o que há com eles, Byrne, mas eles me acalmam. Eles fazem *sentido*. Meu filho da puta doador de esperma não era bom em nada além de números. Acho que peguei o jeito dele.

— Por favor, — Byrne estalou, os dentes batendo, o peito desabando. — Eu já te disse, eu não sabia que ela estava sob sua proteção. Eu não tinha ideia, cara...

— Pare de implorar, a menos que você queira que eu lhe dê um belo sorriso para lembrá-lo de como você estava alegre quando lhe fazia suas visitas semanais. — Sam jogou uma toalha sobre a cabeça de Byrne. O tecido pesado abafou seus apelos desesperados. — Agora, aqui está o que *este* entusiasta da matemática quer saber. Por que um agiota inflaria seus juroz em duzentos por cento quando o padrão do mercado é cinquenta? É possível que você tenha se aproveitado da adorável criatura que Paxton Veitch abandonou e decidiu prostituí-la, sabendo que ela poderia lhe dar um dinheiro rápido?

Antes que Byrne pudesse responder, Sam agarrou um balde de água e lentamente despejou o conteúdo no rosto, sufocando-o no afogamento.

Apoiando a parte superior do batente da porta com as duas mãos, observei Brennan manipular Byrne enquanto seu assistente, Kaminski, pendurava-se por seus braços em um gancho no teto onde o lustre estava. Kaminski parecia um porco esfolado com a cabeça coberta por um saco de estopa.

Sam largou o balde vazio, jogando a cinza do cigarro na barriga nua de Byrne. Ele tirou a toalha da cabeça de Byrne, que deu um gole de ar ganancioso.

— Veitch queria prostituir sua esposa sozinho antes de foder! — Byrne tossiu, tentando desesperadamente se soltar da grade da cama. — Ele queria sequestra-la e entregá-la a mim. Eu disse a ele para não se incomodar. Que eu não queria o FBI na minha cola. O tráfico humano te dá uma tonelada de pena de prisão. Até dei à cadela tempo extra para me pagar.

Sam fez uma *careta*, virando a cabeça em minha direção. — Você está pensando o que eu estou pensando?

— Estamos lidando com um santo padroeiro, — eu disse impassível, entrando na sala. Pedi a Sam para me permitir estar presente durante este trabalho, embora eu soubesse que não deveria acompanhá-lo em qualquer uma das outras tarefas que ele geralmente fazia para mim. Isso parecia pessoal. Não porque eu tivesse algum sentimento em relação à minha futura esposa, mas porque Kaminski e Byrne haviam desfigurado minha propriedade e, por isso, eles precisavam pagar.

Suor, sangue e lágrimas eram minha moeda preferida.

Pegando um atizador de fogo pendurado na lareira, levei a ponta para as chamas dançantes da lareira, aquecendo-o antes de balançá-lo na mão como um taco de golfe enquanto me aproximava de Kaminski.

— Eu simplesmente não posso deixar de pensar que, apesar de suas intenções devotas, você poderia ter feito sem bater na merda da pobre garota. — Sam jogou a toalha de volta no rosto de Byrne e esvaziou outro balde d'água sobre ela. Brennan estava definitivamente em seu elemento. Ele estava no negócio de infligir dor.

Kaminski choramingou com os sons na sala, pendurados no teto.

— Foi Kaminski! — Byrne gorgolejou através da toalha. — Ele fez isso! Eu disse a ele para ameaçá-la, talvez dar um tapa nela, mas não mais. Foi ele quem a machucou!

— Onde você a machucou, Kaminski? — Perguntei ao homem pendurado na minha frente, meus olhos nivelados com seu estômago. Ele se encolheu, percebendo o quão perto eu estava. Nenhum dos dois me delataria. Cruzar Sam Brennan era algo que poucas pessoas em Boston faziam, e aqueles que eram estúpidos para seguir esse caminho não viveram para contar a história. Mesmo se Byrne e seu assistente forte *movessem* suas



bocas para os federais, eu tinha metade dos juízes de Boston no meu bolso.

— Eu... eu...

— O olho dela? — Eu perguntei serenamente. — Porque sim. Eu me lembro da minha noiva com um olho roxo nojento.

Joguei o atizador em seu rosto, batendo acima de seu nariz. O metal quente chiou contra o tecido de serapilheira, derretendo-o em sua pele. Ele soltou um rosnado carnal, torcendo-se violentamente como um verme no anzol.

— Eu também me lembro de você acertar a bochecha dela. — Golpeei sua bochecha através do saco. — A sobrancelha dela.

Smack!

— As costelas.

Smack!

— Os joelhos dela também.

Smack! Smack! Smack!

Bati em Kaminski enquanto Sam afogava Byrne em sua própria cama. Dez minutos depois, quando os dois mafiosos grau F mal estavam conscientes, Sam jogou a toalha. Literalmente. No chão. Limpei a ponta do atizador nas calças de Kaminski e coloquei o graveto de volta no lugar.

— Guarde o dinheiro. — Sam apagou a guimba de cigarro que jogou no chão com a bota ao sair.

— E nunca mais se aproxime da minha futura esposa novamente. — Foi a minha vez de dirigir-me à sala. O ar estava fortemente perfumado com suor, sangue e violência. Eu puxei minhas luvas de couro enquanto olhava ao redor. — Se eu ouvir você respirar na direção dela, será um inferno a pagar. Na verdade, vou verificar se você mantém distância dela. Se eu encontrar você no código postal dela... — Eu parei.

Não precisei terminar a frase.

Eles sabiam.



Uma hora depois, estávamos em um pub irlandês local na mesma rua do apartamento de Colin Byrne.

“Red Right Hand” de Nick Cave e Bad Seeds ricocheteavam no painel. Sam flertou com as duas garçonetes peitudas, ajudando uma delas a preencher um documento fiscal.

Não pela primeira vez, ocorreu-me que Brennan estava definitivamente no espectro da sociopatia. Eu fui inteligente em



mantê-lo longe da minha irmã. Eu também reservei um lugar nessa escala, mas em algum lugar no meio.

Mas Persephone não era minha irmã. Eu não tinha nenhuma obrigação de salvá-la de mim mesmo.

De qualquer forma, meu plano era evitá-la a todo custo assim que estivesse grávida. Mais cedo, se eu pudesse evitar. Ela não tinha espaço no meu dia-a-dia.

Machucar os homens que a machucaram me deixou estranhamente satisfeito. Peculiar, ver que ficar excitado com a violência era mais coisa de Sam.

— O que está rastejando na sua bunda? — Sam me olhou por cima da borda de sua cerveja Guinness, poético como sempre.

— Só pensando. — Eu me esparramei na velha cabine de madeira, examinando a multidão de jovens profissionais e trabalhadores de colarinho azul.

— Meu passatempo menos favorito. — Sam espalmou um punhado de ervilhas wasabi salgadas, jogando-as na boca. — A respeito?

— Casamento.

— Mais especificamente?

— A necessidade inconveniente disso. O que *you* está esperando?

Sam bateu com o maço de Marlboro vermelho na mesa. Um cigarro deslizou obedientemente. Ele ergueu o maço e prendeu o cigarro com os dentes.

— Nada. — Ele se iluminou. Sam era famoso por quebrar as regras do conselho municipal. Fumar em restaurantes estava entre as coisas menos ofensivas que ele fez. — Não tenho planos de me casar. É uma decisão surpreendentemente fácil de tomar quando você não tem o dever de continuar uma linhagem e seus pais biológicos são um idiota traidor que merecia morrer e uma prostituta que o deixou na porta do ex-namorado quando você tinha idade suficiente para saber o que significava ser abandonado.

— Quem vai herdar tudo o que você possui? — Eu perguntei. Sam Brennan estava rolando nisso. Eu não sabia exatamente o *quão* rico ele era. Ele provavelmente não declarava mais do que quinze por cento de sua renda ao governo, mas acho que ele estava no clube dos dois dígitos de milhões.

Sam encolheu os ombros. — Sailor. Seus filhos, talvez. Dinheiro não significa nada para mim.

Eu acreditei nele.



— Mas você cresceu com Troy e Sparrow Brennan, — eu pressionei, sabendo que nada ia sair dessa conversa. O homem era mais astuto do que um zoológico. — O casal de ouro de Boston.

— Han Solo e Leia Organa com esteroides. — Sam tomou um gole de sua Guinness, sorrindo amargamente. — Mas isso significa merda. Não tenho DNA de Sparrow nem de Troy. Sou órfão. Um engano elaborado nascido da vingança. Não tenho planos de reproduzir. Além disso, de que adiantaria ter um filho, sabendo que eu poderia ficar preso pelo resto da vida qualquer dia?

Ele tinha razão.

— Agora — ele inclinou sua cerveja em minha direção — de volta aos negócios. Byrne e seu fantoche estão fora de cena para sempre. A próxima etapa é encontrar Veitch. Ver onde ele está se escondendo. O que ele está fazendo. Colocá-lo na coleira. Talvez trazê-lo de volta e jogá-lo nas garras de Byrne. Matar dois coelhos com uma cajadada só.

— Deixe-o. — Eu acenei para ele. — Byrne está pago. Kaminski ficará em uma cadeira de rodas pelo resto da vida. Veitch provavelmente está morto. Está feito.

— Morto? Acho que não. Aposto que Veitch está vivo, e assim que souber que sua esposa foi amarrada a um bilionário, ele estará de volta, fazendo exigências.



— Não é possível, — eu insisti. — A certidão de divórcio deve chegar amanhã de manhã. Ele não teria direito a um centavo. Não preciso saber onde Veitch está, ou o que ele está fazendo.

— Ele pode contatar Persephone e brincar com as cordas de seu coração. Ele é o marido dela.

— *Era.*

— Ela o escolheu.

— Ela escolheu *errado*, — retruquei.

— Se alguém está inclinado a ter misericórdia do idiota que a abandonou, é sua futura esposa, — Sam avisou.

Eu estalei meus dedos por baixo da mesa. — Precisamente. Melhor engravidá-la antes que ela fuja com o ex.

Eu não queria uma noiva fugitiva. Eu não confiava em Persephone para não correr em câmera lenta para os braços de seu ex-marido e quebrar nosso contrato assim que o arrastasse de volta do buraco onde ele estava se escondendo. Além disso, quanto mais tempo passava sem ele saber sobre mim, mais chance eu tinha de derrubar Persephone sem suas interrupções.

Sam me examinou friamente.

— É um trabalho inacabado, — advertiu. — Eu não faço isso, Fitzpatrick.



— Você fará tudo o que eu disser para fazer pelo seu salário, *Brennan*. — Peguei meu uísque, jogando-o para trás e batendo o copo na mesa. — E estou lhe dizendo para esquecer que Paxton Veitch existiu.

Nove



Cillian

— A mídia está em toda essa merda como uma prostituta em um senador. — Hunter tomou um gole de seu café, soprando um beijo de chef. Ele se sentou na minha frente no meu escritório.

— Não posso culpá-los. A noiva parece a própria realeza. Uma Cinderela moderna. — Devon folheou o comunicado de imprensa que estava lendo em seu iPad, empoleirado ao lado do meu irmão.

Peguei o iPad da mão dele, dando uma olhada. Eu não sabia como essa garota Diana do RP tinha colocado as mãos nesta foto de Persephone – vestida com um vestido azul claro, seu cabelo dourado caindo em cascata até sua cintura estreita, seus lábios rosados franzidos com um sorriso fraco – mas ela parecia um inferno de bônus de Natal.

Royal Pipelines fez um bom trabalho ao anunciar minhas núpcias com a namorada de Boston: uma professora da pré-

escola, uma frequentadora da igreja e uma mulher de boa fé, pedigree e moral.

— Persy é mais quente do que uma Carolina Reaper. — Hunter bateu nos lábios, monitorando minha reação à criatura divina com quem eu estava prestes a me casar. — Você se saiu bem.

— Ela se saiu melhor. — Devolvi o iPad a Devon. — A beleza dela vai desaparecer. Meu status na Forbes não.

Persephone tinha me enviado mensagens de texto sem parar nas últimas duas semanas desde que demos a notícia aos nossos amigos e família. Aparentemente, não foi suficiente despejar um orçamento mais do que adequado para alimentar um estado de médio porte em suas mãos e pedir-lhe que planejasse o casamento. Ela queria *falar* sobre coisas.

Que local eu preferia.

Quais flores eu gostava.

Se eu tinha alguma recomendação para uma empresa de catering respeitável.

Não tive coragem de dizer a ela que não me importava se nos casássemos na prefeitura, em uma igreja ou em uma vala. Que, na verdade, eu não tinha coração *algum*. Então optei por ignorar todas as suas mensagens. A estratégia funcionou bem. Eu pretendia totalmente adotá-la depois do nosso casamento.

— Ainda não posso acreditar que ela concordou em se casar com você. Se eu não a visse dizendo que ela aceitou sua oferta com meus próprios olhos, acharia que você a raptou. — Hunter esfregou os nós dos dedos nas maçãs do rosto. Ele e sua esposa lidaram com a notícia como se tivéssemos acabado de dizer que um de nós estava morrendo. Meus pais, entretanto, quase mijaram nas calças. Eu gostaria que fosse uma figura de linguagem.

Minha mãe começou a chorar e *Athair* me presenteou com uma gaveta inteira de relógios antigos.

Eu estava de volta a ser *mo òrga*.

Dourado, descarado e astuto. Sempre seis passos à frente do jogo.

Meu pai foi especificado e minha posição de CEO foi salva. Pelo menos nessa frente. O inferno sabia o que Arrowsmith tinha reservado para mim.

— Eu não dou a mínima para o que a fez dizer sim. Tudo que me importo é que ela fez. Precisávamos dessa vitória. Especialmente com Andrew Arrowsmith de volta à cidade. — Devon colocou seu iPad de volta em sua capa de couro, olhando para mim com curiosidade.

Eu curvei uma sobrancelha.

Não disse a Devon que Andrew estava de volta. Não queria que ninguém cometesse o erro de pensar que eu me importava. Além disso, paguei às pessoas o suficiente para acompanhar o que estava acontecendo ao meu redor.

— Ele é o novo CEO da Green Living, — Devon me informou. Quando percebeu que eu não estava surpreso, ele franziu a testa. — Besteira. Mas você já sabia disso. Quando você ia me contar?

— Eu não ia. É seu trabalho manter-se informado. Não sou sua secretária.

— Poderia ter me enganado. Você ficaria deslumbrante com uma saia lápis. — Hunter estalou o queixo em um movimento mordaz, não contribuindo com absolutamente nada para a conversa, como de costume.

— Andrew passou a manhã pulando de um programa matinal para o outro, — observou Devon. — Ele está aprontando alguma coisa.

— Sem dúvida, — eu concordei.

— Sam está no caso? — Hunter perguntou. Meu irmão caçula não tinha ideia de quem era Arrowsmith ou que história compartilhamos. Mas como todos os Fitzpatricks, ele podia sentir o cheiro de problemas a quilômetros de distância e tinha o instinto assassino nato de esmagá-los.

— Ainda não. — Eu olhei para o meu relógio. — Eu quero que ele dê o primeiro movimento. Ver o que ele tem antes que eu o destrua.

Minha assistente bateu à porta. Ela entrou cautelosamente, vestindo um blazer rosa choque sobre o que parecia ser um sutiã, seu cabelo platinado alcançando as panturrilhas.

— Senhor Fitzpatrick?

— Senhorita Brandt. É o Halloween?

Ela inclinou a cabeça em confusão. — Não.

— Então não se vista assim. O que você quer? — Eu entrelacei meus dedos.

Ela corou, limpando a garganta. Tive que admitir que Persephone tinha razão. Casey parecia uma secretária corporativa como eu parecia um desistente do One Direction.

— Desculpe interromper, é que você não respondeu meus últimos seis e-mails sobre o noivado e as alianças de casamento.

As alianças.

Tinha que escolher os anéis de casamento e de noivado. Naturalmente, eu tinha que lidar com questões mais urgentes, como Andrew Arrowsmith e encontrar uma nova piscina sem borda para minha propriedade em Palm Spring.

Lancei um olhar furioso em meu irmão.

— De que tipo de diamantes ela gosta?

— Como diabos eu vou saber? — Hunter riu. — Eu saio com a garota. Não escolho meias-calças e brincos com ela na Bloomingdale's.

— Pergunte à sua esposa.

— Pergunte à sua noiva, — ele rebateu, chutando minha canela sob a mesa.

— Isso exigiria que eu falasse com ela. — Pressionei meu pé sobre o dele, aplicando força suficiente para ouvir seus dedos estalarem. — Não tenho nenhum desejo de fazer isso.

Hunter me olhou como se eu fosse clinicamente insano.

— Como vou responder a algo assim? — Ele se virou para Devon, acenando com a mão em minha direção. — Eu não posso acreditar que ele está se casando com a melhor amiga da minha esposa. O que vai acontecer se eu tiver que matá-lo? Representar-me será um conflito de interesses para você?

— Sim, — disse Devon simplesmente, alisando a gravata. — Apesar de tudo, eu não pratico direito penal. Não gosto de sujar as mãos. Posso fazer uma sugestão?

— Não, — eu disse, ao mesmo tempo em que Hunter gritava: — Pelo amor de Deus, por favor, faça isso.

— Vá com a opção mais cara, — Devon instruiu. — A resposta para todas as perguntas sobre o gosto feminino por joias é escolher a opção cara. Funciona como um encanto todo Natal. — Ele estalou os dedos.

— Não com Persephone. — Hunter balançou a cabeça. — Ela é exigente e particular. Ambas as irmãs Penrose têm personalidades fortes. É por isso que elas se dão bem com minha esposa.

Ele disse isso como se fosse uma coisa *boa*. Cristo.

Casey estava mudando seu peso de um salto agulha impossível para o outro, olhando entre nós três, esperando por uma resposta.

Decidindo que havíamos passado tempo suficiente ponderando o assunto, fechei o acordo.

— Pegue todos eles.

— Desculpe senhor?

— Os anéis que o joalheiro enviou. Pegue todos eles para ela. Ela pode escolher, alternar, presentear algumas amigas irritantes, doar para instituições de caridade, limpar a bunda com eles. Eu não me importo.

— Você quer dizer comprar para ela todos os oito anéis que o joalheiro trouxe de Mumbai durante a noite? — Ela piscou,



olhando para mim como se eu crescesse uma cabeça extra e tentasse cobri-la com uma fruteira decorativa. — Eles custam meio milhão cada.

— E...? — Enrosquei os dedos nas órbitas dos olhos. Povoar era muito mais cansativo do que correr uma maratona.

— E nada. Será feito, senhor.

Com a Stripper Barbie fora do caminho, voltei-me para meu irmão e advogado, pronto para continuar nossa conversa sobre Arrowsmith. Ambos olharam para mim com um olhar não muito diferente do que eu vi no rosto da Srta. Brandt.

— E agora? — Eu lati.

— Você poderia simplesmente ter escolhido qualquer anel,
— Devon murmurou. — No entanto, você escolheu *todos* eles.

Tudo e nada eram as mesmas coisas. Essencialmente, *ainda* não fiz uma escolha.

— Onde você quer chegar? — Eu exigi.

— O que ele quer dizer — Hunter sorriu, pegando seu café da minha mesa e se levantando — é que você, meu querido irmão, está prestes a levar um soco bem na cara. Envolve aquele seu coração negro porque a merda está prestes a ficar real, e eu vou me sentar na primeira fila quando você finalmente perceber que não é o bastardo sem alma que pensa que é.



— Salve-me um lugar próximo a você. — Devon deu um soco no meu irmão.

Eu chutei os dois para fora.

Idiotas.

Dez



Persephone

Depois de um mês após ter sido ignorada pelo noivo cada vez que eu liguei e mandei uma mensagem para ele, eu apareci para o meu casamento enfiada em uma limusine preta com Belle e Sailor a reboque.

Foi um dia surpreendentemente ensolarado. Especialmente considerando que o inverno se transformou em primavera, e a chuva persistente se recusou a ceder no que os meteorologistas locais descreveram como o inverno mais longo e sombrio de Boston até hoje.

Já que era eu quem fazia todo o planejamento, certifiquei-me de que o casamento fosse feito sob medida para a minha personalidade e preferências.

Apesar de Aisling ter me dito que Cillian odiava frutas em sua sobremesa, o bolo era de chiffon de seis camadas coberto com chocolate branco e decorado com romã. O local era St.



Luke's, a igreja protestante que frequentei desde que nasci, embora soubesse que Cillian foi criado como católico irlandês.

Eu usava uma capa, vestido em tons de pérola e tinha spray de cabelo suficiente para fazer uma marca na camada de ozônio. Eu me senti ridiculamente inflamável e me dei um memorando mental para não me aproximar de fumantes e velas.

Com a clara intenção de sinalizar a meu futuro marido que eu não deveria ser domesticada, escolhi flores silvestres para meu buquê.

Decidi ter apenas um serviço religioso. Nenhuma festa. Não é grande coisa. Meus sentimentos por Kill eram tão fortes como sempre, mas eu não faria todo o trabalho por ele. Se ele queria um casamento bem-sucedido – o que eu duvidava – ele teria que se esforçar também.

Uma parte de mim duvidava que Cillian sequer apareceria no casamento. Afinal, ele voltou a ignorar minha existência rapidamente depois que aceitei sua oferta. Se não fosse por Devon, ou os corretores de imóveis, banqueiros, joalheiros e compradores pessoais que ele enviou em minha direção, bajulando-me, eu pensaria que ele teria ficado com medo.

Deveria saber melhor.

Cillian Fitzpatrick nunca teve medo.

Era tudo o mais sobre ele ser feito de gelo.

Sentei-me na limusine em frente à igreja. Mamãe e papai vieram do subúrbio. Eles estavam desorientados com meu casamento forçado, mas felizes, no entanto. Eles sabiam como eu havia ficado magoada por causa de Paxton e concluíram que decidi me casar com o irmão mais velho de minha amiga, Aisling, porque sempre tivemos essa conexão incrível e estimulante.

Essa foi a história que contei a eles, de qualquer maneira, e essa foi a versão que eles escolheram aceitar. Papai, que acabara de se recuperar de uma cirurgia no joelho, não conseguiu me levar até o altar.

Achei que era um presságio mais do que uma coincidência. Eu pedi a Hunter para fazer a honra de me entregar (“Pessoalmente, eu prefiro entregar você para Vlad, o Empalador, mas temo por minha vida para negar Kill qualquer coisa”).

— TOC TOC. — A fina voz de sinos de igreja de Ash soou no ar. Ela abriu a porta da limusine e entrou, usando um vestido de dama de honra vermelho-sangue.

— Ei. — Reuni um sorriso, percebendo que estava segurando a mão de Belle na minha com um pouco mais de força. Soltei antes que a mão da minha irmã precisasse amputar devido à gangrena.

Ash me entregou uma coroa de flores silvestres.

— Um amuleto de boa sorte para a noiva. Uma tradição Fitzpatrick.

— Isso é de Kill? — Minhas sobrancelhas se ergueram. Pensei nas flores venenosas que ele arrancou do meu cabelo anos atrás. Ash balançou a cabeça, tornando-se um tom marrom que combinava bem com seu vestido.

— Foi mal. Eu deveria ter esclarecido. *Eu* fiz isso para você. É um costume irlandês que a noiva trance a coroa em seu cabelo sozinha. Traz boa sorte para o casamento.

— Meu cabelo está mais duro do que uma pedra agora, — eu apontei.

— Essa vadia está falando sério? — Belle arrancou a tiara florida das mãos de Aisling. — Irmã, você precisa de toda a sorte que puder obter. Você vai colocar essa coisa nem que seja a última coisa que você faça. E enquanto você está nisso, aqui. — Belle largou a tiara no meu colo, remexendo em sua bolsa. Ela encontrou um frasco de comprimidos laranja, pegou um e enfiou-o na minha boca.

— O que é isso? — Murmurei em torno do tablete.

— Um pouco estimulante.

Eu engoli, entrelaçando mechas de meu cabelo na coroa de flores enquanto Belle colocava uma taça de champanhe em meus lábios.

— A igreja está lotada. Todos os bancos estão cheios até a borda. — Aisling se acomodou no banco de trás enquanto esperávamos que a coordenadora do evento nos chamasse. — Sam trancou as portas da igreja em Kill, outra tradição irlandesa para garantir que o noivo não fuja, e Hunter colocou uma moeda de seis pence nos sapatos. Kill *não estava* feliz.

— Quando ele está? — Sailor foi atrevida, fazendo as três caírem na gargalhada.

Olhei pela janela para o céu. Havia apenas uma nuvem solitária.

Tia Tilda.

Eu sorri. Minha falecida tia trabalhava de maneiras misteriosas, mas ela não poderia deixar de vir aqui hoje.

— Não acredito que vou me casar de novo, — sussurrei para ela mais do que para qualquer outra pessoa.

— Não é tarde demais para mudar de ideia, — Sailor me lembrou. — Mesmo. Pergunte a qualquer filme de Julia Roberts que exista.

— Pare com isso, — Belle avisou nossa amiga ruiva. — Vamos dar ao idiota o benefício da dúvida, pelo menos por hoje.

— Você está certa. — Sailor esfregou o nariz. — Desculpe, Pers.

A coordenadora do evento empurrou a cabeça pela nossa janela aberta.

— Estamos prontos. Meu Deus, você parece uma estrela de cinema, Persephone. Hunter está esperando por você nas portas da igreja. Ele é a pessoa que entregará você, correto?

— Na verdade, — Belle saltou, enlaçando seu braço no meu, — *todas* nós vamos entregá-la.

— Relutantemente. — Sailor riu.

E assim eu caminhei pelo corredor com um rebanho de meus amigos e familiares, sentindo-me amada, querida e protegida.

Só não pelo homem com quem me casaria.



Depois de semanas sem vê-lo, sua presença me atingiu como uma bola de demolição.

Tudo sobre Cillian em um smoking completo na frente de um ministro me lembrava porque eu era pateticamente obcecada por ele antes de Paxton.

Por que desistir dele foi a coisa mais difícil que tive de fazer.

Ele era alto, moreno e autoritário, gotejando poder indomado e magnetismo que o dinheiro não podia comprar. Ele olhou diretamente para mim enquanto eu caminhava pelo corredor, segurando meu buquê com força. Uma banda ao vivo começou a tocar “Arrival of the Queen of Sheba” de Handel. Os convidados se levantaram, sussurrando e murmurando. Aisling estava certa. Havia centenas de pessoas neste lugar, e a maioria delas, eu não conhecia.

Foi então que me dei conta.

Cillian não ignorou o casamento.

Ele simplesmente *me* ignorou.

Ele enviou convites promovendo a ideia de ser um homem de família.

O bastardo até escolheu uma música para eu caminhar até a capela.

Em outras palavras, ele estava envolvido em todas as partes que importavam para ele, e eu não era uma delas.

Meu coração martelou e minha boca secou em torno do cheiro forte de champanhe.

Meus olhos se voltaram para os seus pintados de ouro. Ele parecia calmo, sereno, totalmente afetado.



— *Ele disse que não tem nenhum sentimento? Ele se orgulha disso.*

A voz de Sailor voltou à minha memória.

Ele fez. Várias vezes.

Ainda assim, eu queria bater nele com meu buquê e gritar para ele sentir algo enquanto jurava sua aliança para mim.

Parei na frente dele, certa de que a marca do meu coração podia ser vista através do meu vestido toda vez que batia contra minha caixa torácica.

O Ministro Smith iniciou a cerimônia. Meus olhos caíram para os lábios de Kill, que estavam franzidos em leve desagrado.

Esses lábios encontrariam os meus em alguns momentos pela primeira vez.

Um sonho tornado realidade para Persy, de dezoito anos.

Uma farsa para mim aos vinte e seis anos.

O Ministro Smith terminou sua parte, então fez uma pausa, limpando a garganta.

— Antes de prosseguirmos, o noivo tem algumas palavras que deseja dizer.

Ele tem?

Nunca tive vontade de vomitar mais do que no momento em que Kill Fitzpatrick olhou para mim com um sorriso fácil, tirando uma fita branca do bolso da camisa.

— O amor é uma emoção inconstante, Persephone, minha querida. Fortuito, não confiável e sujeito a mudanças. As pessoas se apaixonam e desapaixonam na queda de um chapéu. Eles se divorciam. Eles trapaceiam. Eles são enganados *sobre*.

Meus olhos saltaram das órbitas. Meu futuro marido sabia que estava em uma *igreja*? Eu meio que esperava que ele explodisse em chamas na frente dos meus olhos, girando em fumaça escura, descendo direto para o inferno, onde ele pertencia.

Kill começou a prender a fita em nossas mãos direitas com uma experiência confiante.

— A questão é que você não pode confiar no amor. É por isso que pretendo oferecer a você algo muito mais consistente. Compromisso, amizade e lealdade. Eu prometo dar a você minha proteção, não importa o preço. — Ele começou a amarrar nossas mãos esquerdas com a mesma fita, prendendo-nos um ao outro com força. Suas palavras soaram genuínas, mas reticentes. Seco, mas de alguma forma real. — Eu nunca vou virar as costas para nós. Nós nos apaixonaremos e desapaixonaremos muitas vezes, mas prometo encontrar o caminho de volta para você. Para nos recompor, mesmo quando a tentação de terminar for demais. E

quando o amor estiver distante... — Ele pressionou sua testa na minha, seus lábios se movendo sobre os meus. — Vou trazê-lo de volta à nossa porta.

Nossas mãos estavam firmemente amarradas. Olhamos um para o outro.

Muito perto.

Muito íntimo.

Muito exposto.

Nossos convidados ficaram olhando, de olhos arregalados, em choque e admiração. Minha boca estava aberta, uma mistura de fascínio, surpresa e o mais perigoso de tudo - pura felicidade rodou em meu peito.

— Isso é lindo. — O reverendo soltou um suspiro. Nós dissemos nossos votos. Eu não vomitei, apesar de querer, muito. — Eu os declaro marido e mulher. Agora pode beijar a noiva. Deus sabe que você quer. — Ele riu, fazendo com que todos na igreja explodissem em gargalhadas.

Cillian me puxou usando nossas mãos enfaixadas, puxando-me em seu corpo firme. Ele mergulhou com olhos que mudaram de ouro rico e calmo para lava derretida. Minha respiração ficou presa no fundo da minha garganta quando ele esmagou seus lábios nos meus com um calor devastador, trazendo nossas mãos em seu peito e entrelaçando nossos dedos.

Seus lábios eram possessivos, exigentes; sua fragrância quase familiar de cedro seco e madeira raspada fez meus joelhos fraquejarem.

— Beije-me de volta, — ele rosnou.

Ele puxou nossos pulsos amarrados, me colocando de pé novamente. Deslizei molemente sobre seu corpo, muito atordoada para funcionar. Kill aprofundou nosso beijo, devorando-me, abrindo sua boca e conectando sua língua com a minha. Era deliberadamente áspero, quente, sexy e *novo*. Eu nunca tinha sido beijada desse jeito antes. As palmas, assobios e gritos afogados sob o desejo incandescente que tomou conta de mim. Esqueci onde estávamos e o que estávamos fazendo. Tudo que me importava era a pressão exigente de sua boca deliciosa e a forma como nossos corações se revoltavam em uníssono, batendo descontroladamente um contra o outro.

Senti seu sorriso em meus lábios enquanto ele se retirava lentamente. Calculadamente. Pisquei, ainda drogada pelo beijo inesperado que gritava coisas que não ousei sussurrar. Mas quando olhei para cima, ele era o mesmo monstro frio e imparcial.

Gelado, com cara de pôquer e completamente fora de alcance.

Eu olhei insegura para os bancos.

Toda a última fileira estava cheia de fotógrafos, jornalistas e cinegrafistas, registrando o momento terno que compartilhamos.

O discurso.

O aperto de mão.

Esse *beijo*.

Eles não eram para mim. Eles eram para *eles*. Mentiras, cuidadosamente elaboradas para se encaixar na nova narrativa de Kill Fitzpatrick: um marido amoroso. Um homem mudado. Um vilão reformado.

Tropecei para trás, torcendo meus pulsos em torno do nó apertado, tentando escapar dele.

— Ora, ora, — ele sussurrou sob sua respiração. — Você não conseguiu o conto de fadas, Flower Girl, então pode muito bem vendê-lo para outras pessoas. Sorria muito.

— Você não é meu Príncipe Encantado, — eu deixei escapar, meus pensamentos voltando para a conversa que eu tive com minha irmã em seu carro na noite em que contei a ela sobre meu noivado. — Você é O Vilão.

— O medo é meu maior patrimônio. — Ele inclinou a cabeça para baixo, fingindo acariciar minha garganta, seu barítono

rouco e baixo reverberando dentro de mim. — Mas o que são vilões, minha querida esposa, senão heróis incompreendidos?



Embora eu tenha decidido não dar uma festa, houve um grande jantar oferecido no Avebury Court Manor em homenagem ao meu casamento falso.

Eu tinha encontrado Jane e Gerald Fitzpatrick inúmeras vezes antes. Estive em sua mansão praticamente todas as semanas para minhas noites de programas com as meninas. Mas, com exceção do jantar em que demos a notícia, esta foi a primeira vez que estive ali como noiva do filho mais velho e não a tímida e educada amiga da filha.

Eu poderia dizer pelos sorrisos corteses e constrangimento que eles sabiam que não era um casamento por amor. Jane olhou para mim quase como se desculpando, enquanto Gerald ficava me verificando como se tivesse certeza de que eu fugiria de sua casa assim que desviassem o olhar.

Meus próprios pais estavam deslumbrados com o luxo em que os Fitzpatrick viviam. Papai babava na garagem para quinze carros e eu tinha certeza de que mamãe estava prestes a fazer



amor com os ladrilhos da cozinha. Ambos ficaram impressionados com o jardim de borboletas que Gerald havia criado para sua esposa, provavelmente para lembrá-la de que ela estava presa neste casamento para sempre.

A conversa entre as famílias foi afetada. Gerald, meu pai e Cillian falaram mais, preenchendo o silêncio desconfortável com tópicos seguros, como Boston Celtics, comida de rua e atletas lendários do passado. Empurrei minha comida em meu prato, ocasionalmente respondendo a uma pergunta dirigida em minha direção.

Ser ignorada por Cillian enquanto ele não era meu foi devastador.

Mas ser ignorada por ele quando eu era sua esposa seria devastador.

Nas últimas semanas, fui mimada inacreditavelmente. Um estilista chegou ao meu apartamento com três conjuntos de guarda-roupas. Eu recebi um número desagradável de anéis de noivado, estava me mudando para um apartamento novo e tive meus problemas de Paxton e de dívidas resolvidos. Mas nada – além de ter Byrne e Kaminski longe de mim – valia o sacrifício da minha liberdade por alguém que não me queria de verdade. Queria apenas meu útero e minha capacidade de criar seus filhos.

Quando o jantar acabou e nós nos beijamos e nos despedimos de todos, Cillian me conduziu pelas costas até seu Aston Martin, abrindo a porta para mim enquanto todos estavam parados na porta, acenando adeus. Ele era a imagem de um cavalheiro perfeito.

Durante a viagem, fiquei em silêncio. Eu não tinha certeza do que me irritava mais – o fato de que ele agia como se se importasse na frente das câmeras e de nossas famílias, ou que eu era estúpida o suficiente para acreditar.

Provavelmente o último.

— O casamento correu bem, — observou Kill, com os olhos na estrada enquanto o veículo derrapava pelos bairros pastoris de Back Bay. A geada da noite mordeu minha pele; o tempo ensolarado da manhã foi substituído por escuridão.

Um arrepio percorreu minha espinha. Ele era meu Hades, e eu vim a ele de boa vontade.

— Estou feliz que você pense assim. — Olhei pela janela com os braços cruzados sobre o peito. Procurei uma nuvem no céu, desesperada para ver tia Tilda novamente, mas tudo o que vi foi um cobertor consistente de veludo preto.

— O condomínio está bom para você?

— Esta noite será minha primeira lá, — eu respondi secamente. — Tenho certeza que vou adorar.



Por que não? Estava no prédio mais exclusivo de Boston. Com comodidades de hotel cinco estrelas, cozinha de chef, eletrodomésticos Subzero, piso aquecido e móveis importados da Itália.

E... eu não poderia me importar menos.

Sobre nada disso.

Se qualquer coisa, eu estava chateada por não poder ficar na casa de Belle, onde, pelo menos, eu teria seu corpo aquecido contra o meu todas as manhãs quando ela se arrastasse para a cama. Onde eu tinha uma conversa e momentos felizes e fins de semana fazendo comida na minúscula cozinha com uma taça de vinho.

Odiava tudo nessa conversa com meu marido.

A polidez clínica.

A falta de intimidade.

Como eu agora sabia como eram seus lábios.

— Por que você pediu à orquestra para tocar 'The Arrival of the Queen of Sheba?' Por que não 'Bridal Chorus?' — Eu soltei.

— Eu não gosto de Wagner.

— Por que ele é amado? — Provoquei.

— Não, porque ele era um nazista, — ele respondeu francamente.

Eu lancei a ele um olhar de soslaio, surpresa.

— Interessante.

— Não particularmente. Você pode querer ampliar seu conjunto de interesses.

Virando-me totalmente em direção a ele, eu sorri.

— Então você não consome produtos que estão vagamente ligados ao racismo. Por essa lógica, você não dirige um Ford, usa Hugo Boss ou produtos Kodak.

— Eu dirijo um Aston Martin, visto Kiton e Brioni, e não uso Kodak.

— Cuidado, hubs²⁸, ou vou suspeitar que você tem uma alma.

— Ninguém tem alma. O que eu tenho são algumas células cerebrais funcionando e princípios soltos.

— Ninguém tem alma? — Eu ecoei, pasma. — Eu sei que você não acredita em sentimentos, ou em Deus, mas você também não acredita em *almas*?

²⁸ Hubs, abreviação para Husband (marido).



— Você? — Ele fez uma curva suave em nosso bairro. Morávamos a apenas alguns quarteirões um do outro.

— Claro, — eu disse, incrédula.

— Onde está então? — Seus olhos âmbar ainda estavam na estrada. — Sua alma. Anatomicamente.

— Só porque você não pode ver algo não significa que não existe. Tome ar, por exemplo. Ou inteligência. Ou *Amor*.

— O fato de você enfiar a palavra com A em todas as conversas diz muito sobre você, sabe.

— Não há fatos, Cillian, meu querido. Apenas interpretações.

Foi a vez dele me lançar um olhar incrédulo.

— Nietzsche.

— Eu me casei com um niilista. — Corri a mão sobre o cetim macio do meu vestido. Passei as últimas semanas lendo tudo o que Nietzsche e Heidegger, como se minha vida dependesse disso. — O mínimo que eu poderia fazer antes de dizer que faria era dar uma volta por sua mente. Entender sua bússola moral.

— Eu não tenho moral. Esse é o ponto de ser um niilista.

Você boicota empresas e pessoas porque, há muito tempo, elas defendiam algo de que você discordava fortemente. Você não é nada além de moral.

Claro, apontar isso só nos faria discutir mais. Era melhor fazê-lo descobrir por si mesmo que ele não era o idiota que acreditava ser.

Ele virou na minha rua e estacionou na frente do meu prédio. Um porteiro estava parado na entrada. Coloquei minha mão na maçaneta da porta, respirando fundo antes de empurrá-la aberta.

— *Persephone.*

Eu virei minha cabeça, meus olhos fixos em seu rosto.

— Ainda não discutimos a parte da concepção.

— Não há nada para discutir. Você pode começar a atender minhas ligações. Melhor ainda... *me* ligue quando estiver pronto para começar a tentar. Podemos pegar a estrada correndo e engravidar no verão.

Queria filhos de todo o coração. Sempre fui a menina que enfiava as bonecas em carrinhos de plástico enquanto a irmã subia nas árvores e andava de skate com os meninos.



Tudo que eu sempre quis foi uma família minha. Bebês e pijamas xadrez combinando e árvores de Natal elaboradas com enfeites feitos à mão.

— Quais são minhas chances de convencê-la a seguir o caminho da fertilização in vitro? — Kill perguntou, profissional.

— Inexistente, — eu disse categoricamente. — Nós temos um acordo.

— Bem. Vou mandar alguém enviar testes de ovulação. Ligue-me quando estiver pronta.

— Isso é um não meu.

— Com licença? — Ele virou a cabeça em minha direção. Finalmente consegui irritá-lo? Provavelmente não, mas pelo menos ele não parecia seu jeito frio e morto por um momento.

— Eu não quero fazer testes. Eu gosto do elemento surpresa. — Encolhi os ombros, provocando-o deliberadamente.

— Faz sentido fazer sexo se você não está ovulando? — Em sua defesa, ele tentou. Tentou agarrar-se ao resto de sua calma com tudo que tinha. Mas eu pretendia quebrá-lo.

— Faz, — eu respondi alegremente.

— Compartilhe.

— Eu vou ter um orgasmo.

Pela primeira vez na minha vida, eu vi o Cillian Fitzpatrick corando. Eu poderia jurar. Mesmo na penumbra lançada pelos postes de luz, notei seu rosto assumindo uma tonalidade que eu nunca tinha visto antes. Sua boca pressionada em uma linha dura.

— Favores sexuais não faziam parte da nossa negociação.

— Processe-me. — Abri a porta do passageiro, mas ainda não saí. — Olha, se você não quer me tocar tanto, não se incomode. Você não *tem* que dormir comigo, Kill. Mas se você quer que eu lhe dê um bebê, esse é o caminho que você terá que seguir. E outra coisa. — Eu me virei para ele. Eu poderia dizer que ele ficou chocado com meu comportamento ousado. Ele estava contando com uma versão diluída de sua irmã. E até certo ponto, eu era exatamente essa pessoa – romântica, doce, sempre disposta a ajudar.

Mas eu sabia muito bem que com Kill, eu tinha que lutar se quisesse ganhar seu respeito, sua confiança e um lugar em sua vida.

Ele olhou para mim, estalando os dedos sob o volante.

— Você, meu querido marido, beija como um rottweiler faminto.

Sem resposta.

— Você realmente precisa trabalhar em sua proporção de língua para lábios. E você usa saliva demais.

Ele *continuou* olhando para mim, ridiculamente impassível.

Vamos lá. Sinta algo. Qualquer coisa. Raiva! Ira! Nojo! Estou insultando você.

— Acho que posso te ensinar. — Soltei um suspiro.

— Passe difícil.

— Mas você...

— Deixe isso, Persephone. Para me insultar, primeiro terei que valorizar sua opinião e, conforme estabelecido há cinco minutos, não valorizo *nada*.

— Pior para você.

— Nunca ouvi nenhuma reclamação.

— Claro que não! — Saí do carro dele, batendo a porta na cara dele. — Você não as paga para avaliar você. Boa noite, hubs.

Virando-me, eu me afastei, sentindo seus olhos em mim o tempo todo.

Entrei em minha nova gaiola dourada, sabendo muito bem que, apesar de toda a sua beleza dourada, ela ainda era, afinal, uma gaiola.

Inze



Cillian

As três semanas após o dia do meu casamento foram repletas de *quases*.

Eu *quase* chamando Persephone quando o desejo de ir para a Europa e satisfazer as minhas necessidades incendiaram meu sangue. Não foi nada menos do que um milagre eu ter conseguido cuidar dos negócios no meu chuveiro com uma mão apoiada nos ladrilhos de mosaico, esfregando como um adolescente enlouquecido.

Quase fui direto para o apartamento dela quando vi Sailor andando pelo meu escritório com sua barriguinha de bebê, trazendo o almoço para Hunter e finalmente parecendo uma futura mãe e não uma menina magricela de seis anos de idade que tinha uma porção extra de couve de Bruxelas.

Quase mandei uma mensagem para minha esposa quando vi uma foto sua de paparazzi em uma coluna de fofoca local que Devon tinha me enviado, na qual ela ia para uma aula de ioga



quente com sua irmã vestida em calças de ioga justas e um sutiã esportivo.

E *quase a* usei como prêmio de consolação esta manhã, quando cheguei ao escritório para encontrar um outdoor do tamanho de um maldito edifício – um que era direcionado para a janela do meu escritório – com meu rosto nele, sangue falso escorrendo do canto do minha boca.

***O VILÃO Nº 1 DO MUNDO OCIDENTAL ESTÁ AQUI PARA
MATAR OS URSOS POLARES***

E SEU PLANETA.

Maldito Andrew Arrowsmith.

Toda vez que eu estava prestes a fazer um movimento, eu me lembrava de como ela deliberadamente tentou me irritar na noite em que a deixei em seu novo apartamento.

Tudo em minha esposa era confuso, irritante e inconveniente. A pior parte é que, de alguma forma, a dócil criaturinha conseguiu me colocar em desvantagem.

Para engravidá-la, eu precisava vê-la.

O que eu não queria muito fazer.



A bola estava do meu lado e eu queria chutá-la para o outro lado do mundo, onde não teria que vê-la ou ouvi-la. Onde eu não teria que *prová-la*.

Eu estava lutando para lembrar o que me fez concordar em permanecer celibatário.

Fiquei ainda mais intrigado com o fato de ter mantido minha palavra.

Com uma viagem para minhas amantes firmemente fora da mesa, eu me afoguei no trabalho enquanto tentava pensar em lacunas de como engravidá-la sem tocá-la. Ela e eu tínhamos ideias muito diferentes sobre o que o sexo deveria implicar, e manchá-la com minhas mãos e mente sujas não era algo que eu estava disposto a entreter.

Meu telefone dançou na minha mesa do escritório.

— Devon. — Apertei o botão do alto-falante. — A que devo o descontentamento?

— Eu diria que você é um viado de classe mundial e coleciona inimigos ao redor do mundo como se fossem selos do Royal Mail.

— Irritei alguém, — concluí.

— Corrija.

— Você precisará especificar.

— Olhe pela janela.

— Já fiz. Não é minha melhor foto, mas apenas redirecionei três milhões para relações públicas e publicidade para comprar este local – e todos os outros na cidade – e substituí-lo no momento em que o aluguel de Andrew for concluído com anúncios positivos.

— O maldito outdoor não é nada. Seu velho amigo, Andrew Arrowsmith, fez um gesto mais grandioso para professar seu ódio por você. Olhe para *baixo*.

Caminhei até minha janela do chão ao teto. Houve uma demonstração do lado de fora do prédio da Royal Pipelines.

Não. Não é uma demonstração. Um caos completo, consistindo em centenas de ativistas agitando bandeiras do Green Living e segurando cartazes da *Greve pelo Clima* e gravuras gigantes de papelão do Ártico derretendo.

Alguns deles marcharam com impressões ampliadas de pinguins em cima de icebergs que derretem, ursos polares famintos com costelas saindo de sua pele e vários animais oceânicos mortos manchados de óleo.

Respirei fundo. Eu sabia que meu pulso permaneceria sob controle. Sempre foi assim.

— Como eu não sabia disso?

— É uma demonstração espontânea. Eles não esclareceram com a polícia. Vai se dispersar na próxima hora ou assim. Já fiz algumas ligações.

— E onde está Arrowsmith? — Eu cerrei fora.

— Prefeitura. — O clique suave dos sapatos inteligentes de Devon me disse que ele estava caminhando para algum lugar e rápido. — Ele está entrando com uma ação pública contra a Royal Pipelines por perfurar poços exploratórios no Ártico. Ele os quer encerrados.

— Estou muito preocupado? — Peguei meu laptop, preparando-me para descer para o quarto andar e rasgar minha equipe jurídica em uma nova por não sentir o cheiro de um raio de cem milhas.

— Consideravelmente. Você é o dono da terra, mas Andrew está sugerindo algumas emendas às leis internacionais, — admitiu Devon. — Qual é o seu plano de jogo?

— Faça-o perder as calças prolongando o julgamento até que a Green Living não possa mais pagar um pacote de alface, — eu disse logo de cara.

— Isso o atrasaria, não o deteria. — Devon parecia pensativo. — Estou a caminho. Encontre-me no quarto andar.



Saí do meu escritório, passando por uma Casey desesperada, que se debatia nos calcanhares, tentando me perseguir para descobrir o que eu queria para o almoço.

A cabeça de Andrew em uma bandeja.

— Kill? — Devon chamou na outra linha enquanto eu socava o elevador. — Arrowsmith fez uma boa jogada sangrenta. Podemos precisar negociar.

— Eu não negocio com terroristas.

Além disso, eu sabia que Andrew não dava a mínima para os ursos polares ou raposas da neve fofas. Se alguma coisa, ele deve ter sabido que a perfuração do Ártico não era tão suja e controversa quanto o fraturamento hidráulico, também conhecido como método de escolha da Royal Pipelines até que entrei em cena.

Ele estava atrás dos Fitzpatricks.

Eu, especificamente.

Infelizmente para ele, eu tinha duas regras:

1. *Nunca me esquivei de uma guerra boa e sangrenta.*
2. *Eu sempre ganhei.*



Depois de uma reunião urgente que sangrou até o final da tarde, peguei o elevador de volta ao andar da administração.

Devon e toda a minha equipe jurídica me aconselharam a esperar meu tempo, ficar em silêncio e, em seguida, divulgar uma declaração pública em algumas semanas, indicando que a Royal Pipelines encerraria sua exploração nas águas do Ártico devido a quantidades insuficientes de petróleo.

Em outras palavras, pediram que eu recuasse e agitasse a bandeira branca, alegando que ir para a guerra fazia meus joelhos parecerem inchados, e não porque eu estava com medo de perder para Andrew Arrowsmith.

Mal sabiam eles, eu *nunca* perdi.

Eu não estava com raiva ou sereno, mas definitivamente não estava com disposição para ceder. Só porque não me sentia, não significava que era imune a um temperamento ruim. Andrew estava tentando me ferrar, e eu não gostei da maneira como ele fez isso.

Passei pelo escritório de vidro de Hunter, parando quando percebi que ele tinha companhia.

Sailor se sentava em sua mesa, jogando a cabeça para trás e rindo. Emmabelle estava lá também, em saltos mais adequados para um show de drag e uma saia de couro vermelho. Ela provavelmente frequentava as mesmas lojas que a Srta. Brandt.

Em seguida, havia minha *esposa*.

Persephone usava um vestido de chiffon preto de grife com estrelas prateadas, balançando um novo par de botas Gucci enquanto se sentava na beirada da mesa de Hunter, chupando um pirulito.

Ela se movia como uma sereia saindo da água. Saudável, radiante e feliz. Pelo menos alguns quilos a mais do que no nosso casamento. O peso extra deu-lhe curvas e arcos que fariam o Papa salivar.

Minha esposa estava radiante, contente e linda.

E isso me fez querer *estrangulá-la*.

Ela estava vivendo a vida enquanto eu pagava a conta. Novo apartamento, novo guarda-roupa, produtos de limpeza e serviços de kit de refeição, além de uma equipe completa esperando que ela estalasse os dedos e dissesse o que fazer. Ela ainda não havia cumprido sua parte em nosso trato.

Fiz um negócio injusto e, se havia uma coisa que não era – era um péssimo homem de negócios.

Alisando a mão sobre meu colete, fui até o escritório de Hunter e abri a porta sem bater.

— Ei, mano. — Hunter ergueu os olhos de algo que mostrou às mulheres em seu telefone, ainda sorrindo. — E aí? Você parece alguém chateado com sua sopa.

Ignorando-o, me movi em direção a Persephone, que enrijeceu no minuto em que entrei na sala. Inclinei-me e beijei sua bochecha, observando a cor subindo em sua tez de porcelana.

— Kill, — ela disse, estranhamente surpresa por esbarrar em mim no meu *próprio* prédio de escritórios. Ela esperava que eu dirigisse minhas reuniões no Chuck E. Cheese²⁹?

— Como você tem passado? — Eu perguntei friamente.

— Ótima.

Eu aposto, querida.

— Posso ter uma palavra?

Ela olhou ao nosso redor, hesitando como se eu fosse atacá-la. Nós dois sabíamos que tínhamos o problema oposto.

²⁹ Rede de lanchonetes dos EUA.

— A fase de lua de mel acabou? — Sailor ergueu uma sobrancelha ruiva. — Oh, isso mesmo. Kill não levou Persy em lua de mel.

— Não me faça tirar meus brincos. — Belle deu um passo em minha direção, cruzando os braços. — Kill vai *ficar* morto se bagunçar com a minha irmãzinha. Já disse isso a ele.

Está certo. Emmabelle me fez uma visita logo após a notícia de meu noivado com sua irmã. Eu ainda lamento os dez minutos que tive que ouvi-la divagar.

Primeiro, ela se ofereceu como noiva se eu deixasse sua irmã ir. Obviamente tinha sido um teste, para ver se eu queria Persephone especificamente, ou qualquer mulher com útero e de boa saúde. Quando eu disse à Emmabelle que meu interesse em tocá-la rivalizava com meu desejo de pisar em cada pedaço de Lego na América do Norte descalço, ela começou a fazer ameaças inúteis e flexionar seus bíceps inexistentes, intimidando-me com lesões corporais.

Encarei-a impacientemente durante seu discurso, então a enviei de volta para o lugar de onde ela veio.

Por mais que eu não gostasse de minhas duas cunhadas, elas pareciam completamente alheias ao que acontecia em meu casamento, e isso era uma boa notícia. Isso significava que Persephone manteve a boca fechada. Claro, Hunter, Sam e Devon

sabiam da verdade – eu disse isso em voz alta na frente deles naquela noite de pôquer – mas eles eram meus aliados.

Minha esposa pulou da mesa de Hunter, colocando o pirulito vermelho de volta na boca.

— Tudo bem, hubs. Faça isso rápido.

Levei-a para o meu escritório, depois continuei no banheiro privativo, onde as paredes não eram de vidro e ninguém podia nos ver.

Fechei a porta atrás de nós, então olhei para ela.

— O que você está fazendo aqui?

— Almoço com amigos. — Ela tirou o pirulito da boca. O cheiro de melancia encheu o ar, fazendo meu pau mexer. — Está em um bom dia, hubs?

— Não particularmente.

— Sim, vi no noticiário local sobre a manifestação. — Ela torceu o narizinho, o que eu sinceramente esperava que meus futuros filhos herdassem. — Aquele outdoor lá em cima também não é o seu melhor ângulo.

Encarei-a, sem saber por que a chamei aqui. Eu não tinha nada a dizer a ela. No entanto, a necessidade de monopolizar seu tempo queimava em mim. *Eu* é que merecia sua atenção.



Eu a tirei de problemas.

Eu paguei por seu novo estilo de vida indulgente.

Eu era com quem ela deveria passar o tempo.

Você não quer nenhuma dessas coisas, seu idiota.

— O que você está fazendo no Ártico é... — Ela colocou a mão no peito.

— Terrível? — Eu terminei para ela com um sorriso.

— *Monstruoso.*

— Chore-me um rio.

— Você provavelmente encontrará uma maneira de poluí-lo também.

— Um pouco de lealdade não mataria você, Flower Girl. Sou seu marido. Embora isso não diga muito, considerando que você se divorciou do anterior sem o consentimento dele. — Inclinei-me sobre a parede de granito, cruzando as pernas na altura dos tornozelos.

Seus olhos se arregalaram.

— Você está brincando comigo? Você está comparando meu divórcio de meu marido fugitivo com o que você está fazendo? — A mesma chama de fogo que vi quando negociamos nossos termos voltou aos olhos dela, transformando minha semi em uma

ereção completa. — Você está arruinando nosso planeta para obter ganhos financeiros. A Terra não é seu deserto. Sem mencionar que você está levando grupos de animais inteiros à extinção. Os ursos polares e os pinguins vêm à mente.

— Lamento que você se sinta assim, — eu disse roboticamente. Uma resposta bem ensaiada para a mesma coisa que eu tinha ouvido inúmeras vezes.

— Não, você não lamenta.

— Você está certa. Eu não lamento. Você não pode rodar seu carro adorável.

— Mas eu posso funcionar com baterias, graças a Elon Musk, — ela disse em um tom doce.

— Eu sei que as mulheres gostam de dispositivos movidos a bateria, mas eles nunca são tão bons quanto os reais.

Ela engasgou com seu pirulito. Eu me perguntei se ela tinha uma fixação oral. Primeiro o charuto e agora isso. Era difícil me concentrar quando seus lábios rosados estavam sempre enrolados em algo. Especialmente quando não era meu pau.

Eu poderia ter contado a ela a verdade. Que o Ártico não era um plano de longo prazo. Que eu tinha um plano ambiental mais verde para colocar minhas mãos no gás natural. Uma invenção futurística do século vinte e dois que estava em andamento. Mas

eu não me importava muito em ser conhecido como o homem responsável por arruinar o mundo.

— Por que você está realmente aqui, Persephone? — Eu empurrei a parede, avançando em sua direção, não parando até que estivéssemos colados um no outro. Embora as emoções fossem um risco, engravidar minha esposa era uma vocação.

Quanto mais rápido pudermos fazer isso, mais cedo poderemos cessar a comunicação.

Sua garganta delicada balançou com um gole. Ela estava colada à parede, encurralada como um animal. Ela lambeu os lábios, seus olhos azuis caindo na minha boca.

— Almoço. — Ela manteve sua versão. — Por que mais eu estaria aqui?

Coloquei meu braço sobre sua cabeça, cercando-a, encontrando seus olhos. Eu estava alguns centímetros acima dela, mesmo com seus novos saltos.

— Acho que você está aqui porque me deve algo.

— Eu estou te dando tudo que eu assinei. Eu moro no apartamento que você designou para mim. Estou disponível para você. Não me lembro de você pegar o telefone e pedir para consumir nosso casamento. — Ela arqueou uma sobrancelha.



Ela tinha sobrancelhas delicadas. Outra coisa que eu não me importaria que meus filhos recebessem dela.

Na verdade, eu ficaria feliz se eles tirassem tudo dela.

Tudo menos aquele bleeding heart.

E isso mostrou exatamente como eu me considerava altamente.

— Eu não imploro, — eu disse lentamente.

— Ninguém pediu a você. Mas se você quiser ir para minha cama, você precisará tomar as providências necessárias. Não é pedir muito.

Ela fazia sentido, e isso me preocupava porque geralmente, eu era a pessoa pragmática na conversa. *Qualquer* conversa.

— Você está aqui agora, — eu observei.

Eu não estava com humor para sexo, mas acho que teria que acabar com isso em algum momento.

Ela sorriu ao redor do pirulito, seus lábios inchados e dolorosamente beijáveis. — Não vamos fazer sexo em seu banheiro. Eu tenho mais respeito próprio do que isso.

— Você tem certeza? — Perguntei, meio sarcástico, meio esperançoso. — Até agora, você agiu como uma noiva glorificada



por correspondência. Curvar-se sobre a vaidade estaria bem dentro do seu comportamento típico.

Ela riu.

Ela realmente *riu*.

Jogando o cabelo em um ombro, minha esposa girou nos calcanhares.

— Adeus, *hubs*.

Ela caminhou até a porta, toda fogo, açúcar e tentação. Ela sabia exatamente o que estava fazendo e o fazia bem. Nenhuma parte dela era mansa e ingênua agora.

Não acostumado a ter mulheres saindo antes de dispensá-las verbalmente, observei com fascinação misturada com aborrecimento. Eu nunca tive que descobrir como manter alguém por perto. Normalmente, meu status, poder e carteira gorda faziam isso por mim.

Vê-la ir embora me fez sentir como se algo tivesse sido roubado.

— Persephone, — eu lati.

Ela parou.

— Volte.

— Não.



— Não me faça lhe dar uma lição.

— Por quê? — Ela perguntou brilhantemente. — Eu sou uma boa estudante. Embora eu ache que sou eu quem está dando uma aula valiosa hoje. Se você quiser que eu fique, vai ter que pedir gentilmente e não mandar em mim.

Meus instintos me incitaram a desconsiderá-la. Colocá-la em seu lugar. Mas isso seria agir de acordo com as emoções, e não era eu. O Cillian normal – o Cillian *são* – ia agradá-la para conseguir o que ele queria e então descartá-la.

Discutir com ela não me traria um passo mais perto do triunfo. Ou a ter um herdeiro.

Engolindo uma maldição suculenta que eu não podia acreditar que *pensei*, muito menos poderia proferir, eu respirei.

— *Por favor, volte.*

Ela o fez, lentamente. E, pela primeira vez, percebi como era terrível estar à mercê de outra pessoa. A humildade da minha situação me deixou quase nauseado.

Derrube-a e livre-se dela. Você será o último a rir quando ela estiver trocando fraldas e criando seus futuros herdeiros enquanto você está profundamente envolvido em uma socialite francesa.

— Você gostaria de jantar comigo? — Eu cuspi.



— Sim. — Seu sorriso era quente como o sol, cheio de promessas. — Esta noite está bem?

— Esta noite está bom.

— Por que não cozinho para nós?

Porque provavelmente terá um gosto horrível.

Mas esses eram pensamentos que eu precisava filtrar pelo menos até que meu objetivo fosse alcançado. Não ser insuportável era uma curva de aprendizado.

— Eu tenho um chef particular. Também podemos fazer o pedido.

Ela balançou a cabeça. — Nada supera uma refeição caseira.

— Onde você acha que meu chef cozinha minhas refeições? Não no banheiro, — eu mordi.

Definitivamente, uma curva de aprendizado.

Ela riu. — Seu chef não cozinha com o coração.

— Felizmente, — eu fiz uma careta, — isso seria anti-higiênico. Alguma preferência?

Seus olhos viajaram até minha virilha. O calor subiu pela minha espinha. Era o celibato. Não estava acostumado a depender da disponibilidade de outra pessoa.

Era assim que parecia a monogamia? Não é de admirar que a taxa de divórcio nos países ocidentais tenha disparado.

— Não se preocupe com minhas preferências. Deixe-me cozinhar. Eu tenho uma estipulação.

Sempre havia estipulações com essa mulher.

Mas não importa o quanto eu quisesse me arrepender de ter me casado com ela e não seguir meu plano de Minka Gomes, eu tinha que admitir que Persephone era um afrodisíaco que meu lado carnal não podia recusar.

Sua beleza cortante, sagacidade fácil e personalidade calorosa lhe davam um brilho real. Como todas as joias raras, eu a queria para mim pelo bem de tê-la.

Colocando minhas mãos nos bolsos da frente, eu lancei a ela um olhar.

— Bem?

— Eu quero que seja na sua casa.

— Feito.

Eu não era um homem sentimental. Trazê-la para a minha cama não me faria associar a dita cama com ela nela. Ela não era um maldito cobertor de segurança.



Se ela pensou que estava me enganando para que desenvolvesse sentimentos por ela, estava gravemente enganada.

— Vejo você às sete. — Ela se virou, deixando-me com tesão, mau humor e a sensação incômoda de que acabei de cometer um erro terrível.

Livrar-se dela acabou de ser um plano para uma necessidade.

Eu precisava remover minha esposa da minha vida antes que ela se infiltrasse no meu sistema.

Doze



Persephone

Meu principal problema era, eu não sabia como cozinhar.

Meu segundo problema era, eu realmente esperava que estabelecer Kill com uma refeição caseira (que provavelmente tinha gosto de naftalina) fizesse alguma diferença.

Mas, meu terceiro e mais urgente problema era aquele em que me concentrei agora – tinha quase certeza de que estava colocando fogo na cozinha do meu marido.

Talvez fosse Karma me dando um tapa na cara por jogar sujo.

Assim que ficou óbvio que o meu querido marido não daria o primeiro passo para me ver, decidi passar em seu escritório e arrancar dele um encontro para jantarmos.

Eu estava desesperada para estabelecer uma conexão enquanto ele estava determinado a proteger minha virtude. Em

muitos aspectos, era como ter um pai doce impotente – eu recebia todas as vantagens, mas não o pau.

O problema era que eu *queria* o pau. Os sapatos eram ótimos, mas não tão bons que eu quisesse chamar seus nomes.

Pedi que fosse na casa dele porque queria invadir seu espaço, arrancar suas paredes e abrir caminho para sua vida. Estar casada com um homem que não me queria – que na verdade buscava ativamente maneiras de se *livrar* de mim – parecia nadar contra o riacho. Eu estava exausta, mas determinada. Porque o fracasso significava desgosto. E porque não importa o quanto Cillian estava tentando provar a todos o contrário, eu realmente acreditava que, no fundo (e eu quis dizer *muito* fundo, tão profundo quanto as plataformas que ele perfurou), aquela coisa em seu peito era um monstro feroz. Trancado, acorrentado e fortemente sedado, mas muito vivo.

— Puta merda... que cheiro é esse? — Petar correu para a cozinha, pegando uma toalha do balcão e agitando-a para limpar a fumaça em seu caminho.

Embora tivéssemos concordado em nos encontrar às sete em ponto, Kill não estava por perto quando cheguei aqui. Petar, seu gerente de propriedade, disse que estava nadando, fazendo seus exercícios diários, e que se juntaria a mim em breve.

Apesar de me orgulhar de não ter um temperamento forte, tive que controlar minha irritação.

— Estou tentando fazer frango com limão e risoto. — Cambaleei para longe da panela sibilante na minha frente. — Acho que tentar é a palavra-chave aqui.

Petar correu para o meu lado, desligando o fogão. Ele retirou a frigideira do fogão, jogando-a na pia e abrindo a torneira. A fumaça preta subiu para o teto, disparando o alarme de incêndio em torno da cozinha gigantesca.

O som estridente perfurou meus tímpanos, sacudindo toda a mansão. Petar desligou o forno, depois abriu todas as janelas e a porta que dava para o quintal. Pedi desculpas profusamente enquanto ele controlava o pequeno incêndio.

— Lembre-me por que você insistiu em fazer o jantar? — Petar acenou com um pano de prato no ar, tentando se livrar de um pouco da fumaça.

Explicar que coisas ridículas acabavam saindo da minha boca toda vez que eu estava ao lado de seu chefe não era uma resposta aceitável. Então eu fui por um caminho diferente. — Eu queria ter uma noite especial.

— É especial, tudo bem. — Petar bufou enquanto tirava o telefone do bolso de trás.

— Vou chamar o cara da manutenção. Ver se ele pode começar a trabalhar na cozinha esta noite se eu der alguns

trocados extras. — Petar percorreu seus contatos. — Embora eu deva dizer, o chefe não vai ficar feliz.

— Por que eu não vou ser feliz? — Uma voz arrepiante soou nas minhas costas. Eu me virei, prendendo a respiração. Meu marido estava parado na porta, nem mesmo a trinta centímetros de mim, recém-lavado e barbeado, seu cabelo chocolate escuro úmido e despenteado. O simples decote em V branco e a calça de moletom grudavam em seu corpo magro como fangirls ansiosas, e seus bíceps e antebraços ainda estavam enrijecidos e tensos de seu treino.

A faixa dourada cintilante em seu dedo, que notei que ele não tirava desde o nosso casamento, iluminava a sala, lembrando-me que, pelo menos, ele era legalmente meu.

— Eu queimei sua cozinha. — Inclinei meu queixo para cima.

Melhor não meditar nas palavras. Além disso, a enorme mancha preta em seu teto acima do fogão era visível da África. As chances eram de que ele não precisava de mim para soletrar para ele.

Ele estudou a mancha, seus olhos frios e mortos voltando para os meus.

— Deliberadamente?

— Não.

— Você está machucada?

A pergunta me pegou desprevenida. Senti minhas sobrancelhas franzirem. — Não.

Kill cheirou o ar. Ele tinha a capacidade enlouquecedora de fazer as coisas mais mundanas de uma forma sexualmente carregada. Ele ergueu o braço, virando-o na direção de Petar, ainda olhando para mim.

— Fora.

— Sim, senhor.

Petar saiu correndo, fechando a porta atrás de si. O alarme de incêndio parou, e o frio da brisa noturna substituiu a fumaça sufocante.

Meu marido deu um passo em minha direção. Um chicote quente de prazer atingiu minha pele com sua proximidade. Eu usava algo sexy esta noite. Um vestido de pregas cor de champanhe que mal chegava às minhas coxas combinando com saltos Louboutin – um dos treze novos pares que meu marido me deu.

Ele segurou meu queixo com os dedos, inclinando minha cabeça para cima, seus olhos fixos nos meus.

— O que estava no menu?

— Frango com limão e risoto.

— O que diabos você estava pensando?

Eu não estava. Eu queria te impressionar.

— Talvez eu quisesse envenenar você. — Estreitei meus olhos.

O fantasma de um sorriso passou por seus lábios.

— A única pessoa que você pode envenenar é você mesma, como demonstrado há alguns anos. Mesmo assim, você estragou o trabalho.

— *Ei*, eu fiz um ótimo trabalho. Não é minha culpa que você me salvou.

— Eu ainda tenho minhas desculpas. — Ele me deu um empurrão brincalhão. Eu dei um passo para trás, meus olhos nunca deixando os dele.

— Aqui está a coisa. Você tentou preparar o jantar e estragou tudo. Tenho um jogo de pôquer em algumas horas. O que significa que teremos que pular o primeiro curso e ir direto para a entrada.

— Você agendou um jogo de pôquer hoje à noite? — Senti meus olhos brilharem.

Ele deu mais um passo à frente e eu instintivamente dei um passo para trás. Ele estava me encurralando. Prendendo-me em

suas teias de aranha enquanto eu tentava desesperadamente pensar direito.

— Você não estava planejando ficar de conchinha na frente de *When Harry Met Sally*, estava, Flower Girl? — Ele perguntou, fazendo um beicinho zombeteiro.

Eu queria dizer a ele para ir para o inferno e ficar lá no futuro próximo, mas assim que abri minha boca, minhas costas bateram contra a ilha da cozinha. Kill me agarrou pela cintura, içou-me e equilibrou-me sobre o mármore. A superfície fria atingiu a parte de trás das minhas coxas e eu respirei fundo, esperando que ele me beijasse, me tocasse, fizesse algo selvagem, cru e descontrolado, como ele fez no nosso casamento.

Em vez disso, ele tirou uma pequena embalagem do bolso de trás, rasgando-a.

Eu fiz uma careta.

— Um preservativo?

Ele fez uma *careta*.

— Lubrificante. Como mencionei antes, fazer você gozar não faz parte da descrição do meu trabalho.

— Eu não sou uma prostituta. — Eu o empurrei.

— *Trabalhadora do sexo*, — ele corrigiu suavemente. — Confie em mim, ninguém confunde você com uma. Se você fosse uma acompanhante, eu te viraria e bateria em você agora mesmo.

Meu rosto ficou vermelho. — Você está tirando sua companhia paga?

— Infalivelmente.

— Por quê?

— Porque é a coisa certa a fazer. E porque há absolutamente nenhuma chance de eu formar qualquer apego a elas ou vice-versa. Não é tarde demais para a fertilização in vitro, Persephone. Faça a coisa certa e deixe as porras sujas para as amantes. Você é melhor que isso.

A maneira como ele disse isso secamente com a bolsa de lubrificante ainda pendurada entre os dedos me fez perceber que ele planejou isso o tempo todo.

Ele me atraiu aqui, deixou-me esperando enquanto eu preparava o jantar, então tirou o lubrificante para me humilhar. Ele me irritou como eu o irritei em seu escritório. Me desequilibrou por me afastar da ideia de fazer sexo com ele.

Cillian queria que eu sáísse daqui intocada com a promessa de tentar a fertilização in vitro.

Não pude deixar de notar seu motivo para não querer me tocar.

Eu era boa demais.

Não uma amante.

Não uma acompanhante.

Uma centelha de esperança acendeu em meu peito. Eu estava determinada a vencê-lo em seu próprio jogo, embora ele mudasse as regras com tanta frequência que fazia minha cabeça girar.

— Bem. — Eu dei de ombros, tentando o meu melhor para parecer calma. — Você ganhou.

Ele acenou com a cabeça, afastando-se de entre as minhas coxas. — Conheço um excelente especialista em fertilidade. Dr. Waxman. Eu vou ver isso...

— Não. Eu quis dizer que estou bem com o lubrificante. Passe para cá. — Abri minha palma, esticando meu braço em sua direção. Ele fez uma pausa, olhando-me como se fosse um teste.

Quando ele não fez nenhum movimento, mexi meus dedos. — Vamos lá.

— Você não gozará, — ele sibilou.

Revirei meus olhos, deslizando minha calcinha pelas minhas pernas. — Deixe-me lhe contar um segredinho, Kill. Nós, mulheres, geralmente não o fazemos.

— Você é teimosa.

— Você também, — respondi. — Até onde você vai levar esta coisa?

— Uma milha mais longe do que você, — ele me assegurou. — Eu nunca perco, Flower Girl.

— Há uma primeira vez para tudo.

— Não comigo.

— Acho que apenas o tempo dirá. Dê-me o lubrificante, — eu repeti. — Regras são regras e tínhamos um acordo.

Relutantemente, ele descartou o lubrificante em minha mão. Eu o apertei em meus dedos e deslizei a coisa fria e úmida em meu canal, prendendo a respiração com a invasão repentina. Parecia um exame ginecológico, e o fato de que secretamente — *estupidamente* — estive sonhando com esse momento por anos, de estar com Cillian intimamente, me fez engolir um monte de lágrimas.

Abro minhas pernas, permitindo que meu vestido suba pelas minhas coxas, expondo-me a ele. Meu marido deu uma olhada rápida entre minhas coxas, sua garganta balançando. Ele

desviou o olhar, a cor subindo em suas maçãs do rosto acentuadas.

Esta criatura inflexível e destemida na minha frente me disse que ele era incapaz de sentimentos, mas ele sentia algo agora - desconforto. Excitação. Pavor.

Ele deu um passo à frente, estabelecendo-se entre minhas pernas, ainda totalmente vestido. O ar estalou entre nós, e o cabelo fino em meus braços arrepiou com antecipação.

Inclinei-me para trás em meus antebraços, mordendo o canto do meu lábio. Ele empurrou sua calça de moletom para baixo, seus olhos fixos em um ponto invisível atrás da minha cabeça. Ele estava determinado a não estar presente quando isso acontecesse. Recusando-se a tocar ou olhar para mim. Ele liberou seu pênis de sua cueca. Ele estava dolorosamente duro e ingurgitado, uma pérola de esperma em sua ponta.

Pelo menos agora eu sabia que nosso problema não era atração física.

Ele se inclinou em direção à minha entrada, sua expressão irônica fazendo-o parecer um homem no corredor da morte, então deslizou para dentro de uma vez, enchendo-me ao máximo. Seus olhos rolaram, seu olhar vagando para o teto enquanto ele suprimia um silvo.

Eu não estava apenas molhada – estava *encharcada* –. Meu centro quente e convidativo. Agarrei suas bochechas, inclinando seu rosto para que ele olhasse para mim. Suas narinas dilataram-se, seus lábios franziram em uma linha fina. Ele não se moveu dentro de mim. Nós dois sabíamos que era muito bom. Muito certo. Nós nos encaixamos perfeitamente, e eu lutei para manter o controle quando todos os músculos do meu corpo tremeram, ameaçando me render ao prazer agudo que me percorria.

Alcansei minhas costas, puxando o cordão que mantinha meu vestido cruzado preso, e o soltei. O tecido caiu na frente, expondo meus seios pesados.

A respiração de Cillian engatou. Ele desviou o olhar novamente para a parede, puxando para fora, então se dirigindo para mim uma vez.

Impulso.

Impulso.

Impulso.

Seus movimentos eram medidos, controlados, projetados para conter. Ele não estava aqui. Na verdade, não.

— Boa cozinha, — eu comentei, conversando. Recusei-me a permitir que ele esquecesse que eu estava no local quando ele afundava em mim. Enquanto meus músculos involuntariamente

apertavam em torno de sua dureza pesada, implorando por mais. Tremores dançaram ao longo da minha pele. — Você a remodelou recentemente?

Ele grunhiu, fechando os olhos com força e me penetrando novamente com mais força. Soltei um gemido. Eu não *queria* ter prazer nisso, assim como eu tinha certeza que Cillian não *queria* atingir meu ponto G. Independentemente disso, as duas coisas aconteceram e eu senti minhas coxas tremendo em torno de sua cintura estreita. A seda quente e pressionada de seu pau me deixou louca, e minha boca encheu de água.

Impulso.

Outro gemido me escapou.

— Nós nos encaixamos tão bem, — eu ronronei.

Ele cobriu minha boca com a palma da mão, parecendo magoado e enojado conosco.

Impulso.

Joguei minha cabeça para trás, fechando os olhos enquanto sentia meus seios saltando no ritmo de seus empurrões. Odiava ter gostado disso. Odiava que desmoronaria completamente sem ser estimulada. Mas eu não poderia me culpar. Cillian era uma fantasia, e tê-lo dentro de mim foi o suficiente para inflamar meu mundo e detoná-lo em uma galáxia diferente por si só.

Impulso.

— Kill. — Lambi sua palma na minha boca, inserindo minha língua entre seus dedos.

Outro gemido exasperado dele. Ele pegou o ritmo e eu sabia que ele estava perdendo o controle. Perdendo o controle precioso que ele tanto valorizava. A única coisa que o impediu de levar a própria esposa para a cama. Agarrei uma de suas mãos, colocando-a no meu peito, e agarrei o pulso da mão que ele ainda usava para me calar, lambendo seus dedos um a um como o pirulito que eu tinha na minha boca hoje cedo, chupando cada um deles individualmente.

Impulso.

Impulso.

Impulso.

O orgasmo se desenrolou na boca do meu estômago, quente e doce. Ele escorregou para minhas pernas, até meu peito e braços. O desejo lambeu cada centímetro da minha carne. Meus músculos se contraíram. Então ele soltou um rosnado áspero, agarrou a parte de trás das minhas coxas e começou a me atingir com tanta força e rapidez que pensei que ele fosse me despedaçar.

— Cillian, — eu gritei, arranhando o mármore. Ele me achatou contra a superfície, jogou minhas pernas sobre seus ombros e bateu em mim com mais força, penetrando-me mais

profundamente, a mão que estava adormecida em meu seio subindo até meu pescoço, agarrando-o com força.

Finalmente. Fora de controle.

Ele me invadiu como um exército romano com uma crueldade que me roubou o fôlego, seu aperto machucando meu pescoço, seu ódio por nós dois naquele momento queimando minha alma.

Senti seu esperma quente disparando dentro de mim, as ondas violentas rolando por seu corpo musculoso entre minhas pernas.

Sua cabeça caiu para baixo, seu rosto aninhado em seu ombro, virado para longe de mim como uma rosa murcha em uma haste. Deixei minha cabeça cair de volta no granito, rindo como uma bêbada.

Eu fiz isso.

Eu o fiz sentir.

Prazer, no mínimo, mas também raiva, frustração e desgosto.

Uma lufada de ar frio atingiu o ponto úmido entre minhas pernas. Eu abri meus olhos, percebendo que meu marido não estava mais na cozinha.

Ele saiu.

Endireitando-me e me sentando, pisquei.

— Cillian? — Olhei em volta.

Mortificada, amarrei as costas do vestido, coloquei o casaco e a calcinha e saí cambaleando da cozinha, em busca do meu marido.

Sua casa era enorme, ostentando corredores curvos, dezenas de portas e uma escada que levava ao segundo andar. Foi apenas minha segunda vez lá dentro. Naturalmente, nunca fiz uma turnê oficial.

Avistei Petar na entrada, conversando com um cara de calça cáqui e um moletom azul com o nome de uma empresa de manutenção. Eles estavam indo em direção à cozinha. Sentindo-me como um ladrão, subi na ponta dos pés a escada curva antes que Petar me visse. O segundo andar era largo e alto como uma catedral. A casa de Cillian, assim como a de seus pais, era mais luxuosa do velho mundo do que os apartamentos modernos e kitsch que você viu no *Selling Sunset*.

Abri caminho através dos quartos, empurrando cada porta aberta até a metade até chegar a um par de portas duplas que provavelmente eram o quarto dele. Pressionei minha palma sobre o carvalho, não querendo me intrometer, mas odiando sair sem uma sensação de fechamento também. Isso era enorme. Acabamos de fazer sexo.

— Kill?

Sem resposta.

— Você está bem?

Ocorreu-me que talvez ele não estivesse. Talvez eu o tenha empurrado longe demais, rápido demais.

Talvez você não devesse ter rido como uma louca.

Empurrando as portas, entrei no quarto. Foi maravilhosamente projetado com piso esbranquiçado e paredes bege cobertas com arte fantástica. Uma varanda transformou-se em uma área de leitura elaborada e um espaço de escritório com uma vista estratégica para o jardim dos fundos.

Notei outro conjunto de portas fechadas. O banheiro. Eu fui até elas.

Eu estava prestes a chamar seu nome novamente quando ouvi. Batendo. Um tipo diferente de surra. Nada como as batidas que aconteceram lá embaixo, na cozinha, conosco suados, com raiva e desesperados.

Parecia uma cabeça batendo na parede ritmicamente. A respiração ofegante vazava pela fresta sob as portas.

Pressionando minha testa em uma das portas, fechei meus olhos, respirando fundo.



— Desculpe-me por ter te empurrado, — eu resmunguei. E eu sentia muito. Mas também fiquei emocionada por ter conseguido tirar algo dele que não era indiferença.

Não houve resposta.

— Quer que eu pegue um copo d'água para você? Talvez ligar para Petar?

O *tap-tap-tap* parou. Um segundo depois veio sua voz.

— Saia.

— Eu não quero sair assim. — Torci meus dedos no meu colo. — Seus amigos estão prestes a chegar, e eu...

— Saia! — Ele rugiu como uma besta.

Dando um passo para trás, olhei para as portas fechadas. Nos oito anos que conheço meu marido, ele nunca levantou a voz para ninguém. Nem uma vez.

Ele abriu as portas, espreitando para fora, parecendo o próprio diabo. Seus olhos estavam escuros e duros, o rosnado em seu rosto fazendo arrepios rolarem pela minha espinha. Ele tinha um lábio arrebitado, sangue jorrando dele.

Já que ele não me deixou tocá-lo – beijá-lo, abraçá-lo – deduzi que não era responsável por isso.

Ele fez isso consigo mesmo.

Ele se bateu.

Ele avançou em minha direção, rápido e eficiente. Eu tropecei, quase caindo duas vezes enquanto tentava escapar dele.

— Você conseguiu o que queria. Agora saia da minha casa e não volte até que eu chame por você. Se você não sair daqui nos próximos cinco minutos, presumo que você queira ver as verdadeiras cores do seu marido e ser fodida na frente dos meus amigos na mesa de pôquer, devagar e a noite toda, enquanto eles assistem.

Ele parou quando eu estava encurralada, encostada em sua parede. Estávamos tão perto que eu podia sentir o cheiro do sexo em nós dois. Cillian agarrou meu pescoço. Senti os anéis tenros que já se formaram em torno dele desde quando fizemos sexo.

— Você acha que escapou de um relacionamento ruim se casando comigo. — Ele me deu seu sorriso malicioso de Lúcifer. — Você não tem ideia, Flower Girl. Eu pago porque me foder não é um prazer, é um trabalho. Agora — ele se aproximou — *corra*.

Eu fiz.

Eu fugi antes que ele me pegasse e fizesse todas as coisas que ele ameaçou.

Descendo as escadas, peguei os dois de cada vez. Bati em Petar ao sair, agarrando sua camisa sem fôlego.

— Você pode me chamar um táxi? Por favor? — Meus dedos tremeram em torno da gola de sua camisa.

— Vou chamar o motorista. — Seus olhos saltaram.

Ele ficou surpreso e um pouco perturbado com meu estado, empurrando-me porta afora como se também tivesse medo de que meu marido me pegasse.

Foi só quando eu estava em um Escalade no meu caminho de volta para casa que meu coração desacelerou e minha mente começou a trabalhar novamente.

Meu marido tinha um segredo profundo e sombrio que poderia arruiná-lo.

Algo de que ele tinha vergonha.

Uma fraqueza que eu quase revelei.

E esta noite, cheguei muito perto de descobrir o que era.



Revirei-me na cama pelo resto da noite, passando por todas as emoções do livro de sentimentos. Eu estava com raiva, com medo, preocupada, doente e vingativa. Eu odiava Cillian por agir



da maneira que agia, mas também sabia que desempenhava um grande papel nisso. Ele sempre foi mau e sarcástico comigo, mas nunca cruel. Eu o empurrei e ele se sentiu perseguido.

Um animal ferido colocado em modo de luta ou fuga.

Uma mensagem de texto iluminou o quarto escuro como breu. Alcancei minha mesinha de cabeceira, pegando meu telefone. Doeu-me que nem sequer considerei que pudesse ser dele.

Hunter: *Seu marido é um idiota.*

Eu: *Me diga algo que eu não sei.*

Hunter: *Todos os ursos polares são canhotos. Aposto que você não sabia disso.*

Hunter: *Além disso, e relacionado, seu marido é um idiota que checa o telefone a cada cinco segundos. Vocês estão enviando mensagens de texto?*

Eu: *Não.*

Hunter: *Estranho. Ele sempre se desconecta durante as noites de pôquer.*

Eu: *Você pode me fazer um favor?*



Hunter: *Que tipo? Eu sou um homem casado. Eu sei que Kill está longe dos reinos da minha perfeição, infelizmente você perdeu o trem.*

Eu: *A - delirante. E B - nem mesmo se você fosse o último homem na Terra.*

Hunter: *Qual é o favor?*

Eu: *Fique de olho nele. Veja se ele está bem.*

Hunter: *E você se importa por quê...?*

Eu: *Ele é meu marido.*

Hunter: *Eu pensei que era apenas no papel.*

Eu: *Você pensou errado.*

Hunter: *Tirando a merda do telefone, ele parece o mesmo velho Kill para mim. Fumando um cigarro atrás do outro, um demônio bebedor que precisa de um bom abraço e uma boa trepada*

Eu: *Noite.*

Hunter: *Obviamente, boba. x*

Cillian conseguiu superar o que quer que tenha acontecido com ele em menos de uma hora. Isso era peculiar. E alarmante. Mas pelo menos eu sabia que ele estava com remorso o suficiente para checar seu telefone por uma mensagem minha.

Afinal, a culpa era um sentimento.

A menos que ele esteja verificando se há coisas relacionadas ao trabalho.

Quando o amanhecer despontou no céu, fui descalça até meu terraço, saboreando o piso aquecido e as portas francesas extravagantes. Olhando para fora, vi uma nuvem solitária navegando para o norte.

— O que eu faço, tia Tilda? — Sussurrei.

Ela não respondeu.

Peguei meu telefone para digitar uma mensagem para minha irmã. Perguntei se ela se lembrava dos dias em que a tia nos levava ao carnaval. Como estávamos delirando de alegria.

Para minha surpresa, havia uma mensagem esperando por mim.

Uma mensagem de um número que ainda não tinha respondido a todas as vinte e sete mensagens de texto que eu havia enviado enquanto planejava nosso casamento em comum.

Cillian: *Não vai acontecer de novo.*

Mesmo sabendo exatamente o que ele quis dizer, decidi pressionar onde doía. Atraí-lo para fora de sua caverna um pouco mais.

Eu: *A parte do sexo ou a parte que veio depois?*

Cillian: *A parte da qual não me orgulho.*

O que ele estava fazendo acordado às cinco? Talvez ele tenha tido problemas para dormir depois da noite passada, como eu.

Sentei-me em uma poltrona reclinável na varanda, esfregando minha testa.

Eu: *Ainda não respondeu à minha pergunta.*

Cillian: *Minha explosão saiu da linha.*

Sabendo que ele foi empurrado longe o suficiente – eu nunca tinha ouvido meu marido se desculpar com ninguém – mudei de assunto.

Eu: *Minha tia Tilda, aquela que escolheu meu nome, me disse que toda vez que vejo uma nuvem solitária no céu, ela está me observando. Só há uma nuvem lá fora agora.*

Depois de colocar meu telefone sobre a mesa perto da poltrona, levantei-me e continuei minha manhã. Escovei os dentes, enrolei o cabelo e me vesti, sabendo que não havia chance de meu marido me agradecer com uma resposta.

Quando voltei para a mesa da varanda, depois de ligar a máquina de café, percebi que a tela do meu celular estava iluminada com uma mensagem recebida.



Cillian: *Você está drogada? A sobriedade não fazia parte do nosso acordo contratual apenas porque eu presumi que era um dado adquirido.*

Soltando uma risada, eu digitei de volta.

Eu: *Olhe para fora. Você não vê?*

Cillian: *Sua tia morta em uma nuvem? Não.*

Eu: *Ela não está na nuvem. Ela é a nuvem. Deixe-me enviar uma foto.*

Levantei meu telefone até a janela, tirei uma foto da nuvem perfeitamente difusa e enviei para ele.

Eu: *Bem?*

Cillian: *Prazer em conhecê-la, tia de Persephone. Vocês duas não se parecem em nada.*

Eu: *Quem está sendo fofo agora?*

Cillian: *Eu, aparentemente.*

Eu: *Não se preocupe, eu sei que você é incapaz de qualquer coisa boa e moral. Ter senso de humor não manchará sua maldade.*

Cillian: *Isso é uma dica?*

Eu: *O que você quer dizer?*

Cillian: *A perfuração ártica.*

Odeio a ideia de ele fazer buracos dentro do Ártico para ver se ele consegue encontrar petróleo, arruinando uma parte já frágil do mundo? Claro que sim. Fiquei mal do estômago ao pensar que o homem que eu amava e de quem lucrava diretamente fazia isso. Mas também reconheci que falar sobre isso com ele agora, quando estávamos começando, não o faria se mover um centímetro. Se qualquer coisa, ele provavelmente perfuraria mais alguns lugares apenas para me irritar.

Eu: Não é uma dica. Acho que minha posição sobre o assunto é clara.

Cillian: Baterias em vez de SUVs.

Eu sorri, lembrando da insinuação de brincuedos sexuais que ele fez em seu escritório ontem à tarde.

Eu: Correto.

Cillian: Olhe para sua garagem, Flower Girl.

Desci as escadas para a garagem do prédio.

Com certeza, havia um Tesla vermelho novo em folha no lugar reservado ao meu apartamento.

Ele me comprou um carro.

Um carro *elétrico*.



O tipo de veículo que deveria colocá-lo fora do mercado eventualmente.

Sem perder o significado, digitei uma resposta para meu marido com dedos trêmulos.

Eu: Obrigada.

Cillian: Baterias são para bichanos.

Treze



Cillian

Consegui evitar com sucesso a minha mulher pelo o resto da semana.

Isso não a impediu de me enviar mensagens de texto diárias sobre sua tia morta se escondendo nas nuvens sempre que o céu estava limpo.

As mensagens, assim como minhas orações para ter uma esposa sã, permaneceram sem resposta.

Ela sugeriu que nos encontrássemos algumas vezes, apesar do silêncio do meu lado.

A ideia de vê-la novamente me enojava, então decidi não pensar nisso até que me acalmasse.

Mas, sete dias depois, meu corpo traidor não deu sinais de se estabelecer.

A memória dela se contorcendo embaixo de mim queimava mais quente à noite.

Estatisticamente falando, limitar nossos encontros a uma vez por semana ainda garantiria uma gravidez nos próximos meses.

Para ficar no lado seguro, criei um gráfico com suas datas potenciais de ovulação e decidi alternar os dias em que a via a cada semana para cobrir todas as bases. Mas eu sabia que, da próxima vez que nos encontrássemos, teria que fazer um trabalho melhor para recuperar o monstro dentro de mim.

Nenhuma parte de mim pretendia perder o controle na primeira vez que fizemos sexo, mas quando vi seus seios nus saltando ao ritmo das minhas estocadas e sua boca rosa em forma de O aberta de desejo, eu perdi, eu... possessão a que me agarrei como uma Belieber³⁰ desesperada conhecendo seu herói tatuado e cheio de acne e desmoronei.

Eu a culpei pelo acidente. Foi ela quem insistiu que eu parasse de visitar minhas peças laterais e me privou de uma chance de me livrar de minha natureza animalesca.

Felizmente (e usei esse termo de forma muito vaga), não tive tempo para pensar em minha esposa. Eu precisava me preparar para uma tempestade de merda na forma de Andrew Arrowsmith.

Ao entrar com o processo, Arrowsmith me enviou uma carta formal por meio de seus advogados, acusando-me mais ou menos

30 Fã de Justin Bieber.



de ter arruinado sozinho o planeta Terra. Ele tinha se assegurado de que a carta vazasse para a imprensa, e todas as notícias positivas que eu ganhei desde que me casei com Persephone, também conhecida como Pequeno Anjo Menino Jesus, foram pelo ralo.

Andrew não parou por aí. Itens cegos sobre um poderoso CEO de Boston visitando prostitutas europeias começaram a pipocar como cogumelos depois da chuva nos tabloides, e eu não tinha dúvidas de que era ele quem alimentava os jornalistas com esses artigos.

Ele me seguiu.

Fez o dever de casa. Descobriu meus segredos. Todos eles.

Razão pela qual decidi reunir Devon, Sam e Hunter em meu rancho para um fim de semana de geração de ideias, passeios a cavalo e planejando a morte de meu arqui-inimigo.

Pontos de bônus: ir para o rancho colocaria alguns quilômetros entre Persephone e eu.

Estávamos no meu carro, saindo de Boston, quando Devon disse em voz alta o que Sam e eu estávamos pensando.

— Estou surpreso que Hunter concordou em passar um fim de semana inteiro longe de sua esposa. — Ele estava no banco do passageiro ao meu lado enquanto Hunter e Sam estavam sentados no banco de trás.



— O que posso dizer? Sou cheio de surpresas. — Hunter recuou, sorrindo.

— E merda, — Sam cuspiu.

— E você mesmo. — Devon sorriu convencido.

A geada cobria a estrada estreita e sinuosa, da mesma tonalidade dos olhos de minha esposa.

— Dev, você pode verificar a temperatura de Kill? — Hunter cutucou as costas de seu assento. — Ele acabou de perder uma chance de me criticar, como seu pessoal chama. É diferente dele.

— Muito poucas coisas me fariam tocar no seu irmão babaca, e você *definitivamente* não está na lista, — Devon brincou.

Assim que estacionamos do lado de fora do rancho, meus rapazes do estábulo dispararam para fora do celeiro como balas para nos ajudar com nossas malas.

Ignorando sua tagarelice de criança, tirei minhas luvas de couro enquanto fazia meu caminho para a cabana principal. Parei no meio do caminho quando notei o Porsche Cayenne de Sailor estacionado na frente da porta. Lancei ao meu irmão um olhar sujo.

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição.



— Em minha defesa, você não deveria ter confiado em mim. Não posso ficar celibatário uma tarde, muito menos um fim de semana inteiro. Todo mundo sabe disso.

Sam sacudiu a nuca de Hunter enquanto marchava em minha direção com sua mochila pendurada no ombro.

Não precisei perguntar a Hunter se ele estendeu seu convite às amigas de sua esposa e nossa irmã. Essas mulheres eram presas pelo quadril.

Fiquei feliz por não me importar com o que Persephone pensava sobre meu desempenho na cama, porque ela tinha certeza de compartilhar sua pontuação final com suas melhores amigas.

Desinteressado em ficar cara a cara com minha esposa, joguei fora minha bolsa em Hunter e fui direto para os estábulos.

Verificando meus cavalos, alimentei e escovei seus pelos, depois os tirei, um por um, e limpei seus cascos. Sentei-me em um barril, minhas costas voltadas para a cabana, e fui direto ao assunto, ainda com meu casaco e abotoaduras *F de 18* quilates.

O ar ficou frio assim que ouvi o som suave de feno sendo esmagado sob as botas.

Segundos depois, ela estava na minha frente, ao lado do cavalo que eu estava cuidando, usando um vestido amarelo que complementava seu cabelo loiro.

Ela parecia um cisne com seu pescoço longo e delicado e sua cabeça inclinada para baixo em uma resignação elegante.

Meu olhar endureceu no casco do cavalo.

— Qual o nome dele? — Ela colocou a mão gentilmente em suas costas. A doçura de sua pele chegou às minhas narinas, mesmo sob o fedor avassalador dos estábulos.

— Washington. — Levantei a picareta de casco, apontando-a para as baias atrás dele. — O resto desses patifes são Hamilton, Franklin, Adams, Jefferson, Madison e Jay.

— Os Pais Fundadores. — Ela cambaleou até o celeiro, encostada na parede com as mãos atrás das costas, observando-me.

— Parabéns, você acabou de passar no exame de história da terceira série. — Dei um tapinha na coxa de Washington, sinalizando para ele levantar a outra pata.

— *Quinto*, — ela corrigiu com um sorriso. Ela sempre ficava feliz em treinar comigo.

— Estudei no exterior, — murmurei. Todos os meus estudos de história americana foram ministrados por tutores.

— Eu sei, — ela disse suavemente. — Ao contrário de nossos filhos, que ficarão ao nosso lado até terem idade suficiente para decidir onde querem estudar.



Uh-huh. Continue dizendo isso a si mesma, querida.

— Por cima do seu cadáver, hein? — Gemi, cavando mais fundo no casco com a picareta.

— Não, — ela disse calmamente. — Sobre o seu.

Meu olhar disparou para o dela, antes de retornar ao meu trabalho.

— São muitos cavalos para um só homem, — comentou minha esposa. — São lindos, mas alguns parecem bastante antigos. Rosto cinza. Você monta todos eles?

— Sim. Eles estão todos em perfeitas condições.

Larguei a picareta, peguei a escova e a movi sobre o casco de Washington.

— Meu pai me deu um cavalo para cada ano que terminei como o primeiro da classe, começando no ensino médio.

Ela caminhou até mim.

— Não é cansativo ser perfeito o tempo todo? — A mão dela estava no meu ombro agora. Meus músculos flexionaram. Eu me concentrei em minha tarefa.

— Que tipo de pergunta é essa?

— Uma para a qual eu gostaria de uma resposta.

— Ser medianamente chata?

— Não, — ela respondeu, nenhum traço de amargura em sua voz. — Então, novamente, eu não acho que sou entediante. Acho que sou exatamente quem eu deveria ser quando cresci, com defeitos e tudo. Meus pais sempre me incentivaram a perseguir meu sonho, e meu sonho era criar filhos. Outras pessoas, bem como meus próprios.

— Bem, gostei do tratamento oposto. Tudo sobre minha chegada a este mundo foi cuidadosamente planejado. Eu vim primeiro e era homem, o que significava que minhas expectativas eram a perfeição completa e absoluta em todos os aspectos da minha vida. Eu sabia que carregaria a linhagem Fitzpatrick, assumiria o controle da Royal Pipelines, continuaria a linhagem. Minha existência sempre teve um propósito, e nada menos que a excelência servirá.

— Você não é perfeito comigo.

— O que você testemunhou na semana passada foi falta de discrição. — Estalei meus dedos. — Não foi bonito.

— Não. Mas somos todos feios em certas partes e ainda estou aqui.

Porque eu paguei por você.

— Entre. — Ela passou a mão no meu cabelo, como uma mãe faria. Se nada mais, ela seria boa para nossos filhos. Melhor do que Jane jamais foi. — A comida está pronta.

Peguei sua mão e a soltei suavemente.

— Não estou com fome.

— Onde você vai dormir esta noite?

— O quarto principal.

— Onde eu vou dormir esta noite?

— Qualquer um dos seis quartos de hóspedes. Eu sou o dono deste lugar, então você tem a primeira escolha.

— Eu escolho seu quarto, — disse ela sem perder o ritmo.

— Primeira escolha *além* da minha cama, — esclareci.

— Nossos amigos vão falar, — ela avisou.

— Eles têm a tendência irritante de fazer isso. Todo mundo sabe que o nosso é um casamento falso. Ninguém vai comprar sua farsa. — Levantei, levando Washington de volta para sua baia.

Depois de trancar a baia atrás do cavalo, eu me virei, observando-a.

Apesar do que ela pensava, eu estava fazendo um favor a nós dois. Alimentar sua necessidade de fazer esse relacionamento parecer normal só causaria decepção no longo prazo. Mesmo se eu cedesse à tentação de compartilhar a cama e uma refeição ocasional com ela, ela acabaria superando o arranjo imparcial que eu tinha para oferecer a ela e ficaria ainda mais ressentida comigo.

— Eu cometi um erro ao vir aqui. — Ela ergueu o rosto, olhando para a lua sob um céu estrelado. Ela estava tão linda naquele momento, tão singularmente Persephone, que eu queria ignorar todos os fatos, pegá-la em meus braços e fodê-la a noite toda.

Observando-a de uma distância segura - longe o suficiente para evitar respirar seu cheiro de droga ou tocar sua pele aveludada - eu concordei.

— Você fez. Eu só aceito você nos meus termos, Flower Girl.

Minha esposa virou a cabeça para me encarar.

— Isso não fazia parte do nosso contrato.

Levantei um ombro, dando a ela a mesma resposta que ela me deu quando reclamei sobre nosso acordo.

— *Processe-me.*



— O processo é incontestável. Li várias vezes. — Devon me passou uma pilha de papéis no dia seguinte durante o café, omeletes e doces. Sentamo-nos na varanda dos fundos, observando os cavalos galoparem no campo, aquecendo-se antes do dia.

Coloquei meu café nos lábios, passando os olhos por eles.

— Eu gastei uma quantia profana em dinheiro no desenvolvimento offshore do Ártico. Não vou cancelar este projeto porque Arrowsmith está com tesão de me ver ir à falência.

— Não vamos à falência, — Hunter interferiu, colocando uma colher de geleia de figo para espalhar sobre um croissant quente. Meu irmão palhaço concordou em deixar sua esposa de lado durante o café da manhã para que pudéssemos conversar sobre o trabalho. — Olhei para os números. Parar a perfuração no Ártico vai doer nosso bolso, mas podemos aguentar o golpe. O crescimento do capital vai parar nos próximos quatro anos, mas ainda estaremos ganhando dinheiro.

— Não estou aqui para ganhar dinheiro. Estou aqui para dominar o mundo. — Coloco meu pé no chão.

— Você pode não ter escolha, — Devon empurrou. — Se você perder o processo, terá que parar de qualquer maneira. E tem muitas contas legais para pagar, outro desastre de relações públicas em suas mãos e um pai que o expulsaria da posição de CEO, viraria o conselho contra você e indicaria Hunter para comandar o show. Sem ofensa, Hunt.

— Sem problemas. — Hunter encolheu os ombros. — Eu não quero ser CEO. Você sabe o que esse tipo de pressão pode fazer na minha pele? — Ele esfregou os nós dos dedos sobre o queixo.

— Sempre podemos pensar fora da caixa. E com isso, quero dizer colocar Arrowsmith em uma. — Sam acendeu um cigarro, sem tocar em nenhum alimento. Eu duvidava que ele pudesse digerir algo que não fosse carne, cerveja e nicotina.

Devon sorriu educadamente. — Tenho a sensação de que não quero estar aqui para *esta* conversa. Permita-me me desculpar, senhores. — Ele se levantou e voltou para a cabana.

Sam me lançou um olhar de esguelha. O bastardo sanguinário sempre estava com vontade de quebrar espinhas.

— Lamentavelmente, você não pode matar Arrowsmith. A retaliação seria enorme, todas as flechas apontariam para mim e a mídia teria um dia cheio. Sem mencionar que Arrowsmith tem filhos.

— Quando você desenvolveu sua consciência e começou a se preocupar com as crianças? — Sam perguntou.

— Você não conheceu os diabinhos. Se algo acontecer com seus pais, ninguém vai querer adotá-los.

— Bem. Ele pode viver. Eu ainda posso jogar meu peso por aí.

— Extorsão física não vai te levar muito longe. — Larguei os papéis sobre a mesa. — Ele tem algo contra mim e estou esperando para ver como ele vai usar. Precisamos jogar com cuidado.

— O que ele tem sobre você? — Hunter se inclinou para frente. — Você é repugnantemente perfeito. O fodido *mo ôrga* do Papai. O que poderia ser?

Eu sorri. — Temos que deixar isso limpo. Vamos deixar isso assim.

— Nesse caso, estou com Whitehall tentando esmagar essa carne, — Sam admitiu, jogando seu isqueiro sobre a mesa. — Ele está avançando com o processo. Você pode pegá-lo em alguns meses, quando as coisas se acalmarem. Enquanto isso, sua melhor chance é encontrar um terreno comum com o Green Living.

— Cillian nunca vai se encolher. — Meu irmão balançou a cabeça.



— Recuar não é submeter-se. — Sam se levantou. — Se Kill quer ganhar essa coisa, ele tem que jogar com inteligência. Este é o primeiro round de muitos. A história não se lembra da batalha. Apenas o nome do homem que deu o nocaute final.

Sam não estava errado.

O que ele não sabia era que Andrew Arrowsmith foi o último homem a desferir um soco antes de nos separarmos há muitos anos.

E desta vez? Eu não pararia até que ele visse estrelas.

Quatorze



Persephone

Meu marido fez um trabalho admirável de me evitar por todo o nosso primeiro dia no rancho.

Ele evitou nossas refeições juntos, escapou da caminhada que todos nós fizemos na trilha e passou longas horas com seus cavalos.

Fiquei desapontada? Sim. Eu ia deixar isso arruinar o fim de semana para mim? De jeito nenhum. Eu não fiz muitas viagens para fora de Boston em meus 26 anos, e esta era uma oportunidade de ouro para me divertir com meus amigos.

Pela primeira vez desde que me casei com Paxton, não estava falida. Não precisava olhar para a rua por cima do ombro com medo de ser emboscada. Minha vida deu uma guinada para melhor, não importa o quão vazia ainda parecia sem Cillian totalmente nela.

No último dia no rancho, Belle anunciou que queria andar a cavalo apenas conosco, as meninas.



— Mas você não sabe montar. — Aisling inclinou a cabeça, sempre a voz da razão.

Belle deu de ombros, colocando uma cereja na boca sobre a mesa do café da manhã.

— Então? Você pode me ensinar. Além disso, eu já cavalguei bastante na minha vida, mas não em pelo. — Ela piscou. — Segurança primeiro.

— Obrigada por estragar o café da manhã. — Sailor saudou Belle com seu suco de laranja.

— Sério, quem vai para um rancho sem cavalgar? — Belle se perguntou.

Minha irmã tinha razão.

— Cillian não vai gostar se usarmos seus cavalos, — Ash advertiu.

— Cillian não gosta de nada, — eu rebati, um pouco duramente.

Sailor bufou em seu suco de laranja. — Uma lição. Na verdade, acho que é uma ótima ideia. Não só porque isso irritaria o marido de Persy, mas também porque uma oportunidade de andar a cavalo como os de Cillian não aparece com frequência. Cada um deles custa cerca de 300 mil ou algo assim. Infelizmente, — ela deu um tapinha em sua barriga arredondada



— cavalgar está fora de questão para mim. Mas vou torcer por vocês com um saco de Cheetos na mão. Viver indiretamente através de vocês.

Minha necessidade de enfiar na cara de Kill era maior do que meu medo de montar uma besta de 900 quilos que pudesse quebrar meu pescoço com um movimento errado.

— Na verdade, eu concordo. Acho que devemos cavalgar, — eu soltei.

— *Sério?* — Todas na mesa se viraram para mim surpresas. Eu não era exatamente conhecida por minha veia rebelde. Eu concordei. Já era hora de experimentar coisas novas. E já que ter um relacionamento genuíno com meu marido não seria um deles, por que não começar a andar a cavalo?

— Mas, Cillian — Ash começou.

— Eu cuido dele. — Levantei a mão para impedi-la. — Digo a ele que eu segurei você sob a mira de uma arma, se for o caso.

— Bem, então. — Aisling bateu palmas. — Vamos nos trocar e nos encontrar nos estábulos em uma hora.

Eu fiz o que era necessário para me trocar, então encontrei Ash e Belle fora do celeiro. Aisling, que aprendera a cavalgar como seus dois irmãos mais velhos desde a infância, conduziu Hamilton para fora de sua baia pelas rédeas, acariciando seu pelo marrom com um sorriso.



— Ele é o mais doce do grupo. Ele foi meu cavalo de treinamento depois que me formei em pôneis.

— Droga, Ash. É a coisa mais branca que já ouvi. — Belle verificou sua bunda em suas calças justas de montaria com a câmera do telefone.

Ash conduziu Hamilton para fora dos estábulos e galopou com ele. Ela nos explicou a anatomia básica do cavalo, os sinais e o que eles indicavam. Encontramos Hunter, Sam e Devon em nosso caminho para fora do celeiro para a trilha. A trilha envolvia a montanha enfumaçada como uma fita.

Os homens entraram nos estábulos assim que saímos.

— Vocês vão cavalgar também? — Aisling perguntou, ficando vermelha como um tomate assim que percebeu Sam. Fiel ao seu Sam-ismo, ele ignorou sua existência enquanto passava por ela.

Ele não era rude com seu chefe e irmãzinha do melhor amigo. Mas não havia dúvida de que ele a considerava fora do menu.

— Bet. — Hunter afofou o cabelo dela, estourando o chiclete.
— Onde está minha cara-metade?

— Na cabana, lendo.



— Bombástico. O único garanhão com quem ela deveria sair enquanto está grávida sou eu. Dev, você pode ajudar Belle a montar um cavalo? Vou ajudar Persy.

— Eu não preciso de nenhuma ajuda, — Belle protestou.

Os olhos de Devon percorreram minha irmã como se ela fosse sua sobremesa favorita, enquanto um sorriso sinistro puxava seus lábios.

— Eu gosto do fogo dela, Hunt. — Devon apontou o polegar em direção à minha irmã.

— Ótimo, — ela disse, — porque você está prestes a ter queimaduras de terceiro grau se continuar me objetivando.

— Ele não está objetivando você. — Hunter balançou a cabeça. — Ele está tentando mantê-la viva. Sua bunda nunca montou antes.

— Temos Ash para nos ajudar. — Agachei-me, ajustando minhas botas de montaria.

Ignorando minhas palavras, Hunter me levantou do chão como se eu fosse uma caixa de leite, levando-me para Hamilton. Ele desamarrou as rédeas do cavalo, colocou minha bota nos estribos e me ajudou a subir na sela, segurando minha cintura.



— Ash é boa, mas ela não é uma profissional. Se eu te trouxer de volta com apenas um arranhão, seu marido vai me fazer sangrar de lugares que nem estão no meu corpo.

— Ele está certo. — Aisling sorriu se desculpando. — Tanto sobre minhas habilidades de equitação quanto sobre Kill.

— Cillian ignora minha existência.

— Você ainda é dele, — Sam cimentou, profissionalmente. — Não preciso estar fisicamente presente no meu carro para não querer que alguém o arranhe.

— Diga-me que ele não disse apenas o que eu acho que disse. — Belle apontou para Sam, carrancudo.

Sam estava alto, indiferente como sempre. — Tão dramática, Penrose.

— Tão chauvinista, Brennan.

Depois de muita discussão, seguimos para a trilha. Eu tremia de ansiedade e alegria, embora Hunter estivesse cavalgando perto de mim em Jay e frequentemente se inclinasse para dar um tapinha em Hamilton e me dar instruções visuais e verbais.

Atrás de nós, Belle estava em Washington, Sam em Madison, Ash em Adams e Devon em Jefferson. Devon e Belle pareceram superar o frio inicial. Eles estavam brincando como

velhos amigos, se dando bem na hora, enquanto Aisling tentava puxar conversa com Sam e era criticada todas as vezes.

Vinte minutos para subir a trilha para as montanhas. Eu ouvi o galope de um cavalo atrás de nós. Hunter virou a cabeça e gemeu, apontando o dedo para a têmpora como se fosse uma arma, engatilhando e atirando em si mesmo com um *puf* cômico!

— Não me diga que você não disse a seu marido que ia cavalgar.

— Eu não disse ao meu marido que ia cavalgar. — Fiquei olhando para a frente, ignorando a pontada de medo na minha espinha.

Hunter passou a mão pelo rosto, inclinando a cabeça para trás. — Puta merda, Pers.

Put a merda, na verdade.

Em três segundos, Cillian estava cavalgando ao meu lado em Franklin, empurrando Hunter para fora do caminho, forçando-o a cavalgar atrás de nós. Tudo me incomodava, desde sua boa aparência até sua postura impecável. Seus movimentos fáceis nos envergonhavam.

Ele não usava nenhum equipamento de montaria. Nem mesmo um capacete.

Ele *tinha* uma expressão de alguém que estava perigosamente perto de cometer um massacre.

— O que você pensa que está fazendo? — Seus olhos se estreitaram, focalizando em mim como uma arma.

— O que parece que estou fazendo? — Usei a voz mais doce e inocente do meu arsenal.

— Me irritando.

— Pensei que você estivesse acima das emoções humanas.

— Isto parece se repetir toda vez que você está por perto. Você encontrou sua vocação.

— Ah, — eu engasguei, — então eu *sou* boa em alguma coisa. E você aqui pensou que eu era mediana.

— Hunter. — Kill estalou os dedos atrás dele, seu olhar duro fazendo minha bochecha congelar. — Estamos nos separando. Leve o grupo para outra trilha. Vou ajudar Persephone a voltar para o rancho.

— Não, você não vai, — eu rebati, sentindo-me anormalmente irritada. Eu era a mulher mais suave de Boston – eleita a mais provável substituta de Madre Teresa no meu anuário do ensino médio – mas, de alguma forma, meu marido me fez sentir mais irritada do que Pax, embora Pax tivesse me ferrado tanto que quase morri.

— Da última vez que verifiquei, é um país livre. Tenho permissão para andar a cavalo, *hubs*. Goste você ou não.

— O país é livre, mas os cavalos não. Hamilton me pertence, e não quero que você o monte. *Ceann beag*.³¹ — Kill voltou-se para o irmão novamente, rosnando: — Desapareça antes que eu bata em *você*.

— Desculpe, boneca. Há uma razão para ele ter um demônio na fonte do jardim e não um querubim ou uma corça. Você se casou com Satan³² e não quero que o filho da puta me designe um quarto no inferno. Ele provavelmente vai me colocar no mesmo beco sem saída com Hitler e o cara que inventou o La Croix com sabor de frutas vermelhas. Eu mereço melhores vizinhos. Apenas cumprindo ordens. — Hunter enfiou dois dedos na boca e assobiou, redirecionando nossos amigos para uma trilha lateral, deixando Cillian e eu na principal.

Lava fervia em minha barriga. Cada centímetro do meu corpo carbonizado de humilhação.

Como ele ousa me repreender publicamente depois de me evitar o fim de semana inteiro?

Nosso *casamento* inteiro?

³¹ Caçula.
³² Satanás.

Na parte de trás da minha cabeça, algo mais também me incomodou. Algo completamente trivial.

Cillian tinha uma fonte em forma de demônio em seu jardim, mas eu não tinha visto antes. Nem mesmo no dia em que Petar me introduziu furtivamente em casa para um passeio quando Kill não estava em casa.

— Vou tirar você deste cavalo, — disse ele com naturalidade.

— Por que não começamos com você apenas me fazendo gozar³³? Você parece estar com problemas nesse departamento, — eu assobieei.

— A primeira e última vez que toquei em você, você gozou com tanta força que fiquei preocupado que meu pau tivesse que ser removido cirurgicamente de você.

— Isso foi acidental. — Todo o sangue correndo para o meu rosto me deixou quente e suada.

— Então, fui eu te dando um orgasmo.

— Você realmente quer que eu te odeie, não é?

Eu não sabia o que esperava quando me casei com ele, mas definitivamente não era isso. A resistência hermética que ninguém conseguia perfurar.

³³ Em inglês, a frase anterior, Cillian disse “I’m getting you off this horse”. Getting off pode significar tanto “tirar” quanto “fazer gozar”. Então, Persephone responde usando o outro sentido da frase.

— Sailor não está cavalgando, — ressaltou.

— Sailor está grávida.

— Até onde sabemos, você também poderia estar.

Seu temperamento estava desgastado e eu não conseguia descobrir o porquê. Eu fiquei bem longe dele o fim de semana inteiro. O que mais ele queria? Ele parecia estar desconcertado com a minha existência e eu estava ficando cansada disso.

— Se estou grávida, é um estágio muito inicial.

— Mais uma razão para ter cuidado.

— Oh, pelo amor *de* Deus, Kill. Não me venha com essa besteira como se você realmente se importasse com meu bem-estar. — Minha voz falhou e me virei para encará-lo, esquecendo momentaneamente que estava em um cavalo.

Suas narinas dilataram-se e ele soltou as rédeas para estalar os dedos.

— *Não* amaldiçoe.

— Senão? — Meu queixo estava trêmulo, assim como minhas entranhas. Meu aperto nas rédeas aumentou. — O que você vai fazer sobre isso? Você já é o pior marido possível que uma mulher poderia ter.

Isso não era exatamente verdade, visto que Pax era o campeão do Pior Marido do Ano, mas eu queria machucá-lo de volta. Para fazê-lo sentir o que ele *me* fez sentir.

— A propósito, vamos fazer sexo uma vez por mês e rezar para que eu engravide? Como vamos fazer isso? Por favor, deixe-me saber porque estou começando a perceber que você não pensou em seu plano genial!

Minha voz carregava um eco que ricocheteava nas copas das árvores, sacudindo o solo sob os cascos de Hamilton.

Murmúrios abafados vazaram da trilha paralela que nossos amigos estavam tomando.

— *...minha irmã!*

— *...pode se segurar.*

— *Juro por Deus, se ele a machucar...*

— *Ela vai machucá-lo de volta. Você mesma disse, Belle. Ela não é mais uma criança.*

Nossos amigos estavam discutindo se deveriam intervir ou não.

Agora todos sabiam que éramos uma bagunça, e tudo o que restou da minha esperança de fazer esse casamento parecer normalidade voou pela janela.



— Você está sendo uma pirralha, — disse Cillian friamente, recuperando a compostura.

— Você está sendo um *covarde*. — Meus dentes batiam de fúria.

Hamilton se mexeu embaixo de mim, seus passos espasmódicos e irregulares. Passei a mão no rosto. — Sério, se você vai me ignorar pelo resto de nossas vidas, apenas me conceda o divórcio. Vou devolver o dinheiro e vamos esquecer que isso aconteceu.

— Nunca. — Seu tom ficou rígido. Punindo. — Vou te dar um monte de coisas, Flower Girl, mas o divórcio não será uma delas.

— É mesmo? Vou contar a Sailor, Belle e Hunter. Tenho certeza que eles adorariam saber no que você me amarrou.

— Continue. — Ele bateu com a lateral da bota no cavalo, fazendo-o ir mais rápido. — Veja quanto poder outras pessoas têm sobre mim. Você descobrirá que a quantidade exata é absolutamente nenhuma.

— Então você não vai me aceitar, mas não vai me deixar ir. Você só quer que eu seja miserável como você?

Suas narinas dilataram-se. Ele parecia que estava prestes a dizer algo, mas é claro que não disse. Ele nunca faria isso. Ele nunca se explicaria para mim.

— Eu te *odeio*, — eu gritei, e sem pensar, bati meu pé para o lado do cavalo. Hamilton disparou para frente furioso. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, eu estava me debatendo acima do cavalo, meu corpo suspenso sobre a sela, batendo contra seus lados enquanto ele corria. Eu gritei, tentando agarrar as rédeas, meus dedos agarrando o ar.

Merda, merda, merda.

Eu olhei para trás. Meu coração estava na minha garganta. Eu subi a montanha longe o suficiente para saber que se caísse de Hamilton rolaria algumas dezenas de metros e me machucaria seriamente. Quebraria um ou dois ossos, pelo menos.

Kill cavalgava ao meu lado, rápido e furioso, gritando instruções para mim, mas eu não conseguia ouvi-lo por causa do vento e da adrenalina zumbindo entre meus ouvidos.

Hamilton parou, inclinando-se sobre as patas traseiras com um relincho, jogando-me do chão.

Eu tombei e voei no ar, fechando os olhos com força e me preparando para a queda. Um solavanco repentino e severo me jogou de volta para cima de um cavalo, meu diafragma batendo contra uma sela.

Por um segundo, pensei ter conseguido subir de volta em cima de Hamilton, mas quando abri os olhos, vi que estava



empoleirada em Franklin, meu corpo pendurado em suas costas como um saco de batata.

Cillian não estava mais em Franklin.

Eu ouvi um assobio e estiquei meu pescoço para o lado. Kill estava atrás de mim, sentado no chão. Ele se levantou, sem se preocupar em se limpar enquanto disparava em nossa direção, colocando os dedos na boca e assobiando para que Franklin parasse.

Cillian mancou, mas acelerou o passo para nos alcançar.

O cavalo diminuiu a velocidade até uma parada gradual, obedientemente esperando por seu dono. Kill parou quando nos alcançou. Ele agarrou minha cintura e me puxou para baixo, certificando-se de que meus dois pés estivessem no chão antes que ele me segurasse.

Eu desabei contra meu marido, tremendo incontrolavelmente.

— Oh Deus, oh Deus, oh Deus, — eu continuei murmurando.

Juntei o rosto de Kill, examinando-o. Toda a sua bochecha esquerda, incluindo a têmpora e o pescoço, estava arranhada e ensanguentada. Ele caiu de cara no chão quando se jogou do próprio cavalo e me jogou sobre ele para me salvar.



A realização bateu em mim.

Meu marido me salvou.

Colocou minha segurança na frente da dele.

Sem pensar duas vezes.

Ele estava sangrando, mancando, suas roupas caras arruinadas e rasgadas.

Ele olhou para mim como se estivesse fazendo um inventário e se certificando de que eu estava bem. Seus olhos cor de âmbar esfumados dispararam do meu rosto para os meus ombros, descendo pelo meu corpo, então subindo novamente para o meu pescoço, braços e dedos.

Depois de tudo o que aconteceu, *ele* estava *me* verificando.

Em vez de agradecê-lo – a coisa sã e adulta a fazer, – comecei a chorar infantilmente, deixando cair minha cabeça em seu ombro, agarrando sua camisa como se ele fosse se desvanecer em fumaça.

— *Foda-se*, — disse ele rispidamente. Foi a primeira vez que o ouvi xingar, e por alguma razão estúpida, isso fez meu coração cantar. Ele deu um tapinha na minha nuca sem jeito.

— Ora, ora... uh.

Ele não sabia o que dizer. Ele queria me confortar, mas nunca tinha feito isso antes.

— Você não está ferida, — disse ele inflexível. Roboticamente. — Eu chequei.

— Mas *you* está. — Minhas lágrimas continuaram rolando.

— Vou sobreviver, para o desespero de algumas pessoas. — Ele escovou meus fios rebeldes com os polegares, limpando meu rosto antes de descansar sua bochecha ensanguentada no topo da minha cabeça. Sua outra mão correu pelas minhas costas. — Shhh. Foi só um pequeno susto. Você está bem.

— Essa não é a questão! Você não está bem!

Eu estava chorando – chorando completamente – e não havia nada que ele pudesse fazer para me impedir. Então ele não fez. Ele me deixou desmoronar em seus braços, segurando-me junto.

— E-eu nem sei o que fiz de errado. Ash disse que Hamilton é seu melhor cavalo para novatos.

Percebendo que eu não estava em condições de cavalgar de volta, ele afundou na grama, sentando-se enquanto eu estava em seu colo, meus braços em volta de seus ombros.

Franklin ficou ao nosso lado, olhando-nos com curiosidade enquanto pastava.

— Você não fez nada de errado. Hamilton teve alguns anos ruins. Ele tinha inchaço nas pernas traseiras e não teve muito tempo para cavalgar. Quando o inverno chegou, ele piorou. Eu sabia que precisava quebrá-lo novamente na primavera. Ele não estava pronto para cavalgar. Quando eu vi você nele sem capacete... — Ele balançou a cabeça, fechando os olhos enquanto respirava fundo. — Vou desmembrar Hunter e usá-lo de alimento aos ursos polares que ele está tão desesperado para salvar.

— Hunter também não gosta de perfurações no Ártico? — Eu soluzei, surpresa.

— Não comece, — ele avisou.

— Bem. Mas você deve saber que cavalgar foi minha ideia. — Coloquei minha mão em seu peito, sentindo seu coração batendo forte em contraste com seu olhar cuidadosamente vazio. Ele me segurou gentilmente como se eu fosse uma coisa preciosa que ele não confiava em não quebrar.

— Hunter estragou tudo. Ele não deu a Hamilton tempo suficiente para se familiarizar com você. Cheirar você. Sentir você.

— Ele esteve ao meu lado o tempo todo. — Meus tremores estavam diminuindo, mas ainda o segurei com mais força. — Não é culpa dele. Não é culpa de ninguém.

Bem, quero dizer... foi meio que *minha* culpa.

E por *meio que* eu quis dizer totalmente.

Mas eu não admitiria isso e daria munição para meu marido contra mim.

Eu arrastei meu polegar ao longo do corte em sua testa. Embora ele não precisasse de pontos, ele definitivamente deveria esterilizar a área para se certificar de que não infeccionasse. Lama e sangue endureceram em sua têmpora.

— Você me salvou, — eu disse baixinho. — *De novo.*

A primeira vez foram as flores do bleeding heart.

A segunda foi Byrne e Kaminski.

Esta foi a terceira vez que Kill me manteve viva, apesar do meu infeliz talento de me encontrar em situações de risco de vida.

— Você é minha esposa. — Ele estreitou os olhos como se o motivo fosse óbvio.

— Você não age como se eu fosse, — sussurrei. — Não somos um casal normal.

— Não, — ele concordou. — Não somos.

Esperei que ele elaborasse, mas, aparentemente, isso era tudo. Eu olhei em volta, mudando de assunto.

— Onde está Hamilton?

— Uma questão de idades. Vou te dar uma carona para casa, depois vou procurá-lo. Você fica com Sailor e tenta se manter viva enquanto eu estiver fora.

Ele se levantou rapidamente, ajudando-me a ficar de pé.

A viagem de volta foi silenciosa. Mandeí uma mensagem para Sailor dizendo que estávamos a caminho e pedi a ela que preparasse um kit de primeiros socorros. Quando voltamos, Sailor estava esperando por nós do lado de fora com garrafas de água e um kit médico. Cillian a ignorou, desmontando de Franklin e me colocando de volta no chão suavemente.

— Você está uma merda. — Sailor olhou para meu marido.

— Você também não é exatamente o meu tipo — disse Kill secamente, colocando-me na frente dela como um móvel. — Torne-se útil e prepare um banho para ela. Não a perca de vista. Ela é fácil de esquecer e difícil de manter viva.

Ele montou de volta no cavalo, afastando-se sem nos lançar um olhar para nenhum de nós.

Sailor dirigiu seus olhos verdes para mim, reprimindo um sorriso.

— Nada nesta situação é engraçado. — Eu caí em uma cadeira de balanço próxima, jogando um braço sobre os olhos com um suspiro.



— Oh. — Ela se sentou no braço da cadeira de balanço, esfregando meu braço. — Mas é claro que é.

— Por favor me esclareça.

— Você fez seu marido cagar tijolos, cara. — Sailor deslizou para o meu colo, puxando-me para um abraço apertado, rindo incontrolavelmente. — Você deveria ter visto o idiota quando eu disse a ele que vocês foram cavalgar. Ele parecia pronto para quebrar alguns crânios. Alguém está chateado com você. Kill e Persy estão marcando uma árvore. PORRA.

Ela estava errada.

Kill não me queria.

Ele queria o que eu poderia *dar* a ele.

Eu ri, deixando a dor da verdade rolar para fora dos meus ombros.

Inclinei minha cabeça para o céu, rezando para encontrar Tia Tilda.

Estava cheio de nuvens.



Duas horas depois, Belle, Aisling, Devon e Sam estavam de volta.

Meus amigos correram para o meu quarto, falando sobre meu marido machucado (“Cowboy Casa-Nova”, como Belle se referiu a ele). Como ele encontrou seu cavalo no topo da montanha e o cavalgou de volta para o rancho.

— Deixe-me dizer, acho que cowboys são repelentes da libido, mas de alguma forma, assistir Kill montando um garanhão rebelde mudou minha mente. — Belle caiu na minha cama, suspirando.

Dei uma cotovelada em minha irmã. — Cuidado. É do meu marido que você está falando.

Ash revirou os olhos, jogando-se no colchão ao nosso lado. — Não se preocupe, Belle está muito ocupada tentando descobrir como arrastar Devon Whitehall para a cama para pensar em seu marido.

Nós nos abraçamos em grupo, eu espremida no meio. Eu me virei para minha irmã, levantando minhas sobrancelhas.

— Oh, sim? Eu não acho que você precisa se preocupar. O homem estava em cima de você como uma erupção na pele.

— Ele é um namorador delicioso — Belle gemeu, jogando a cabeça no meu travesseiro.

— E você e Sam? — Virei-me para Ash. — Algum progresso?

— Se não vai acontecer este ano, não vai acontecer de jeito nenhum. — Ash sorriu tristemente.

Esfreguei seu braço. — Sinto muito.

O jantar antes de voltarmos para casa foi delicioso. Consistia em sopa de milho com bacon e batata, frango frito e broa de milho, tudo feito do zero por Sailor. Para sobremesa, ela serviu torta de ruibarbo³⁴ e uma sobremesa de pêssego.

— Alguém mais quer reclamar sobre como convidei as meninas? — Hunter balançou as sobrancelhas atrás de sua xícara de café. Ele comeu três porções do doce de pêssego sozinho e enfiou comida suficiente na garganta para durar uma semana.

— Como você aprendeu a cozinhar e assar assim? — Devon sugou uma colher de chá, considerando Sailor com um novo respeito.

— Nossa mãe é uma das melhores cozinheiras e padeiras do mundo.

Sailor colocou a mão no antebraço de Sam.

— A melhor, — Sam corrigiu.

³⁴ É uma planta comestível utilizada como hortaliça e para fins fitoterápicos.



Sentei-me ao lado de Cillian, sorrindo e balançando a cabeça. Nós dois olhamos para nossos amigos enquanto eles entravam e saíam de uma conversa fácil, primeiro falando sobre os muitos restaurantes dos Brennan, depois sobre esportes e a tempestade desastrosa que ainda rasgava Boston com suas garras afiadas.

Eu sabia que tinha que colocar minhas calças de menina grande e agradecer ao meu marido adequadamente, não apenas por hoje, mas por tudo o mais que ele fez por mim. Eu estava caminhando na corda bamba entre querer ignorar sua existência e restaurar meu ego ferido e levar um martelo metafórico em suas paredes, demolindo-as uma por uma.

— Obrigada, a propósito, — eu disse baixinho, apertando sua mão sob a mesa.

Ele tirou sua mão da minha. Meu coração sangrou.

Isso não vai a lugar nenhum, e você está permitindo que ele mostre o caminho, com os olhos vendados.

— Pelo que?

— Por ter cuidado de Byrne. Pagou minha dívida. Conseguiu o divórcio. Salvou-me da ira de Hamilton. Eu nunca disse obrigada, e deveria.

— Faz parte do nosso acordo.



— Você está cuidando de mim ou me evitando?

— Ambos.

Abri minha boca para dizer algo a ele. Eu nem tinha certeza do que, quando Hunter jogou uma ficha de pôquer em nossa direção, acertando o ombro do meu marido.

— *Mo ôrga*, você está dentro ou fora?

— Dentro. — Kill tirou um charuto de uma caixa, prendendo a tampa antes de acendê-lo.

Hunter começou a embaralhar. — E a patroa?

— Ela está fora, — ele respondeu em meu nome.

— Puta merda. — Belle verificou seu telefone. — Olhe a hora. É o século vinte e um. Isso significa que as mulheres podem fazer o que quiserem sem pedir aos maridos.

Devon sorriu, observando minha irmã com admiração aberta.

— Você precisava do telefone para verificar em que século está? — Meu marido fumava seu charuto calmamente. — Acho que é hora de parar com as mimosas, querida.

— Minha irmã vai jogar. — Belle bateu na mesa com o dedo, soltando fogo.

— Quer apostar? Já estamos com vontade de jogar.



Cillian estava arrumando suas fichas ordenadamente, nem mesmo olhando para ela.

Eu nem *sabia* jogar pôquer, então os dois estavam sendo teimosamente burros.

— Eu juro por Deus, Kill...

— *Largue isso.* — Meu marido ergueu o olhar de suas fichas. — O ex dela perdeu todas as suas posses mundanas no pôquer. Acha que ela quer reviver isso, Einstein?

O silêncio caiu sobre nós.

Ele reuniu as cartas que Hunter distribuiu para ele com um aceno de cabeça.

— Sim. Pensei isso.

— Se eu fosse ela, jogaria apenas para irritá-lo, — minha irmã persistiu, o fogo ausente de sua voz agora. Todos na mesa jogaram, menos Ash e eu.

— É por isso que você *não* é ela. Porque ela é casada com um bilionário e você dirige um clube de strip — Cillian disse desapaixonadamente, seus olhos de falcão com bordas amarelas examinando suas cartas.

— Madame Mayhem é uma instituição respeitável. Burlesque não é a mesma coisa que despir, idiota. — Belle soprou um beijo.

— Eu amo Burlesque, — Devon gemeu, mudando de posição em seu assento.

— Você adoraria um genocídio se Emmabelle o fizesse, — Kill brincou.

— Apostas? — Sam perguntou com um cigarro aceso. — Não que eu não me divirta vendo todos vocês discutindo como um bando de galinhas velhas.

— O mesmo de sempre, — disse Kill.

— Como diabos eles são. Nem todos nesta mesa podem se dar ao luxo de jogar muito dinheiro em um jogo de pôquer. — Belle jogou suas cartas sobre a mesa. — Não estou jogando por milhares de dólares.

— Podemos jogar por menos, — Sailor sugeriu suavemente.

— Ou strip poker. — Hunter sorriu.

— Infelizmente para Emmabelle, o strip poker também a colocaria em desvantagem, considerando que ela está vestindo nada mais do que um guardanapo. — Meu marido deu outro golpe na minha irmã.

Belle usava um minivestido fino, mas apagar a discussão entre eles parecia contraproducente. Além disso, ele realmente acha que eu o deixaria falar com Belle daquele jeito?

— Cillian, — eu avisei incisivamente. — *Por favor.*



— Você é um idiota. — Minha irmã se levantou rapidamente, apontando para Kill.

— E você está afirmando o óbvio. — Kill bocejou, ignorando-me. — Que tal tornar isso interessante? As apostas continuam as mesmas de sempre, visto que você é a única pessoa falida nesta mesa. Se você perder, eu pago a conta. E se eu ganhar, — Kill fez uma pausa, soprando a fumaça do charuto em seu rosto, seus olhos zombeteiros fixos nos de minha irmã, — Eu consigo o que quero de *você*.

Meu coração despencou na boca do estômago com um baque que reverberou dentro do meu corpo. As garras verdes de ciúme envolveram meu pescoço.

Ele queria algo de Emmabelle.

Por que não quereria? Ela era a interessante, mundana, foguete.

O que ele estava atrás?

Seu corpo?

Seu *coração*?

Enrijeci, concentrando-me em minha respiração, dizendo a mim mesma para não o matar. Agora não. Ainda não.

— E o que é que você quer de mim? — Emmabelle perguntou lentamente, abaixando-se de volta para seu assento.

— O presente mais precioso de todos, — disse Cillian. — Silêncio. Mais especificamente, se eu ganhar, você vai parar de tratar minha esposa como um cordeiro indefeso que estou prestes a aniquilar. Ouço e vejo tudo. Você não está dando ao meu casamento uma chance justa. Você fala mal de mim a cada passo do caminho. É desrespeitosa com Persephone e isso para hoje. Isso se aplica a você também. — Ele prendeu Sailor com um olhar feroz. — Mesmas apostas. Mesmos termos. Qualquer um de vocês ganha... vocês recebem o dinheiro. Eu ganho... eu pago suas dívidas e, em troca, vocês saltam do trem Cillian é Satan. Se minha esposa quiser viajar, ela vai comprar sua própria passagem e viajar sozinha.

Belle e Sailor trocaram olhares.

Desde quando Kill se importava com o que as *peessoas* pensavam dele?

— Você está dizendo que o que vocês têm é real? — Sailor sondou.

— Estou dizendo que o que temos é *nosso*, — rebateu. — É entre Persephone e eu. Não ouvi nenhuma objeção quando Sailor estava trabalhando como babá para se certificar de que o pau de Hunter não faria uma turnê mundial em seu apartamento compartilhado. — Kill gesticulou para seu irmão mais novo. Hunter estremeceu.

Quando Sailor e Hunter se apaixonaram, todos nós sabíamos que ele era um playboy, mas ainda assim apoiava seu relacionamento. Kill tinha uma péssima reputação, mas até agora, ele se provou para mim mais do que Hunter fez para Sailor antes de se firmarem.

— Sou uma boa jogadora de pôquer. — Belle arqueou uma sobrancelha sedosa.

Ela não era boa. Ela era a *melhor*. E ela sabia disso.

— Eu também, — disse Sailor.

Kill sorriu. — Eu vou aproveitar minhas chances.

Quinze minutos depois, todos estavam absortos no jogo. Sailor, a mulher mais competitiva do planeta, ficava enxugando a testa toda vez que puxava uma carta. Belle se recusou a perder o foco, não participando da conversa na sala. Meu marido recostou-se em sua cadeira, sua linguagem corporal entediada e relaxada, ocasionalmente lançando um comentário inútil sobre o mercado de ações, que Hunter e Devon discutiram longamente.

— Então. Você quer o divórcio. — Seu suave tom de barítono penetrou profundamente em meu corpo. Ele retomou nossa conversa da tarde, quando pedi a ele para me libertar se ele continuasse me ignorando.

— Se eu estou destinada a uma vida perseguindo meu marido implorando para ele ir para a cama comigo, então sim, eu

quero o divórcio. Você nunca deveria ter se casado comigo se não me achava atraente.

— Eu te acho atraente. — Ele franziu a testa para uma carta que tirou do pacote, profissional. — O problema é que eu acho você *muito* atraente.

— Estou confusa, — eu disse mesmo que eu fosse tudo menos isso. Eu só queria que ele me dissesse algo reconfortante. Aumentar meu ego despedaçado.

— Eu também. Toda vez que olho para você. É por isso que tenho evitado você.

— Eu tenho necessidades. — Balancei minha cabeça.

— E eu tenho habilidades, — ele brincou de volta, colocando suas cartas na mesa, pegando uma lasca de laranja e batendo na superfície de carvalho. Ele deixou cair um braço sob a mesa casualmente. Um momento depois, sua mão pesada e quente pousou na parte interna da minha coxa.

Minha respiração engatou. Eu usava um vestido verde-esmeralda sem ombro que mal chegava aos joelhos. Ele levantou seus dedos até que sua mão se aninhou na curva entre minha coxa e virilha.

— Sua vez, Kill. — Sam jogou uma de suas cartas na pilha.



Meu marido empurrou uma pilha de fichas para o centro da mesa. Os jogadores olharam em volta, avaliando a reação uns dos outros. Kill aproveitou a oportunidade para passar os dedos sobre o algodão da minha calcinha, empurrando o tecido para o lado.

Ele arrastou dois dedos sobre minha fenda exposta, explorando preguiçosamente, provocando minha carne sem entrar em mim. Estremeci, sentindo meus mamilos endurecerem.

Belle franziu a testa para suas cartas. — Ele está blefando. Eu aumento.

Ela arrastou mais fichas para o centro da mesa.

— Tão descarada com o dinheiro de outras pessoas. — Kill sorriu preguiçosamente.

— Eu sou sempre descarada, — Belle corrigiu. — Mas quando se trata de colocar idiotas em seus lugares, também estou feliz com isso.

— Eu desisto. — Sailor jogou suas cartas, estremecendo para minha irmã. — Desculpa. Você sabe que perder me dói fisicamente.

— Eu também, caramba. — Hunter colocou suas cartas na mesa.

Devon, que percebi em nossas poucas interações, era uma cobra total, riu, seus olhos movendo-se entre Belle e Cillian.

— Esta é uma competição de quem tem o pau maior? Porque Emmabelle, minha querida, eu ficaria muito desapontado se você ganhasse.

— Mas não desanimado, — Sam murmurou. — Enrole a porra da língua de volta na boca. Você está babando na tigela de tortilha.

Minha irmã olhou para meu marido com expectativa, mas Cillian não se incomodou em notar ninguém na sala. Seus dedos experientes agora estavam brincando com meu clitóris, seu polegar esfregando minha fenda sob a mesa, não afetado pelo fato de que os olhos de todos estavam nele. Cada músculo do meu corpo se contraiu deliciosamente, implorando por liberação.

Eu gostei de termos uma audiência, embora eles não soubessem disso.

— Mostre-nos suas cartas, — Emmabelle rosnou.

— Peça com educação, — ele a ensinou.

— Maldição, Kill, olhe em volta. Você está prestes a fazer um comentário sarcástico para não ser esfaqueado. — Hunter riu.

Cillian virou suas cartas com a mão livre. Todos se inclinaram sobre a mesa para examiná-las assim que ele deslizou

um dedo em meu núcleo, enrolando-o, seu polegar empurrando contra meu clitóris.

Engasguei, torcendo meus dedos sobre a borda da mesa.

Mãe de dragões.

— Você está bem, Pers? — Sailor se virou para mim.

— Eu não sei sobre ela, mas seu marido com certeza não está. — Belle revelou suas cartas em triunfo, fazendo todo mundo respirar fundo. — Você não tem nada, American Psycho³⁵. Eu, no entanto, tenho full house.

Usando os dois braços, ela recolheu as fichas no centro da mesa.

— Estou bem, só... só... — ofeguei, tentando juntar uma frase, mas Kill empurrou outro dedo dentro de mim, agora bombeando para dentro e para fora, a ponta do polegar ainda circulando meu botão sensível. Eu estava encharcada, tentando descaradamente arquear minhas costas e esfregar contra mais de sua mão. Eu também tinha certeza de que se as pessoas ao nosso redor calassem a boca por um segundo, elas poderiam ouvir os golpes que explodiam quando ele me tocava como um instrumento.

— Você o quê? — Sailor pressionou.

³⁵ Psicopata Americano.



— Eu distendi um músculo do pé. — Peguei minha bebida, forçando-me a engolir um gole, meus dedos tremendo tanto que a água espirrou.

— Oh, droga. — Ash torceu o nariz, empurrando a cadeira para trás. — Deixe-me dar uma olhada, talvez eu possa...

— Não! — Eu gritei. Meu marido me tocou mais fundo, mais rápido, mais possessivamente do que ele já me tocou. Ele estava com os nós dos dedos profundamente dentro de mim agora, espalhando-me amplamente, fazendo-me sentir deliciosamente cheia. — Eu estou bem agora. Obrigada.

A expressão de Cillian estava vazia enquanto ele examinava a mão de Belle calmamente.

— Sorte de iniciante, — ele decidiu.

Obviamente desapontada com sua falta de resposta emocional, minha irmã bufou.

— Não se preocupe, Kill, vou limpar suas fichas até o final do próximo jogo.

— E minha casa, se aquele show no clube de stripper não der certo.

Devon começou a negociar novamente.

Eu estava ofegante, agarrando as bordas da minha cadeira agora, perseguindo seu toque sob a mesa. Nunca me senti tão

quente e incomodada em toda a minha vida. Paxton e eu nunca fizemos sexo em nenhum lugar digno de menção. O que tornava tudo um milhão de vezes mais quente era que ninguém suspeitava do que estávamos fazendo. Meu marido era a visão de tudo que era elegante, dourado e adequado, usando sua máscara de gelo e inacessível enquanto fazia coisas sujas para mim.

Kill escolheu suas novas cartas quando alcancei meu pico. Envovi meus dedos em torno de seu pulso grosso sob a mesa enquanto o angulava onde eu queria e comecei a montar sua mão em um movimento de onda. Meu clímax me abalou profundamente. Todos os músculos do meu corpo se contraíram, minha respiração parou e minha boca se abriu, um terremoto me balançando da cabeça aos pés.

— Meu Deus, Pers, você tem certeza que está tudo bem? Você parece estar com dor, — Ash lamentou atrás de minhas pálpebras. Pisquei, drogada e satisfeita.

— Outra câibra. Desculpa. — Eu sabia que minhas bochechas estavam vermelhas. Kill jogou uma carta em uma pilha e tirou outra com frígido desinteresse. Sua mão retirou-se de entre minhas pernas, para fora da minha calcinha.

Ele parou para limpar meus sucos na minha coxa, reorganizando meu vestido acima das manchas do meu clímax.

— É melhor eu andar um pouco, esticar meus membros. — Levantei-me. — Alguém quer alguma coisa da cozinha?

— Conhaque, — disse Kill, sem tirar os olhos das cartas.

— Guinness, — Hunter resmungou.

— Cianeto. — Sam ergueu a mão. — Faça um duplo. Este jogo está me entediando até a morte.

— Isso é porque você não gosta de dinheiro e sempre desiste mais cedo. — Hunter bufou. — Por que você faz isso?

— Não jogo para ganhar ou perder, — explicou Sam.

— Então, por *que* você joga?

— Para estudar meus oponentes, encontrar sua fraqueza e usá-la contra eles.

— Ah. — Hunter concordou. — Lembre-me de nunca ficar no seu lado ruim.

— Você engravidou minha irmãzinha, — Sam fez uma careta. — Um pouco tarde para isso.

Tranquei-me dentro da cozinha para firmar minha respiração e limpar todas as manchas suspeitas. Voltei com uma bandeja e distribuí as bebidas. Depois, fiquei vagando pela sala, estudando as obras de arte nas paredes. Pinturas rústicas de bosques, lagos e tempestades de neve. Um deles chamou minha atenção. Era de uma cabana iluminada pela lua, mas havia uma nuvem grande e densa ao fundo.

Tia Tilda?

— Flower Girl, — Cillian cortou, usando meu apelido na frente de todos. Todas as cabeças se ergueram em uníssono, como se ele tivesse falado em outro idioma. Ele apontou para o meu assento. Eu tirei minha cabeça da pintura.

— Mostre à sua irmã de que lado você está.

— Você tem certeza? Não seria seu. — Dei um sorriso sarcástico, mas fui honesta. Belle era minha irmã. Eu sempre a terei de volta.

Belle riu. — Ai.

Meu marido moveu o resto de suas fichas para o centro da mesa, imperturbável.

— Valendo tudo.

Sailor e Belle se entreolharam. Ao longo da noite, os jogos foram bastante equilibrados, com Cillian, Sailor e Belle terminando com aproximadamente a mesma quantidade de fichas.

Hunter, Devon e Sam desistiram, muito entretidos com a perspectiva de ver Kill indo contra duas mulheres que o queriam morto para interferir.

— Eu também. — Sailor empurrou sua pilha de fichas, voltando-se para Belle. — Você?

— Nem preciso dizer. — Belle despejou todas as suas fichas, esfregando as palmas das mãos.

Sailor foi a primeira a baixar as cartas. — Diga olá aos meus dois pares.

Belle deu um tapinha no ombro de Sailor presunçosamente, revelando suas próprias cartas.

— Isso tudo é bom e elegante, mas você foi formalmente convidado para meu segundo *full house* consecutivo. Puxa, eu me pergunto o que vou fazer com todo esse dinheiro. — Ela sorriu para meu marido, batendo os lábios. — Estou pensando em tirar férias nas Bahamas ou talvez comprar um carro novo. O que você acha, Fitzpatrick? Ficarei bem em uma Mercedes?

Por favor, não diga à minha irmã que ela ficaria bem em um caixão, orei internamente.

Foi uma coisa tão Cilliana de se dizer.

O rosto de Kill permaneceu em branco. Ele largou as cartas preguiçosamente, revelando uma mão que fez todos na sala respirarem fundo.

— Royal flush! — Belle se eriçou, pulando. — Há uma chance em meio milhão de conseguir um royal flush, e você não tem tanta sorte. Você adulterou as cartas. Admita.

Foi a vez de Kill se levantar. Ele não recolheu as fichas, apenas olhou para Belle com um olhar que me fez perceber que ele nunca gostou dela. O que quer que o fizesse olhar para ela toda vez que estávamos na mesma sala juntos não era luxúria. Ele me disse que nunca a quis e eu finalmente acreditei nele. Kill era cruel, decadente e ruim até os ossos, mas mentir e trapacear estavam abaixo dele.

— Se você vai lançar acusações, é melhor apoiá-las com alguns fatos. — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Como diabos eu faria isso? — Ela riu amargamente. — Bem. Tanto faz. Só para deixarmos claro, acho que você é o homem mais corrupto do planeta.

— Só para esclarecermos, — ele imitou seu tom, fazendo com que risadinhas abafadas surgissem da mesa, — Eu não me importo. Fique com o troco. E quanto à sua pergunta sobre o que fazer com esse dinheiro, sugiro que compre um pouco de bom senso. Entretanto, lembro que você concordou em não interferir em meu casamento. Sem lavagem cerebral em minha esposa ou dando a ela um pedaço de sua mente sobre mim. Ela é uma garota crescida e pode tomar suas próprias decisões. O mesmo vale para você. — Ele estalou os dedos para Sailor.

Com isso, ele se afastou, saindo da sala.

Os homens foram os primeiros a rir e se levantar, voltando para seus quartos.



Nós, mulheres, ficamos sentadas em um silêncio sociável por alguns minutos, digerindo.

— O que acabou de acontecer? — Aisling perguntou, finalmente.

— Eu acho, — Belle rolou uma das fichas de pôquer entre os dedos, — Pers conseguiu colocar a primeira ficha no coração de gelo de Satan.

— E isso o machucou. — Sailor riu. — Como uma vadia.

Quinze



Cillian

Devon: *Precisamos ganhar tempo. Sente-se com Arrowsmith e faça um acordo.*

Eu: *Número errado.*

Devon: *Você me paga para dar conselhos sólidos. Meu conselho é assinar um acordo de amor nos bastidores e descobrir seu plano de longo prazo depois de desmontar essa bomba-relógio.*

Eu: *A única coisa nos bastidores que Arrowsmith receberá de mim é enviá-lo para uma cirurgia reconstrutiva anal.*

Ele me quebrou uma vez. Desta vez, eu que quebraria.

Devon: *Eu respeito que você o odeie, Kill, mas éramos jovens. Faça uma grande doação para ele, faça-o se sentir bonito e siga em frente com sua vida. Você pode perder seu título de CEO, milhões de dólares e pegar a pena de prisão se adulterar este julgamento.*

Eu: *Ele era um monstro que me transformou em um monstro melhor. Agora somos ambos animais carnívoros. É hora de ver quem consegue derramar mais sangue.*

Joguei meu telefone no assento de couro, franzindo a testa para fora da janela do Escalade.

Andrew Arrowsmith não descansaria até que me visse declarando falência.

Não se tratava de dinheiro. Nunca foi para mim.

Estava se tornando melhor do que meu pai como CEO porque ele era melhor do que *seu* pai.

Na época em que meu tataravô incorporou o Royal Pipelines, você podia atirar uma bala no chão e o óleo derramava. Na época em que meu pai herdou a empresa, ele teve que fazer alguns fraturamentos sérios e espremer os recursos naturais de que dispunha para continuar o crescimento monstruoso de nossa empresa.

Eu? Não queria simplesmente aumentar nosso capital. Eu queria triplicar. Para entrar na história como o melhor CEO que a empresa já conheceu.

Eu tinha Sam cavando sujeira sobre Andrew enquanto decidia de qual ângulo eu queria atacá-lo. Entretanto, assegurei-me de que a Green Living investisse muito dinheiro no processo, perdendo suas calças e seus fundos rapidamente.



Por tudo o que me importava, assim que terminasse, Andrew não teria um emprego, uma empresa ou um teto sobre sua cabeça.

O Escalade parou na frente do prédio de minha esposa. Mandeí uma mensagem para ela descer, passando por cima da mensagem não respondida de antes, complementada com uma imagem do céu.

Flower Girl: *Olhe para fora. Tia Tilda veio dizer olá esta manhã. ☺*

Tia Tilda era um pé no saco e era responsável pelo nome infeliz de minha esposa. Persephone era apenas um pouco melhor do que Tree e Tinder.

Continuei ignorando os textos diários de minha esposa. Já era ruim o suficiente que eu passei a última semana assombrado pela memória da noite de pôquer em meu rancho. O jogo foi um tédio, pontuado por comentários entorpecentes de Sailor e Emmabelle, que se tornaram duas das minhas coisas menos favoritas em Boston. Minha esposa, porém, era outra história. Não importa o quanto eu tentei negar, ela me agradava.

Na maneira como ela olhava para mim.

Na maneira como ela sorria para mim.

No jeito que ela me chamava de *hubs* como se isso fosse real e não uma sentença de prisão perpétua nascida das cartas ruins que ela recebeu de seu marido anterior.

Ela já estava com sua dívida paga, seu divórcio concedido e os meios para viver como uma Kardashian. Ela não tinha que fingir que me tolerava, mas ainda teve a cortesia de fazê-lo.

Minhas pálpebras caíram enquanto eu tentava clarear a memória dela agarrando minha mão por baixo da mesa, montando em meu punho, suas coxas agarradas em volta dos meus dedos em um aperto forte. Ela queimava como uma rosa vermelho-sangue, suas pétalas enrolando e girando em torno da chama, e eu estava feliz por não poder vê-la abertamente enquanto estávamos em companhia, porque eu não tinha dúvidas de que teria gozado em minhas calças.

Eu queria expurgar minha esposa do meu sistema. Para realocá-la em algum lugar longe – talvez para a nova casa de seus pais no subúrbio. Para arrancá-la da obscuridade apenas quando o humor me atingisse em ocasiões especiais.

Ela era deslumbrante, cinética. Muito alta, muito. Casar-me com ela foi a pior e melhor decisão que já tomei.

— Descansando a mente, hein? — A voz gutural de Persephone encheu o Escalade. — Eu li em algum lugar que cochilos são mais eficazes do que oito horas de sono. Você sabia disso?



Ela deslizou ao meu lado, envolta em um vestido que se agarrava às suas curvas como eu faria se não estivesse em cento e um tons de bagunça.

Peguei um charuto de uma caixa ao meu lado, acendendo-o. — Belo número.

— Isso é um elogio que estou ouvindo? — Ela pressionou as costas da mão na minha testa, provocando a verificação da minha temperatura. — Não. Sem febre.

— Sua beleza nunca esteve em questão, — bufei.

— O que é, então?

— É a capacidade de me desarmar.

Ela me lançou um olhar que dizia que não estava feliz comigo. Um olhar que, por razões que desconhecia, eu não suportava. Ela tirou algo de sua bolsa Valentino. Um pedaço de papel. Ela o desdobrou. Uma nota de dez dólares saiu dela. Também uma caneta. Ela me entregou os três.

— Isso é para você, a propósito.

— O que estou olhando? — Eu examinei o papel em sua mão sem pegá-lo.

— Eu vi isso em um programa de TV. *Billions*. É um contrato em que você vende sua alma para mim.



Eu realmente deveria ter feito-a fazer um teste de drogas antes de colocar um anel em seu dedo.

A quantidade de tolices saindo daquela boca bonita poderia manter todo o Senado ocupado por um século.

Então, novamente, no fundo, eu sabia que mesmo se os resultados dessem que ela era viciada em metanfetamina, cocaína, heroína e todos os idiotas sem-teto do centro, eu ainda teria me casado com ela, e isso era um problema.

Um *grande* problema.

— Assine. — Ela largou a nota de dez dólares no meu colo como se eu fosse uma dançarina de pole dance. Eu não fiz nenhum movimento para pegá-lo.

— Qual é o problema? — Ela franziu o cenho. — Você já me disse que eu nunca poderei ter seu coração e mencionou que você não acredita em almas. Isso significa que vender a sua para mim não deve ser muito difícil, certo?

O fato de ela estar tentando me desafiar filosoficamente a tornava bonita o suficiente para comer. Então, novamente, eu não precisava de muito incentivo para querer comê-la. Querer saber qual seria o gosto da boceta da minha esposa era algo que eu fazia com frequência.





Lambi meus dedos depois do jogo de cartas no rancho. O cheiro dela atingindo meu sistema, sozinho, deixou-me dolorosamente duro.

— Tudo bem se você não quiser arriscar. — Ela retirou o contrato, prestes a enfiá-lo de volta na bolsa.

— Alma não existe, — repeti estupidamente.

— Nesse caso, gostaria de comprar a sua.

— Como acabou naquele programa de TV? — Recostei-me na cadeira, girando o charuto entre os dedos.

— *Billions?* — Ela franziu o cenho. — A garota - que tem um conjunto de crenças e visões do mundo semelhantes às suas - assinou o contrato, provando que ela realmente não acreditava na existência de sua alma.

— Erro amador. — Agarrei meu charuto entre os dentes para liberar minhas mãos, ajustando o colar no pescoço de minha esposa para que o fecho não aparecesse. — A primeira regra nos negócios é oferta e demanda. Você coloca um preço em algo de acordo com o valor que outras pessoas valorizam. Meu conjunto de crenças é irrelevante. *Você* acha que as almas existem e, portanto, vou entregar a minha para você pelo preço mais alto.

— Qual seria o preço?

— Sua submissão total ao nosso acordo. — Tirei a caneta e o papel de sua mão, colocando-os no bolso da camisa. — Mais sobre isso quando eu descobrir o que exatamente implica. Assunto encerrado.

A necessidade de possuí-la, conquistá-la, bani-la e descartá-la me fez perder o sono.

Nem fazia sentido, e sentido era a bússola com a qual eu sempre poderia contar.

Persephone me fez jurar, e *nada* me fazia jurar. No entanto, quando estávamos naquela trilha, eu disse a palavra *foda*. Não porque quebrei duas costelas – o que, aliás, aconteceu – ou porque estava sangrando e ferido, mas porque ela parecia assustada e eu nunca mais queria ver aquela emoção em seu rosto novamente.

Ela alisou o vestido, examinando-me sob uma espessa cortina de cílios.

— Estou feliz por estarmos indo para este evento de caridade. Não saímos como casal desde que nos casamos. Paxton e eu costumávamos ter encontros noturnos o tempo todo. Eu sinto falta disso.

— Para onde Paxton a levava? — A pergunta escapou antes que eu pudesse enfiá-la de volta na minha garganta e me engasgar com ela. Que era o que eu merecia por só *pensar* nisso.

Ela soprou uma mecha de cabelo cor de girassol que caiu sobre o olho.

— Tínhamos um passe anual da Disney. Eu amo um bom conto de fadas. Costumávamos ir a restaurantes, danceterias, jogos de futebol. Ah, e fazer piqueniques, às vezes. Nosso sonho de lua de mel era ir para a Namíbia, mas estávamos quebrados demais para fazê-lo.

— Por que a Namíbia?

Por que fazer mais perguntas a ela?

— Certa vez, vi uma foto do deserto da Namíbia em um jornal. As dunas amarelas pareciam veludo. Fiquei obcecada em me deitar em uma daquelas dunas perfeitas e olhar para o sol. Parecia o máximo de estar vivo. Tão comovente. Tão puro.

Tão estúpido.

Ela teve o bom senso de corar.

Voltei-me para a vista que fechava pela janela, tendo ouvido o suficiente sobre seu relacionamento anterior.

— Tivemos uma boa corrida.

Uma agulha desconhecida picou meu peito. Talvez eu estivesse tendo um ataque cardíaco. Passar uma noite no pronto-socorro ainda seria melhor do que Arrowsmith babando em

minha esposa como um garoto excitado do décimo ano publicamente.

— Um homem chamado Andrew Arrowsmith estará no baile de caridade. É ele quem está entrando com um processo contra a Royal Pipelines. — Mudei de assunto.

— Eu o conheço da TV. Ele faz programas matinais e painéis ambientais.

— Espero que você se comporte da melhor maneira possível. Ele vai nos examinar de perto, procurar rachaduras na fachada.

Ela me lançou um olhar curioso. — Por que tenho a sensação de que essa história é mais do que um processo?

— Nós voltamos. Crescemos juntos, frequentamos as mesmas escolas por um tempo. Seu falecido pai trabalhava para o meu.

— Suponho que sua saída não incluiu nenhum prêmio de funcionário do ano.

— *Athair* fez com que ele fizesse a caminhada da vergonha e o *proibiu* de trabalhar em qualquer empresa respeitável na Costa Leste. Arrowsmith Sênior tinha um talento especial para fraude.

Persephone cruzou as pernas. — Então, este processo é pessoal?

Ofereci a ela um breve aceno de cabeça. — Arrowsmith Sênior morreu recentemente.

— O que abriu a velha ferida, fazendo Andrew aceitar o trabalho na Green Living.

Ela o alcançou rapidamente. Flower Girl era muito mais esperta do que eu pensava antes de eu pedi-la em casamento.

— Como é que a mídia não percebeu isso? — Ela reajustou minha gravata. Desta vez, eu não movi sua mão. — Seu objetivo oculto, quero dizer. Ele é uma figura altamente pública.

— Eu não vazei ainda.

— Por quê?

— Arrowsmith também tem algo contra mim. Estamos colocando nossos pecados sobre a cabeça um do outro, esperando para ver quem piscará primeiro.

— Vamos fazê-lo recuar então, *hubs*.

— Não há *nós* nesta operação. Você se preocupa em me dar herdeiros, e eu me preocuparei com Arrowsmith.

Ela me estudou; seus olhos azuis tranquilos. Eu poderia dizer que ela não estava mais com medo de mim, mas eu não tinha certeza se isso me satisfazia ou irritava.



— Eu quero dizer isso, Flower Girl. Não se meta no meu negócio.

Ela ainda estava sorrindo.

— O que você está olhando? — Olhei furiosamente.

— Você segurou minha mão na sua durante todo o trajeto. Já que você pegou o contrato de mim.

Baixando meu olhar, eu imediatamente me afastei dela.

— Não percebi.

— Você é bonito quando fica nervoso.

— Eu juro, Persephone, vou realocar você para a sua preciosa Namíbia se você não parar de me irritar.

— Então agora eu aborreço você constantemente. — Seus olhos azuis brilharam. — Essa é uma emoção constante. Faltam mais vinte e seis!

Havia vinte e sete emoções? Isso parecia completamente incontrolável. Não admira que a maioria dos humanos fosse categoricamente inútil.

O motorista abriu a porta traseira. Deslizei primeiro, pegando a delicada mão de minha esposa na minha enquanto as câmeras clicavam, devorando-nos, querendo mais da mulher que decidiu trancar seu destino com The Villain.

Coloquei minha esposa atrás de mim e marchei passando por eles, bloqueando os clarões cegantes com meu corpo para que ela não tropeçasse e me envergonhasse.

Era hora do show.



O baile de caridade me lembrou porque eu não trato com as pessoas.

Fora do quarto, pelo menos.

Uma nuvem rançosa de perfume pairava sobre penteados cuidadosamente borrifados. O piso de mármore xadrez do hotel do século XIX cintilava, e os aristocratas imortalizados nas pinturas emoldurando o salão de baile olhavam para os convidados com desaprovação.

Tudo sobre o evento era falso, desde a conversa, aos dentes folheados e lágrimas de crocodilo sobre o motivo pelo qual estávamos arrecadando dinheiro – palhaços para gatinhos? Santuário de formigas? Fosse o que fosse, eu sabia que me destacava como um cara sóbrio em uma festa de fraternidade.

Eu levei Persephone para dentro, ignorando as poucas pessoas que eram burras o suficiente para se aproximar de mim.

Essa era a beleza de ser o empresário mais odiado de Boston. Eu não precisava fingir que me importava. Eu queria falar em particular com o homem que estava processando minha empresa, então vim aqui com um cheque que os organizadores não puderam recusar. Mas minha disposição para socializar ou jogar estava abaixo de zero.

Peguei uma taça de champanhe da bandeja de uma garçonete para Persephone e um conhaque para mim, esnobando um gestor de fundos de investimento que veio se apresentar com uma mulher de aparência chata que imaginei ser sua esposa.

Algo rápido e forte bateu na minha perna. Ele tropeçou para trás, caindo aos pés de minha esposa em um emaranhado de membros rechonchudos.

Persephone perdeu o controle do champanhe, derramando sua bebida por todo o vestido. Ela soltou um suspiro enquanto eu agarrava a coisa estúpida e a puxava no ar. Ele estava chutando e gritando.

— O que...

— *Deixe-o ir!* — Minha esposa gritou, golpeando minha mão. Ela se agachou, dando a todos na sala uma visão do assento



dianteiro de seu decote, e corrigiu a coisa - tudo bem, *criança que* havia batido em nós, ajudando-o a se levantar.

— Você está bem, docinho? — Ela esfregou os braços dele.

A criança parecia vagamente familiar, mas como eu não conhecia nenhuma criança, imaginei que todas pareciam iguais. Como esquilos ou biscoitos Oreo.

O menino torceu o nariz, balançando a cabeça. Seu olho direito bateu duas vezes... não, seis vezes.

Tique. Tique. Tique, tique, tique, tique.

Meu intestino torceu. Eu recuei, estalando meus dedos um após o outro.

— Você está perdido? — Minha esposa colocou a palma da mão na bochecha da coisa ranhosa.

Sim.

O menino baixou os olhos, contraindo-se e zumbindo.

— S-sim.

— Vamos encontrar seus pais.

Ela ofereceu-lhe a mão. Ele a pegou, quando outro garoto de aparência idêntica navegou em seus tênis em nossa direção, esbarrando no garoto inquieto. Ambos bateram em Persephone. Em vez de empurrá-los para fora do caminho, ela deu sua risada

gutural que parecia ter uma conexão de discagem rápida direta com a minha virilha e os pegou em seus braços como se fossem cachorrinhos ansiosos. Eles enfiaram seus dedos pegajosos em seus cachos loiros e tocaram seu colar de diamantes.

— Calma aí, pequeninos. — Ela riu.

— Eu não sou pequeno. Eu sou um menino crescido. Tinder!
— O segundo menino chorou. — Mamãe e papai estão procurando por você.

— T-Tree. Olha o que eu achei. Uma verdadeira princesa. — Ele acenou para minha esposa.

Tinder?

Tree?

Oh, para fu...

— Fitzpatrick. É um prazer ver você aqui. O que você está fazendo arrecadando fundos para Por Amor à Vaca? — Andrew Arrowsmith caminhava atrás de seus filhos, levando sua esposa pela parte inferior das costas.

Eu olhei para um dos pôsteres na sala, certo de que ele estava me testando. Com certeza, as palavras *Pelo Amor da Vaca* estavam claramente lá. Aparentemente, eu deslizei um cheque de cinquenta mil dólares na porta para apoiar a pesquisa sobre como diminuir o efeito do metano na redução do ozônio.

Merda de vaca ganhou um novo significado literal.

Eu dei outra olhada em Tinder. Ele estava se sacudindo nos braços da minha esposa, sua garganta produzindo sons ferozes que eu duvidava que ele controlasse.

— Não me diga que você cresceu uma consciência. — Andrew sorriu. Eu tinha que admitir, ele exibia bem sua aristocracia recém-conquistada.

— Que consciência? — Eu perguntei indiferente. — Eu ouvi a palavra *vaca* e imaginei que haveria bife.

— Isso soa mais como você. — Os olhos de Andrew se voltaram para Persephone, que ainda estava no chão, *ahh-ing* e *aww-ing* sobre algo que seus filhos disseram.

— Ela é adorável.

— Eu tenho olhos.

— Você não vai nos apresentar a ela?

— Não, — eu disse impassível.

Infelizmente, parte da razão pela qual eu estava levemente obcecado por Persephone era devido a seus modos impecáveis. Ela se levantou, estendendo a mão para meu nêmesis com um sorriso caloroso, apresentando-se de qualquer maneira.

— Persephone Fitzpatrick. É um prazer conhecer você.



— Andrew Arrowsmith, e esta é minha esposa, Joelle. Acredito que você já conheceu meus filhos, Tinder e Tree.

— Oh, eles fizeram uma grande entrada. — Persephone afastou os cabelos castanhos da testa pastosa de Tinder, rindo.

Não toque em seu filho.

— E-eu-estou entediado. V-você pode brincar comigo, princesa? — Tinder puxou o vestido da minha esposa, ainda úmido do champanhe que a fez derramar.

Eu não tinha ciúme de uma criança de cinco anos.

Eu simplesmente não tinha.

Mesmo que o espanto com que minha esposa o olhava me irritasse.

— Este lugar é chato, hein? — Ela piscou para ele conspiratoriamente. — Vamos ver quais problemas podemos encontrar por aqui.

— Não, obrigado. Ainda temos algumas pessoas para cumprimentar. — Joelle puxou seus filhos de volta para seu lado, lutando para controlá-los. Ela parecia lamentavelmente normal, especialmente perto de minha esposa. Seus traços são enfadonhos, seu cabelo muito duro.

Flower Girl deu a ela um olhar penetrante.

— Acho que o Tinder precisa de ar fresco. Ficaremos na varanda, onde vocês podem nos ver. Você é bem-vinda para se juntar a nós.

— Amor. — Coloquei a mão no braço de minha esposa. — Você está de folga. Deixe seus pais lidarem com ele.

Ela se afastou do meu toque. — Nem tudo é uma tarefa árdua.

Eu a encarei com um olhar, mas mantive minhas opiniões para mim mesmo. O que eu poderia dizer? Que o garoto estava quebrado e sem esperança, e qualquer gentileza que ela fosse mostrar a ele iria lhe dar uma esperança cruel e injustificada de que um dia poderia ser normal? Aceitável? Amado?

— Por favor, mamãe. — Tinder caiu de joelhos. — Por favor, nós realmente queremos nos divertir, para variar.

— *Tá boooommm.* — Joelle riu nervosamente. — Tree e eu vamos acompanhá-lo.

— Você nunca nos deixa brincar durante coisas como essa. — Tree olhou para sua mãe com desconfiança. — Por que agora?

Joelle bufou, acenando com a mão.

— Claro que deixo, querido.

As mulheres saíram com os filhos. Andrew e eu ficamos para trás, encostados no bar, observando-os. Algumas pessoas que

passaram por nós apertaram sua mão e acenaram para ele, ignorando-me.

— Ela realmente é alguma coisa. — Ele esfregou o queixo, seguindo os movimentos elegantes de minha esposa, despindo-a com os olhos.

— Algo de que é melhor você desviar os olhos, — eu sibilei. — A menos que você não se importe que eu os pegue com uma colher de sobremesa.

— Não finja que você é capaz de criar um apego por qualquer pessoa ou coisa que não seja dinheiro, incluindo esta pequena criatura deliciosa.

Ele se virou para sorrir para mim, satisfeito. — Ela sabe?

Não adiantava fingir que não sabia do que ele estava falando.

— Sim, — eu menti.

Ele deu uma risadinha. — Boa tentativa. Ela não sabe, mas ela vai. E assim que o fizer, ela vai acabar com você.

— Tinder é um garoto interessante, — eu cutuquei de volta.

— Sim. — Andrew apoiou os cotovelos no bar, ainda observando nossas famílias. Persephone envolveu seu braço magro em torno de uma coluna na varanda, girando e rindo. Tinder fez o mesmo e Tree se juntou a eles. Joelle olhou com um

sorriso sombrio no rosto. — Eu dou a ele todo o apoio e ajuda de que ele precisa.

— Seu amor e apoio não podem consertar o sistema nervoso dele. — Inclinei minha cabeça para trás, engolindo meu conhaque.

— Estou me divertindo muito estragando seu negócio, colocando outdoors ao lado de seu escritório, organizando demonstrações, processando sua empresa por tudo que vale a pena. O que você tem a dizer sobre isso? — Ele pegou uma bebida no bar e deu um gole. — Oh. Está certo. Você nunca amaldiçoa. Como isso está funcionando para você?

Virei-me para ele. Eu poderia contar em uma mão as coisas que conseguiam perfurar minha armadura hoje em dia.

Andrew Arrowsmith era uma das poucas.

Minha esposa também.

— Vamos direto ao assunto, Andrew. Desista do processo ou farei você perder o emprego, depois a casa e a reputação, exatamente nessa ordem. As impressões digitais de Arrowsmith estão em toda a Royal Pipelines de décadas atrás. Basta vasculhar os registros da empresa — estalei os dedos — e tudo o que você construiu desmoronará como um biscoito velho. A maçã não cai muito longe da árvore, — assegurei-lhe. — Meu pai deixou você sem um tostão e o forçou a reduzir seu sonho e potencial, e

se você me empurrar para isso, vou garantir que seus filhos não possam comprar as roupas do corpo e o pão para o estômago.

Andrew deu um passo à frente, ficando na minha cara.

— Não se esqueça que também tenho algo contra você, meu camarada.

— Uma condição, não um escândalo, — eu cimentei.

— Condição ou não, aposto que seu pai ainda não sabe que seu menino de ouro é tudo menos metal precioso. Não sabe a extensão do constrangimento que você causou ao nome Fitzpatrick. Você toca em Green Living, e eu vou garantir que todos no mundo conheça sua história. Suas histórias. As mentiras feias e verdades desagradáveis. É uma carnificina econômica ou um banho de sangue particular, Fitzy. Sua escolha. Mas tenho a sensação de que você já aceitou o fato de que vou destruir a Royal Pipelines.

As mulheres apareceram em nossa periferia antes de eu dar uma resposta. Andrew deu um passo para trás, curvando-se na direção de Persephone.

— Sra. Fitzpatrick. Me concede uma dança?

Se ela estava desconfortável, ela não deixou transparecer. Ela colocou a mão na dele. Usei cada grama do meu autocontrole para não saltar sobre ele e arrancá-la de suas mãos.

Era apenas uma dança. Além disso, era um ótimo treino vê-la nos braços de outra pessoa. Que era algo que eu estava destinado a passar em alguns anos, depois que ela me desse herdeiros e oficialmente jogasse a toalha na minha bunda sociopata.

Nós nos transformariamos em meus pais.

Estranhos civilizados, ligados por compromissos, interesses comuns e laços sociais.

Fiquei sozinho com o cavalinho Joelle e seus insuportáveis gêmeos.

Foi a vez de Joelle se encostar no bar, um sorriso astuto manchado em seu batom mal ajustado.

— Ela é uma querida.

— Ela é.

Eu deveria desviar meus olhos de Persephone nos braços de Andrew, mas fiquei fascinado com o que isso fez comigo. Para minhas entranhas. Minha cabeça latejava.

Os olhos da Sra. Arrowsmith brilharam de curiosidade.

— Essa não é uma crítica brilhante para uma esposa que você não consegue parar de olhar. Como ser um recém-casado está tratando você?



Meu olhar deslizou por seu rosto. Não admira que Andrew não conseguisse tirar os olhos de minha esposa. A *sua* parecia consanguínea.

— Achei que casamentos forçados fossem coisa do passado, — continuou Joelle, batendo os lábios, ignorando os filhos, que corriam entre as pernas dos casais na pista de dança. — Todo mundo está se perguntando se vocês dois têm um pequeno pão no forno.

Eu gostaria.

Jackson Hayfield, um barão do petróleo do Texas, chamou minha atenção do outro lado da sala e me saudou. Eu saudei de volta, tratando a Sra. Arrowsmith como se ela fosse o ar. Por tudo que me importava, era exatamente o que ela era.

— Pelo que sei, este é o segundo casamento de Persephone.

— Você gosta de falar sozinha? — Eu perguntei, checando meu telefone por e-mails. — Você parece estar conduzindo bem esta conversa unilateral. Um relato da dinâmica do seu casamento? — Eu juntei minhas sobrancelhas.

Seu sorriso vacilou, mas ela não recuou.

— Desculpe-me, eu não queria ser tão agressiva. Eu só acho tão corajoso o que você está fazendo. Meu marido me contou sobre sua condição, e bem... — Ela parou de falar, brincando com o colar em seu pescoço.

— E o que? — Eu me virei, finalmente mordendo a isca.

— E é claro que ela ainda está com o ex-marido. Quero dizer, por que mais ela estaria visitando a avó em uma casa de repouso todo fim de semana?

Joelle jogou seu cabelo tingido de palha para um ombro, indo para a matança.

— Quer dizer, faz sentido. Ela estava sem um tostão, sem perspectivas. E já era hora de você se casar. A pressão estava alta, tenho certeza. Se você me perguntar, os casamentos arranjados têm seus méritos. Então, como isso funciona exatamente? Há três de vocês neste casamento ou o Sr. Veitch aparece a cada poucas semanas para uma visita...?

O olhar no meu rosto deve ter dito à Joelle que ela precisava recuar. Eu não tinha ideia de como ela sabia sobre o ex-marido de Persephone. Ele não era um homem da sociedade. Sam me disse que Paxton era um mensageiro da lista D de Byrne.

Joelle leu a pergunta em meu rosto, acenando com a mão.

— Por favor, Cillian, as pessoas falam. No minuto em que o pessoal do country club em Back Bay ouviu falar sobre suas núpcias, as línguas começaram a balançar. Paxton Veitch foi aluno da minha colega de tênis no colégio, então ela deu a informação voluntariamente. Aparentemente, ela ainda visita a avó dele também. A pobre coitada não tem outros parentes em

Boston e está em um péssimo estado. Disseram que sua esposa não perde uma visita há três anos, não muito depois de começar a namorar com ele. *Familia primum*³⁶, hein?

Então Joelle era uma *dessas* mulheres.

Fluente em latim, socializa-se e grifes.

Delicadamente criada para se tornar a esposa de homens como eu.

— Aqui está a coisa. — Inclinei minha cabeça em direção a ela, invadindo seu espaço pessoal como ela fez comigo. — Meu casamento pode ser uma farsa, mas pelo menos minha esposa e eu somos francos sobre isso. Seu casamento é uma farsa, e aposto que você é burra o suficiente para acreditar que é real. Deixe-me adivinhar... você tem dinheiro, não é, Joelle? Nunca trabalhou um dia na sua vida. Você tem um bacharelado legal, embora inútil, de uma universidade da Ivy League, uma linhagem de prestígio e fundos fiduciários saindo de cada buraco em seu corpo? — Eu arqueei uma sobrancelha. Pela maneira como ela se encolheu, eu acertei um nervo. Eu a arrastei, destripando-a com um forçado. — Tudo o que Andrew Arrowsmith fez desde o momento em que nasceu foi tentar compensar o fato de não ter nascido na família Fitzpatrick. Ele comia em nossos pratos, brincava em nosso quintal e frequentava as mesmas aulas extracurriculares de que eu participava. Sua família chegou a

³⁶ Família Primeiro, em latim.

mandá-lo para as mesmas escolas que eu. Mas não se engane... os Arrowsmiths nunca cortaram o selo hermético da crosta superior de Boston. Ele é a nossa trava, e você, minha querida, é o seu vale-refeição. Embora seja verdade que eu também esteja em sua posição de alimentar um ambicioso e bonito empreendedor do mundo, pelo menos me casei com uma mulher que gostaria de levar para a cama todas as noites. Você se casou com um alpinista social que não tocaria em você com uma vara de três metros se tivesse oportunidade. Quando foi a última vez que ele comeu você? — Inclinei-me, meus lábios roçando sua orelha. Seu corpo respondeu com um arrepio de excitação. — Assolou você como se fosse um prêmio precioso e não um cheque que ele precisava depositar? Seu marido está te traindo, não é, Sra. Arrowsmith?

Ela empalideceu sob a maquiagem, cambaleando para trás. Eu estendi a mão para agarrar seu braço e ajudá-la a se levantar, um sorriso educado em meus lábios.

— Isso foi o que eu pensei. Conte a alguém sobre minha esposa visitando sua ex-sogra, e eu farei com que todos na América saibam que seu marido tem peças secundárias. Aproveite o resto de sua noite, Sra. Arrowsmith.



— Sra. Fitzpatrick vai passar a noite na minha casa. Não há necessidade de parar no apartamento dela, — anunciei ao meu motorista quando nos sentamos no banco de trás do Escalade.

Persephone tirou os sapatos com um suspiro de alegria, baixando a cabeça para o couro frio, exausta demais para discutir esse novo desenvolvimento.

Ela dançou com cada homem que valia a pena conhecer no salão de baile esta noite. Foi entregue de um par de braços para o outro. Um brinquedo deslumbrante e brilhante que pertencia ao homem mais fechado da Nova Inglaterra. Todos queriam ver quem havia conseguido domesticar The Villain, e como a maioria das pessoas há muito desistia de se aproximar de mim diretamente, a Flower Girl era a segunda melhor opção.

— Vejo que estou crescendo em você. — Ela esfregou o pé inchado e vermelho, apoiando-o no meu joelho na esperança de que eu lhe fizesse uma massagem.

— Você pode estar precisando de óculos. — Eu dei um tapinha em seus dedos do pé balançando, ignorando seus apelos.

— Como você pode estar tão infeliz quando tudo correu bem esta noite? — Ela piscou para mim. — Você está programado para ser miserável ou algo assim?

Paguei minhas dívidas neste casamento e com uma taxa de juros saudável. Não apenas manter minha esposa viva – o que

acabou sendo mais desafiador do que eu esperava – mas também cobri-la com tudo que uma mulher do século XXI poderia sonhar.

Se Persephone pensava que ela iria sair por aí, visitando a família de seu ex-marido e mantendo contato com o clã Veitch – talvez até com o próprio Paxton – ela estava redondamente enganada. Ela era minha agora, e se eu tivesse que fechar o negócio engravidando-a esta semana, eu estava pronto para o trabalho.

Assim que chegamos em minha casa, Petar saiu correndo de seu quarto para ver se eu precisava de alguma coisa.

Uma esposa leal seria bom.

— Fora do meu caminho. — Acenei para ele. Persephone e eu nos dirigimos para meu escritório no segundo andar, subindo a escada toscana.

Fechei a porta atrás de nós, caminhei até minha mesa, peguei o contrato estúpido do bolso do meu peito e coloquei-o sobre a mesa. Tirando minha própria caneta de uma gaveta próxima – sem o nome de uma maldita empresa de encanamento, – assinei o contrato, entregando minha alma para minha esposa, em seguida, segurei o papel entre os dedos indicador e médio no ar.

Ela ergueu o braço para agarrá-lo. Inclinei meu braço para cima, balançando minha cabeça lentamente.

— Encontrei um preço pela minha alma.

— Vamos ouvir isso. — Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Pare de visitar a avó do seu ex-marido. É impróprio, ingrato e envia a mensagem errada.

Houve uma batida de silêncio em que ela tentou digerir como eu sabia sobre isso para começar.

— Não, — ela disse, à queima-roupa. — Ela não tem ninguém. Ela está senil e solitária, e precisa desesperadamente de companhia. Ela não tem muito mais tempo de vida. Eu não vou virar as costas para ela.

Surpreendeu-me que ela não negasse ter visitado sua ex-parente.

Embora não devesse. Sempre tive a impressão de que Persephone era mais fácil de lidar do que suas amigas e irmã – também conhecida como Brigada da TPM –. Na prática, minha esposa simplesmente tinha uma abordagem não convencional das coisas. Em vez de se manter firme, ela se empoleirava nisso com um sorriso doce no rosto.

Mas ela ainda estava, tecnicamente, *em* seu terreno, sem se mover um centímetro.

— Ela não é mais sua responsabilidade. — Apoiando os nós dos dedos sobre a mesa para me impedir de estourá-los, inclinei-me para frente, sentindo os fios do meu frio se desfazendo.

— Não estou comprando sua alma pelo preço de manchar a minha. — Ela ergueu a coluna. — Desculpe, hubs, você terá que pensar em outra coisa.

— Vou contratar uma enfermeira para ela.

Eu estava realmente negociando com essa mulher?
Novamente?

— Não, — ela disse categoricamente.

— Duas enfermeiras, — eu cerrei.

Ela balançou a cabeça.

— A mulher está *senil*. — Descobri meus dentes. — Ela não vai saber a diferença entre você e um profissional.

— Mas *eu* vou. — Ela desatou a presilha de cabelo, seus cachos dourados derramando-se como cachoeiras em seus ombros. — E eu saberei que dei as costas para alguém indefeso apenas por causa do capricho do meu marido.

Eu queria... queria... que porra eu queria fazer com esta mulher?





E por que diabos eu pensei a palavra *foda* na minha cabeça agora?

Eu fiz de novo.

Putá merda.

Ela caminhou em minha direção, colocando a mão na minha do outro lado da mesa.

— Cillian, — ela sussurrou. — Escute-me. As duas decisões mais importantes em nossas vidas não são nossas. Nossa criação e nossa morte. Não escolhemos nascer e não escolhemos quando ou como morremos. Mas tudo no meio? Essa é nossa jurisdição. Podemos preencher os espaços em branco como quisermos. E eu escolho preencher o meu fazendo a coisa certa. Por ser uma boa amiga – uma boa humana – de acordo com meus padrões.

Calmamente, recuperei o contrato entre nós e o coloquei na gaveta do escritório. Eu tranquei, colocando a chave no bolso da frente. Eu não conseguiria o que queria – não esta noite, pelo menos – mas as negociações eram o meu playground, e as letras pequenas eram onde eu prosperava.

Ela pararia de ver a velha bruxa, nem que eu tivesse que trabalhar em tempo integral para fazer isso acontecer.

Dei a volta na mesa, encostando-me nela e cruzando os tornozelos.

— Venha aqui.

Ela fechou o espaço entre nós sem hesitação, disposta e responsiva. *Perfeita*. Eu nunca conheci alguém tão agradável, mas tão teimosa.

Estávamos colados um no outro, seu perfume floral invadindo minhas narinas.

— Viu sua tia Tilda recentemente? — Minha mão deslizou para sua bochecha, espalmando-a. Ela respirou fundo, seu corpo inteiro tremendo ao meu toque mais breve.

Eu me perguntei o quão receptiva ela era com seu ex-marido.

Quão forte ela estremeceu quando pressionada contra alguém que ela realmente escolheu.

Alguém para quem eu a enviei diretamente.

— Sim, eu fiz, na verdade, outro dia... — Ela gaguejou, deixando-me puxá-la para a posição. Suas coxas montaram minha perna direita. Eu a inclinei para que seu clitóris pressionasse contra meus músculos musculosos. — Uhm, o que, eu acho, foi terça-feira?

Ela não estava pensando direito.

Infelizmente, nem eu.

Eu abaixei minha cabeça ao mesmo tempo que ela inclinou a dela para cima, seus lábios se separando para mim. Eu tomei sua boca na minha, pressionando meu joelho entre suas coxas, sentindo seus músculos selando contra mim. Um gemido saiu de sua boca. Ela empurrou os seios no meu peito, esfregando-se contra mim em todos os lugares, desejando fricção. Minha língua dançou com a dela, e juntei seu rosto em minhas mãos, aprofundando o beijo, arrastando minha boca pelo seu queixo, então seu pescoço, parando para desenhar um círculo preguiçoso ao redor de seu pulso acelerado com a ponta da minha língua quando cheguei à parte sensível de sua garganta.

Suas unhas cravaram em meus ombros. Ela estava perto do clímax só por beijar. Éramos elétricos juntos, e me perguntei quando ela iria estabelecer um limite. Para perceber as coisas que eu queria dela não eram coisas que ela estava disposta a oferecer.

— Oh meu Deus, Kill, — ela gritou.

Em vez de apontar que Deus não existia, minha boca continuou sua jornada para o sul, para sua clavícula, então para seus seios, que eu segurei, minha língua deslizando como uma flecha entre eles. Ela agarrou minha cabeça e empurrou para um mamilo. Eu suprimi uma risada, descascando o lado de seu vestido, deslizando seu mamilo rosa ereto em minha boca e chupando-o. Ela suspirou no meu cabelo, suas pequenas garras pastando em meus ombros enquanto ela arrastava as mãos pelas

minhas costas, reivindicando minhas nádegas como se estivesse tentando espremer água delas.

— Me dê tudo. — Ela balançou a cabeça para frente e para trás, seus lábios contra meu cabelo, murmurando: — Cada centímetro de você. Eu quero tudo que você dá a elas e muito mais.

Elas.

As mulheres que paguei.

As mulheres que eu continuaria pagando porque Persephone não nasceu, foi preparada e pretendia realizar minhas fantasias sombrias. Isso estava fora de questão.

Ela era muito boa.

Muito inocente.

Muito preciosa.

E, além disso, eu tinha que ser o homem mais estúpido do planeta Terra para deliberadamente emaranhar minha vida com a dela mais do que já era.

Mudei-me para o outro mamilo, lambendo, puxando e mordendo. Provocando-a com minha boca, eu a trouxe à beira do orgasmo, a um ponto que ela estava transando com minha perna descaradamente. Eu sabia que ela estava perto. Os tremores em suas coxas me disseram isso.



Escolhi aquele momento para arrancar minha boca da dela e me afastar.

Ela quase caiu na mesa. Eu agarrei sua cintura e puxei-a de volta para mim, levantando seu queixo. — Eu ainda beijo como um rottweiler faminto?

Fiquei satisfeito ao descobrir que minha voz era o mesmo ronco seco e entediado.

Ela limpou a garganta, desossada contra mim.

— Você está melhorando. Este foi melhor.

— Melhor, mas não perfeito? — Eu arqueei uma sobrancelha, divertido.

Ela balançou a cabeça, sorrindo maliciosamente enquanto trabalhava no meu zíper. — Infelizmente, ainda temos que praticar. *Frequentemente.*

Eu não pude evitar.

Eu ri em nosso beijo.

Foi a primeira vez que ri em anos.

Talvez décadas.

E parecia... novo. *Bom.*

— Agora me mostre por que você colocou um continente entre você e suas amantes. O que você poderia fazer com elas de tão pervertido?

Ela não me deu tempo para responder. Com meu zíper aberto, ela puxou minha mão e me arrastou para o corredor, olhando ao redor, esperando que eu liderasse o caminho para o meu quarto. Eu fiz mesmo sabendo que ela sabia.

Sabia que ela fazia um tour pela minha casa quando eu não estava. Eu a vi nas câmeras quando Petar mostrou a ela.

Fechei a porta atrás de nós, trancando-a para uma boa medida, e ela entrou na minha frente. Sacudindo-se para fora do vestido, ela o deixou cair no chão ao seu redor como um lago congelado.

Ela agarrou minha mão, envolvendo-a na frente de seu pescoço nevado.

— Esta é a sua praia? — Seu peito subia e descia ao ritmo de seus batimentos cardíacos frenéticos, seus olhos brilhando de alegria. — Você fez isso naquele dia... daquela vez...

Eu a chutei gritando.

— Ou... — Ela parou, deslizando minha mão por seu corpo, todo o caminho até a curva de sua bunda até que alcancei a fenda. — Talvez isto? Não me importo de fazer coisas com você



também. Eu não me importo com nada, Cillian. Contanto que esteja comigo.

Minha decisão estava se dissolvendo mais rápido do que tangas comestíveis em uma decadente despedida de solteiro em Las Vegas.

O diabo no meu ombro me disse que não era meu trabalho avisá-la para não dormir comigo.

O anjo no meu ombro estava... bem, atualmente com fita adesiva e amordaçado no porta-malas do diabo.

— Eu não fodo justo, — eu avisei.

Minha mão ainda estava em sua palma. Ela moveu meus dedos nas dobras entre suas pernas, espalhando suas coxas para mim. Mergulhei meu dedo indicador dentro dela. Ela pegou meu dedo e o chupou.

Eu morri. O fim.

Bem. Eu não morri. Mas eu estava chegando perto disso, e todas as razões pelas quais eu não deveria dormir com ela... meu controle, minha condição, como ela era totalmente boa para mim... estavam começando a soar mais como a mesma merda.

— Mostre-me suas verdadeiras cores, — ela resmungou, sua voz quebrando com as emoções.

— Elas são feias, — eu disse categoricamente.

Ela balançou a cabeça. — Não para mim. Você nunca será feio comigo.

Isso foi o suficiente para derreter minha determinação em uma poça de nada. Agarrando seu cabelo por trás, trouxe seus lábios aos meus em um beijo punitivo.

— Eu preciso de uma palavra segura? — Ela prendeu a respiração.

— Sua boca estará muito ocupada para falar. Toque em qualquer superfície duas vezes e eu paro.

Eu a empurrei contra a janela com vista para o meu jardim, bunda nua, seios e boceta esmagados contra o vidro, empurrando minhas calças para baixo em meus quadris e liberando meu pau. Ela choramingou, balançando a bunda em minha direção, arqueando, implorando, suplicando. Ela estava tão molhada que seus sucos faziam suas coxas ficarem juntas. Eu chutei suas pernas e amassei sua bunda tão áspero que deixei marcas rosa por toda parte. Observei o rosto angelical da minha esposa por trás enquanto a realidade afundava suas garras nela.

Ela foi pressionada contra uma janela com vista para o meu quintal, mas também o jardim privado de outra pessoa. Ela estava nua como no dia em que nasceu, prestes a ser fodida com tanta força que as mulheres nos códigos postais vizinhos estavam prestes a ter orgasmos de segunda mão. Persephone engoliu em

seco, mas não me impediu quando me inclinei, peguei sua calcinha encharcada, enrolei-a em uma bola e enfiei-a na boca.

A Flower Girl engasgou com sua sensata calcinha de algodão, os olhos lacrimejando. Fiquei parado, esperando para ver seu punho erguendo-se no ar, batendo-o. Sentindo que eu estava testando a água, ela espalmou os dedos sobre a janela, dando-me um aceno de cabeça.

Pode vir.

Eu colidi com ela de uma vez.

Ela gritou, sua calcinha abafando seu gemido. Meu vizinho veio trotando para seu pátio segurando uma cerveja, vestindo uma regata e calças elegantes como eu sabia que ele faria. Todas as noites às dez em ponto, Armie Guzman, um banqueiro do Wells Fargo, saía para regar suas roseiras.

Os olhos de Persephone se arregalaram quando comecei a me mover dentro dela. Ele estava parado bem na nossa frente com uma visão completa dela sendo batida contra uma janela.

Ela choramingou quando eu entrei nela novamente, batendo em sua bunda, deixando uma marca.

— Toque duas vezes. — Meus dentes afundaram em seu pescoço, lembrando-a de que ela tinha uma saída. A maneira como ela respondeu às minhas estocadas com as costas



arqueando me disse que ela não era a coisinha inocente que eu a fiz parecer na minha cabeça.

Eu queria que ela me dissesse que era demais. Cedo demais. Muito pervertido. Para me provar que não nos encaixávamos de todas as maneiras que eu suspeitava que nos encaixávamos. Se ela fosse fria e indiferente, seria fácil me afastar dela quando estivesse grávida.

Bem. Não fácil. *Possível.*

Ela balançou a cabeça, me encontrando no meio do caminho, agarrando minha mão por trás e colocando-a em sua bunda novamente.

Eu bati nela novamente.

E de novo.

E de novo.

E de novo.

Ela virou a cabeça para me encarar, os olhos semicerrados, bêbada com o que estávamos fazendo. Para piorar a situação, cada vez que dirigia dentro dela, deixava uma pequena parte de mim que não estava preparado para deixar ir.

Um fragmento de autocontrole.

Agarrei seu queixo e redirecionei seu rosto para o quintal do vizinho.

— Brinque com seus peitos para ele, — eu pedi. — Faça valer a pena.

Eu estava tentando empurrá-la o máximo que ela podia, na esperança de que ela desistisse, virasse, concordasse com a fertilização in vitro e me deixasse em paz.

Ela obedeceu, brincando com ela mesma para ele, beliscando, puxando, acariciando a forma de seus seios pesados. O homem de meia-idade ergueu os olhos das roseiras e parou, o rosto voltado para a minha janela.

Persephone Penrose era boa.

Adequada.

Doce.

...e maldita depravada, assim como eu.

Isso a tornava uma droga muito poderosa.

— É isso, — eu rosnei em seu ouvido, bombeando com mais força enquanto um arrepio salpicava cada centímetro de sua pele. — Abra suas coxas e espalhe seus sucos na minha janela para mostrar ao seu novo vizinho o que seu marido faz com você, minha doce e linda vagabunda.

Certamente, ela jogaria a toalha.

Ela não podia...

Não...

Ela fez.

Obedecendo, ela separou suas coxas e brincou enquanto eu batia nela por trás.

O homem ainda estava olhando furioso, seu rosto cuidadosamente inexpressivo enquanto minha esposa esfregava sua boceta contra a janela enquanto eu a estava fodendo por trás, a fricção em seu clitóris causando estragos em seu corpo. Seus músculos internos apertaram em torno de mim, então eu sabia que ela estava perto. Eu a inclinei, em forma de L, em uma posição que permitiu uma penetração mais profunda. Então eu agarrei suas nádegas e bati sem piedade. Suas palmas arranharam a janela, deixando marcas de mãos suadas.

Nós dois estávamos ensopados. Eu olhei para sua bunda balançada e machucada, odiando o quanto eu amava a vista.

O poder que ela tinha sobre mim me enojou. Ela nunca saberia o quanto eu a desejava. Quanto eu a preferia acima de todas as outras.

Como parecia seu glorioso cabelo amarelo puxado e enrolado em torno de meus pulsos e pés, como uma criatura da mitologia grega, acorrentando-nos.

Ela cuspiu sua calcinha. — Puta merda, estou gozando.

Suas pernas tremeram e ela caiu de joelhos no chão acarpetado, exausta e completamente aparafusada.

Passei um braço em volta de seu estômago, massageando seu clitóris para tirar outro clímax dela. Ainda dirigindo dentro dela, eu persegui minha própria liberação, estilo cachorrinho.

Um minuto depois, minhas bolas apertaram e eu senti a liberação eufórica de uma foda carnal esvaziando dentro da minha esposa assim que ela encontrou seu segundo clímax.

No momento em que terminei, eu retirei, limpando meu pau ainda duro em sua bunda. Eu me levantei, um pouco tonto com o orgasmo, rapidamente me vestindo e recuperando meu controle.

— Deus. Não acredito que ele nos viu. — Persephone desabou, enterrando o rosto no tapete, sua bunda vermelha e rosa olhando para mim. — Eu nunca vou sair desta casa.

— Sim, você vai, e logo, — eu brinquei.

Eu não terminei de exibi-la como um cavalo vencedor.

— Estou mortificada.

— Não fique.

— Por quê? — Ela gemeu no meu tapete. Achei que era uma hora ruim para comentar que custava mais do que o apartamento inteiro de sua irmã e pedir a ela para não manchar.

— A janela é escura do lado de fora, — eu disse secamente, recompondo-me, esperando como o inferno que ela engravidasse esta noite. Não só me ajudaria a me livrar da minha fixação persistente por ela, mas mataria qualquer drama potencial de ex-marido. Algo com que sinceramente não queria lidar. Não invejava o desgraçado se ele voltasse pelo que agora era meu. Nunca estive com disposição para compartilhar.

Ela sacudiu a cabeça, seus olhos brilhando.

— Você está brincando comigo?

— Eu não tenho senso de humor, lembra? — Abotoei minha camisa, que estava meio desabotoada, embora não me lembrasse de tê-la tirado.

— O que ele estava olhando, então? — Ela se sentou, virando-se para me encarar, ainda completamente nua.

— Os canteiros de flores na minha varanda. Meu paisagista cultivava rosas superiores. Isso o deixa louco.

— Por que você não disse isso?

— Ver você se contorcer me excitou. — Inclinei-me para acariciar seu cabelo loiro bagunçado como se ela fosse um animal de estimação antes de caminhar até a minha poltrona e abrir minha caixa de charutos ao lado dela.

— Com licença?

— Com prazer. Você está desculpada. Já faz seis minutos desde que terminamos. — Eu acenei para ela.

Seus seios eram fantásticos, especialmente quando ela se levantou de repente, em um movimento brusco. Cheios e em forma de pera, com mamilos rosa como dois pequenos botões de diamante. Minha esposa agarrou seu vestido do chão, deslizando para trás com um aceno de cabeça.

— Petar vai chamar o motorista para você. — Coloquei o charuto do lado da boca, mandando uma mensagem de texto para a minha administradora enquanto ela enfiava os pés no par de Manolo Blahniksnojento que lhe dava bolhas.

— Dane-se, Kill.

— Soa como um plano. Que tal amanhã? Eu tenho uma vaga na hora do almoço. Se isso não funcionar, você terá que esperar até que eu volte do trabalho por volta das nove e meia.

Ela se virou sem dizer uma palavra, pisando forte até a porta. Ela parou na soleira, sua mão tocando a parede enquanto ela olhava para mim por trás de seu ombro esguio.



— Eu sou igual a você, sabe.

— Duvido muito. — Não tirei os olhos do telefone, já respondendo a um e-mail do meu departamento jurídico. Não é minha melhor demonstração de caráter cavalheiresco, mas eu sabia que se olhasse para ela, pediria a ela para ficar.

— Eu gosto de ver você se contorcer também.

Um sorriso afetou meus lábios.

— Isso é adorável. Mire alto, Flower Girl.

— É por isso que, quando dancei com Andrew Arrowsmith esta noite, concordei com sua proposta, — explicou ela calmamente.

Meus olhos voaram do telefone em um instante.

— Que proposta?

— Oh, olhe aqui. — Ela sorriu docemente. — Agora eu tenho sua atenção.

— *Que* proposta? — Repeti, meu tom mais baixo.

— Para ensinar seus filhos.

Eu vi o que Arrowsmith estava fazendo lá.

Colocando minha esposa perto do meu segredo. De minha vergonha. Da arma carregada na sala. Fazê-la perceber o que eu

era, o que isso significava, o quão inferior eu era em relação à sua perfeição flagrante.

Eu pulei do meu assento, prestes a dar a ela um sermão.

Ela ergueu a mão.

— Salve, hubs. Você tem suas condições e eu tenho as minhas. Uma delas era que eu queria continuar trabalhando.

— Como uma professora pré-escolar, não babá do meu arqui-inimigo. Isso vai contra o contrato de não concorrência, que, aliás, *you* assinou.

— Você não pode me dizer o que fazer com minha carreira.

Sua voz era pacífica, como as nuvens que ela tanto amava.

A raiva incandescente deslizou em minhas veias. Meu pulso acelerou.

Não é bom.

— Eu disse. — Mostrei meus dentes, fumaça escapando da minha boca. — E estou dizendo de novo, para as células cerebrais do fundo: você não vai trabalhar para Andrew Arrowsmith. Viu? Fácil.

Ela juntou as mãos, toda açúcar e mel. — Nesse caso, você não vai perfurar no Ártico.

E assim, eu não corria mais o risco de pedir a ela para ficar por aqui.

— Desculpe, querida, seu trabalho é montar meu pau, não me dar conselhos de negócios.

Ela assentiu. — Então o seu é me deixar grávida, não me dizer quem eu posso visitar durante os meus fins de semana e com quem trabalhar.

— Isso é uma violação do nosso contrato, — avisei.

Ela fingiu pensar sobre isso, então levantou um ombro.

— Deixe-me então.

— Você sabe que o divórcio não é uma opção, — eu cerrei.

Ela estremeceu. — Isso tira o ferrão do contrato, não é?

A pequena merda...

Ela tinha razão.

— Vou tornar a sua vida muito miserável se você me desafiar, Persephone.

Minha esposa acenou com a mão ao passar pela minha porta.

— Esteja lá, faça isso. Boa noite, hubs!

Dezesseis



Persephone

No dia seguinte, eu demorava na sala dos professores durante a minha pausa para o almoço, agarrando a sobra de enchilada de Trader Joe, passando de pé para pé como uma criança castigada.

Os vergões em minha bunda estavam doloridos, mas foram as cicatrizes que Cillian deixou em minha alma que queimaram dolorosamente.

Sexo com Kill não era bom. Não.

Era alucinante. Estilhaçador. Como nada que eu experimentei antes.

Mas a rapidez com que ele saiu de mim e recuperou a compostura me deixou tão tonta que não conseguia respirar. Não porque eu esperava horas de conchinha e conversa de travesseiro, mas a mudança de responsivo para áspero me deu uma chicotada. A ferocidade dos meus sentimentos em relação a



ele me assustou, e a necessidade de protegê-lo do perigo me deixou enjoada.

Não apenas enjoada, perturbada. *Imoral.*

Eu nunca sacrifiquei minha moral por Pax.

Agora eu entendi. Por que Cillian pagava por sexo. Não que seus gostos fossem tão pouco convencionais. Ele perdia o controle quando estava com uma mulher. Ele voltou à vida, ele amaldiçoou, ele o deixou ir. As camadas de inibição que ele envolveu se dissiparam como a pele de uma cobra, deixando-o exposto e em carne viva. Ele se contorceu, estremeceu e rosnou, seu coração batendo de forma irregular nas minhas costas quando ele entrou em mim.

Juntei meus pertences e corri para fora de sua casa antes que ele tivesse a chance de me expulsar. Eu não poderia arriscar outra rejeição. Não podia deixá-lo pisar em mim como se eu fosse o tapete *indesejado* do lado de fora da porta de sua mansão.

Só esperava que o plano que travei no evento de caridade funcionasse.

— Surpresa! — Duas vozes familiares gritaram atrás de mim, puxando-me para fora do meu devaneio.

Virei-me para encontrar Belle e Ash na porta, segurando sacos de comida para viagem. Joguei a enchilada pela metade em uma das mesas redondas.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Joguei meus braços sobre seus ombros, reunindo-as em um abraço coletivo.

— Bem, Madame Mayhem não abre até esta noite, e olhar para a parede em casa envelheceu, vamos ver — minha irmã checou seu relógio Tory Burch — duas horas e meia atrás—. Ela desfilou usando um minivestido de couro e um suéter grande e fofo. Sentando-se em uma mesa livre, ela desfez as sacolas de comida.

— E eu tive um intervalo entre as aulas, então pensei em checar você. Você perdeu nosso encontro semanal na semana passada e fiquei preocupada. Eu amo meu irmão, mas também não confiaria nele com uma colher de plástico. — Aisling riu.

Isso é justo, considerando que ele provavelmente tentaria enfiar nas minhas partes íntimas.

O cheiro de almôndegas, macarrão, fettuccini Alfredo e pão de alho fez meu estômago roncar. As duas se sentaram, olhando para mim com expectativa. Certo. Acho que precisava me juntar a elas.

Suspirando, eu deslizei em uma cadeira, sibilando quando minha bunda fez contato com o plástico.

Cillian, seu filho da puta. Assim que tirar seu herdeiro, vou chamá-lo de Andrew. Andrea, se for uma menina.

— Então, como vai a vida com Lúcifer? — Belle esfaqueou uma almôndega com um garfo de plástico, jogando tudo em sua boca.

Eu girei o espaguete, pensando um pouco. Meus amigos e minha irmã sabiam que Cillian e eu morávamos em lugares separados, mas atribuíam isso ao meu desejo de levar as coisas devagar.

Eu estava com vergonha de admitir que a ideia de viver separada veio dele.

A contragosto, tive que admitir que Kill assinalou todas as caixas na lista de bons maridos, mesmo que fosse por questões técnicas. Ele me estragou com um guarda-roupa luxuoso e um apartamento de última geração, pagou minha dívida, manteve os bandidos à distância e adorava meu corpo de maneiras que eu não sabia que eram possíveis, apresentando-me coisas que eu nunca havia feito antes.

Ele só era mesquinho com o que eu mais desejava.

Paixão. Emoção. Devoção.

Exigir isso de Kill não era apenas quebrar nosso contrato, mas também quebrá-lo em pedaços minúsculos e jogar a poeira no ar como confete.

Não só era tolo, mas também fútil. Cillian não tinha a palavra *emoção* em seu vocabulário, muito menos uma ideia de



como sentir uma. Eu ainda não o vi triste, magoado ou sem esperança. O mais perto que ele chegou de sentir algo foi aborrecimento. Eu o irritei com frequência. Mas, mesmo assim, ele ganhou controle sobre seu humor com velocidade recorde. Caso contrário, meu marido reduziu seu coração a nada mais do que um órgão funcional. Um elefante branco e vazio.

Mastigando, eu disse: — Tudo bem, eu acho. Todo casal tem seus altos e baixos, certo?

Os olhos de Belle se voltaram para minha bolsa de ombro entreaberta pendurada em meu assento. Um desenho que uma das minhas alunas, Whitley, fizera para Greta Veitch, apareceu nele, com o nome da senhora idosa, rodeado de flores e corações.

— Ele sabe que você ainda vê a avó de Pax toda semana? — Belle perguntou.

— Ele descobriu ontem. — Cortei uma almôndega com meu garfo de plástico.

— Solte. — Minha irmã estremeceu. — Como você deu a notícia?

— Eu não fiz. Alguém fez isso.

— Quem? — Os olhos de centáurea de Ash se arregalaram.

Eu não tinha certeza, mas não precisava ser um gênio para somar dois e dois. Os Arrowsmiths.

Dei de ombros. — Não tenho certeza. Mas está aberto agora. Ele exigiu que eu parasse de visitá-la.

— O desgraçado não tem o direito de exigir que você dê descarga depois de despejar na casa dele. — Belle estreitou os olhos, claramente ignorando sua promessa de parar de falar mal do meu marido depois de perder um jogo de pôquer. — Seu casamento veio com um alto preço, e cada osso feminista em seu corpo não é um deles.

— Eu o recusei, — eu disse calmamente.

Ash estendeu a mão para esfregar meu braço. — Pelo menos tentou.

— E *consequi*. — Eu trouxe outra garfada de espaguete à minha boca. — Ele recuou.

— *O quê?* — Belle e Ash gritaram.

— Você tem certeza? — Aisling olhou entre mim e minha irmã, com a boca aberta. — Eu conheço Kill desde o dia em que nasci e posso contar suas perdas com uma mão. Um dedo, na verdade. Talvez meio dedo. Um mindinho.

— Positivo, — eu disse, inclinando-me para frente e baixando minha voz para um sussurro. — Posso te fazer algumas perguntas, Ash?

— Nem preciso dizer.

— Cillian tem uma fonte demoníaca em seu jardim?

Eu pensei sobre aquela fonte desde o dia em que Hunter a apontou durante nosso tempo no rancho, mas não consegui encontrar. Ontem, enquanto Cillian me pegava por trás, meus olhos procuraram cada ponto de seu jardim. Minha única aposta era que a fonte estava no pequeno pátio atrás do jardim. Havia uma porta trançada com hera com altas paredes de madeira que parecia fora de moda com o resto do jardim.

— Ele tem, — ela disse. — Pelo menos, ele tinha.

Sim.

Claro.

Talvez ele apenas tenha destruído a fonte antes da cerimônia de casamento. De qualquer forma, eu sabia que pedir a Cillian era inútil. Eu nunca obteria uma resposta direta.

— Obrigada. Próxima questão. — Eu limpei minha garganta.
— Você sabe do que se trata a rixa dele com Andrew Arrowsmith? Parece haver baldes de sangue ruim entre eles, mas seu irmão mais velho não é o homem mais acessível de nossa geração.

— Eufemismo criminal. Você poderia extrair mais informações de um espremedor de alho. — Belle desatarraxou uma garrafa de água, revirando os olhos. — Fato da hashtag.

— Eu sei *de* Arrowsmith. — Aisling franziu o cenho, avaliando suas palavras. — Há uma diferença de idade entre Cillian e eu. Eu ainda usava fraldas quando ele e Arrowsmith eram amigos, mas, pelo que entendi, eles eram inseparáveis em um ponto. Do jeito que a história continua – veja bem, eu peguei pedaços e pedaços dela de diferentes fontes e misturei tudo na minha cabeça – Kill e Andrew foram melhores amigos desde o nascimento. Eles nasceram no mesmo dia, no mesmo hospital de Boston, ambos um pouco abaixo do peso. Meu pai conheceu o pai de Andrew enquanto os dois observavam seus filhos recém-nascidos através de uma janela de vidro. Pouco depois, *Athair* contratou o pai de Andrew como contador da Royal Pipelines. Cillian e Andrew fizeram tudo juntos, e quando chegou a hora de Kill ir para Evon de acordo com a tradição de nossa família, *Athair* pagou a metade da conta e enviou Andrew com ele. Kill e Andy eram como irmãos. Passando as férias de verão juntos. Cavalgando juntos, tendo festas de pijamas, planejando a dominação do mundo lado a lado. Até *Athair* despedir o pai de Andrew e *processá-lo* por todo o dinheiro que ele roubou da Royal Pipelines, deixando a família Arrowsmith sem um tostão e lutando para sobreviver. *Athair* cortou o fluxo de caixa para a educação de Andrew, punindo o filho pelos pecados do pai. O pai de Andrew se recusou a admitir a derrota e tirou seu filho de Evon no primeiro ano. Ele queria salvar a cara. A família começou a implorar empréstimos aos parentes. Alguns dizem que a mãe de Andrew, Judy, tornou-se o brinquedo de algum cara rico para



manter a cabeça acima da água. Os pais de Andrew se divorciaram pouco depois. Ele largou a Evon no ano seguinte e se mudou para um pequeno apartamento em Southie com sua mãe e irmã. Suas vidas desmoronaram, assim como a amizade próxima entre Andy e Kill. As famílias traçaram uma linha invisível em Boston, dividindo-a ao meio, evitando umas às outras a todo custo.

Andrew conhece meu segredo, disse Kill.

Eu não conseguia pensar em nada que pudesse envergonhar o imaculado e perfeito Cillian Fitzpatrick. Mas se Andrew costumava ser seu melhor amigo, ele tinha acesso à sua alma também.

Na época em que ele tinha uma.

— Andrew tentou retaliar pela decisão de seu pai por meio de Kill? — Perguntei.

Ash balançou a cabeça, erguendo um ombro, de uma forma que me bate.

— Minha mãe disse que o ano que Andrew e Cillian passaram juntos em Evon quase custou a ela um filho. Meu irmão mais velho perdeu muito peso, parou de jogar polo e se afastou completamente do mundo. Meu irmão sempre foi frio e diferente, mas depois daquele ano, todos concordaram que ele se

tornaria, bem... — Ash respirou fundo, baixando o olhar para a mesa cheia de cicatrizes na nossa frente. — *Desalmado.*

A palavra bateu em mim, explodindo como ácido. Eu queria virar a mesa e seu conteúdo e gritar, *ele tem uma alma. Tanta alma. Mais do que você jamais saberia.*

Belle me passou um copo d'água, sentindo os fios de meu equilíbrio se esfarrapando. Andrew fez algo terrível com Cillian. Disso eu tinha certeza.

E Cillian, em troca, tornou-se quem ele era hoje.

— Obrigada por compartilhar isso comigo, Ash. — Estendi a mão para apertar a mão dela.

Ela selou minha mão na dela. — É para isso que servem as cunhadas, certo? Apenas, por favor, não diga a Kill. Ele nunca vai me perdoar.

— Seu segredo está seguro conosco, — Belle a assegurou.

A questão era: o segredo do meu marido estava seguro com Andrew Arrowsmith?

Uma coisa era certa: eu não ia esperar para descobrir.



Mais tarde naquele dia, entrei em um apartamento vazio.

A nudez dele não foi registrada a princípio, talvez porque eu nunca o considerei totalmente meu.

A mobília permanecia no lugar, brilhante, futurista e escolhida a dedo pelo designer de interiores. Os eletrodomésticos da cozinha piscavam, as fotos de família peculiares e velas perfumadas que eu trouxe comigo quando me mudei ainda estavam empoleiradas sobre a lareira.

Entrei no meu closet para me preparar para uma aula de ioga e percebi que estava vazio.

Minhas roupas sumiram. Assim como meus sapatos, meus artigos de toalete e os poucos pertences pessoais que eu escondi em um dos quartos de hóspedes. Eu andei na ponta dos pés pelo apartamento, meu pulso batendo forte contra meu pulso. Eu fui roubada?

Não fazia sentido. Byrne e Kaminski saíram da minha vida, deixando marcas de derrapagem em seu rastro. Eu sabia que estava sob a proteção de Sam Brennan enquanto eu fosse a esposa de Cillian, o que acrescentou uma sensação perversa de invencibilidade à minha existência.

Além disso, os ladrões teriam levado as caras pinturas de Jackson Pollock e eletrônicos chamativos que eu nem me preocupei em aprender como usar.



Andei descalça até a cozinha e encontrei um bilhete na ilha de granito.

No espírito de tentar engravida-la e me livrar de você o mais rápido possível, estou mudando-a para minha propriedade até que você esteja grávida.

Sem fé,

Cillian.

Meu instinto inicial foi pegar o telefone e informar meu marido, em decibéis mais adequados a um show do Iron Maiden, que os porcos ligaram – eles queriam seu chauvinismo de volta.

Mordi minha língua até que o sangue quente e espesso enchesse minha boca, então respirei fundo e decidi – de *novo* – vencer Kill em seu próprio jogo distorcido.

Cillian estava preocupado com sua posição na minha vida e queria me manter por perto. Qualquer desculpa idiota que ele deu a si mesmo para mover minhas coisas para sua mansão – os Arrowsmiths, minha visita à Sra. Veitch, o formato da lua – não importava. O resultado final era que ele estava quebrando sua própria regra – nada de morar sob o mesmo teto – de me manter por perto.



Fiquei surpresa por ele ter me deixado escapar impune por quebrar a cláusula de não competição. Quando eu disse a ele que iria trabalhar para Andrew Arrowsmith e que, se não fosse o caso, ele poderia pedir o divórcio, tive quase certeza de que ele me expulsaria de sua mansão e de sua vida.

Também me surpreendeu como ele parecia aceitar que eu mantivesse contato com Greta Veitch. Não que ele tivesse algo a dizer sobre o assunto, mas imaginei que ele me colocaria no inferno assim que percebesse que eu não atenderia aos seus caprichos como todo mundo fazia.

Eu provavelmente deveria ter contado a ele sobre minhas visitas semanais à Greta. Então, novamente, Kill nunca me deu a chance de falar com ele. Como ele não me perguntou sobre meu relacionamento com Paxton nenhuma vez, não dei nenhuma informação.

Na verdade, Pax e eu terminamos antes mesmo de eu descobrir que ele perdeu todo o nosso dinheiro.

Antes de ver meu ex-marido pela primeira vez.

Antes de puxar Paxton para trás de uma escultura viva para uma sessão de amasso, frenética e cheia de vingança, em uma tentativa patética de esquecer como Cillian me rejeitou.

Vá em frente.

Case-se com alguém chato como você.



Paxton trabalhou no casamento como parte da equipe de segurança e gostou de minhas atenções a noite inteira. Cada vez que topava com Kill, com seu distanciamento gelado, corria de volta para os braços de Paxton. No momento em que o sol nasceu na manhã seguinte, com Sailor e Hunter em sua lua de mel, Paxton estava enfiado dentro da minha cama, o braço jogado sobre minhas costas nuas, roncando contente.

Ele ficou por perto, e eu nunca questioneei sua existência em minha vida.

Eu só pensei que tia Tilda tinha feito sua mágica e me enviado um amor para me ajudar a esquecer aquele que eu nunca deveria ter.

Pegando minha bolsa, deslizei em meu Tesla e dirigi a curta distância até a casa de Cillian. Petar abriu o portão e me direcionou para a minha nova vaga de estacionamento. Ele me levou a uma sala no segundo andar, bem ao lado do quarto principal, tagarelando alegremente sobre o sistema de home theater, a trilha de corrida que emoldurava a propriedade e a piscina coberta como um corretor ansioso.

— Petar, você pode me mostrar a fonte do demônio? — Perguntei a ele quando subimos as escadas.

Ele congelou, então balançou a cabeça. — Senhor Fitzpatrick não gostaria que eu fizesse isso. Não.

Que droga.

Não fiquei surpresa ao encontrar todas as minhas coisas no meu quarto. Meus pertences foram desempacotados e minhas roupas dobradas, penduradas e arrumadas ordenadamente em um closet.

— Qualquer coisa que você precisar, é só nos avisar. — Petar abaixou a cabeça, um sorriso travesso em seu rosto. — Sêrio. Uma refeição caseira, travesseiros extras... o nome de um bom psiquiatra. Estou ao seu serviço, Persephone. De plantão vinte e quatro por sete³⁷.

Rindo, eu dei a ele o polegar para cima. — Obrigada, Petar. Você é uma estrela.

Ele se virou para sair enquanto eu puxava meu laptop. Minha aula de ioga já havia começado, então eu poderia muito bem preparar um novo material para os planos de aula da próxima semana.

— Posso dizer uma coisa? — Petar parou na porta.

Olhei por cima do meu laptop, surpresa. — Claro.

— Eu não posso te dizer o quão feliz todos neste lugar estão por ter você aqui. Não tenho certeza de *como* exatamente você conseguiu persuadir o Sr. Fitzpatrick a se mudar – nunca vi uma

³⁷ 24 horas, 7 dias da semana.



mulher que não fosse uma empregada, sua irmã ou sua mãe colocar os pés nesta casa – mas estou feliz mesmo assim.

Meu sorriso permaneceu intacto, mas algo estremeceu em meu peito. Algo muito próximo da ira materna que eu não conseguia entender completamente. Quão solitário era Cillian por não ter entretido nenhuma mulher neste lugar antes?

O fato de Kill ter quebrado tantas de suas cláusulas contratuais comigo plantou uma semente de esperança em meu coração. Eu sabia que se o regasse com esperança e fé, ele iria crescer e florescer em expectativas.

E as expectativas de um homem que jurou nunca te amar eram uma coisa perigosa.

— Pretendo ficar por aqui. — Mantive minha voz neutra.

— Eu espero que você faça. — Petar concordou. — E se houver algo que eu possa fazer para que você fique, por favor, me avise.

Assim que ele girou nos calcanhares e saiu, fiz meu caminho para o quarto de Cillian.

Eu tinha alguns deveres de casa para fazer se quisesse saber quem meu marido realmente era.



Acabei cochilando na cama de Cillian, a mistura de adrenalina, dor de cabeça e raiva fazendo meus sistemas falharem. Eu deveria ter voltado para o meu quarto, mas seus lençóis estavam encharcados com seu cheiro, e a tentação de acariciá-los era demais. Além disso, irritar meu novo marido tinha se tornado algo em que eu era incrivelmente boa - por que quebrar uma tradição?

Horas mais tarde, depois que o sol já se pôs, uma cutucada no meu pé me despertou. Eu me estiquei na cama king-size, piscando o mundo em foco.

Kill sentou-se na beirada do colchão, vestindo um terno azul-marinho elegante, completo com uma gravata cinza e um casaco de lã. Seu aroma – de gelo, noite fresca e madeira de cedro – me disse que ele acabou de chegar em casa. Nem parou para tirar o casaco.

— Essa não é sua cama, — ele anunciou.

— Se sou boa o suficiente para aquecê-la, sou boa o suficiente para dormir nela.

Empurrei meus cotovelos, soprando meu cabelo para longe dos meus olhos.



— Ninguém disse que você é boa o suficiente para aquecê-la. Levei você no balcão da cozinha e contra a janela, *não na minha cama.*

— Acompanhando e apreciando cada momento, eu vejo. — Eu bati meus cílios.

— Não seja ridícula.

— Aww, mas você começou, hubs. Que horas são, afinal? — Olhei em volta. Meu estômago roncou, implorando para ser alimentado.

— Nove e meia.

Jesus Cristo e sua tripulação sagrada.

— Você sempre trabalha até tão tarde?

Ele desfez a gravata com uma mão, tirando o casaco ao mesmo tempo.

— Minha agenda social é – por opção – totalmente aberta. Como suas pernas deveriam estar todas as noites quando eu voltar para casa, por falar nisso. Não é meu trabalho despi-la à luz de velas e a Frank Sinatra.

— Eu prefiro Sam Cooke e incenso.

— Eu não me importo com o que você prefere.

— Corrija isso, — eu disse secamente. — Hoje. Ou viva uma vida de celibato. Não sou sua boneca inflável. Se você deseja que eu cumpra meus deveres conjugais, é melhor acreditar que cumprirá os seus. Você nunca, *jámais vai* tocar em minhas coisas sem minha permissão novamente, me mover como se eu fosse uma peça de xadrez ou tomar uma decisão sobre nossas vidas sem me consultar primeiro. Além disso, você estará em casa todas as noites, nem um minuto depois das sete, para que possamos fazer uma refeição juntos *antes de* fazermos sexo. Como um casal normal.

— Que parte do nosso relacionamento deu a você a ilusão de um casal normal, o fato de eu ter comprado sua bunda como se você fosse um fabricante de pão com desconto na Black Friday, ou fiz você assinar um contrato de 37 páginas, um NDA e uma renúncia antes de colocar um anel em seu dedo? — Ele jogou a gravata e o casaco em uma poltrona reclinável estofada no canto da sala.

Ignorei suas palavras. A cicatriz que Andrew tinha enrolado em torno deste homem tornava difícil perfurar e tocar seu núcleo.

Difícil, mas não impossível, eu esperava.

Eu não era uma desistente, e eu com certeza não ia desistir de um homem que eu tinha certeza que havia sido decepcionado por todos em sua vida.

— *Além disso*, — falei lentamente em meu tom de professora, ignorando suas palavras, — durante o jantar, vamos realizar a árdua tarefa de conversa fiada.

Eu poderia jurar que meu marido empalideceu. Ele parecia que ia vomitar. Eu continuei, implacável.

— Você vai me contar sobre o seu dia e eu farei o mesmo. Então, e só então, faremos amor.

Seus olhos quase saltaram das órbitas com a menção da palavra com A.

— A resposta é não.

— Bem. Vamos repassar toda a rotina em que eu recuso você por algumas semanas seguidas e você marcha de volta para sua cama insatisfeito, depois vai para o escritório, vê Hunter acenando com fotos de ultrassom 3D de seu futuro filho, e *então* faço do meu jeito. — Eu sorri radiante. Ele abriu a boca, prestes a dizer algo sarcástico, mas ele sabia que eu estava certa.

Ele precisava de um herdeiro.

Eu precisava de mais tempo para provar a ele que poderíamos ser mais.

— Cuidado, Flower Girl. — Ele envolveu seus dedos frios e fortes em volta do meu queixo, puxando-me para perto de seus

lábios com um rosnado. — Corra com uma tesoura e você se machucará.

— Eu já fui ferida antes.

— O que quer que você esteja tentando fazer não funcionará.

— Me anime, então.

— Me anime primeiro. — Ele puxou minha perna, uma mão ainda no meu pescoço, e me colocou em seu colo. Eu montei nele, envolvendo meus braços em volta de seus ombros. Meu núcleo aterrisou diretamente em sua ereção, e quando olhei para baixo, vi aninhado na lateral de sua perna. Inchado, duro, quase insuportável.

Seus dedos percorreram os pontos delicados da minha garganta.

— Eu posso te dar qualquer coisa que seu coração desejar, Persephone. Joias, férias luxuosas, todas as bolsas Hermès já produzidas. — Ele tirou uma mecha de cabelo da minha bochecha, sua voz tão ameaçadora que quase soou demoníaca. — Mas eu não posso te dar amor. Não me peça algo que sou incapaz de entregar.

Pressionei minha bochecha em sua palma, beijando-a suavemente, recusando-me a deixar suas palavras penetrarem.

— Meu coração é um lugar terrível. Nada cresce lá.

— Pare. — Eu o calei com um beijo.

Talvez seja porque ele me mudou aqui, em seu reino. Arrastou-me para o submundo. Porque ele queria provar a si mesmo que minha presença aqui não significava nada.

— Você já pisou na grama artificial, Flower Girl? — Ele murmurou em meus lábios.

— Sim, — eu rosnei, beijando-o mais profundamente.

— É mais brilhante do que a grama normal, mas é horrível.

Você não se sente mal por mim.

Seus lábios exigiram minha rendição. Eu cedi, montando sua coxa musculosa, todas as preocupações com minha bunda ainda dolorida voando pela janela. Ele quebrou o beijo, sua testa caindo na minha.

— Vou estragar tudo de bom em você.

— Eu gostaria de ver você tentar.

Produzi o que tinha encontrado mais cedo naquela noite em minha caça ao tesouro em seu quarto. Vasculhei suas gavetas, usando todas as informações que pude encontrar para juntar as peças do quebra-cabeça de quem ele era. Meu marido deixou muito a desejar. Ele mantinha seu quarto vazio e impessoal.

Olhando seu closet, eu não tive dúvidas de que Cillian era incapaz de qualquer coisa, *exceto* um casamento arranjado. Suas roupas eram organizadas não apenas por estação, mas também por cor, marca e corte. Ele não era exatamente um fã de surpresas.

Os olhos de Kill se estreitaram para a faixa branca que tirei do sutiã. Ela se aninhou entre meus seios enquanto eu estava dormindo.

— Onde você achou isso?

— Sua caixa de charutos.

— Você estava mexendo nas minhas coisas.

— Seu talento em dedução é impressionante. — Curvei uma sobrancelha, desejando que meu coração parasse de dar cambalhotas como uma criança imprudente ao sol. — Você tirou *minhas* coisas do meu apartamento sem me consultar. Considere que estou me vingando. Por que você escondeu uma faixa?

— Tradição.

— Por favor. — Eu bufei. — Você não é do tipo sentimental.

Ele se empurrou para fora da cama, pegando a faixa entre meus dedos.

— Bom ponto. Não é tarde demais para jogá-lo fora.

Ele galopou para o banheiro, provavelmente para a lata de lixo.

— Vergonha. Você foi tão bom em nos amarrar com isso, — eu ronronei de sua cama.

Ele parou no meio do caminho, virando-se, olhando para mim com aborrecimento.

Naquele momento, toda a minha energia foi canalizada para não ter um orgasmo baseado apenas nessa troca. Era apropriado que Cillian não pudesse sentir nada e eu fosse uma poça de sensações. Eu estava com raiva, depravada, lasciva e desesperada. Cada sentido foi intensificado, cada célula do meu corpo em carne viva com fome carnal.

— Você percebeu. — Um sorriso diabólico curvou-se em seu rosto.

Percebi tudo sobre esse homem, então não eram exatamente notícias de última hora.

— Por que você está fazendo isso? — Eu molhei meus lábios.

— Fazendo o que? — Suas sobrancelhas escuras franziram em falsa inocência.

— Olhando para mim como se eu fosse sua próxima refeição.

— Porque você é, — ele brincou. — É por isso que você está aqui, não é?

Algo chiou entre nós. Eu não conseguia desviar o olhar dele.

Ele avançou em minha direção. Eu deslizei para o centro da cama. Kill me virou de bruços e me prendeu no colchão. Pressionando o joelho entre minhas coxas para abri-las enquanto minha bunda estava no ar, ele agarrou meus pulsos e os prendeu nas minhas costas. O cetim da faixa esvoaçou em volta dos meus pulsos, fazendo-me estremecer. Ele enrolou as pontas, invertendo a direção para me prender no lugar. Ele fez isso rápido e habilmente, apertando e completando uma segunda volta para garantir que eu não pudesse mover meus braços.

— Então é assim que você soube como amarrar nós dois com uma mão, — eu ofeguei.

— É chamado de hogtie³⁸. — Ele deu um puxão em sua obra de arte. — Levante os pés.

Em seguida, ele me amarrou pelas pernas, conectando a fita entre meus pulsos e tornozelos. Como um porquinho prestes a ser grelhado no fogo. Eu ri sem fôlego, em parte porque estava excitada e em parte porque havia algo emocionante em abrir mão do controle. A cama afundou quando Cillian se inclinou para trás, examinando seu trabalho atrás de mim. Eu não conseguia

³⁸ Prender fixando as mãos e pés (de uma pessoa) ou as quatro patas (de um animal).



ver sua expressão, o que de alguma forma tornou as coisas ainda mais quentes.

— Deveria ter me despido primeiro, — eu murmurei no linho, frustrada.

Eu queria tanto tirar minhas roupas que queimavam minha pele.

Meu desejo me assustou. Era estranho, opressor; eu gostava de sexo com Paxton, mas também era algo de que eu poderia ficar sem. A noção faminta e depravada que veio com Kill era nova e assustadora.

— Você confia em mim, Persephone?

Sua voz parecia tão distante, ele poderia muito bem estar em outro planeta.

— Sim.

A velocidade e a convicção da minha resposta me assustaram. Eu não sabia por que confiava nele, ou mesmo se deveria. Eu simplesmente sabia que *sim*. Que ele nunca me machucaria. Que ele pararia se as coisas fossem longe demais para o meu gosto.

Ele se levantou da cama e caminhou até uma pequena mesa de frente para uma de suas janelas. Eu estiquei meu pescoço para observá-lo da minha posição, amarrada em sua cama, ainda

em meu vestido conservador de professora. Ele abriu uma gaveta e voltou com um abridor de cartas. Meu corpo inteiro floresceu com arrepios.

— Tem certeza disso, Flower Girl? — Ele passou a ponta do abridor de cartas na minha panturrilha, com tanta delicadeza e provocação que quis me empurrar para aquilo.

— Eu não estou assustada. — Treinei minha voz para soar tão branda quanto a dele.

Fui cuidadosamente inclinada como um presente – seu presente – e queria que ele me desembrulhasse e me violasse.

— Por quê? — Ele parecia curioso. Quase... esperançoso?

Não. Não podia ser.

Esperança era uma emoção, e Kill não fazia isso.

— Porque eu sei que você nunca me machucaria.

— É uma suposição otimista a se fazer.

— Você salvou minha vida três vezes, e contando, — eu disse. — Isso é otimista. Eu sou realista.

A próxima parte aconteceu tão rápido que minha cabeça girou. Em um minuto, eu estava com meu vestido e, no seguinte, ele foi arrancado do meu corpo pelo abridor de cartas em um movimento limpo. Kill agarrou o tecido para que não grudasse na

minha pele e passou a lâmina por ele, até a minha bunda. O vestido se amontoou embaixo de mim enquanto meu marido se livrou da minha calcinha, prendendo-a de cada lado, jogando o abridor de cartas de volta na mesa de cabeceira.

Eu rastejei, empurrando minha bunda para cima, em direção a ele. Foi tão descarado que não me reconheci no ato. Eu não era aquela garota. Pelo menos eu não *acho* que era. Mas imaginei que uma parte adormecida de mim fosse selvagem o tempo todo. Simplesmente nunca me permiti explorá-la.

Cillian fez uma pausa. Por um momento, tudo estava tão quieto que eu meio que suspeitei que ele não estava mais na sala. Talvez fosse parte do jogo. A espera. O suspense. A antecipação.

— Sua bunda, — ele disse finalmente, se afastando de mim.
— Está...

Vermelha pra caralho. Eu sei. Eu fiz xixi agachada no ar o dia todo.

— Oh, aquilo. — Eu ri disso. — Minha pele é super sensível. Herança galesa e tudo.

— Eu fiz isso com você, — disse ele rispidamente.

— Não é nada, — protestei. E foi. Sim, ele me deu uma surra na noite passada, mas não era algo que eu não tivesse ouvido falar de amigos ou visto em programas da HBO. Caramba, eu tinha sido espancada pior pela minha própria mãe enquanto

crescia. E não era como se eu não tivesse mexido minha bunda em sua direção, pedindo mais.

Sua mão foi para a faixa, e eu o senti se desatarraxando, soltando-me.

— Não se atreva. — Usei minha voz firme de professora. — Senhor Fitzpatrick, você *não* pediu permissão para me desamarrar. Você não fará isso até que eu o solicite explicitamente. Fui clara?

O ar estava chamuscado de sexo, inchado com endorfinas.

— Eu normalmente não os vejo na manhã seguinte, — ele admitiu laconicamente. — Eu nunca parei para me perguntar o que parece...

— Não me fale sobre suas prostitutas enquanto estamos na cama!

Eu estava gritando neste momento. Eu estava tão envolvida no modo de professora que ele teve sorte de eu não o mandar para o castigo. Ele não disse nada, e fiquei aborrecida por não poder ver o que estava em seu rosto. — Na verdade, não me fale sobre elas também.

— Não há mais prostitutas, — ele rosnou de volta. — Você se certificou disso.

— *Bom.* — Eu me sentia extremamente autoritária para alguém que estava amarrada nua em uma cama. — Espero que suas amantes vão à falência agora que você não está lá para pagá-las e consigam um emprego de verdade para se sustentar.

— Você é louca, — ele ofereceu, sua voz tão calma como sempre.

— Bem, para minha sorte, *hubs*, você também não está no topo do espectro da sanidade. Agora faça o que você quer fazer comigo. E faça valer a pena.

Cillian puxou o nó entre meus pulsos e tornozelos, uma mão gentil na minha bunda. Ele deslizou dois dedos entre minhas dobras. O som da minha umidade contra eles encheu a sala.

Fechei meus olhos, sibilando. — *Sim.*

Kill me tocou, os goles do meu desejo por ele foram abafados pelos meus gemidos. Ele enrolou os dedos quando estava dentro, acertando meu ponto G.

Ele era um amante generoso, algo que omitiu de nossa conversa durante nossas negociações.

Ele enfiou a mão livre na minha barriga, me apoiando e apoiando meu corpo enquanto sua boca se juntava à festa, banquetecendo-se na minha boceta pingando por trás, sua língua lambendo minhas dobras.

Gemidos de luxúria e prazer escaparam de nossas bocas, e gritei mentalmente para mim mesma que isso não significava nada. Que isso não era intimidade. Era sexo. Preliminares. Nada além de um meio para um fim para ele.

Abaixei minha cabeça para os travesseiros de cetim preto, respirando seu cheiro singular, uma emoção branca e quente zunindo pela minha espinha. As correntes elétricas de um orgasmo iminente se perseguiram. Eu tremi, perdendo o controle, murmurando coisas incoerentes em seus travesseiros.

No minuto em que o clímax me atingiu, ele retirou a língua e os dedos, arrancou a amarração dos meus tornozelos e bateu em mim de uma só vez. Eu não sabia se isso era um truque, mas com certeza fez meu pico parecer duas vezes mais violento do que me atingiu. Seu corpo inteiro pressionado contra minhas costas, sua excitação pesada deslizando para dentro e para fora de mim por trás.

Gemi, ajustando-me ao seu peso sobre mim.

Cillian ficou muito quieto enquanto ele estava dentro de mim.

— Diga-me para parar.

— Vá mais forte. — Eu me empurrei contra ele.

Ele fez.



Éramos infinitos juntos. Uma entidade marcante sem começo nem fim.

Ele escovou uma cortina de cabelo colada ao lado do meu pescoço, pressionando seus lábios enquanto me cavalgava forte e profundamente.

— Você me agrada, Persephone.

Afundi meus dentes em sua pele, sem nem mesmo ter certeza do que estava mordendo. Ele me deixou.

Permitiu-me tocá-lo, marcá-lo, reivindicá-lo.

Progresso.

Ele veio para sua libertação e eu encontrei a minha novamente, em suas palavras.

Assim que terminou, ele desamarrou meus pulsos, beijou o topo da minha cabeça e saiu da sala. Suas palavras não ditas eram claras e cortantes como lâminas – terminamos.

Voltei para o meu quarto, sentindo-me miserável, exultante, confusa, frustrada, derrotada e vitoriosa.

Suas palavras ecoaram dentro de mim como flashes de luz na escuridão.

Você me agrada, Persephone.

Sua alma sangrou em cima de mim esta noite.

Agora esperava-se que eu adormecesse envolta em sua dor.



Cillian e eu caímos na rotina depois daquela noite.

Ele aparecia obedientemente para nossos jantares diários, mas fazia questão de passar pela porta três ou quatro minutos depois das sete, mesmo que isso significasse esperar em seu Aston Martin, carrancudo para a porta da frente como se fosse um cabelo encravado que ele não pudesse se livrar.

Ele me desafiava como uma criança rebelde, esperando para ver como sua mãe reagiria quando ele ultrapassasse os limites. Este era um homem *sem* limites. Um magnata que passou a vida exigindo e recebendo tudo o que sempre desejou, de forma rápida. Ele foi criado nos braços de babás, internatos particulares e babás que lhe ensinaram latim, modos à mesa e como amarrar uma gravata de quatro maneiras diferentes.

Ninguém lhe ensinou o amor.

Paciência.

Compaixão.



Como viver, rir e curtir a sensação das gotas de chuva em sua pele.

Ninguém havia mostrado a ele *humanidade*.

Talvez essa fosse uma das razões pelas quais ele gostava tanto da escravidão. Isso permitia que ele permanecesse no controle, mesmo em uma situação em que era necessário deixar ir.

Os jantares na casa dos Fitzpatrick eram, para dizer o mínimo, um pé no saco.

Tentei apimentá-los, sem trocadilhos. Convidei Petar, Emmabelle, Hunter, Sailor e Aisling para se juntar a nós algumas vezes por semana, já que a cozinheira tinha feito comida suficiente para alimentar toda a vizinhança. Certa vez, até decidi convidar seus pais.

Cillian aceitou sua nova realidade com resignação silenciosa. Ele estava claramente insatisfeito com a socialização que injetei em sua vida, mas sofreu com isso, sabendo que nossas noites juntos valeram a pena.

Não só tínhamos jantares diários juntos, mas fiz questão de enchê-los com histórias sobre o meu dia. Anedotas engraçadas sobre as crianças que ensinei e coisas que elas disseram e fizeram na sala de aula. Na maioria das vezes, ele respondia com gemidos

monossilábicos. Ele não ofereceu quase nada sobre seus dias de trabalho e se recusou a resolver o processo da Green Living.

Eu sabia que ele queria me perguntar se eu já tinha recebido uma resposta de Andrew Arrowsmith sobre esse trabalho.

A resposta, aliás, foi um grande, gordo e decepcionante não.

Mas eu não dei nenhuma informação voluntária. Esperei que ele ascendesse de seu reino do submundo e brincasse com sua pequena esposa mortal. Tenha interesse. Faça conversação.

Algo me compeliu a enviar-lhe fotos de nuvens solitárias sempre que as encontrava no céu, embora ele não respondesse. Talvez para lembrá-lo que milagres existissem, assim como magia.

Fizemos amor todas as noites.

Às vezes, era depravado e áspero, e às vezes, era lento e provocador. Sempre foi uma exploração selvagem. Uma sinfonia de novas noções, sabores e cores que eu nunca tinha experimentado antes.

Três semanas depois de me mudar, fiquei menstruada.

Eu chorei quando vi a primeira mancha de sangue na minha calcinha. Enxuguei minhas lágrimas, tomei um banho, joguei a calcinha no cesto de roupa suja e bebi dois copos d'água para me

acalmar. Foi minha segunda menstruação desde que comecei a dormir com meu marido.

Eu não tinha certeza do que doía mais - eu querer tanto um bebê e não conseguir meu desejo, ou deixar Cillian na mão, o que eu, sem dúvida, faria.

— Tia Flow está na cidade³⁹, — eu anunciei durante a hora do jantar. Foi uma das raras ocasiões em que éramos apenas nós dois.

— Melhor do que a tia Tilda, eu suponho. — Kill não ergueu os olhos do prato.

— Isto era para ser engraçado? — Perguntei em uma voz fina. Ele deu um tapinha no canto dos lábios com um guardanapo, ainda olhando para o prato.

— Obrigada por me avisar. Vou planejar minha noite de acordo.

— Divirta-se, — eu cerrei, desta vez sem me preocupar em esconder minha decepção.

— Eu pretendo.

Eu não esperava uma visita dele naquela noite.

³⁹ Um modo de dizer que a menstruação havia chegado.

Para seu crédito, ele conseguiu se segurar até onze e meia. Eu o ouvi através da parede adjacente de nossos quartos, cuidando de sua noite. Digitando em seu laptop. Invertendo canais de esportes. Atendendo chamadas de negócios.

Finalmente, houve silêncio. Uma batida na minha porta soou alguns segundos depois. Eu adorava que ele sempre pedisse para entrar, nunca assumindo, nunca exigindo.

Eu abri a porta.

Olhamos um para o outro por um momento.

— Você me ligou? — Ele franziu a testa.

Eu reprimi um sorriso. — Não.

— Eu pensei ter ouvido sua voz.

Meu peito se encheu de algo quente.

Tudo o que fiz foi balançar a cabeça. Desta vez, ele teve que trabalhar para isso.

— Eu vim para... — Ele parou, passando os dedos pelos cabelos castanhos sedosos, furioso consigo mesmo. — Não sei para que diabos vim.

— Sim, você sabe, — eu disse suavemente.



Eu queria ouvir isso dele. Que ele gostava disso. Nós. Que ele não fazia isso apenas porque deveríamos, mas porque o deixava feliz.

Deus sabia que isso *me* deixou feliz.

Muito feliz, talvez.

Ele se inclinou para me beijar. Deixá-lo fora do gancho era tentador, mas pelo bem de seu coração de grama sintética, coloquei a mão em seu peito, empurrando-o para longe.

— Diz.

Seus lábios curvados se achataram e seus olhos endureceram. Ele estalou os nós dos dedos, algo que eu percebi que ele tentava não fazer quando havia outras pessoas na sala. Ele estava segurando seu controle. Mal.

— Eu vim aqui para ficar com você no estilo do ensino médio. Feliz?

— Muito. — Eu o puxei pelo decote em V branco de sua camisa para o meu quarto, fechando a porta atrás de nós.

Naquela noite, e nas quatro noites seguintes, tudo o que fizemos foi beijar, acariciar e explorar. Ele chupou meus mamilos até que eles estavam muito crus e sensíveis para eu usar um sutiã no dia seguinte, e eu dei a ele uma punheta enquanto nós



dois olhamos para minha pequena mão enrolada em seu pênis com admiração.

Quando meu pulso começou a doer, passei de trabalhos manuais para boquetes. No início, Cillian estava cético.

— Eu gosto de suas mãos e boca onde eu possa vê-los, — ele falou lentamente.

— Não sou um animal raivoso do deserto. — Eu ri.

Ele me deu um olhar de júri-ainda-está-decidindo-sobre-isso, o que me fez rir ainda mais. Eu fechei meus dentes.

— *Vê?* — Eu perguntei, minha voz estava abafada. — *Sem dentes.*

Sorrindo para mim, ele se levantou da cama, levantando-se e abaixando minha cabeça com a mão até que eu estivesse de joelhos na frente dele.

— Bem. Mas faremos do meu jeito. Eu tenho requisitos.

— Chocante! — Eu suspirei. Nós dois rimos. Então eu disse: — Estou ouvindo.

— Lamba primeiro. Completamente.

Ele lançou seu pênis, aveludado, latejante e impossivelmente duro. Eu o capturei em meu punho, meus dedos

mal criando um círculo completo, e comecei a lambê-lo do eixo à ponta. Ele gemeu, agarrando meu cabelo e puxando-o com força.

— Mais rápido.

Eu obriguei.

— Mais língua. Mais saliva. *Mais.*

Ele ordenou com aquele sotaque afiado e principesco que o fazia soar como o governante de todas as coisas. Fiz o que me foi dito, ficando tão molhada que egoisticamente desejei que ele escolhesse não gozar, me jogar na cama e entrar em mim, tia Flow que se dane.

— Bem, — ele disse calmamente, mesmo enquanto eu estava fazendo o meu melhor para deixá-lo louco com minha língua e boca. — Eu ia manter a linha entre uma esposa respeitosa e minhas aventuras firmemente traçada, mas suponho que...

Eu gemi, continuando a chupar e balançando minha cabeça para frente e para trás ansiosamente.

Eu quero ser seu tudo. Sua ninfa sexy e noiva virginal.

— Suponho que a linha já foi cruzada. Sufoque meu pau, sua linda vagabunda, — ele terminou seus devaneios agarrando meu cabelo com mais força e começou a foder minha boca impiedosamente. Cada vez, sua ponta atingiu o fundo da minha

garganta. E a cada vez, quase gozei quando aconteceu. Meus olhos ficaram marejados, mas apenas porque meu reflexo de vômito estava em alerta máximo.

— Toque minha coxa duas vezes se quiser que eu pare. — Sua voz pairou acima da minha cabeça. Eu não queria que ele parasse. Eu chupei mais forte, mais avidamente, absorvendo-o, gemendo como eu nunca fiz antes. Eu poderia dizer que ele estava chegando perto de sua libertação. Suas coxas começaram a tremer, e aquele cheiro masculino de sexo pairava espesso no ar.

Embora ele parecesse o tipo que termina na boca, meu marido saiu de mim, veio em seu punho, então ternamente – quase com saudade – usou seus dedos cobertos de porra para limpar meu cabelo do rosto, erguendo meu queixo.

— Isso foi bom, — disse ele. — Você conseguiu um A+, Flower Girl.

— Então por que você não gozou na minha boca? — Tentei muito não reclamar e, na minha opinião, quase consegui.

— Instinto, suponho. — Ele já estava se vestindo. — Acompanhantes são conhecidas por roubar esperma de bilionários. Minhas regras básicas são: eu sempre trago meus próprios preservativos e nunca deixo meu esperma sem supervisão. — Ele se ajoelhou, então ficamos quase cara a cara. — Agora, que tal eu retribuir o favor e comer essa boceta doce?

Meus olhos se arregalaram. — No meu período? Nunca.

— Eu não me importo.

— *Sim.*

— Bem. Mamilos, então.

Ele não parou até que me fez gozar.

Foi a primeira vez que gozei assim.

Uma das muitas primeiras coisas que meu marido me apresentou.



Embora minha vida em casa ainda estivesse longe de ser feliz, estava cada vez mais parecida com a normalidade a cada dia. Meu marido era meu, pelo menos por enquanto.

Eu sabia que ele não estava saindo com outras mulheres.

Que ele era fiel e me desejava.

Até mesmo Ash, Belle e Sailor desistiram de falar mal de Kill. Talvez tenha sido por causa do jogo de pôquer que elas perderam para ele, ou talvez elas tenham percebido que eu estava

mais feliz desde que me mudei para a casa do meu marido, mas elas pareciam aceitar meu novo relacionamento.

Algumas noites, eu olhava para uma nuvem solitária pela janela e falava com tia Tilda. Eu contaria a ela sobre minha vida. Meu trabalho, meus planos, meu novo casamento.

Ela sempre ficava por perto até eu ficar com sono.

Nunca dormi antes de me despedir.

E então, esqueci uma lição muito importante que tia Tilda me ensinou quando eu era mais jovem.

Eu acreditava que poderia mudar meu marido.

Eu estava errada.



Demorou um mês inteiro para Joelle Arrowsmith pegar o telefone e me ligar.

Ela explicou que seu marido lhe deu meu número de telefone e perguntou se eu poderia ajudar os gêmeos por algumas horas sob sua supervisão. Traçar letras e números com eles.

— Eles ficaram um pouco atrasados no material. Como você sabe, existem certos marcos que eles precisam atingir quando chegarem à primeira série, — ela bufou ao telefone.

Eu sabia disso muito bem. Como professora pré-escolar, meu trabalho era ensinar crianças de quatro e cinco anos a usar tesouras de treinamento, saber suas letras e números e aprimorar suas habilidades intelectuais e físicas para que chegassem à escola pública equipadas.

Combinamos que eu iria à casa deles no sábado seguinte. Funcionou bem porque aos sábados era meu dia de visitar Greta Veitch, algo que eu fazia religiosamente, apesar do desdém de meu marido. Eu poderia facilmente escapar mais cedo e usar as horas extras para passar um tempo com o Tinder e a Tree.

Não era como se Cillian ficasse em casa nos fins de semana.

Ele foi para seu rancho passar um tempo com seus cavalos e não me convidou. Meu marido sempre voltava do rancho para nossa casa a tempo de consumir nosso casamento, mas acordava muito cedo no dia seguinte para ir embora antes que eu acordasse. Deus nos livre de tomarmos café da manhã juntos.

Cheguei na casa dos Arrowsmiths na manhã de sábado. Joelle abriu a porta, seu cabelo espetado em todas as direções e olhos injetados de sangue, e acenou para eu entrar.

— Deus, você parece fresca como uma margarida. — Ela parecia desapontada.

Eu ri. — Bem, tento dormir oito horas todas as noites.

— Os gêmeos acordam várias vezes à noite para ir ao banheiro e pedir água.

— Você precisa de treino de sono com eles, — eu disse. — Eu posso te ajudar com isso.

Ela me conduziu por um corredor estreito e moderno pintado de vermelho escarlate. Os Arrowsmith viviam em um bairro emergente e moderno de Southie. A casa deles parecia uma casa real vista de fora – deliberadamente humilde – mas por dentro, ainda cheirava a riqueza. Com piso de granito, sancas e todas as outras coisas impressionantes de que os Fitzpatricks gostavam tanto.

Tinder e Tree pularam em cima de mim em uníssono, jogando-me no chão, animados por ter uma companheira de brincadeira.

— Crianças, por favor, acalmem-se. Peço desculpas. — Joelle moveu a mão em desaprovação para eles. — A babá é uma mulher de meia-idade da França. Veja, nós realmente queríamos que eles fossem bilíngues. Mas ela não entendeu o que eu quis dizer. Meus olhos viajaram para sua camisa de grife, que não estava apenas manchada, mas do avesso.

— Muito.

— Então eu sugiro que você largue as aulas de francês e contrate alguém jovem e divertido para fazer as atividades diárias com eles. Leve-os para aulas de natação ou dê cambalhotas no parque. Ensine-os a andar de bicicleta e scooter. Faça coisas que aumentem a confiança deles.

Essas crianças pareciam sedentas por atenção, conversa e exploração. Uma segunda língua era a última coisa de que precisavam. Levantei-me do chão e fui para a cozinha com os gêmeos e Joelle me seguindo como se fossem os convidados.

— Talvez você possa fazer todas essas coisas com eles, — Joelle meditou, rapidamente perdendo suas reservas. Ela levou um mês inteiro para aceitar o fato de que precisava da minha ajuda. Afinal, eu era a esposa do inimigo dela. Agora que ela deu o salto, ela percebeu que apertaria o inferno fora do acordo.

— Posso fazer três vezes por semana. Eles vão para a escola?
— Perguntei.

— Sim, mas só até o meio-dia. Andrew trabalha sem parar, e eu faço parte do painel de três instituições de caridade diferentes e do conselho de supervisores do condado. Sem mencionar que Andrew acabou de assinar outro contrato de livro. Haverá uma grande turnê...



Olhei para ela sem acreditar. Ela deu uma sacudida no cabelo.

— Não me olhe assim. Andrew quer se candidatar a prefeito.

— Eu vejo.

Eu não vi nada, exceto como este casal tinha suas prioridades erradas.

— Quanto você cobra, afinal? — Ela perguntou afetadamente.

— Vinte e cinco por hora, — respondi. Ela inclinou a cabeça, surpresa.

— Mesmo? Tão pouco?

Eu sorri. — Não é tão pouco para mim.

Não que eu fizesse isso por dinheiro. Na verdade, eu já tinha decidido que doaria cada centavo dado a mim pelos Arrowsmiths. Parecia moralmente errado gastar o dinheiro do inimigo de Cillian.

— Suponho que você e seu marido tenham contas separadas.

Joelle me examinou com novos olhos, seu rosto se iluminando.

— Sim, temos.

Era tecnicamente verdade. Kill e eu tínhamos contas separadas. Mas isso não significava que eu não tivesse acesso ao dinheiro dele. Dinheiro que me recusei a gastar. Eu ainda usei apenas o que recebia todas as sextas-feiras pelo Little Genius, deixando a quantia astronômica de dólares transferidos de Kill acumulando na minha conta, intocada.

— Tudo certo. Três vezes por semana. Incluindo sábados completos. Tenho que pôr em dia o trabalho administrativo. — Joelle estendeu o braço em minha direção. Eu sacudi.

— Meio sábado. Visito minha ex-sogra aos sábados.

— Oh, isso mesmo. — Ela se entregou. Então foi ela quem contou a Kill. — Você conseguiu um acordo.

Virando-me para os gêmeos, exclamei: — Adivinha o quê? Vamos fazer biscoitos em formato de letras hoje! Trouxe todos os ingredientes. Estão prontos?

— Sim! — Tree bombeou o ar com o punho.

Tinder acenou com a cabeça, olhando-me timidamente. Ele era obviamente mais reservado do que seu irmão. Conduzi os meninos ao banheiro para lavar nossas mãos, esfregando-os entre os dedos enquanto fazíamos canções engraçadas de higiene que incluíam muitas piadas de peido. Enquanto isso, Joelle instalou seu laptop na cozinha para que ela pudesse nos ver.



Apreciei que, se nada mais, ela estivesse preocupada o suficiente para ficar de olho em nós.

Coloquei tigelas com farinha e açúcar na bancada da cozinha e arrastei duas cadeiras para os meninos subirem. Rachamos ovos, adicionamos óleo e água, batemos, cantamos e assobiamos enquanto trabalhávamos.

De vez em quando, pegava Joelle nos observando com desejo misturado com inveja e fascínio.

Andrew não estava em casa. Tive a sensação de que ele raramente ficava, o que tornava a tarefa de espioná-lo um pouco mais difícil.

Derramamos a massa em cortadores em formato de letras. Enquanto esperávamos que o forno esquentasse, esvaziei um saco misto de granulados coloridos em uma tigela e pedi aos meninos que separassem as cores. Foi um ótimo exercício de paciência, autoconfiança e trabalho em equipe.

— Não se esqueçam de salvar todos os vermelhos para mim,
— cantei. — Vermelho é minha cor favorita.

A cor da romã.

— Eu amo azul. — Tree explodiu em risos. — Como Sully,
da *Monsters, Inc.*

— E eu amo rosa, — disse Tinder. — Como flamingos.

— Rosa é para meninas. — Tree explodiu uma framboesa.
— Tinder gosta de Elsa também. — O menino bateu com o dedo rechonchudo no peito do irmão, deixando uma nuvem de farinha em sua camisa.

— Eu também. — Cumprimentei Tinder. — Ela não é legal? Ela tem superpoderes incríveis.

— Catboy da *PJ Masks* é mais legal, — disse Tree defensivamente, lançando a ideia para mim. — Ele é rápido como um raio e pode ouvir qualquer coisa. Até formigas!

— M-Mas ele pode congelar alguém? — Tinder sorriu, ganhando confiança comigo ao seu lado.

As diferenças entre Tree e Tinder eram impressionantes.

Tree era falante, animado e naturalmente curioso. Tinder gaguejava e seu olho esquerdo estremecia com frequência. Seus movimentos bruscos e sua cabeça baixa me diziam que ele era extremamente inseguro. Ele também mordida a gola da camisa até que uma poça de saliva se formava em torno dela.

— *Mããããeeee*. — Tree estreitou os olhos para o irmão. — Tinder estragou a camisa dele.

— Jesus Cristo, Tin, de *novo*? Você é realmente incrível, não é. — Joelle disparou da mesa, avançando em nossa direção.

Ela agarrou Tinder pelo ombro. Coloquei minha mão na dela, impedindo-a.

— Por favor, não, — eu disse. — É totalmente natural. Tenho alguns alunos na classe que também fazem isso.

— Ele passa por dezenas de camisas por semana! — Ela explodiu, seu lábio inferior tremendo.

— Deixe-o, — sussurrei baixinho. — Se for sua maneira de lidar com o estresse, fazer barulho só aumentaria o problema.

Nós nos encaramos por um segundo. Felizmente, o forno apitou, sinalizando que havia atingido a temperatura desejada.

— Com licença. — Peguei as bandejas.

Mande as crianças lavarem as mãos de novo, pedindo-lhes que cantassem as canções que inventamos juntos com toda a força de seus pulmões enquanto eu arrumava a cozinha. Isso deu a Joelle e a mim alguns minutos a sós.

— Joelle, — comecei com cautela. Eu não sabia quanto tempo teria com esta família, mas sabia que eles precisavam de mim. — Tinder é...

— Eu sei, — ela me cortou, mexendo em seu colar. — Seu terapeuta disse que é muito cedo para um diagnóstico oficial. Estamos monitorando-o de perto, mas me sinto completamente no escuro quanto ao que sua condição acarreta.

— Criticá-lo não vai ajudar. — Coloquei minha mão em seu braço. — Cada criança é diferente em personalidade, progresso e necessidades. Francês é a última coisa que essas crianças precisam. Tinder, especialmente, precisa de muito amor, carinho e atenção. Ele precisa saber que você o ama incondicionalmente. Se você está confusa, pense no que ele está passando. Ele está começando a perceber que é diferente.

Seus ombros caíram com um suspiro profundo. Pelo olhar exausto em seu rosto, eu poderia dizer que ela estava querendo falar sobre isso com alguém há muito tempo.

— Eu estou perdida. Minha família gerou crianças despreocupadas. Não temos um histórico de nada fora do normal. Tree me lembra muito meus irmãos e eu quando éramos pequenos. Independente e atlético. Enquanto o Tinder é...

— Outras coisas boas. E nem mesmo uma pitada menos preciosa do que seu irmão, — completei para ela secamente. — Crianças diferentes exigem conjuntos de regras e técnicas diferentes. Você foi abençoada com dois filhos saudáveis. Isso é mais do que tantas mulheres ousam sonhar.

Eu, por exemplo.

Eu não tinha contado a Kill, mas ficar menstruada, apesar de ter relações sexuais desprotegidas com ele por alguns meses, me desvendou por dentro.

Não deveria. Dois meses não significavam nada no grande esquema das coisas.

Eu li em algum lugar que leva de oito a onze meses para um casal comum engravidar, se tentar ativamente. Mas outros casais não estavam em um prazo. Eu sabia que se não lhe desse herdeiros, Cillian os pegaria em outro lugar.

O pensamento me deu vontade de vomitar.

— Você está certa. — Joelle endireitou a coluna. — Você está tão certa. Preciso parar com essa autopiedade. Tinder é um ótimo garoto, sabe? Um pouco atrasado nas letras e números, mas consegue pintar como ninguém. E ele é tão imaginativo!

A luz em seus olhos estava de volta, e foi quando percebi que nunca tinha visto isso em primeiro lugar.

— É o seguinte. Estou prestes a ler algumas histórias para eles enquanto os biscoitos assam. Por que você não fica por aqui? Passa algum tempo conosco?

— Você acha que é uma boa ideia? — Ela parecia insegura. — Eles não parecem gostar muito de mim.

— Você é a mãe deles. — Bufe. — Eles vão adorar você incondicionalmente.



— Venho de uma família onde a paternidade é feita por outras pessoas. Não sou muito boa com crianças, — admitiu Joelle com voz rouca.

— Você é melhor do que pensa que é, — assegurei a ela.

— Como você sabe?

— Porque você os fez.

Passamos o resto da tarde juntos. Quando saí da casa dos Arrowsmiths, sabia que estava em apuros.

Por mais que odiasse Andrew Arrowsmith pelo que ele fez – e ainda fazia – com meu marido, não pude evitar de gostar de sua família.

No final das contas, eu iria machucá-los.

Por enquanto, tentei curá-los.

Dezessete



Cillian

Três meses se passaram desde que Persephone se mudou.

Três meses de jantares diários irritantes, mensagens de texto cheias de imagens inúteis na nuvem e uma quantidade profana de sexo.

Fisicamente, nunca estive tão satisfeito na minha vida. Mentalmente, minha disposição e ideologias murchavam em si mesmas e fechavam as janelas toda vez que eu entrava em casa.

Se a Flower Girl pensava que estávamos progredindo em nosso caminho para a felicidade conjugal, ela tinha outra coisa vindo.

Eu não estava nem um centímetro mais apaixonado por ela do que há três meses e não me importava nem um pouco mais do que no dia em que ela irrompeu em meu escritório, me pedindo para ser seu cavaleiro com sapatos brilhantes.

Ainda.

Ainda.

Meu novo estilo de vida tinha um preço e não fiquei feliz em pagá-lo.

Estalei meus dedos atrás de portas fechadas com tanta frequência que fiquei surpreso que eles ainda estivessem presos às minhas mãos, e passava o dobro do tempo na academia gastando minha energia em um saco de pancadas para desabafar.

Não ajudava em nada o fato de Sailor estar exibindo uma barriga impressionante.

Ela aguentava todo fim de semana quando todos nós nos reuníamos na casa dos meus pais, dando tapinhas para ter certeza de que ninguém se esquecesse de que ela estava grávida. A euforia inicial de meus pais com minhas núpcias havia diminuído, e eles voltaram a arrulhar e bajular o estômago de Sailor.

Eu precisava de um herdeiro e rápido. Minha única motivação era liderar o clã Fitzpatrick e gerar alguém que fizesse o mesmo. Eu não queria ver a prole de Hunter sequestrando minha empresa suada e com seu DNA, irritando-a em carros chamativos, drogas, bebida e uma nave espacial cheia de irmãs da fraternidade.

Tendo dito isso, a cada mês que minha esposa me informava que ela havia ficado menstruada, eu ficava contente.

Um bebê não se encaixava no meu mundo.

Ainda não, de qualquer maneira.

Eu precisava me livrar do problema de Andrew Arrowsmith, garantir que a Royal Pipelines estivesse livre de processos judiciais e que as perfurações exploratórias no Ártico fossem frutíferas.

Além disso, bater na Flower Girl significava que eu não tinha mais uma desculpa para mantê-la por perto, e ter uma trepada estável acabou sendo conveniente. Tanto é verdade que eu estava brincando com a ideia de fazer um acompanhamento local depois que tudo estivesse feito e resolvido.

Não *muito* local, mas local o suficiente para estar no mesmo continente que eu. Alguém que eu pudesse esconder perto o suficiente para me sentir confortável e longe demais para jantar.

Havia outros méritos em se livrar de Persephone, é claro.

Ou seja, o fato de que às vezes (embora não com muita frequência, e de uma forma completamente administrável) ela me fazia sentir como se estivesse caindo em um abismo sem fim cheio de tetos de vidro.



Da próxima vez que eu escolhesse uma amante, faria minha devida diligência. Colocar Sam no caso. Encontrar alguém menos atraente do que minha esposa, e nem metade teimosa. As chances eram de que eu nunca teria que lidar com o desconforto de querer tanto alguém fisicamente novamente, simplesmente porque Persephone sempre despertava em mim o que nenhuma outra mulher conseguiu.

Agora, eu joguei a memória da noite passada na minha cabeça enquanto entretinha meus amigos durante nossa noite semanal de pôquer.

De minha esposa em sua camisola branca rendada. Como nos encontramos no meio do corredor, como sempre fazíamos. Eu estava vindo para vê-la, e ela estava vindo para me ver, nenhum de nós estava com humor para aquele jogo de cabo-de-guerra de quem vai primeiro.

Nós explodimos no tapete, tecido rasgando, dentes beliscando, gemidos descendo as escadas para os aposentos dos funcionários.

— *Meu desejo favorito*, — ela disse asperamente em minha boca quando gozei profundamente dentro dela. — *Meu milagre*.

— Isso é um sorriso no rosto de Cillian? — Hunter coçou a cabeça, pasmo.

Passaram-se apenas quarenta minutos desde que eles chegaram, e eu já queria chutá-los para fora com meus sapatos ainda enterrados em suas fendas na bunda. Flower Girl estava lá em cima, tendo uma teleconferência com suas amigas, e minha mente estava perdida em relação ao que eu havia planejado para ela esta noite.

— Um sorriso? Certamente não. — Devon olhou para suas cartas, tomando um gole de seu conhaque. — Talvez ele esteja tendo um derrame.

— Talvez algo tenha ficado preso em seus dentes. — Hunter bateu suas cartas na mesa. — Tipo, você sabe, sentimentos ou algo assim.

— Feche, — avisei.

— Não. Eles estão certos. Você está radiante. — Sam franziu a testa para mim com aversão. — É nojento. As pessoas estão tentando comer aqui. — Ele largou o sanduíche no prato.

— Deixe-o em paz. Eu acho isso fofo. — Hunter deu um gole em sua cerveja. — Kill pegou um caso de sensação, e não há vacina para o que ele está experimentando.

— Você realmente é aquele que fala sobre ser chicoteado por uma boceta? — Peguei uma carta da pilha no meio da mesa. — Suas bolas estão desaparecidas desde que sua esposa entrou em

cena, e nenhuma unidade de busca no mundo pode encontrá-las.

Cada cabeça na sala girou em minha direção.

— *O quê?* Eu descobri meus dentes.

— Você disse chicoteado. — A testa de Devon se enrugou.
— Você nunca amaldiçoa.

— *Boceta* não é um palavrão.

— Eu tenho uma piada gay na ponta da língua. — Hunter se contorceu como se estivesse tentando não fazer xixi.

— Engula, — rebati.

— Isso foi o que ele disse. — Hunter não se conteve. Eu olhei para ele. Ele fechou os lábios com os dedos, fingindo estar jogando a chave pela sala.

— Desculpa. Tive que tirar isso do meu sistema. Terminei agora.

Piadas à parte, eu sabia que provavelmente não teria usado a palavra seis meses atrás. A necessidade de proferir palavrões não me atraía, mas de que outra forma eu poderia instruir minha esposa a estacionar sua boceta em meu rosto? Para montar meu pau? Abaixar-se e me deixar amarrar sua bunda?

Chamar o que ela tinha entre as pernas de vagina me tornaria uma. Eu não era seu obstetra. Eu não tinha nada que chamar de boceta além de boceta.

— De qualquer forma, o que quero dizer é que você diz que é imune a sentimentos e eu chamo isso de besteira. — Hunter riu.

— Não sou imune a sentimentos, — rebati. — Eu tenho dois: prazer e dor.

— A boceta de sua esposa lhe dá prazer, — Devon, que assumiu o papel de Capitão Óbvio durante a noite, forneceu. — Mas quando foi a última vez que você sentiu dor?

— Muito em breve, quando Persy finalmente perceber que se casou com um robô e o chutar para o meio-fio. — Hunter riu, jogando suas cartas no centro da mesa. — Desisto.

— Kill, — Sam acendeu um cigarro, — preciso de uma palavra em particular.

— No momento ideal. Fim de jogo. — Joguei minhas cartas.

— Nós apenas começamos. — Devon franziu a testa. — Eu tenho uma boa mão indo.

— A minha está prestes a quebrar seu pescoço se você não sair daqui. — Sorri educadamente. Hunter e Devon foram



embora. Agora tudo que eu precisava era me livrar de Sam e visitar a cama de minha esposa.

— E aí? — Recostei-me na cadeira.

— É sobre Andrew Arrowsmith.

Eu fiz advocacia desde que soube do processo, fiz minha diligência em relação ao Green Living, e fiz questão de mostrar meu rosto em eventos de caridade com minha esposa em meu braço e assinar cheques gordos para organizações sem fins lucrativos.

Eu também paguei generosamente a alguns meios de comunicação locais para publicar itens menos do que lisonjeiros sobre Andrew, atraí potenciais doadores para que investissem seu dinheiro no Green Living e me certifiquei de estrangular o local de trabalho de Andrew financeiramente o melhor que pude.

Fiz tudo conforme as regras antes da data do tribunal, que estava marcada para 23 de setembro, ainda alguns meses antes, mas sabia que Arrowsmith tinha um caso forte e a simpatia do público.

Jogar um lixo em um dos recursos naturais mais delicados do mundo foi aparentemente severamente desaprovado.

— Eu fiz algumas escavações. Falei com um de seus advogados. — Sam me entregou seu iPad do outro lado da mesa.
— Um dos ângulos que eles vão usar no tribunal é a difamação.

Especificamente, o mau estado de seu casamento. Eles vão sugerir que seu personagem é defeituoso por causa de seu relacionamento distante com Persephone. Basicamente, eles vão sugerir fortemente que você é um marido abusivo. Sua esposa trabalha para eles e recebe um salário deles. Ela visita a casa deles três a quatro vezes por semana, o que tenho certeza de que você está ciente.

Eu não estou, droga.

O que você fez, Persephone?

— Persy não está apenas passando a maior parte do tempo com os Arrowsmiths, mas você não tem uma vida familiar para falar. Parece ruim. O apartamento que você ainda está alugando para ela, suas contas bancárias separadas...

Levantei a mão para detê-lo. — Retroceda. Contas separadas?

Persephone assinou um NDA e definitivamente não estava em posição de contar a ninguém sobre isso.

Sam deu uma tragada no cigarro, me olhando com ironia.

— Não me diga que você foi burro o suficiente para adicioná-la às suas contas bancárias, Kill.

— Não, — cerrei. — Mas eu deposito uma mesada de sessenta mil dólares mensais em sua conta corrente. Visto que

ela mora sob meu teto, come minha comida e geralmente vive às minhas custas, imaginei que essa seria uma quantia suficiente para ela não procurar por nenhum show paralelo.

— Bem, foi o que ela disse aos Arrowsmiths. Você *sabia* que ela trabalha para eles, correto?

Eu fiz, e não sabia.

Persephone me disse meses atrás que ela estava planejando fazer isso, mas nunca deu continuidade. Presumi – bem, *esperava* – que sua declaração para ser tutora de Tinder Arrowsmith fosse apenas outra maneira de me irritar. Tentar extrair uma emoção humana de mim era seu passatempo favorito.

Eu não pensei que ela realmente seguiria em frente.

Aquele garoto Tinder era uma desculpa patética para um...

— Cillian? — Sam inclinou a cabeça. Limpei a garganta, colocando minhas mãos sob a mesa e estalando os nós dos dedos.

— Eu sabia, — menti.

— Por que você não parou?

— Porque eu não me importo muito com o que ela faz em seu tempo livre, desde que ela não me importune para ficar com ela.

— Bem, comece a se preocupar se você quer ganhar o caso contra Arrowsmith. Diga à sua esposa para largar suas bundas, imediatamente. Se há uma coisa de que você não precisa agora, é que Persephone dê munição para Arrowsmith.

— Quanto pesa realmente a palavra dela? — Rosnei. — Ela é apenas uma criança estúpida.

— Você é casado com uma criança estúpida, — Sam me lembrou. — Desmonte-a.

— Eu vou.

— Por que não seguimos Cachinhos Dourados? — Sam jogou o cigarro direto no cinzeiro, examinando meu rosto em busca de uma reação. — Veja o que ela está fazendo.

Porque eu prometi contratualmente a ela que nunca a seguiria, e mesmo que ela goste de dar uma longa cagada em todo o contrato que ela assinou e quebrá-lo uma e outra vez, tenho a sensação de que não vou conseguir me safar fazendo o mesmo.

— Por que eu desperdiçaria meus preciosos recursos com minha esposa? — Perguntei secamente.

— Você não quer saber se ela ainda visita a Sra. Veitch?

— Ela faz.

— E você não se importa?

— Pelo que me importa, Persephone pode voltar para seu ex perdedor depois que ela terminar de ter meus filhos. — Levantei-me, recolhendo meu telefone e colocando-o no bolso de trás.

— Lembre-a de que você vai deixá-la cair se ela quebrar o seu acordo, — ele avisou, seus braços enganchados atrás das costas, suas coxas abertas.

— Algo mais? — Verifiquei a hora no meu relógio.

— Sim. — Ele se levantou, apontando para mim. — Junte sua merda. Nunca vi você perder um jogo de pôquer sem querer. Esses idiotas fizeram um novo buraco para você hoje, e nem se passou uma hora. Eu nunca vi você em casa antes das nove horas da noite também. Adivinha? Na semana passada, passei pelo seu escritório às seis e meia e me disseram que você tinha ido para casa mais cedo.

Eu não ligaria às seis e meia antes, exatamente, mas Persephone me enviou uma mensagem com uma foto dela vestindo nada além de uma camisola da cor de pêssego de seu clitóris, e meu pau quase assinou Royal Pipelines para Arrowsmith em uma tentativa de ir casa mais cedo.

Enfureceu-me que Sam tivesse razão, mesmo que eu tivesse certeza de que era apenas uma fase para tirar minha esposa do meu sistema.

— Eu disse que vou falar com ela. Sabe onde fica a porta?

Ele me lançou um olhar confuso. — Claro.

— Use-a.

Com isso, me virei e pisei no segundo andar.

Era hora de ensinar Persephone que, no submundo, tudo fora do escopo estreito do que eu considerava aceitável estava fadado a perecer.



Eu a comi primeiro.

Eu sabia que a conversa azedaria as coisas entre nós e não queria que nada atrapalhasse minhas tentativas de engravidar minha esposa.

Já que ela era insensata o suficiente para não usar testes de fertilidade, eu tinha que fazer isso todos os dias.

Amarrei minha esposa às grades da cama, comi-a e a violentei várias vezes até que ela ficou dolorida e sensível em todos os lugares.

Esperei até que estivéssemos exaustos e deitados em sua cama antes de abrir a caixa de charutos, que levei para o quarto dela, visto que passei a maior parte do tempo lá, e acendi um.

— Você vai parar de dar aulas particulares para as crianças Arrowsmith a partir de amanhã de manhã, — anunciei.

Persephone ainda estava enrolada em seus cobertores, seu cabelo dourado espalhado sobre nós dois, sua pele orvalhada como uma manhã de primavera.

Ela rolou em minha direção, seus grandes olhos azuis fixos em meu rosto.

— Desculpe?

— Eu sei que você os tem ensinado. Isso para agora.

— Você tem me seguido? — Sua voz mudou de doce para fria em segundos.

Tirei o cobertor de cima de mim e me sentei, enfiando as pernas na cueca.

— Querida, não vamos fingir que me importo o suficiente para seguir você. Sam segue Andrew, e ele viu você entrando e saindo de sua casa.

— Sam é um idiota. — Ela pulou da cama como se tivesse se queimado.

Puxei uma camisa com decote em V sobre a minha cabeça, ignorando sua histeria.

— O que Sam é ou não é, não é da minha conta. Eu não sou casado com ele. No entanto, você está quebrando um contrato que assinou. A cláusula de não concorrência. Você foi e falou com o meu inimigo como o idiota que é, dizendo a ele que temos contas separadas. Agora, Andrew vai usar seu emprego no tribunal para mostrar que sou um marido desamoroso e negligente, a fim de estabelecer meu mau caráter.

— Você é um marido desamoroso. — Ela jogou as mãos para o alto, rindo amargamente.

— O amor não estava no contrato.

— Dane-se seu contrato! — Ela gritou, perdendo sua paciência de sempre.

— Por quê? Transar com você é muito mais agradável. — Eu já estava indo para o meu quarto. Fiquei satisfeito comigo mesmo por não permitir que dormíssemos na mesma cama desde que nos casamos. Isso me deu alguma aparência de controle.

Parei na porta.

— Saia amanhã de manhã. Não vou falar duas vezes. Isso não é negociável.

— Senão? — Ela projetou o queixo. — O que você vai fazer se eu decidir continuar dando aulas particulares para essas crianças... especialmente Tinder, um garoto que precisa de mim, que depende de mim, que é *apegado* a mim?

Virei-me. Olhei para ela com o mesmo desdém frio que usei com todas as outras pessoas na minha vida.

Ela era apenas um buraco quente.

Uma distração.

Um meio para o fim.

Apegar-se a alguém que foi *comprado* para salvar sua vida era um tipo especial de estúpido. O tipo de história de advertência que eu deveria passar para meu próprio filho como meu pai havia feito comigo.

— Desobedeça e eu lhe darei o que você está implorando.

Divórcio.

Ela tinha espalhado a palavra com frequência. Como se eu fosse o único à mercê dela.

— Diga, — ela sussurrou, seus olhos me desafiando. — Diga-me o que você fará. Diga-me que não significo nada para você.

Agarrei sua nuca, sentindo meu pau endurecer na minha cueca enquanto eu fazia. Eu não podia permitir que isso se transformasse em sexo de reconciliação. Os jantares diários eram suficientes. Sua presença constante me levou ao meu limite.

— Se você continuar a ignorar nosso contrato, terei que quebrar minha parte no trato também. Se você ainda trabalhar para os Arrowsmith no meio da semana, vou colocar Sam na sua cola para acompanhar todos os seus movimentos. Em seguida, vou pegar um voo para a Europa, para foder todos os corpos capacitados em minha vizinhança. Então – sem tomar banho para lavá-los – voltarei para colocar um bebê em você, *com* testes de ovulação. — Meus lábios tocaram os dela enquanto eu falava, e eu a senti tremendo contra mim, tanto de raiva quanto de luxúria. — Seu cheiro e sucos dentro de você. Para lembrá-la de que você não é nada além de um brinquedo para mim. A parte triste é que nós dois sabemos que você me deixaria, Flower Girl. Você está com tesão por esse pau desde o dia em que me viu. Mas você se odiaria por isso, e cada vez que olhasse para nosso filho, veria o que fiz com você. Conheça o seu lugar, Persephone. Você não está aqui para co-governar o reino ao meu lado. Apenas para me ajudar a continuar.

Ela arrancou sua boca da minha, empurrando meu peito o mais forte que podia, seus dentes batendo.

— Você não tocaria em outra pessoa. — Ela pulou para frente, empurrando-me novamente. — Você não faria isso.

— Mesmo? — Levantei minhas sobrancelhas, fingindo interesse. — O que te faz dizer isso?

Já era ruim o suficiente eu não poder cuspir a palavra *divórcio* da minha boca. Agora eu tinha que ficar aqui e ouvir por que aparentemente estava em um relacionamento monogâmico.

Minha vida certamente piorou desde que nossos órgãos genitais se conheceram.

— Você nunca vai encontrar o que temos em outro lugar, — ela fervia. — E você é o homem mais estúpido do mundo para pensar que pode.

— Você terminou de ser dramática? — Inclinei um ombro sobre o batente da porta de seu quarto, cruzando os braços como um pai exasperado.

— Você acabou de ser sem coração? — Ela rebateu.

— Não. O que nos leva ao único motivo pelo qual você ainda está aqui - você ainda não está grávida.

— Você já pensou que eu posso não ser capaz de ter filhos? — Ela começou a se vestir. Calcinha primeiro, depois uma camisa grande.

— Sim, — eu disse. — No minuto em que criei esse plano, fiz uma lista de prós, contras e complicações potenciais. A possível infertilidade estava no topo da lista de contras.

— E?

— E todas são substituíveis.

Ela congelou, sem se mover um centímetro.

— Entendo—, disse ela com cuidado. — Nesse caso, não me deixe perder seu tempo.

Ela já havia levado meses do meu tempo, mas dizer isso a ela seria contraproducente para a nossa reprodução.

— Vou continuar meu emprego com os Arrowsmiths. Você pode encontrar outra candidata adequada para ter seus filhos preciosos, — ela disse com naturalidade, arrancando uma escova de sua mesa de cabeceira, passando-a pelo cabelo.

Talvez eu tenha ouvido mal. Ninguém era tão estúpido a ponto de jogar fora riqueza, sexo alucinante e liberdade por um princípio estúpido. O que tínhamos era diferente. Isso foi...

O quê? Uma voz dentro de mim riu. Você acabou de dizer a ela que iria visitar seus casinhos pagos se ela não concordar, então acrescentou que, a propósito, se ela não conseguir engravidar, você a substituirá por uma versão 2.0.

Eu sabia que precisava me virar e ir embora, mas algo me disse que eu não teria uma boa noite de sono se deixássemos as coisas como estavam, o que era absurdo. Sempre dormi como um

bebê. Veio com o território de não ter arrependimentos, preocupações ou uma alma.

— Você ainda está aqui. — Ela jogou seu cabelo magnífico em um ombro, dividindo-o em três seções e trançando-o enquanto se preparava para dormir. — Por quê? Eu disse a você minha decisão.

— Não seja estúpida, — eu a avisei.

— A única coisa estúpida que fiz foi me casar com você. — Ela parou no meio da trança para avançar, empurrando-me o resto do caminho para fora de seu quarto, então bateu a porta na minha cara.

Voltei para o meu quarto, com muita raiva para pensar direito. Eu disse que o divórcio não era uma opção, e falei sério. Se Persephone quisesse sair deste casamento, teria que ser em um caixão. Se seria eu quem estaria dentro ou ela, era o verdadeiro mistério.

Assim que cheguei ao meu quarto, notei que meu telefone estava piscando com novas mensagens de texto.

Sam: *Pare-a antes que ela te custe essa porra de processo.*

Sam: *Não deixe nada estragar tudo. Muito menos uma mulher.*

Cillian: *Siga-a, rastreie e examine em todos os momentos a partir de amanhã de manhã. Rastreie seu telefone e mensagens de texto também. Não quero que minha esposa mije sem saber disso.*

Sam: *O que aconteceu com não dar a mínima?*

Cillian: *Negócios são negócios.*

Sam: *Finalmente, você enroscou a cabeça direito. Considere isso feito.*



No dia seguinte, esvaziei todas as contas de Andrew Arrowsmith nas Ilhas Virgens Britânicas. O dinheiro que Sam me disse que roubou de seu sogro. A soma chegou a pouco menos de oito milhões de dólares.

Andrew apareceu na porta do meu escritório menos de uma hora depois de eu ter transferido todo o dinheiro para várias instituições de caridade em todo o mundo, fazendo doações anônimas.





— Então é assim que você escolheu jogar? — Ele invadiu meu domínio, passando os dedos pelos cabelos, quase arrancando-os do crânio.

Girei minha cadeira, tirando o olhar de um relatório mensal sobre minhas novas perfurações.

— Jogar o que? — Perguntei inocentemente.

— Você sabe exatamente o que estava faltando.

Ele avançou em direção à minha mesa, batendo a palma da mão sobre ela, esperando uma reação.

Ele tem um, certo. Eu bocejei, me perguntando o que causou meu estupor inquieto na noite passada.

Provavelmente foi o linguini. Eu nunca deveria ter comido carboidratos no jantar.

A alternativa para o que causou minha inquietação era ridícula demais para ser considerada.

— Cadê? — Ele fumegou.

— Cadê o quê?

— A coisa que você roubou de mim.

Claro, pronunciar as palavras em voz alta era admitir má conduta.



Esfreguei meu queixo. — Ainda não sei do que você está falando. Quer ser específico?

— Corta essa merda, Fitzpatrick. Onde está meu dinheiro?
— Ele tentou agarrar a gola da minha camisa, inclinando-se sobre a minha mesa, mas fui mais rápido. Empurrando para trás na minha cadeira, eu o fiz mergulhar de cabeça na minha mesa, seus olhos pousando nos números de dar água na boca que voltaram do relatório mensal.

Levantei-me, abotoando meu terno.

— O que é dinheiro no grande esquema das coisas, Andy, meu amigo? Você tem o Ártico para salvar.

— Você não ficará tão presunçoso quando eu bater na porta do FBI e dizer a eles quanto dinheiro você roubou de mim. — Ele correu para ficar de pé, endireitando a gravata.

— Avise-me quando fizer isso, para que eu possa visitar o IRS e informá-los que você tem mantido milhões não declarados em contas offshore. Uma maneira segura de matar sua carreira sem fins lucrativos mais rápido do que um peixe fora d'água.

Ele enrijeceu, sabendo muito bem que eu tinha razão. Andrew teria que suportar o golpe financeiro. Ninguém deveria saber que ele guardava milhões onde ninguém pudesse ver ou tocá-los.

Ele estreitou os olhos para mim.

— Você acha que eu me importo? — Ele assobiou. — Você acha que isso me impediria de enviar Tinder e Tree para Evon? Para dar a eles todas as coisas que sua família *roubou* de mim? Você nunca pode tocar minha riqueza pessoal. Minha esposa é milionária.

— Não, os pais dela são, — eu apontei, caminhando ao longo da janela do chão ao teto, observando os pontos humanos passando o dia na rua. — Imobiliário, certo? O pai dela é um magnata da propriedade? Aposto que há toda uma lata de minhocas para explorar lá também, — resmunguei. — Nunca conheci um magnata do mercado imobiliário de Nova York que gostasse de pagar seus impostos.

Nesse ponto, meu braço estava tão fundo na fortuna da família de Joelle Arrowsmith, à procura de qualquer transgressão, que eu poderia contar a Andrew coisas sobre seus sogros que duvidava que *eles* soubessem um do outro.

Andrew percebeu que a corda em seu pescoço estava apertando.

— Lembre-se de uma coisa, Fitzpatrick. Sua esposa visita nossa casa com frequência. Ela fala.

Eu só podia imaginar o que Persephone disse sobre mim. Ela não era uma fã, a menos que estivéssemos na cama. Eu não tinha ideia de por que ela tentava romper minhas paredes com

tanta persistência apenas para arruinar minha defesa contra Andrew.

Para que ela possa ter poder sobre você.

Arrowsmith já havia usado essa tática antes. Por que ela não iria?

— Cuidado com as costas, Cillian. — Ele apontou para mim.
— Eu quebrei você antes. Pretendo fazer de novo.

Eu sorri. — Dê o seu melhor, Andy. Eu com certeza vou fazer o mesmo.



O resto da semana foi uma tortura elaborada.

Sam enviou dois de seus investigadores com o QI combinado de um pepino para rastrear Persephone. Ele prometeu que fariam o possível para passar despercebidos.

Nos dias seguintes à nossa briga, recebia mensagens de texto de hora em hora sobre o paradeiro de minha esposa. Sua rotina previsível era a única coisa que impedia meu pulso de explodir.

Ela estava no trabalho, na aula de ioga, dando aulas particulares para as crianças Arrowsmith ou com suas amigas e irmã.

Um lugar de onde ela estava notavelmente ausente era minha cama. Mesmo que eu não pudesse culpá-la por não rastejar no meu colo à noite para me oferecer sua doçura, eu odiava que ela não me deixasse entrar em seu quarto também.

Na noite seguinte à nossa briga, cheguei ao nosso jantar idiota como se nada tivesse acontecido e fui até caridoso o suficiente para dar uma informação sobre o meu dia. Eu disse a ela que tinha despedido três pessoas naquela manhã – ela não disse que queria que eu *compartilhasse* as coisas com ela? – mas depois que saí do chuveiro e bati em sua porta, ela não a abriu.

Eu bati de novo, pensando que ela não tinha me ouvido da primeira vez.

Nada.

— Eu sei que você está aí, — resmunguei, me odiando por empurrar isso.

Eu nunca tinha procurado uma mulher antes. Todas as minhas acompanhantes expressaram atração anterior por mim antes de eu contratá-las. Eu poderia ter conseguido o que elas ofereceram, de graça. Eu simplesmente não queria tê-las em seus termos; apenas nos meus.



— Não estou tentando fingir que não estou aqui, —
Persephone respondeu atrás da porta.

Estalando os nós dos dedos e me lembrando de que ela tinha todo o direito de ficar com raiva depois que declarei que iria substituí-la por outra pessoa, eu descansei minha testa em sua porta.

— Você tem deveres conjugais a cumprir.

— Se você pensa que está entrando por aquela porta, você não é apenas um peixe frio, Cillian. Você também é burro.

Cillian. Não Hubs ou Kill.

Ela também me chamou de idiota e frio. Talvez essa seja a parte em que você deva se concentrar.

Senti minhas narinas dilatando-se e meus lábios se estreitando enquanto eu dizia: — Vou ser rápido.

— Não.

— *Por favor.* — A palavra deixou um gosto ruim na minha boca. Eu não poderia ter dito isso mais do que algumas vezes na minha vida.

— Vá para a Europa, Cillian. Divirta-se com suas namoradinhas. Talvez elas lhe deem o filho que você tanto deseja.

Minha pulsação estava acelerada agora.



Eu podia sentir a tensão e a pressão em volta do meu pescoço e, pela primeira vez em anos, eu sabia que eles iriam vencer.

Ser rejeitado pela minha esposa não foi nem mesmo uma das piores coisas que me aconteceram neste *mês*, mas a ideia de que ela me rejeitou me fez querer arrancar minha pele e atirar em toda a casa de Sam Brennan.

Foi ideia dele que eu joguei meu peso com ela. Agora, não só eu tinha Arrowsmith como um problema, mas também uma esposa que se recusava a engravidar.

Virei-me, avançando pelo corredor, passando rapidamente pelo quarto principal como um demônio, continuando todo o caminho pelo corredor, até a sala mais distante no segundo andar. Meus dedos coçaram. Minhas pálpebras latejaram. Eu não conseguia mais segurá-lo por dentro.

Não era mais possível controlá-lo.

Pela primeira vez em anos, eu deixaria a besta sair.

Eu escancarei a porta.

Era uma velha sala de estudos que converti em spa. Qualquer desculpa idiota eu poderia dar aos construtores para tornar a sala à prova de som e enchê-la com coisas macias e inquebráveis.

Eu bati a porta atrás de mim e deixei o monstro em mim assumir.

Esperando que os hematomas e cortes que certamente apareceriam já tivessem desaparecido amanhã.



No meu sétimo dia de celibato (mas quem diabos estava contando?), encontramos-nos para jogar pôquer novamente.

Sam estava vigilante, Hunter estava em seu humor habitual e Devon parecia estar tentando descobrir o que subia pela minha bunda.

Exatamente uma semana a partir do momento em que eu disse à Flower Girl que ela não poderia mais ser tutora dos filhos Arrowsmith, e ela começou a mijar em todas as minhas exigências e continuar com sua vida, banindo-me de sua cama no processo.

Estive no limite durante toda a semana, canalizando minha raiva fervente para Arrowsmith. A cada dia, descobri uma nova maneira de cutucá-lo.

Uma vez, enviei câmeras de paparazzi para tirar fotos de Andrew cutucando o nariz em um restaurante. A outra, eu tive um Investigador sentado na frente de sua casa a noite toda só para mexer com sua cabeça, e em outra ocasião, um editor de um dos jornais locais publicou uma história sobre aquela época em que o próprio Santo André foi pego em um sexo a três durante seus anos de fraternidade em qualquer faculdade comunitária que frequentou.

O problema com o meu segredo era que revelá-lo seria prejudicial para Andrew também. Eu queria empurrá-lo a um ponto em que não tivesse mais nada a perder. Ir até meu pai e contar a ele. Expor-me. Transformar-me da criança de ouro na fraude que ele pensava que eu era.

Hoje, eu estava particularmente azedo. Tanto que eu nem tinha ido ao rancho para visitar os cavalos. Tudo começou de manhã quando me ocorreu que algo estava errado. Esse algo era a falta de mensagens de texto de nuvem que eu vinha recebendo (e ignorando) por meses.

Eu não podia acreditar que sentia falta da tia Tilda.

A velha bruxa nunca parava de criar problemas para mim.

Persephone estava levando as coisas longe demais.

Eu sabia que tinha duas escolhas – ou eu recuaria e jogaria um osso na minha esposa, dizer a ela que se ela não pudesse



engravidar, ou eu era infértil, ou ambos, que poderíamos adotar – às quais eu estava genuinamente aberto.

Ou eu poderia flexionar meus músculos e chutá-la para fora.

Eu tive a decência de fingir debater as duas opções pelo bem do meu ego enquanto jogávamos.

Hunter continuou checando seu telefone. Sailor não estava nem perto de estar pronta para estourar – ela não estava nem meio perto do parto – mas ele agia como se ela fosse a primeira humana a dar à luz a outro.

Hoje cedo, os espões de Sam me mandaram uma mensagem às nove da manhã dizendo que Persephone havia chegado à casa dos Arrowsmith. Ela passou seis horas agitando lá antes de ir direto para uma casa de repouso nos arredores de Boston para visitar sua ex-avó. Ela ainda estava fora, provavelmente dando banho e vestindo Greta Veitch, colocando-a na cama.

Minha esposa, eu tinha que admitir, era a pessoa mais ingênua ou desleal viva. Possivelmente ambos.

Uma coisa era certa: apesar de todos os seus traços, ela não era a tarefa simples que eu esperava que fosse. Nem por um longo quilômetro.



Fragmentos de conversa cortaram o ar, incapaz de penetrar em meus pensamentos.

— ...discutindo com ele. Você tem que se acalmar, Kill. Você tem se esforçado tanto no Arrowsmith. Você tem sorte que as pessoas ainda não notaram.

— Kill acha que sorte é apenas matemática preguiçosa.

— Kill não está pensando *em nada*. Verifique seu rosto. Parece que ele está prestes a expulsar todos nós de novo para que ele possa ter uma sessão de aconchego com a querida esposa.

Falando do demônio, a porta da sala de entretenimento se abriu e o furacão Persephone entrou trovejando. Gotas de chuva espalharam-se em seu rosto e lábios como pequenos diamantes, um sinal revelador dos chuveiros derramando do lado de fora.

Diamantes minúsculos.

Uma boceta premium e eu estava fora de combate.

Estava ficando mais quente e agradável recentemente, mas esta semana, tinha chovido muito.

A forte semelhança com a cena de Persephone aceitando minha proposta na frente dos meus amigos lambeu meu estômago, e eu sorri, olhando para ela com um ar divertido.

Finalmente, ela recobrou o juízo.

Minha esposa diminuiu a velocidade até parar. No momento em que percebi que ela estava segurando algo em seu punho fechado, ela o jogou no meu peito. Um pano encharcado e pesado escorregou pela minha camisa social.

Eu quase podia ouvir as mandíbulas de Sam, Devon e Hunter enquanto batiam contra o chão em uníssono.

— Você tem me seguido! — Persephone bateu com as palmas das mãos abertas na mesa e, com um movimento, limpou-a de cartas, copos e cinzeiros. O conteúdo da mesa voou para o chão. — Encontrei seus homens estúpidos esperando no meu carro quando saí da casa de repouso da Sra. Veitch, então decidi persegui-los. Tenho o gorro de um cara. O outro foi muito rápido.

— Qual você conseguiu pegar? — Sam perguntou em tom de conversa. — Então, saberei quem dispensar.

Seu olhar disparou em sua direção. Ela apontou para ele. — Cale a boca, Brennan. Apenas cale a boca!

Tirei o gorro agora identificado do meu abdômen, jogando a coisa no chão com um sorriso de escárnio. Eu sabia que um pedido de desculpas não estava sobre a mesa agora.

Um Fitzpatrick nunca se curvou ou se encolheu diante de sua esposa.



Ele se casava com uma mulher agradável que gerava outras mulheres agradáveis, e filhos que eram tão impossíveis quanto estavam maravilhados com seus pais.

Foi isso que me ensinaram.

Foi por isso que eu vivi.

Era assim que eu morreria também.

Hunter pode ter sido uma exceção se casando por amor, mas ele não era o mais velho. O líder da matilha. O homem encarregado de levar adiante todas as tradições da família.

Além disso, eu tinha uma reputação a defender.

— De volta à histeria, eu vejo, — comentei suavemente, alisando minha camisa. — Se importa em me dizer algo que eu não sei? Eu te contei sobre meus planos na semana passada. Um deles era mandar seguir você. Você achou que eu não iria cumprir minhas ameaças? Você achou que era... *especial*? — Eu fiz beicinho sarcasticamente, fingindo tristeza.

Seus olhos se arregalaram. Nós dois estávamos pensando a mesma coisa. Meus chamados planos também incluíam visitar minhas amantes e humilhá-la publicamente.

— Você está cumprindo *todas as* suas ameaças, — disse ela com voz rouca. Não houve um ponto de interrogação após a frase. Eu sabia que deveria recuar. Cada osso do meu corpo me disse

para fazer isso, mas eu tive que aproveitar a oportunidade para provar a mim mesmo que ela não significava nada para mim. Que ela não passava de um brinquedo.

Eu sorri cruelmente. — *Todos* eles.

— Seguir-me era contra o contrato, — ela me lembrou, orgulhosa demais para mencionar a outra coisa que prometi não fazer.

— Na verdade, eu encontrei uma brecha. Sam fez o seguinte. Eu apenas dei a ordem. — Eu pisquei.

— O diabo está nos detalhes. — Sam relaxou em sua cadeira, completamente entretido.

— Agora, isso é apenas falta de educação, Brennan. Mostre algum respeito pela dona da casa. — Estalei meus dedos na direção de Sam, ainda olhando para minha esposa. — Peça desculpas.

— Minhas sinceras desculpas. — Sam baixou a cabeça teatralmente, rindo, gostando de ridicularizá-la. Ele não era capaz de amar uma mulher e também não queria que eu o fizesse. — Meu coração sangra por você.

Foi uma escolha peculiar de palavras, considerando que provoquei Persephone sobre seu bleeding heart. Eu nunca disse a Sam – nem a qualquer outra alma viva – sobre o tempo que passei na suíte nupcial com ela.



O dia em que não consegui parar de pensar por muitos anos.

Mas Flower Girl não sabia disso.

Seu rosto ficou vermelho e ela agarrou as laterais do vestido com os punhos.

Agora era uma boa hora para dizer a ela que não contei a Sam o que aconteceu.

Que ele não sabia que ela se envenenou.

Antes que eu pudesse fazer qualquer uma dessas coisas, Persephone se virou e desapareceu como um raio fugaz.

Todos os olhos estavam em mim.

— Pronto para minha mão de monstro? — Inclinei-me para a frente na mesa agora vazia, abanando as cartas que ainda segurava na mão.

Hunter gemeu.

Devon revirou os olhos.

Mas Sam... Sam sabia.

Ele olhou para mim com seus olhos acinzentados calmos que não perdiam nada, grande ou pequeno. Importante ou mundano.

Coloquei meus reis na mesa e recostei-me.

Hunter e Devon engasgaram.

— Maldito. — Hunter bateu suas cartas no carvalho rico. —
Você sempre vence.

Nem sempre.

Eu olhei para a porta vazia.

Não dessa vez.



Três horas depois, meus amigos finalmente se foram.

Subi as escadas, subindo dois degraus de cada vez. Eu estava quarenta e cinco mil dólares mais rico e um milhão de vezes mais provável de esfaquear Sam Brennan na cara por seu conselho ruim.

O que diabos me fez colocar vigilância sobre minha esposa? Eu já sabia que ela faria o que quisesse. E o que Sam sabia sobre mulheres, afinal? Ele odiava a ideia delas, a menos que fossem sua madrasta e irmã.



Eu não me incomodei em passar por toda a rotina de fingir-se-para-dormir-no-meu-quarto. Fui direto para o quarto da Flower Girl e bati na porta.

Depois de três batidas e silêncio absoluto, empurrei a porta alguns centímetros.

O local estava vazio.

— Petar!

Meu rugido quase rasgou minhas cordas vocais e provavelmente causou algum dano às janelas. Meu funcionário estava lá em segundos, nunca tendo me ouvido levantar minha voz antes.

Eu estava vasculhando seu closet, tentando ver se ela tinha deixado alguns de seus itens essenciais aqui. As coisas que ela mais amava e estimava.

Ela não deixou.

Droga.

— Senhor, você precisa de alguma coisa? — Petar disse da porta.

Virei-me para ele.

— Sim. Preciso saber onde *diabos* está minha esposa?



Pela expressão em seu rosto, eu ainda não estava chocando as pessoas com meu recente uso de palavrões. Ele retrucou rapidamente, balançando a cabeça.

— Eu... ah... ela... ela não disse. Achei que ela estava indo para um fim de semana em algum lugar?

— E por que você descobriria isso? — Perguntei com os dentes cerrados.

— Bem, porque ela levou várias malas com ela e não queria nenhuma ajuda com elas.

— Ela disse para onde estava indo? — Exigi.

— Não senhor.

— Quantas malas ela levou com ela?

— Bastante.

— Você sabe contar, Petar?

— Sim senhor.

— Agora é a hora de usar essas habilidades matemáticas e me dar a porra de um número.

Ele engoliu em seco, fazendo as contas com os dedos.

— Sete. Ela levou sete malas, senhor.

— E você pensou que ela ia passar um fim de semana, — lamentei. Eu estava cercado de idiotas. Ele engoliu em seco, prestes a dizer algo, mas eu não estava com humor para ouvir. Invadi meu quarto. Uma parte de mim queria persegui-la e trazê-la de volta para casa, onde ela deveria estar, mas outra reconheceu que eu já fizera o suficiente para torcer o braço dela à minha vontade e que ela poderia muito bem decidir testemunhar contra mim no caso Arrowsmith se eu continuasse a pressioná-la.

O pensamento me chocou.

A ideia de Persephone sentada na arquibancada contando às pessoas como eu a maltratei me enojou.

Peguei minha mesa de carvalho, olhando pela janela, cavando meus dedos nela com tanta força que a madeira se quebrou em estilhaços. Agarrei a superfície até que meus dedos estivessem ensanguentados e tremendo de exaustão. Até que os tremores em meu corpo cessassem.

Não o perca.

Não o perca por causa de uma mulher.

Não perca nada.

Peguei meu telefone do bolso, prestes a enviar uma mensagem para Sam.

Ele tinha que dizer a seus homens para pararem de segui-la.

Então eu tinha que dizer a *ela* que não estava dormindo com mais ninguém.

Deslizei meu polegar sobre a tela assim que recebi uma mensagem.

Persephone: *Você se recusa a me deixar ir, mas você não me quer. Se você não se divorciar, eu o farei. Você não pode me manter contra a minha vontade. Não me chame. Não me mande mensagens. Não chegue perto de mim. Não se preocupe. Não vou entrar com o processo até o fim do julgamento contra a Green Living. Seu segredo está seguro comigo. Você queria se casar com uma estranha. Parabéns. Você acabou de me fazer uma.*

Dezoito



Persephone

— Eu vou matar meu irmão, — Sailor anunciou.

Ela estava parada no meio do estúdio de Belle, embalando sua barriga de bebê.

Minha irmã, Ash, e eu estávamos acomodadas no sofá dentro de uma manta gigante, bebendo vinho em taças do tamanho de aquários. Liguei para as meninas para uma reunião de emergência assim que saí de casa.

A casa do meu marido.

Nosso casamento não era real, nem nossa parceria.

Agora, ambos pareciam em perigo real de sobreviver ao último golpe.

— Você vai acabar com Sam, vou matar o Kill, — Belle falou com Sailor, esfregando meu braço de modo tranquilizador. — Estou inclinada a castrá-lo e deixá-lo sangrar. Não

necessariamente usando um objeto contundente. Algo que tornaria o processo lento e doloroso.

— Do ponto de vista médico, não acho que exista uma maneira não dolorosa de castrar um homem até a morte, — Ash murmurou em sua taça de vinho, seus olhos voando em minha direção. — Foi realmente ruim assim?

— Sim, foi, — Sailor respondeu antes que eu tivesse a chance de responder. — Você conhece Pers, ela nunca diria uma palavra ruim sobre alguém nem se sua vida dependesse disso. Hunter estava lá e ele mesmo me disse. Disse que ficou chocado com o comportamento de Kill. Recentemente, ele teve a impressão de que Cillian e você estavam bem.

— Honestamente? Eu fui burra o suficiente para pensar o mesmo. — Enterrei-me no pescoço da minha irmã. Agora que eu não precisava mais ser forte e resiliente, tudo que eu queria era desabar e chorar nos braços de pessoas que eu sabia que nunca me julgariam.

Aisling franziu o nariz, colocando a mão no meu joelho.

— Você sabe que eu acho que Kill ter detetives particulares te seguindo é deplorável, mas você nunca nos disse qual era a natureza do seu relacionamento. Novamente, eu estou *não* tentando arrumar desculpas para o meu irmão. Cresci vendo-o no seu melhor e no seu pior, então sei que ambas as versões dele são assustadoras para a pessoa comum. Mas seu relacionamento

nunca foi explicado, — Ash disse suavemente. — Eu só quero ter certeza de que estamos obtendo a imagem completa para que possamos aconselhá-la adequadamente.

— Ash tem razão. — Belle olhou para mim. — Você acabou de nos dizer que vai se amarrar um dia, então *puf!* — Ela estalou os dedos. — Você era uma mulher casada. Cada vez que a vemos com seu marido, ele olha para você como se você fosse a estrela mais brilhante do céu. Ao mesmo tempo, todos sabemos que você não seguiu o caminho habitual de casais. Conte-nos como você se tornou a Sra. Fitzpatrick.

A pergunta não era injustificada. O quanto parecíamos bizarro para os de fora.

Caramba, era estranho por dentro também.

Minhas amigas desviavam de golpes porque era isso que fazemos – protegemos uma à outra incondicionalmente – mas nada sobre meu casamento fazia sentido.

Peguei um punhado de lenços de papel, enxugando meu nariz e olhos. Minha cabeça doía de tanto chorar. Respirando fundo, comecei.

— Quando Paxton me deixou, ele não me deixou sem nada. Ele me deixou com uma dívida de cem mil dólares. Foram os piores oito meses da minha vida. Os agiotas com os quais ele estava em dívida me perseguiram, espreitaram do lado de fora do



meu local de trabalho, patrulharam o apartamento de Belle... ficou muito ruim. Eles até me atacaram fisicamente uma vez.

Um arrepio que parecia terrivelmente com o dedo de Kaminski percorreu minha espinha.

O aperto de Belle em mim aumentou. Aisling prendeu a respiração e Sailor me olhou com horror. Virei-me para minha irmã.

— Foi quando eu disse que fui assaltada. Não queria pedir dinheiro a Hunter, Sailor ou Aisling. Não era uma soma pequena. Era uma fortuna.

— Não teríamos nos importado! — Aisling gritou.

— Não seja estúpida. — Sailor revirou os olhos. — É claro que você poderia ter nos pedido isso. Você é família.

Balancei minha cabeça. Não importava que eu quase fizesse. Tudo o que importava era que eu não tinha.

— Quando as coisas foram de mal a pior com os credores, fui ao escritório de Cillian e pedi um empréstimo. Ele disse não. Alguns dias depois, ele voltou com a proposta de casamento. Ele disse que todos os meus problemas desapareceriam se eu dissesse que sim e... bem, ele manteve sua promessa.

Contei a elas sobre nosso contrato. Sobre minha hesitação, decorrente do quanto eu sempre gostei dele. Como minha paixão

por ele nunca passou totalmente. Como me convenci de que o casamento viria primeiro, mas que ele voltaria a me amar com o passar do tempo.

Peguei uma pá, cavei nas partes feias e joguei na mesa de centro para minhas amigas e minha irmã dissecarem e interpretarem. Quando terminei, havia apenas mais uma confissão a fazer para me sentir completamente livre.

— Quer saber qual é a pior parte? — Peguei a garrafa de vinho barato – *era a nossa quarta ou quinta?* – Despejando uma porção generosa em minha taça. — Que eu ainda o amo. Eu sempre o amei. A primeira vez que o vi naquele baile de caridade que Sailor nos arrastou porque ela não queria ficar sozinha com Hunter e eu coloquei meu olhar em Cillian, eu sabia. Eu sabia que um dia ele pegaria minha alma, colocaria fogo e pisaria em minhas cinzas quando tudo estivesse feito e resolvido. Eu soube desde o momento em que me vi olhando para ele enquanto ele observava Emmabelle do outro lado da sala. Ele estava perdido na minha irmã, mas eu me encontrei – tudo que sempre quis – nele.

— Kill nunca olha diretamente para as coisas que deseja. — Ash apertou minha mão. — Ele diz que o desejo é uma fraqueza. Se ele quisesse Belle, ele não teria olhado para ela.

— Eu não sei o que fazer. — Abaixei minha cabeça até os joelhos, suspirando. — Eu disse a ele que quero o divórcio depois

que o processo da Green Living terminar. Eu preciso sair. Ir embora antes que ele quebre o que ainda resta em mim. Sair antes que ele *me* deixe.

A última frase me roubou o fôlego. Havia uma boa chance de Cillian chegar à conclusão de que eu não valia o drama. Cortar suas perdas e passar para a próxima esposa da lista. Nada correu bem entre nós. Eu ainda não estava grávida. Eu estava trabalhando para o inimigo dele, ainda mantendo contato com a avó do meu ex-marido...

Não era o que ele queria, e Kill Fitzpatrick *sempre* conseguia o que queria.

Sem mencionar que eu não poderia mais viver assim também. Ocupando a linha entre o real e o falso.

Belle foi a primeira a falar.

— Minha mente e meu coração estão em guerra agora. Não acredito que estou dizendo isso, mas estou prestes a lhe dar um conselho do meu coração. Lembra da cabana, meses atrás? Quando Cillian apostou sua bunda no pôquer e deixou o dinheiro para Sailor e eu pegarmos? A única coisa que ele pediu foi que não falássemos mal dele para você. Foi muito revelador, principalmente porque o nome de Kill está sendo arrastado pela lama diariamente no noticiário e ele não parece dar a mínima. Acho que ele se preocupa com você. Acho que ele não *quer* cuidar de você, mas ele quer. Ele não quer que seus entes queridos lhe

digam para não ficar com ele. Perdi uma aposta e pretendo respeitar. Eu não posso dizer para você deixá-lo, Pers. Agora não. Ainda não.

Meu intestino torceu.

— Sam sempre diz, uma criança que não é amada por sua aldeia vai queimar tudo para sentir seu calor, — Sailor disse calmamente. Ela se sentou na beirada da mesa de centro, passando os dedos pelo cabelo vermelho-fogo. — Eu acho que Cillian tem assistido tudo ao seu redor queimar por muito tempo. Os homens Fitzpatrick estão feridos, mas escondem muito bem, e pelo que percebi, de forma muito diferente. Se alguém pode impedi-lo de destruir o resto do mundo, é você. Dê um tempo a ele, — Sailor sussurrou. — É o presente mais precioso de todos.

Virei-me para Aisling. Ela foi a única pessoa a ficar quieta. Ela também foi a única pessoa que não perdeu a aposta com Kill.

— Eu acho, — ela mordeu o lábio inferior — meu irmão quer você. Acho que ele se preocupa com você. Mas também sei que ele era o mesmo homem que chantageou você para que se casasse com ele. Ele sabia que sua vida estava em perigo e se aproveitou de você. Não sei se este é o tipo de ambiente em que você deseja criar seu filho. — Ela esfregou a testa, lutando para deixar as palavras saírem. — Eu cresci em uma família disfuncional e não posso recomendar que você siga o mesmo caminho. Eu não acho que você deveria ficar.

Estávamos divididos ao meio agora.

Ficar ou ir embora?

Meu coração disse uma coisa; meu cérebro disse outra.

No final, foi meu corpo que venceu.

Adormeci nos braços de minhas melhores amigas.



Meu ex-marido não entrou em contato comigo por duas semanas.

Eu passei todos os dias com Tinder e Tree, ignorando Cillian de volta. Só porque eu não o deixei de verdade, não significava que iria procurá-lo ativamente. Algo havia sido quebrado no dia em que descobri que ele estava me seguido – talvez até mesmo me *traindo* – e eu precisava de tempo.

Mudei-me de volta para o apartamento que ele montou para mim. Apenas um pequeno foda-se para meu marido, deixando-o saber que eu pretendia fazer uso de todas as amenidades luxuosas que ele me ofereceu.

Quando o sábado chegou, eu apareci para minha sessão de tutoria com presentes para Tinder e Tree. Eu não era Gerald Fitzpatrick. Eu não poderia culpar as duas pepitas pelos pecados de seu pai, e passei a amá-los e cuidar deles.

Especialmente Tinder, que precisava de cada gota de amor que pudesse obter.

— Adivinha quem está aqui e com os presentes! — Joelle anunciou quando abriu a porta para mim naquela manhã. Marchei carregando sacolas de mercadorias. Tinder e Tree desceram a escada, gritando de alegria. Tree deslizou pelo corrimão fazendo barulhos de pirata enquanto Tinder saltou na ponta dos pés até o fim. Os dois me abraçaram. Caímos no chão em uma pilha de risos sem fôlego.

— Tia Persy, olhe o que fiz para você. — Tinder empurrou um desenho na minha cara. O título me deu uma pausa. Ele pensava em mim como família, e eu não era família. Eu era, na verdade, exatamente o oposto. Ainda assim, arranquei o papel entre seus dedos rechonchudos, ofegando e fazendo perguntas.

— É um mapa. Se seguirmos, vamos para o céu, e no céu, todos são legais e ninguém bate em você! — Tinder exclamou.

Virei minha cabeça em sua direção, prestes a perguntar a ele quem, exatamente, o batia, quando Tree se lançou sobre mim.

— O que você comprou para nós? — Tree agarrou minhas bochechas, esmagando-as. — É um caminhão? Eu disse à mamãe que quero um no Natal. Vermelho. Tem que ser vermelho Ele *deve*. Sua cor favorita, certo, tia Persy?

— Tree, meu Deus, por que você diria isso? Qualquer presente é bem-vindo. O fato de ela ter pensado em você é o suficiente. — Joelle zombou. Nossos olhos se encontraram e compartilhamos um sorriso. Nos últimos meses, construímos uma amizade provisória, com base em nosso amor compartilhado por seus filhos. Eu sabia que não era fácil para ela se abrir comigo. Principalmente porque ela precisava bater a porta na cara de jornalistas e cinegrafistas diariamente toda vez que meu marido vazava uma notícia nada lisonjeira sobre o dela.

Andrew Arrowsmith não era mais o namorado da mídia graças ao meu marido.

Agora ambos eram homens maus que se odiavam e não paravam por nada para destruir um ao outro.

Eu queria dar a ela as ferramentas para ajudar Tinder e Tree.

Especialmente agora que eu estava com a família tempo suficiente para saber que a presença de Andrew na vida dos meninos era quase inexistente.



— Você está aqui, — a voz de aço de Andrew retumbou, e todos nós olhamos para o topo das escadas.

O fato dele estar aqui fez meu coração pular. — Andrew.

— Como você está, querida? Aquele seu marido selvagem ainda está lhe causando problemas?

— Andrew! — Joelle latiu, corando.

Eu levantei minha mão.

— Está bem. — Virei-me para sorrir para seu marido. — Na verdade, eu me mudei.

As palavras pareceram amargas na minha língua. Que coisa incrivelmente traidora de se dizer. Mas eu tive que colocar meu plano em alta velocidade. Não sabia quanto tempo tinha com a família. Quanto tempo eu tinha com Cillian. Eu estava trabalhando contra o relógio.

— Você fez? — Suas sobrancelhas saltaram para a linha do cabelo. — Por que, se posso perguntar?

Eu ainda estava sentada no chão, os gêmeos em meus braços.

— Não tenho certeza de que vai funcionar, afinal.

— Eu vejo. Que pena.



Eu sorri educadamente. — Bem, eu tenho um dia cheio de atividades com as crianças. É melhor eu começar.

Ele acenou com a cabeça distraidamente. — Sim. Claro. Eu não vou segurar você. Eu tenho alguns... alguns telefonemas para fazer.

Para seus advogados, sem dúvida. Ele provavelmente se perguntou se era o momento certo para me pedir para testemunhar contra meu marido.

— Obrigado por compartilhar esta informação, Persephone. Significa muito para nós ter a sua confiança. Você nos diria se o Sr. Fitzpatrick a maltratasse de alguma forma, não é?

E aí estava.

O resultado final.

O plano mestre que ambos tínhamos para eu estar aqui.

— Claro. Vocês são como uma família para mim.

Os Lannisters, mas tanto faz.

Andrew se virou e voltou para o escritório. Passei a entregar seus presentes a Tree e Tinder, com Joelle parada ao nosso lado. Fiz sinal para ela vir se juntar a nós. Ela fez.

— Obrigada, você não deveria. — Ela se agachou. — Eu sei que você economiza cada centavo.

— Eu amo os meninos.

Tinder desembulhou seu primeiro presente. Um colar com um mordedor. Em forma de dente de tubarão. Ele gritou de alegria, colocando-o na mão de sua mãe.

— Você pode colocar em mim, mamãe?

Ela o encarou por um momento, chocada. Tive a sensação de que ela não tinha muitos momentos como esse com os filhos.

— Eu... é claro. Vire-se, querido.

Eu os observei enquanto Tree desembulhava seu presente - um capacete de bicicleta - balbuciando alegremente sobre como ele queria uma motocicleta quando crescesse. As mãos de Joelle tremeram enquanto ela enrolava o colar de criança no pescoço do filho. Lágrimas picaram meus olhos. Em algum lugar ao longo do caminho, Joelle havia se esquecido de como ser mãe. Ou talvez ela nunca tenha tido a chance de ser uma, sempre ajudando o marido a perseguir seus sonhos.

Tinder se contraiu, enrolando e desenrolando os punhos, fazendo ruídos de animais, o que fazia com frequência.

— Fui criada por babá, — disse Joelle severamente, os olhos ainda no colar que ela estava colocando no Tinder. — Eu pensei que era assim que as coisas deveriam ser. Nunca planejei ter um filho que fosse...

— Especial? — Terminei para ela suavemente. — É uma bênção. Isso te faz crescer. Encontrar sua força. Podemos aprender muito com as crianças. Coisas que já tínhamos esquecido, mas não deveríamos.

— Como o quê?

— Como o que é importante na vida. Família. Amizade. A beleza de uma nuvem solitária navegando em um céu perfeitamente azul. As crianças têm suas prioridades bem definidas. Somos nós, adultos, que às vezes esquecemos o sentido da vida. Agora vem. — Levantei-me, oferecendo a ela minha mão. Eu estava formando uma amizade improvável com uma mulher que fantasiava em destruir meu marido tanto quanto eu queria derrubar o dela. — Vamos fazer novas memórias com os meninos. Não é tão tarde. Nunca é tarde demais.

Levei todos às duas bicicletas que comprei no início da semana. Usei meu próprio contracheque, evitando tocar na mesada de Kill. O dinheiro continuou se acumulando em minha conta, como uma montanha de promessas não cumpridas e sonhos desfeitos.

Passamos o resto da tarde no quintal, ensinando os meninos a andarem de bicicleta sem rodinhas. Tree pegou o jeito rapidamente enquanto Tinder se agarrava a mim e me fazia prometer que não largaria sua bicicleta o tempo todo. Demorou

quatro horas e cem tentativas antes que Tinder conseguisse montar uma linha em ziguezague, mas ele conseguiu, e meu coração estava prestes a explodir quando vi seu rosto se iluminar.

— Estou fazendo isso! Estou pedalando! — Ele riu. Tree seguiu atrás em sua bicicleta, fazendo barulhos de carros de corrida. Joelle e eu olhamos para eles, rindo.

— Nunca pensei que ele aprenderia. — Ela deu uma risadinha. — Muito obrigada.

— Vou-vou-dizer ao PP-Papai que posso andar de bicicleta. Talvez ele desça e nos veja? — Tinder puxou minha blusa. Olhei para baixo e sorri, ignorando Joelle, ao meu lado, cujo sorriso se transformou em uma careta.

— É uma ótima ideia, Tin! Tenho certeza que ele vai ficar nas nuvens.

Tinder voltou para dentro de casa pela porta de vidro, fazendo ruídos felizes, os braços se sacudindo.

— Mamãe! Veja! Sem mãos! — Tree se gabou, esticando os braços curtos de cada lado da bicicleta. Joelle correu para o filho em uma mistura de espanto e ansiedade. Eu me perguntei como seria ver seu próprio filho abrir as asas e fazer o primeiro voo. O horror de saber que todo mundo cai, se machuca, fica com uma *cicatriz*. Que você não pode proteger seu filho da feiura do mundo para sempre.

Não querendo interromper o momento deles, eu me virei e entrei na casa. Eu queria verificar se eles tinham ingredientes para um pão de ló. Os meninos adoravam cozinhar à tarde e, embora Greta não se lembrasse mais de quem eu era, sempre apreciava um bom bolo.

Assim que entrei na casa, notei que as paredes sacudiram com um grito agudo vindo de cima.

— Apenas diga isso. Não gagueje. *Diga. Isso!*

Corri escada acima em um flash, os sons dos gritos de Andrew abafando as batidas de meus pés batendo na madeira.

— Eu não posso te ouvir mais, seu pedaço ruim de... pedaço de... *merda!* Você me lembra dele. Você é exatamente como ele. Um pequeno perdedor estúpido.

Eu parei bruscamente no limiar do escritório de Andrew, ofegante. Foi a primeira vez que estive lá. Ele estava agachado, sacudindo os ombros de Tinder, espirrando cuspe por todo o rosto do pobre garoto.

Eu não pensei.

Eu nem parei para digerir o que estava acontecendo.

Corri para dentro, pegando Tinder em meus braços, arrancando-o das mãos de seu pai. Andrew se levantou e

cambaleou para trás, seu rosto mudando de raiva para choque. Ele não achava que teria uma plateia.

— *Persephone.*

Meu nome caiu de seus lábios como uma maldição. Como se ele quisesse me sacudir também. Quantas vezes ele fez isso com ele? As palavras de Tinder vibraram em meu corpo, fazendo-o zumbir de raiva.

— *É um mapa. Se o seguirmos, iremos para o céu, e no céu, todos são legais, e ninguém bate em você.*

A melhor pergunta a fazer era quantas explosões a mais Tinder poderia esperar em sua vida – muitas, eu suspeitava – e quantas vítimas mais existiam no mundo que sofreram sob a ira de Andrew Arrowsmith?

A última pergunta me atingiu com força.

Isso me atingiu com força porque, no fundo, eu sabia que havia pelo menos uma outra pessoa perto de mim que foi destruída por Andrew.

Traumatizado o suficiente para jurar que toda a raça humana depois disso.

— Olha, eu sei o que parece... — Andrew fez um movimento em minha direção, sua voz suave e calmante.

Puxei Tinder contra meu peito.

Eu balancei minha cabeça. — Não estou pronta para falar sobre o que testemunhei aqui antes de falar com sua esposa.

— O que está acontecendo aqui? — A voz de Joelle veio do corredor. Eu me virei para encará-la. O olhar no meu rosto disse tudo. O sorriso esperançoso e aberto que enfeitou seus lábios a tarde inteira se transformou em um clarão.

— Ah, não. O que você fez agora, Andy?

Agora está implícito que havia muitos antes.

— Eu apenas disse a ele para falar claramente. — Andrew tentou rir e bagunçar o cabelo de Tinder, mas o garoto escondeu o rosto no meu ombro, farejando.

— Ele o sacudiu, — eu disse baixinho, sem querer acrescentar mais detalhes para evitar o constrangimento de Tinder. As crianças eram muito mais perceptivas do que os adultos acreditavam. — Vou levar os meninos lá embaixo para fazer um pão de ló. Tenho certeza que vocês têm coisas para conversar.

Ofereci minha mão a Tree, que estava atrás de sua mãe, e desci as escadas ainda segurando Tinder.

— Podemos fazer sanduíches triangulares primeiro e cortar a crosta? Eu *odeio* a crosta. — Tree deu uma risadinha.

— Claro. E você, Tin? Você gostaria de algo para um lanche?

— P-P-Patê de amendoim, por favor. D-D-Desculpe ter feito papai ficar chateado com a minha gagueira-gagueira. Eu não queria.

Ele se enrolou em meus braços. Eu balancei minha cabeça rapidamente.

— Absurdo. Quero que se lembrem de algo muito importante, ok, meninos? Algo que eu quero que vocês carreguem com vocês para todos os lugares, não importa aonde vocês vão, como o colar que eu dei a você.

Chegamos ao fim da escada. Coloquei Tinder de volta no chão e me agachei até o nível dos olhos deles.

Eles acenaram com a cabeça, seus grandes olhos inocentes agarrados ao meu rosto.

— Sempre que papai perde a paciência e grita com você, não é sua culpa. Não somos responsáveis pelas ações de outras pessoas. *Apenas* por nós. Isso não quer dizer que nunca estejamos errados. É nosso trabalho tentar fazer o melhor para nos tornarmos melhores e sempre nos responsabilizarmos por nossas próprias ações. Mas *nunca* se culpe pelo que o papai ou a mamãe estão fazendo, certo? Prometam-me.

— Promessa de escoteiro! — Tree ergueu dois dedos.

— E-eu também prometo! — Tinder deu um pulo.

Meu coração bateu forte no peito como uma gaiola vazia e enferrujada cheia de sentimentos que eu não queria enfrentar.

A família que eu estava tentando construir era uma ameaça para essas crianças.

E seus pais eram uma ameaça para os meus.

Mas eu não podia dar as costas para eles.

Não mais.



Deixei cair minha mochila meio cheia no chão, carrancuda para Petar.

— Sério cara? Você prometeu que ele não estaria aqui.

O som da porta da frente sendo aberta foi indicação suficiente de que meu marido entrou na casa, embora eu tenha ligado especificamente para Petar para ter certeza de que a barra estaria limpa para que eu pudesse pegar as pequenas coisas que deixei aqui e movê-las de volta ao meu apartamento.

Petar ergueu um ombro desamparadamente.

— Ele não deveria vir antes das dez ou onze, eu juro. Desde que você saiu de casa, ele só vem aqui para dormir. Às vezes nem isso. Três vezes, tive que enviar um mensageiro ao escritório com um novo conjunto de ternos para ele esta semana.

Embora fosse tentador me sentir mal por Kill, empurrei a emoção para fora do meu coração.

Joguei a mochila na minha cama, enchendo as bugigangas que eu tinha esquecido na minha pressa de ir embora duas semanas atrás.

— Onde ela está? — Ouvi o estrondo de Cillian lá embaixo. Petar fez o sinal-da-cruz, ergueu os olhos e saiu correndo do meu quarto. Não era preciso ser um cientista de foguetes para saber onde eu estava, então deixei a pergunta sem resposta.

Com certeza, nem cinco segundos depois, Cillian estava de pé na porta do meu quarto, escuro e carrancudo como Hades segurando romãs não comidas.

— De volta tão cedo? — Bufei, enfiando um dos meus cem mil diários floridos de autoajuda na minha bolsa. — O que papai diria? Achei que você tivesse nascido para trabalhar.

Ele entrou, fechando a porta atrás de si.

— Você não deveria estar no trabalho? — Tive uma conversa inútil, sabendo o quanto ele detestava.

— Você não deveria estar morando com seu marido? — Ele atirou de volta.

— Não, — eu disse uniformemente, fechando o zíper da bolsa inchada, puxando o zíper preso. — Você passou os últimos meses consolidando o fato de que não somos um casal de verdade. Tudo o que estou fazendo é finalmente ouvir você. Você fez um ótimo trabalho me convencendo de que não somos nada mais do que um contrato.

Evitei olhar para ele diretamente. A picada de vespa que veio quando coloquei meus olhos em sua magnificência era demais em um dia normal e completamente incontrolável quando estávamos separados.

Estranho ou aliado, Cillian sempre teve o talento de fazer meu coração cantar e minha alma chorar.

Por um longo tempo, ele apenas ficou lá, absorvendo-me.

Ele deu um passo à frente, colocando a mão no meu braço.

Eu queria desabar e chorar.

Contar a ele o que vi Andrew fazer.

Confessar que não conseguia comer nem dormir bem.

— Eu disse a Sam para cessar a vigilância, — disse ele.

Olhei para ele, através de uma cortina de lágrimas não derramadas.

— E?

— E eu não toquei em ninguém desde que coloquei um anel no seu maldito dedo. — Seus lábios mal se moviam, sua mandíbula estava tão apertada.

— *E?* — Arqueei uma sobrancelha.

Dê-me uma emoção.

Qualquer emoção.

— E eu não deveria ter quebrado o contrato, — ele disse ríspidamente, desviando o olhar de mim. — Eu confio em você.

— Besteira, — engasguei com uma risada seca.

Ele não disse nada.

Eu estava começando a ver que nada que eu pudesse dizer ou fazer mudaria sua opinião sobre as pessoas. Sobre *mim*. Ele era incapaz de sentir e pressioná-lo a me amar não levaria a nada além de fazê-lo se ressentir de mim. Mesmo agora, ele não me queria porque gostava de mim.

Só porque eu era um arranjo confortável. Um meio para o fim.

— Você não vai embora, — ele disse simplesmente.

Puxei a bolsa, colocando-a sobre meu ombro e me virando para encará-lo.

— Sinto muito.

Ele deu um passo em minha direção, rosnando.

— Sente pelo quê?

— Por mudar as regras sobre você. Por quebrar o contrato. Por pedir mais. Percebi que estava fora da linha. Quero que você se case com alguém que dê o que você deseja. Que fique feliz com o que você está disposto a retribuir. E eu não sou essa pessoa. Eu quis dizer o que disse. Assim que seus problemas jurídicos/de relações públicas acabarem e tudo se acalmar, podemos nos divorciar.

Eu o evitei, mas ele acompanhou meu passo, ficando na minha cara novamente.

— Tudo isso por causa de um erro? — Ele fez uma careta.
— Eu já disse que não toquei em mais ninguém. Você foi observada exatamente uma semana, Persephone.

Joguei minha cabeça para trás, rindo. — Você acha que esse é o único problema? Um erro? Caia na real, Kill. Você nunca me tratou como sua esposa. Nunca passou uma noite inteira na minha cama. Nunca me levou a um encontro que não fosse um evento chique. Sem lua de mel. Nenhuma conversa significativa.

Eu nunca fui seu igual. A única coisa que mudou é que agora, finalmente percebo que nunca mudarei.

Seus olhos trovejaram. Aposto que seu precioso pulso estava disparando. Eu não acho que ele percebeu que eu sabia sobre isso. Como ele colocou os dedos no pulso discretamente para se manter sob controle.

Como ele estalava os nós dos dedos toda vez que ficava franzido.

— Jantei com você todas as noites. Eu comi você todas as noites. Eu levei você para os bailes. Para jantares de família. Comprei joias para você. O que mais você quer de mim, Persephone?

— Um *relacionamento*. — Joguei a mochila no chão, rosnando.

— Eu não sei como ter um! — Ele gritou de volta na minha cara.

Kill começou a andar, balançando a cabeça.

— Eu nem sei o que isso significa. Nunca tive um relacionamento. Você pede algo e eu faço acontecer. Não é disso que trata um relacionamento?

Como eu poderia responder a essa pergunta sem soar como uma vadia completa?

— Como você sabia que eu estava aqui? — Perguntei.

— Esta casa está mais conectada do que um informante da polícia em um programa policial ruim. — Ele revirou os olhos, parando para me examinar.

— Então você deixou tudo e veio para cá?

Ele colocou a mão na cintura. — Você fala como se eu não desse a mínima.

— Você não precisa.

— Bem, últimas notícias. — Ele deu um passo à frente, colando-me na parede, sua mão vindo para a minha nuca, agarrando-a enquanto ele inclinava a cabeça para baixo. — Eu faço. Não estou feliz com isso, com certeza, mas isso não torna menos verdade.

Era tudo que eu queria ouvir desde o dia em que conheci Cillian Fitzpatrick, mas, naquele momento, era tarde demais.

Se a vida me ensinou alguma coisa, foi que dar tudo de você para alguém que só concordou em devolver uma fração de si mesmo para você foi uma má ideia.

— Venha para casa, Flower Girl. — Seus olhos se fecharam, sua boca se movendo sobre a minha. A sensação era como uma montanha-russa, quando você tomba e seu estômago afunda. A onda de calor queimando em meu peito fez meu corpo zumbir. As

palavras de Kill vagaram pelo meu cérebro nublado. — Deixe-me foder você. Seja a esposa de que preciso. Você só precisa de um pouco mais de treinamento. Mais alguns meses e podemos foder um ao outro fora do nosso sistema.

Meses.

Tínhamos uma data de validade.

Nós sempre teríamos uma data de validade.

Arranquei minha boca da dele.

Ele não entendeu e eu estava cansada de explicar.

— Dê-me uma razão para ficar, Cillian. Não estou pedindo muitas. Apenas uma. Algo em que se agarrar.

— Porque eu quero que você fique.

— Não. Algo mais. Algo que não seja completamente egoísta.

— Eu não posso ser outra coisa senão egoísta, — disse ele bruscamente.

Peguei minha mochila, empurrando seu peito.

— Assim que o processo acabar, vamos nos divorciar.

Desta vez, não olhei para trás.

Empurrei a dor.

Entorpecida, orgulhosa e apenas meio viva.

Eu finalmente soube o que significava ter seu coração partido.

Compreendi – finalmente – que Paxton não fez tanto como amassar o meu.



Voltei para o meu apartamento, joguei-me no chuveiro e enfiei alguns bolos de arroz secos na minha garganta. Minha versão improvisada de jantar.

Eu nem mesmo desfiz a bolsa que peguei na casa de Cillian. Simplesmente caí no sofá da minha sala e comecei a mudar de canal, lutando contra uma dor de cabeça.

Todas as notícias locais traziam a mesma história, sobre Cillian e Andrew se enfrentando no julgamento que ocorreria em breve. O âncora do noticiário cortou para um vídeo da plataforma de petróleo no Ártico, uma coisa negra e feia se projetando como um polegar machucado no meio do azul infinito. Cacos de gelo esmagados espalharam-se ao redor dele como vidro quebrado. Meu coração sangrou pelo pedaço da natureza que foi vítima da crueldade de Cillian.



Você e eu, Ártico.

Peguei meu telefone e digitei uma mensagem para meu marido.

Eu: *Pare a perfuração no Ártico.*

Eu: *Você quer tanto herdeiros, já parou para pensar que tipo de mundo está deixando para eles?*

Sua resposta veio prontamente.

Cillian: *Sim. Um onde eles serão podres de ricos.*

Eu: *Ser rico te deixa feliz?*

Cillian: *Felicidade é um sentimento, logo...*

Eu: *Você não pode sentir isso. Peguei você. O que Andrew fez com você?*

Cillian: *Ele me fez.*

Eu: *E o que você vai fazer com ele?*

Cillian: *Desfazê-lo.*

Minha campainha tocou, quase me fazendo pular.

Não era o estilo de Kill aparecer onde não era convidado. Mas eu sabia que a chance de ser outra pessoa era zero. Meus pais não sabiam que eu morava neste apartamento e não na casa do meu marido, Emmabelle trabalhava à noite, Sailor

provavelmente estava se esgueirando para os campos de tiro com arco – apenas para ser perseguida por seu marido preocupante – e Aisling muito raramente levantava a cabeça do livros médicos nos dias de hoje.

Rolando do sofá, caminhei até minha porta.

— Você realmente tem coragem de vir aqui depois da conversa que acabamos de ter. — Abri a porta, pronta para dar ao meu marido um sermão.

Meu coração caiu assim que vi quem era do outro lado.

Paxton.



Cillian

Só porque chamei os investigadores particulares de Sam não significava que deixei de lado minha obsessão doentia por minha esposa.

Não. Essa seria a coisa normal e sensata a se fazer.

Não é a porra do meu estilo.

Em minha defesa, configurei meu telefone para receber notificações cada vez que a porta de seu apartamento fosse aberta, não porque eu suspeitasse que ela me trairia, mas porque queria saber se ela havia chegado em casa com segurança.

Por que eu ainda me importava com seu bem-estar estava além de mim.

A pilha de evidências contra ela deveria ter, por si só, feito-me deixá-la cair como um microfone depois de uma noite de rap amador.

Persephone trabalhava para o meu inimigo diariamente.

Visitava a avó de Paxton.

O que diabos me fez acreditar que ela seria fiel?

Nada. A resposta para isso era *nada*. E enquanto eu observava o homem loiro de ombros largos no aplicativo Next Door mudando de um pé para o outro na soleira da porta dela, cabeça baixa, dedos batendo na lateral de suas pernas, esperando que ela abrisse a porta, eu percebi que fui enganado.

Ridicularizado e prejudicado.

Traído ao mais alto grau.



Sam me avisou que era um assunto inacabado e eu não dei ouvidos.

Agora aqui estava ele, em carne e osso.

Paxton Veitch

Dezenove



Persephone

— O que *diabos* você está fazendo aqui?

A bomba D era uma convidada de honra em meu vocabulário. Eu raramente o usava, mas sentia vontade de cuspi-lo para esta ocasião especial. Meu corpo tremia tanto que tive que agarrar a maçaneta da porta para me impedir de desmaiar.

Meu ex-marido parou na minha frente, parecendo terrivelmente saudável para alguém que tinha fugido no ano passado. Bronzeado, musculoso e, pelo menos, pelo que eu poderia dizer, ainda em plena posse de todos os seus dentes. Seus cachos loiros espalhados sobre sua cabeça descontraído, seus olhos comoventes piscando de volta para mim.

— Baby. — Seus lábios se torceram em um sorriso de alívio e ele soltou um suspiro. — Porra, você está tão linda quanto eu me lembro. Puta merda, Persy. Olhe para você.



Ele juntou minhas mãos nas suas, levando-as à boca, rindo. Lágrimas cobriram seus olhos brilhantes. Eu estava chocada demais para empurrá-lo para longe.

Paxton estava aqui.

Em carne.

Depois de centenas de telefonemas não atendidos, e-mails e noites sem dormir.

Minha cabeça fervilhava de perguntas. Onde ele estava se escondendo? Quando ele voltou? Como ele encontrou seu caminho para dentro do meu prédio? Havia um porteiro na entrada.

Principalmente, eu queria saber *por quê*. Por que ele me deixou para lidar com sua bagunça?

E se eu significava tão pouco para ele, por que voltar e ficar na minha porta?

Minhas mãos ainda estavam nas dele, queimando com sua traição. Eu saí do meu devaneio, empurrando-o para longe.

— Vou me repetir. — Eu dei um passo para trás. — O que você está fazendo aqui, Paxton? E como você sabia onde eu moro?

— Na casa de repouso da vovó Greta. Seu nome e endereço foram listados como um contato de emergência.

— Isso é certo porque você, o único parente vivo dela, estava desaparecido.

— Eu sei. — Sua voz falhou. — Estou aqui para fazer as pazes. Deixe-me? *Por favor?*

Ele beijou minha bochecha rapidamente, entrando no meu apartamento sem ser convidado.

Fechei a porta, sabendo que explodiria o telhado com gritos em cerca de meio segundo e não querendo ser despejada ou causando a Cillian qualquer manchete embaraçosa.

— Dê-me um bom motivo para não contar a Byrne e Kaminski que você está de volta à cidade. — Cruzei meus braços sobre meu peito.

Paxton deu a si mesmo um tour pela minha sala de estar, assobiando enquanto se dava conta dos acessórios caros, da cozinha gourmet e das bancadas de quartzo. Seu pescoço esticou enquanto ele estudava a iluminação, uma mão passando sobre uma peça de arte do chão ao teto que custou mais do que o apartamento que alugamos juntos quando casados.

— Uau. OK. Boas escavações.

Quando ele viu que eu ainda estava parada na porta, totalmente pronta para expulsá-lo, ele colocou o lábio inferior para fora.

— Vamos, baby. Já passou um minuto. Precisamos resolver as coisas, mas há muito o que conversar, você não acha?

Não, minha mente gritou.

Sam me disse que eu tinha evitado uma bala na noite da tempestade, quando tentei aceitar a proposta de Cillian e descobri que ele já a havia retirado. Mas a bala mortal da qual escapei foi no dia em que Kill me tomou como esposa.

Ele fez meus problemas desaparecerem.

Colocou-me fora de perigo, não importa o preço.

— Não estou acreditando na sua farsa, — eu disse incisivamente.

— Bem. — Sua voz caiu para um rosnado baixo. — Então vamos cair na real. Estou feliz que sua bunda burguesinha esteja vivendo uma vida boa. Arranjou um ricoço e encontrou seu atrevimento, hein? — Paxton piscou o olho, seu sorriso encantador com covinhas em plena exibição. Ele abriu minha geladeira, tirando uma garrafa de suco. A cozinha era abastecida três vezes por semana pelo pessoal de Cillian.

A ideia de Paxton estar aqui, bebendo um suco orgânico prensado às custas de Kill, me deu vontade de socá-lo na parede.

Não fui justa com meu marido.

Ele cumpriu sua parte no trato, fornecendo-me tudo o que havia prometido e muito mais. Em troca, eu o forcei a me dar coisas que ele era incapaz de fornecer. Amor, simpatia e ternura.

Kill merecia saber tudo.

Sobre meu plano para destruir Arrowsmith.

Sobre Paxton estar aqui.

— A palavra que procuras é *marido*. Meu marido se sai bem, sim, — eu corriji. — Mas ainda mais importante do que seus bolsos fundos, ele foi gentil o suficiente para me tirar do problema em que você me meteu. Conhecendo Cillian, ele não vai gostar de você estar aqui, então eu sugiro que você saia daqui antes que ele faça o trabalho que Byrne não conseguiu terminar.

Paxton virou a cabeça na minha direção no meio de um gole, com os olhos esbugalhados.

— Não me diga que você se apaixonou por ele. Isso é uma jogada idiota, Pers. Garotos ricos não têm coração.

— Nem os pobres de Southie, aparentemente.

Ele desabou em uma banquetta, gemendo enquanto esfregava o rosto.

— Olha, eu sei que não tenho sido o homem que você merece, baby. Mas eu precisava de uma saída. Eu sabia que você ia nos tirar de problemas. Não consegui manter contato enquanto

você estava trabalhando para nos tirar disso, mas fiquei de lado e observei, pronto para atacar se eles realmente fizessem algo com você. Eu *sempre* tinha a sua volta, Pers. Eu fiz isso para te proteger. Proteger-nos.

A mentira foi tão estúpida, que senti uma risada histérica borbulhando na minha garganta. Ele continuou, implacável.

— Nosso adeus foi temporário. Sempre planejei voltar. Você foi inteligente, engenhosa e responsável. Eu só precisava que você me desse um pequeno favor. Quando li o artigo sobre seu casamento com Cillian Fitzpatrick, tive vontade de beijar você. Eu pensei, 'essa é minha garota'. Eu estava começando a me preocupar com a possibilidade de Byrne cumprir sua ameaça de cafetão com você. Eu estava prestes a intervir.

Ele colocou a mão no peito. Ele parecia um péssimo ator de novela. O tipo que ganha um prêmio Razzie todo ano e é arrogante o suficiente para andar no tapete vermelho e aceitá-lo.

Meu sangue zumbiu. Eu estava a ponto de quebrar seu nariz com meu punho, e *nunca* machuquei tanto quanto uma mosca.

— Você sabia que eles estavam me seguindo? — Cerrei meus dentes.

Ele assentiu. — Fiquei de olho em você o tempo todo. Verifiquei se você estava bem. Eu estava muito preocupado, Pers.



— Eu não estava bem.

— Você realmente precisa se dar mais crédito, baby. Você foi ótima.

— Como você manteve o controle sobre mim? — Exigi.

— Amigos.

— *Quais* amigos?

— Vamos lá. — Ele acenou com a mão como se eu estivesse perdendo o ponto inteiro.

— Onde você estava, Paxton? — Pressionei, dando um passo em direção a ele.

Nenhuma parte de mim estava insegura ou ambivalente.

Sem decepção.

Sem tristeza.

Nenhuma pontada daquele desgosto selvagem que me rasgava cada vez que Cillian deixava minha cama à noite.

Tudo o que senti foi nojo.

— Aqui e ali, — Paxton resmungou, desviando os olhos de mim para os sapatos.

O idiota pensou que poderia entrar em minha vida e me reivindicar.

Ele confundiu meu bleeding heart com um cérebro idiota.

— Você responde às minhas perguntas ou chamarei a segurança. — Levantei meu telefone no ar.

Ele me lançou um sorriso cansado.

— Como você acha que eu acabei aqui? A segurança neste lugar é lixo.

— Nesse caso — passei o dedo na tela do telefone — Vou ligar para o meu marido. Não deixe que sua reputação de garoto rico o confunda. Ele é muito bom com as mãos, além de apenas me fazer gozar.

A mandíbula de Paxton se contraiu, seus olhos escureceram.

— *Não*, — ele mordeu fora. — Bem. Tanto faz, Persy. Você quer jogar? Eu estou no jogo O que você quer saber?

— Quem te contou sobre Byrne e Kaminski me seguindo?

— Mitch. — Mitch era o cara com quem Byrne o contratou para as atribuições. — Ele ainda estava lutando por Colin alguns meses depois que eu desisti. Ainda atira na merda com Kaminski de vez em quando.

— Onde você esteve todo esse tempo?

— A Costa Rica foi minha primeira parada. No dia em que se espalhou a notícia de que Byrne sabia que eu gastei todas as nossas economias e não podia pagar, comprei uma passagem só de ida. Eu fiquei lá. Trabalhei em construção. Economizei o que pude. No início, eu esperava poder juntar metade do dinheiro e depois pagar o resto em Boston. Sempre quis que funcionasse entre nós, Persy. Só sabia que manter contato com você iria colocá-la em um risco enorme. Então, a notícia de que você se casou com Fitzpatrick apareceu na porra da internet. Havia *memes* sobre isso, cara. Peguei o telefone e liguei para Mitch. Perguntado se era verdade. Ele me disse que seu marido se certificou de que Kaminski nunca mais mijasse em pé de novo, ele o destruiu tanto. Byrne também não estava tão inteiro. Percebi que provavelmente era o próximo na lista de merdas do seu marido. Que ele liberaria Sam Brennan sobre mim. Brennan tem olhos e ouvidos em todos os lugares, então me mudei para o México. Cancún. Fiquei com uma amiga.

— Uma amiga? — Eu perguntei com um bufo. A única informação que fez meu coração disparar foi Cillian batendo em Kaminski. Eu não tinha ideia de que ele fez isso.

— Uma garota do colégio. Ela está administrando um resort de férias de primavera lá. Estava sempre lotado, muitas pessoas entrando e saindo. Eu sabia que Brennan teria uma vida difícil me pegando lá. Limpava a piscina dela.



— Platonicamente, eu suponho. — Revirei meus olhos. Ele era um clichê.

Ele riu sem humor.

— Por favor, Pers. Não vamos fingir que você não chupou o pau de Fitzpatrick todas as noites na melhor metade deste ano. Nós dois fizemos o que tínhamos que fazer para sobreviver.

— No meu caso, gostei *imensamente* da tarefa, — lamentei.
— Você nem pegou o telefone para checar sua avó.

Eu sabia porque perguntei na casa de repouso se eles tinham ouvido falar dele cada vez que eu a visitava.

Paxton bateu a bochecha sobre o punho, suspirando.

— Eu sabia que você cuidaria dela. Eu confiaria em você com minha própria vida. Você sempre faz a coisa certa. Ouça, estamos fora de perigo agora. Mitch me disse que a dívida foi paga. Byrne está fora de cena. Podemos ficar juntos, Persy. Começar de novo. Continuar de onde paramos. Ele não fez você assinar um acordo pré-nupcial, certo?

Meu ex-marido não era apenas louco, ele também era tão burro quanto um cordão de dinheiro. Tentei lembrar o que vi nele em primeiro lugar, além do visual de modelo do Instagram. A resposta foi clara e embaraçosa; ele foi o rebote designado. O antídoto para a recusa de Cillian. A vacina não testada que quase me matou.

— Estamos felizes divorciados. Eu me casei com outra pessoa. — Ergui meu dedo de casamento, um anel de noivado com um diamante do tamanho de seu rosto brilhando de volta para ele.

Eu nunca o tirei. Mesmo quando eu sabia que deveria.

Paxton levantou-se de um salto e correu até mim. Talvez fosse porque ele não era construído como Cillian – não tão alto, tão largo, tão imponente - ou talvez porque ele simplesmente *não era* Cillian, mas sua presença me irritava.

— Eu entendo, baby. Você está brava. Você está ferida. Você tem todo o direito de estar. Mas você não está enganando ninguém. Seu casamento não é real. — Ele estava diante de mim agora, agarrando meus braços, ansioso para me sacudir.

— O nosso também não. Com o espírito de ser sincera, eu também tenho uma confissão a fazer. — Eu me liberei de seu aperto, dando um passo à frente, minha respiração soprando em seu rosto. — Você sempre foi nada mais do que uma distração. Sempre foi Kill. *Você* estava com tempo emprestado. Mas Cillian? Cillian é meu para sempre.

As palavras se estabeleceram entre nós, uma barreira invisível de arame farpado.

Pela maneira como Paxton olhou para mim, eu sabia que ele queria destruí-lo.

A fome em seus olhos me assustou, mesmo que eu soubesse que não era por mim, mas por todas as coisas que eu representava agora: riqueza, poder e conexões.

— Tudo bem, — ele sussurrou. — Você ganha. Eu serei a peça secundária. Mas isso vai te custar.

— Eu não quero uma peça lateral. Mesmo se eu fizesse, você seria a última pessoa no planeta que eu consideraria. Você é mesquinho e egoísta, Paxton. Saia do meu apartamento antes que eu disque para Sam Brennan e jogue você para fora eu mesmo.

— *Baby*, — ele gemeu, agarrando-me pelo queixo, levando-me para trás até que minhas costas bateram na porta. — Eu sei que você está chateada, mas ficávamos bem juntos.

Seus lábios falaram sobre os meus. Ele estava me beijando. Me beijando pela metade, de qualquer maneira. Sua respiração, calor e corpo pressionados contra o meu. Sua língua rolou sobre meu lábio inferior.

— Eu não quero o bem, — eu cuspi em sua boca. Ele tropeçou para trás, com os olhos arregalados.

Um sorriso lento e vicioso se espalhou em meu rosto. Não me reconheci em meu comportamento e, pela primeira vez, aceitei bem. — Eu quero divino, e eu encontrei. Dê o fora, Veitch.

— Você está louca se pensa que estou deixando você ir.

Foi uma promessa, um aviso e uma declaração. Ele se afastou, dando uma olhada, avaliando-me antes de fazer seu próximo movimento. — Eu vou mudar sua mente. Eu ganhei você uma vez e posso fazer de novo. Seja do jeito fácil ou do jeito difícil, você estará se contorcendo debaixo de mim em algum momento, e quando você estiver, eu prometo a você, Persephone, vou garantir que seu marido saiba disso.

— *Fora!*

Ele passou por mim com o rabo enfiado entre as pernas.

Fechei a porta, travei e tranquei, em seguida, pressionei minhas costas contra ela, deixando escapar um suspiro irregular, sentindo em vez de pensar uma palavra que estava pulsando contra minha pele desde o momento em que disse “sim” para o meu novo marido.

Salva.



Cillian



— Seu idiota de merda de chupador de pau. — Levantei o punho para o rosto de Sam Brennan assim que ele entrou pela minha porta, batendo-a contra seu nariz quebrado três vezes.

Eu mandei uma mensagem de texto para Brennan às cinco da manhã para que ele soubesse que se ele não aparecesse na minha porta em quinze minutos, eu compraria todos os edifícios em Southie – federais e privados – e destruiria cada memória de infância em seu bairro apenas para cagar o dia todo.

Ele chegou à minha casa em nove minutos e nem parecia irritado.

Eu, por outro lado, mudei de sem profanação para nada *além de profanação*.

— Bom dia para você também —, disse ele calmamente, reajustando o nariz de volta ao seu lugar, sem nem mesmo estremecer quando o sangue jorrava de suas narinas. A rachadura que o osso fez sozinho faria qualquer um, exceto nós dois, engasgar. — A que devo esta saudação?

— Por ser um detetive particular de merda e um amigo terrível de merda. Você relaxou. Adivinha como minha esposa passou a noite ontem? — Eu o coloquei contra a minha porta da frente, balançando meu punho novamente.

Eu soquei suas costelas, sentindo e ouvindo pelo menos duas delas estalarem.

— Com seu pau na bunda dela? — Ele perguntou categoricamente, batendo no bolso de sua jaqueta de couro, tirando um maço de cigarros e acendendo um. Ele realmente era imune à dor. — Sugiro que você tente outros buracos se estiver interessado em engravidá-la.

— Você é um humano doente.

— Obrigado. — Ele colocou o Zippo⁴⁰ no bolso da frente.

— Não foi um elogio.

— Para mim, era. A maioria das pessoas não me considera humano. Então, o que sua esposa estava fazendo ontem?

Afastei-me dele, percebendo que sua falta de medo e dor tornava inútil espancá-lo. Fui até o carrinho do bar. Era cinco horas. Claro, era de manhã, mas nunca deixei a semântica atrapalhar.

— Paxton Veitch fez uma visita a ela. — Derramei um dedo de conhaque em um cálice dourado, treinando meus olhos no líquido dourado.

Sam mancou em minha direção, sua expressão insondável.
— Ele está na cidade?

— Você deveria saber disso.

⁴⁰ Um modelo de isqueiro.

— Você me disse para não ver como ele está. Você foi muito específico sobre isso também. — Ele se encostou na parede, me observando.

Ele tinha razão. Eu rejeitei a ideia de que Paxton Veitch representasse uma ameaça ao meu casamento por tanto tempo, sendo provado que o contrário não estava no meu radar.

— Você precisa segui-lo, — eu instruí. — Descubra por que ele está aqui. O que ele quer.

— Eu posso te dizer agora por que ele está aqui: Ele está aqui porque sua ex-mulher acabou de se casar com uma das famílias mais ricas do país, e porque ele é um canalha que ganha dinheiro. Você precisa de mim para lidar com ele? — Ele ergueu as sobrancelhas.

Meus instintos me disseram para dizer sim.

Acabar com Sam, corte-o e jogue-o no oceano.

Não necessariamente o Atlântico. Isso era muito perto. O Oceano Índico parecia bom.

Eu nunca fiz tal pedido antes, mas no caso de Veitch, eu estava pronto para abrir uma exceção. Recusei-me a dar à minha esposa a única coisa que ela pediu de mim “amor” e a enviei direto para os braços de seu ex-marido, que provavelmente estava declamando poesia com ela a noite toda.



Eu praticamente a envolvi em uma reverência e a entreguei a ele.

No entanto, eu não poderia, por minha vida, fazer isso com ela.

Mandar matar seu ex-marido idiota.

Não importa o quanto eu o quisesse fora de cena.

Eu balancei minha cabeça, segurando a taça com tanta força que amassou, o líquido chovendo no chão. O rosto de Sam permaneceu impassível, como se eu não tivesse acabado de dobrar um cálice de ouro com meu próprio punho. Eu joguei no chão, virando-me para o bar e pegando um guardanapo. Limpei minha palma com álcool e sangue.

— Não toque nele. Apenas descubra o máximo que puder. Onde ele mora, o que está fazendo, qual é o seu ângulo. Eu vou lidar com ele sozinho.

Sam concordou.

— Faça isso agora. Largue tudo o mais.

Outro aceno de cabeça. — Mais alguma coisa que você queira saber?

Sim, eu queria saber se estava realmente perdendo Persephone, mas isso estava além do alcance de Sam.

— Apenas faça a porra do seu trabalho. — Eu me virei, subindo a escada de volta ao meu escritório.

Eu amaldiçoei novamente.

Mas desta vez, ninguém ficou surpreso.

Eu estava começando a desenrolar, quebrar, rachar e quebrar.

Eu estava *mudando*.

Sentindo-me.

E eu odiei isso.



Passei o resto do dia fingindo.

Fingindo estar presente, fingindo trabalhar, fingindo não dar a mínima.

Participei de reuniões, repreendi os funcionários, analisei nossos relatórios trimestrais e almocei com Devon, no qual planejamos nossa defesa no tribunal contra o Green Living.

— Eu não deveria ter comido o sashimi. Isso doeu meu estômago, — reclamei quando nos separamos na entrada do restaurante.

Devon soltou uma risada. — O sashimi estava bom. A sensação desagradável em seu intestino é de longo desejo. Persy ainda mora em seu apartamento em Commonwealth?

Eu nem mesmo agraciei isso com uma resposta. Longo desejo era algo que adolescentes faziam com Armie Hammer. A única coisa longa sobre mim estava entre minhas coxas.

Às seis horas, encerrei o dia. Voltei para casa, estacionei e avistei o Tesla de Persephone no portão da frente.

Desliguei o motor e saí do carro, algo estranho e quente latejando em meu estômago.

Intoxicação alimentar. Porra de peixe cru. Eu vi um documentário sobre isso. Eu provavelmente tinha vermes do tamanho de merdas dentro dos meus intestinos.

Dando passos medidos para a porta da frente, olhei pela janela. Avistei minha esposa parada na escada, sua mão delicada pousada no corrimão.

Ela usava um vestido branco, seu cabelo loiro caindo sobre os ombros até a parte inferior das costas. Um anjo sujo com uma coroa de ouro como halo.

Formigas imaginárias subiram pelos dedos dos pés, até o crânio.

Eu contornei a entrada da frente, tentando obter um ângulo melhor dela. Eu a vi conversando com Petar, de costas para mim. Petar estava parado bem na frente da janela que eu estava atrás. Ele me viu. Seu rosto passou de angustiado a surpreso em segundos. Eu não era conhecido por me esconder atrás de arbustos e observar as pessoas. Principalmente pessoas que estavam dentro da *minha* maldita casa.

Sua boca se abriu, provavelmente para dizer a ela que eu estava lá. Eu balancei minha cabeça. Ele a fechou com força.

Por que ela estava aqui?

Dê um palpite, idiota.

Ela estava aqui para me agradecer pelo dinheiro, divórcio e pau entusiasmado, embalar o restante de suas posses e cavalgar com Paxton rumo ao horizonte no Tesla que fui burro o suficiente para comprar para ela.

Infelizmente para a Flower Girl, jogar com as mãos dela não estava nos meus planos. Não mais. Se ela queria destruir este casamento, ela teria que fazer isso do modo longo, lento e doloroso. Eu não daria a ela a chance de uma morte limpa.

A memória de minha visita a Colin Byrne despertou algo violento em mim.



— *Veitch queria prostituir sua esposa sozinho antes de foder.*
Ele queria sequestrá-la e entregá-la a mim.

Lembrei-me de suas palavras, literalmente.

Eu nunca quis matar uma pessoa mais do que queria colocar uma bala no crânio de Paxton Veitch.

Tudo que eu precisava fazer era entrar na casa e contar a ela.

Simples assim.

Mas eu sabia que isso a machucaria.

Quebrar seu espírito.

Mostrar a ela que o homem com quem ela escolheu passar o resto de sua vida queria vendê-la.

Foi uma época terrível para aumentar a consciência.

Virei-me, voltei para o meu carro e liguei para Sam.

— Dê-me o endereço de Paxton.

Eu não quebraria Persephone.

Mas eu, com certeza, não deixaria o *verdadeiro* vilão pegar a garota.



A residência temporária de Paxton Veitch nada mais era do que um barraco nos fundos de uma casa de pôquer ilegal em Southie. A julgar pelo exterior do prédio decadente de dois andares, ele provavelmente estava dormindo em uma cama feita apenas de lixo, pelos pubianos e DSTs.

Em vez de anunciar minha chegada com uma batida, chutei a frágil porta de tela para baixo, invadindo.

Três mesas redondas cheias de homens com manchas de óleo e sujeira no rosto olharam para mim, seus olhos saltando das cartas.

— Paxton Veitch, — resmunguei. Nenhuma outra palavra foi necessária.

O silêncio tocou na sala.

Eu sabia que balançar meu terno elegante e corte de cabelo caro na frente deles era um convite a problemas, mas eu aceitei isso. Suspirando, tirei minha carteira e levantei uma nota de cem dólares entre os dedos indicador e médio, sacudindo-a.

— Vou perguntar de novo, onde está Paxton Veitch?

Desta vez, os homens se mexeram em seus assentos, olhando um para o outro.

— Oh, pelo amor de Deus, nós nem mesmo o conhecemos, por que o estamos protegendo? Ele está na sala dos fundos! — Um deles saltou, batendo suas cartas sobre a mesa. — Suba as escadas. A dele é a segunda porta à esquerda.

Joguei a nota no chão, procedendo enquanto alguns homens corriam para o chão, lutando pelo dinheiro.

Quando cheguei à porta que estava procurando, respirei algumas vezes para me acalmar. Eu tinha imaginado ficar cara a cara com o bastardo por mais tempo do que gostaria de admitir. Antes que Persephone e eu nos falássemos.

A memória dela beijando-o no casamento de Hunter e Sailor ainda fazia meu sangue ferver.

Eu tinha caminhado ao longo da cerca viva, internamente me convencendo de que não era um idiota completo por rejeitar a garota Penrose que eu tanto queria. A topiaria⁴¹ agrediu minha visão. Uma mistura pegajosa de anjos, animais e formas de coração. O som de respiração ofegante me fez diminuir a velocidade ao lado de um arbusto em forma de nuvem.

— Oh, Paxton, — uma voz doce e gutural gemeu.

⁴¹ É a arte de podar plantas em formas ornamentais. Trata-se da prática de jardinagem que consiste em dar formas artísticas às plantas mediante corte com tesouras de podar.

Meu sangue gelou.

Dei um passo para o lado, fingindo ler uma placa explicando o projeto do jardim. Da minha posição, eu podia ver fios de cabelo loiro-branco entrelaçados nos arbustos, um pescoço delicado como a neve estendido e uma boca masculina salpicando beijos por todo o corpo.

— Deus, você é tão doce. Qual é o seu nome mesmo?

— Persephone.

— *Persy-phone-ay*. — Suas mãos estavam por toda parte enquanto ele pronunciava mal o nome dela. — O que isso significa?

Estiquei meu pescoço, desenvolvendo uma satisfação perversa em me obrigar a observá-la nos braços de outro homem depois de esnobá-la. Sua cabeça percorreu seus seios, desaparecendo da minha linha de visão. Ela estava ofegando forte e rápido.

Dê uma boa olhada no que você fez. Ela está nos braços de outra pessoa agora.

Alguém normal.

Quem a merece.

Agora, a porta de Paxton me provocou.

Empurrei para abri-la, sem me preocupar em entrar em seu território sem avisar. Ele fez isso duas vezes comigo. Era hora de provar seu próprio remédio.

Ele estava na sala, tendo uma intensa conversa ao telefone, parado em frente a uma pequena janela suja, de costas para mim.

— Você acha que eu não estou tentando? Não é tão fácil quanto pensei. Ela mudou, cara. Provavelmente toda aquela massa e pau banhado a ouro. — Ele riu, bufando. — Eu não vou machucá-la. Eu ainda amo Persy, você sabe. Ela sempre foi minha garota. Eu só quero entrar na bunda dela, para poder fazer o que quero também. Há muito dinheiro naquele pote para que eu não receba minha parte.

Pelo menos agora eu sabia que ela não tinha fodido com ele ontem.

Forros de prata e todo aquele jazz.

Peguei o telefone atrás dele e desliguei, jogando o dispositivo em sua cama. Ele virou a cabeça, a boca aberta.

— Mer...

Eu o empurrei em direção a uma mesa de madeira encostada na parede, fechando-o.

Ele caiu sobre ele, desabando.

— Hora de conversar um pouco, Veitch.

— Você é o cara do Fitzpatrick. — Suas sobrancelhas franziram. — O cara com quem ela se casou.

— E aqui eu pensei que você era apenas um rosto bonito.

Nós nos examinamos. Ele era um garoto bonito. Cabelo claro, traços suaves. Vestido com uma jaqueta de couro quebrada e jeans largos que faziam parecer que ele precisava trocar a fralda.

Paxton cruzou os braços sobre o peito.

— Olha, cara, eu não quero nenhum problema.

— Se você não quisesse problemas, não os perseguiria pelo planeta. Você realmente acha que eu deixaria você tocar no que é meu?

Ele balançou sua cabeça. — Não sei o que pensar. Tudo que sei é que Persy e eu tínhamos uma coisa boa acontecendo. Eu estraguei tudo, mas ela é uma boa menina. Ela ainda poderia me perdoar.

Isso significava que ela ainda não tinha. Meu coração desacelerou pela primeira vez desde que o vi entrar em seu apartamento. Puxei as luvas de couro no bolso de trás, batendo-as na coxa e calçando-as. Sua garganta balançou com um gole. *Bom.* Ele precisava saber que eu não estava me incomodando em ficar deprimido para transmitir meu ponto de vista.

— Não confunda a bondade de Persephone com ingenuidade, — avisei. — Ela não perdoou você.

— Você não a conhece como eu. — Ele balançou sua cabeça.

— O que eu sei é que você tentou pagar Byrne com ela como moeda, que é por isso que estou aqui. Agora, você vai ouvir com atenção e seguir todas as minhas instruções, e pouparei sua vida miserável e sem sentido. Saia da pista em que coloquei você, e vou garantir que você bata em um semirreboque de dez toneladas e dê às hienas o que sobrar de você. Você está me acompanhando até agora?

Ele agarrou as bordas da mesa atrás dele. Estendi a mão, pegando a arma que percebi que estava escondida na parte de trás de sua calça jeans, engatilhei e empurrei o cano contra sua testa.

— Você vai escrever uma carta de dez páginas para Persephone, na qual se desculpa profusamente por ser o marido mais merda da história da civilização. Nesta carta, você assumirá toda a culpa pelas consequências de seu casamento e a isentará de qualquer delito. Vou ler e aprovar a carta antes de enviá-la. *Depois de enviá-la*, você fará as malas, dirigirá até o aeroporto e comprará uma passagem só de ida para a Austrália. Uma vez lá, você irá para Perth, onde se estabelecerá. Perth, caso você esteja se perguntando, é o ponto mais distante geograficamente dos EUA e, portanto, exatamente onde eu quero que você esteja, pelo

menos até que a Virgin Galactic ofereça voos para Marte, para o qual terei o maior prazer em realocá-lo. Você não irá, sob nenhuma circunstância, contatar minha esposa. Você não irá, sob nenhuma circunstância, escrever, telefonar ou encontrá-la novamente. Se eu ouvir você tanto quanto respirar na direção dela, vou soltar meus cães de três cabeças sobre você – uma referência do Hades, caso tenha escapado de seu cérebro do tamanho de um pássaro – não importa onde você esteja. Vou garantir que você experimente a morte mais dolorosa conhecida pelo homem. Diga-me que você entende.

Pressionei o cano com mais força em sua testa. Paxton gemeu, fechando os olhos, pingando suor.

— Compreendo.

— Vou providenciar sua passagem aérea, acomodações e uma autorização de trabalho. O resto é para você lidar.

— Eu não...

— Isto não é uma conversa. — Levantei minha mão livre. — Este sou eu me sentindo estranhamente caridoso e não explodindo seus miolos, principalmente porque sangue faz minha esposa se sentir enjoada.

Ele acenou com a cabeça novamente, engolindo em seco.

— Esqueça que ela já fez parte da sua vida.



Outro aceno de cabeça.

— Ah, e Paxton?

Deslizei a arma para baixo em seu nariz, colocando-a em sua boca. Seus olhos se arregalaram, uma gota de suor escorrendo pelo mesmo caminho que o barril havia feito, explodindo em seu pescoço.

— Como você acabou aqui? Nós dois sabemos que você não tem um centavo em seu nome.

— Arruw Arrameeth, — ele disse ao redor do cano.

— Andrew Arrowsmith? — Tirei a arma de sua boca. Ele limpou a boca com as costas da mão.

— Ele me encontrou no México. Pagou pelo meu voo de volta aqui. Me deu este apartamento e me disse para pegar minha garota. Disse que estava com problemas. Que você a estava machucando. Cara legal. Nada como *você*.

Andrew sabia que Persephone e eu tínhamos nos distanciado e tentou tirar vantagem disso.

Limpei uma lágrima perdida que escorregou de seu olho usando a arma. — Isso, eu concordo. Faça o que eu digo e ninguém se machucará. Além de Arrowsmith, mas suponho que esse não seja o seu problema, é?

Ele balançou sua cabeça.



Esvaziei as balas da arma, coloquei-as no bolso e joguei a arma na cama que ele usava como cama, ao lado de seu telefone, indo embora.

— Tenha uma boa vida, Veitch. — Saudei de costas para ele.

Ele não respondeu.

Ele sabia que não havia chance de isso acontecer.

Vinte



Persephone

— Meu Deus, Tin, como você conseguiu esse dodói? —
Inclinei-me, esfregando uma ferida aberta e feia no joelho de
Tinder.

Passamos o dia juntos, só nós dois. Joelle e Andrew
compareceram a um evento de caridade e decidiram levar apenas
Tree, a criança “normal”, junto. Aquele que não fazia nenhum
barulho engraçado ou virava a cabeça. Joelle pareceu culpada
quando perguntou se eu poderia cuidar de Tinder sozinha hoje.
Eu sabia que a ideia de o deixar não vinha dela. Eu não pude
deixar de ficar ressentida por ela não lutar por seus princípios.
Por seu filho.

Se eu pudesse ir contra um dos homens mais formidáveis
de Boston – um homem que eu *amava* – *por* que ela não poderia
exigir que seu filho fosse tratado como igual ao irmão?

Jurei torná-lo um dia memorável para o Tinder. Um deleite,
em vez de um castigo. Fomos ao restaurante sofisticado de



Sparrow Brennan para o café da manhã, onde enfiamos panquecas e waffles goela abaixo, depois relaxamos perto de Charles River, olhando as nuvens enquanto eu contava a ele contos da mitologia grega, assim como tia Tilda costumava fazer comigo.

Tinder mastigava o colar de tubarão que dei a ele, farejando enquanto apontava para uma lesão quase idêntica em seu outro joelho.

— E-este também, — ele gaguejou.

Beijei melhor os dois joelhos.

— Vamos ao Walgreens e comprar band-aids super legais para eles. O que você diz?

— S-Sim! Talvez eles tenham *Puppy Dog Pals*. — Seu nariz se contraiu. Coloquei minha mão na dele. Passamos pelos corrimões verdes, caiaques e pedalinhos. O sol batia em nossos rostos.

— Então o que aconteceu? — Perguntei. — Você caiu da bicicleta? Eu espero que você saiba que isso acontece com todos.

— Não, — ele respondeu calmamente. — Não era a bicicleta.

— O que foi então?

O silêncio que se seguiu foi preenchido com os pensamentos fervilhando em minha cabeça. Como aquela carta estranha que



recebi de Paxton, que *não se* parecia em *nada* com Paxton, e seu desaparecimento como uma miragem, que aconteceu tão rapidamente quanto seu reaparecimento.

Ou como meu marido tinha me evitado a semana inteira, não apenas se recusando a aceitar minhas ligações em casa toda vez que eu aparecia, mas também evitando minhas mensagens de texto. Eu estava dias longe de aparecer em seu escritório e envergonhar nós dois. A única coisa que me impediu de fazer isso foi que entendi sua necessidade de estar totalmente focado no processo da Green Living contra a Royal Pipelines antes do julgamento.

Mas eu precisava contar a ele sobre Paxton. Sobre Andrew Arrowsmith e meu plano.

— Foi o papai.

As palavras me atingiram no peito, abrindo-o e espalhando uma sensação que eu nunca havia sentido antes. Nem mesmo por Byrne. Ou Kaminski. Ou Paxton.

Ódio puro e consumidor.

Parei no meio da rua movimentada. Uma mulher que passeava com um buldogue francês esbarrou em nós, fazendo um ciclista zunir por palavrões. Ignorando-os, eu me agachei de joelhos, segurando os braços de Tinder, meus olhos nivelados com os dele.

— Como ele fez isso com você? — Perguntei, em uma voz que mal consegui manter firme.

Tinder olhou para baixo, desenhando um círculo com a ponta do sapato na areia. Ele se encolheu, seus movimentos saltados.

— IIII... — Ele tentou, então bateu o pé e mordeu a língua. — *Oof!* Eu não consigo pronunciar as palavras. NN-Não admira que ele me odeie.

— Tinder, — sussurrei. Ele estava tendo um ataque de tique. O primeiro que eu o testemunhei. Ele recuou da mesma maneira a cada poucos segundos, um movimento repetitivo, juntando os ombros e batendo com a cabeça. Ele não conseguia parar.

— Eu não sou seu pai. Eu sou sua amiga. Você tem todo o tempo do mundo para me contar o que aconteceu. Só quero saber para poder te ajudar. Você não está com problemas.

Eu o deixei montar o tique, dando um passo para trás para permitir a ele tanto espaço quanto possível. Os tiques diminuíram depois de alguns minutos, derretendo-se em pequenas contrações de nariz familiares. Peguei-o nos braços, parei em um vendedor de rua, comprei suco de maçã e um pretzel macio e o sentei em um banco.

— Conte-me tudo, Tin-Tin.

— Ele usou uma régua.

Sem dizer nada, esperei por mais enquanto meu coração girava em torno de si mesmo, rolando em uma pilha de nós dolorosos.

— E-E-Ele-Ele disse que funciona. Ele disse que poderia me cc-curar. Disse que ele fez a-antes. Ele disse à mamãe que ambos ficaríamos gratos quando tudo acabasse e acabasse. Ele me deixou ler o ABC e então alguns nn-números, e toda vez que eu gaguejava ou tinha um tique, ele batia na régua de metal em meus joelhos. Ele fez isso até eu sangrar e a m-mamãe dizer a ele que chamaria a polícia. Eu chorei, embora a mamãe tenha me pedido não-não-não.

Sentindo-me como se eu estivesse à beira de uma espécie de ataque, me forcei a manter minha voz calma. Não havia necessidade de assustar Tinder mais do que ele já estava, mas a vontade violenta de tirá-lo desta família me deixou sem fôlego.

— É a primeira vez que seu pai faz isso com você?

Não conseguia esquecer a lembrança de Andrew sacudindo o filho quando este teve problemas para se explicar.

— Não. — Tinder tirou o sal de seu pretzel distraidamente. — Uma vez, depois de voltarmos de uma festa em que o envergonhei, ele enfiou minha cabeça em uma pi-pi-pia cheia de água, dentro e fora, dentro e fora. E-E-Ele disse que só pararia

se eu parasse de agir como um esquisito. Mas funcionou porque eu parei por uma semana inteira.

Eu não pude piscar.

Engolir.

Respirar.

Meu mundo desabou sob o peso da verdade não dita que pousou em meus pés e, de repente, tudo ficou claro como cristal.

Eu pisei em uma mina da qual Cillian estava tentando me manter bem longe. Desvendando um segredo que não era para eu descobrir.

— Seu pai trata sua mãe e seu irmão assim também?

— Não. Ele ama Tree e diz que o mandará para uma escola chique na Inglaterra. Acho que ele ama a mamãe também. Mesmo que às vezes ele a empurre. Ele nunca pressiona muito. — Ele fez uma pausa, contemplando suas palavras com uma carranca. — Além da vez em que ele a empurrou do parapeito e ela caiu escada abaixo. Mas ela caiu no sofá e não foi ferida. E ela riu disso, então talvez fosse uma piada.

Ou talvez ela não quisesse que seus filhos soubessem que trabalho seu pai era.

Eu sabia que tinha três problemas para lidar.



Uma era manter Tinder seguro.

A segunda era executar meu plano hoje, enquanto ainda era bem-vinda na casa dos Arrowsmith.

E a terceira era confrontar meu marido sobre o que eu suspeitava o tempo todo.

Verifiquei a hora no meu telefone. Eram duas horas. Os Arrowsmiths não estariam em casa antes das seis. Eu tinha uma chave, embora devesse passar o tempo fora de casa com Tinder.

Eles *criaram* a confiança em mim o suficiente para me dar uma chave no caso de uma emergência. Afinal, eu estava na área deles. *Supostamente*. Viver vidas separadas de meu marido e desprezá-lo, tanto quanto eles sabiam. As diferentes contas bancárias, as reclamações estratégicas sobre Cillian e a divulgação de nossa separação valeram a pena.

Agora era hora de colocar meu plano em terceira marcha.

Para salvar o Tinder.

Para salvar Cillian.

E, quem sabe? Talvez até meu casamento.

Digitei uma mensagem de texto rápida para Sam Brennan. A primeira vez que entrei em contato com ele. Pedi à Sailor seu código de acesso especial logo depois de ter sido contratada pelos Arrowsmiths, sabendo que havia algumas coisas que eu

simplesmente não estava equipada para fazer. Depois que a mensagem foi enviada, lida e respondida, levantei os olhos e sorri para o menino.

— Ei, Tin-Tin, quer fazer biscoitos em casa enquanto assiste *Peter Pan*?

— Claro que sim!

Enfiei-o em seu reforço no meu Tesla com os olhos ardentes e fui para a residência Arrowsmith pela última vez.



Os biscoitos estavam quase tão ruins quanto a refeição que eu tentei preparar para Cillian em nosso primeiro “encontro”.

Soube disso quando abri a mistura pronta sem me preocupar em ler as instruções. Joguei o pó em uma tigela e peguei os ingredientes do pacote rapidamente. Tinder protestou quando eu não dei tempo para fazer tudo junto com ele – quebrar os ovos, medir o leite, contar cada gota de baunilha. Fiquei olhando para o relógio no teto, esperando a campainha tocar, sentindo-me uma criminosa. Eu *era* uma criminosa. O que eu estava prestes a fazer era contra a lei. Mas não se tratava apenas de salvar a empresa do meu marido – também era sobre o Tinder.

Colocamos bolas desiguais em uma panela, empurrando-a no forno antes que atingisse a temperatura certa. A irritação de Tinder se transformou em confusão. Sempre fui a única pessoa com quem ele podia contar para ter paciência.

— Oo que está acontecendo? — Ele franziu a testa. — E-eu não gosto de fazer tudo rápido. Você vai para algum lugar?

— Não antes de ter certeza de que você está bem, — murmurei, jogando freneticamente um pacote de pipoca no micro-ondas. Coloquei *Peter Pan* no Disney Plus e coloquei Tintin na frente do filme com sua pipoca e suco.

— Estarei um pouco ocupada nos próximos minutos, ok? Mas quando eu terminar, vamos sentar com biscoitos e um pouco de leite com chocolate e ter uma conversa. Eu preciso te contar algumas coisas. Não se preocupe, você *não* está com problemas.

Mas seu pai com certeza estava.

Quando Sam bateu na porta, empurrei-o para dentro na velocidade da luz. Ele estava vestindo uma camisa preta, jeans e sua carranca normal.

— O laptop dele provavelmente será protegido por senha, — avisei, ainda segurando o batente da porta, meu coração na garganta.

Eu nunca quebrei a lei. Sempre. Para qualquer coisa ou pessoa. Inferno, eu nem mesmo atravesssei fora da faixa. Minha obsessão por meu marido estava me virando do avesso.

Sam passou pela sala de estar, sem poupar o garoto um olhar, e subiu as escadas. Eu o segui, apontando para o escritório de Andrew. Ele colocou um par de luvas elásticas, tirou um abridor de fechadura dobrável de sua mochila e abriu a porta trancada sem esforço.

Nós dois entramos na sala. Eu estava superconsciente de Tinder sentado na frente da TV no andar de baixo, esperando por mim. A culpa me destruiu. Eu viraria a vida dele de cabeça para baixo e, embora soubesse que era a coisa certa a fazer, considerando seu pai abusivo, também sabia que Tinder talvez nunca me perdoasse.

— Então Kill estava certo, — disse Sam sem emoção, ligando o laptop enquanto se sentava na cadeira de Andrew. Seus dedos deslizavam no teclado. Ele enfiou uma unidade USB no dispositivo. — Você não é completamente inútil, afinal.

— Você não tem uma opinião muito boa das mulheres, hein? — Virei para fora, para o corredor, esticando o pescoço para olhar para baixo e me certificar de que Tinder estava bem.

— Eu pensei que você fosse uma cavadora de ouro, — Sam disse sem rodeios, clicando no laptop, seus olhos grudados na

tela. — Merda, há um monte de coisas na nuvem dele. Erro amador.

— Copie tudo. Quero resolver tudo isso, — instruí-o, de pé na porta, voltando à nossa conversa inicial. — E eu não sou uma caça-ouro.

— Não me diga. — Ele deu uma risadinha. — Você está arriscando sua bunda aqui. Você sabe disso, certo? Você pode pegar bastante tempo na prisão pelo que está fazendo.

— Mesmo? — Arregalei meus olhos comicamente. — Eu não fazia ideia. Mude isso para mim. O que é prisão? Aquilo com as barras, certo? Acho que vi um filme.

Os olhos de Sam passaram da tela para mim. Ele sorriu.

— Então é por isso que ele manteve você todo esse tempo. Você responde.

Olhei pela janela, abraçando minha barriga, especulando se a casa de Andrew estava conectada como a de Cillian ou não.

— A costa estava limpa. — Sam leu meus pensamentos. — A casa está conectada, mas as câmeras do idiota têm uma péssima vista para a rua devido às árvores crescidas. Aparentemente, sua consciência não o deixou cortar as filhas da puta.

Ele se levantou, entregando-me um disco com chave.

Quando eu o alcancei, ele o afastou do meu alcance.

— Tem certeza que não quer que eu mesmo passe por isso?
São muitos dados. Você não pode bagunçar tudo.

— Vou fazer um trabalho completo.

— Deixe-me fazer uma cópia para mim. Apenas no caso de.

— Se você fizer uma cópia para si mesmo, vou garantir que você perca seu emprego com os Fitzpatricks. — Inclinei meu queixo em advertência. — Pode haver algumas coisas particulares lá que não quero que ninguém veja.

— Como uma fita de sexo?

Homens.

— Certo.

Sam Brennan era um homem bonito. Então, Ted Bundy também. Não o achava atraente, especialmente porque sua contagem semanal de corpos ultrapassou toda a carreira de Ted Bundy. Sinceramente, não conseguia ver qual era o fascínio de Aisling por ele. Então, novamente, o mesmo provavelmente poderia ser dito sobre Kill e eu.

— Você entende o conceito de um casamento arranjado, correto? Nada sobre o que você tem com seu marido é real.

— Samuel, — usei seu nome de batismo, meu tom altivo, como fazia quando um dos meus alunos estava se comportando mal, — dê-me o pen drive, por favor.

Ele enfiou no bolso do meu vestido, rindo baixinho.

— Eu não entendi no começo. — Ele abaixou a cabeça, examinando meu rosto. — Eu pensei que ele queria Emmabelle. Cada vez que vocês três estavam na mesma sala, os olhos dele estavam nela. Mas então eu percebi, — ele baixou a voz, — que o momento era peculiar. Veja, Kill sempre olhou para Emmabelle exatamente ao mesmo tempo que você olhava para *ele*. Ele queria despistá-la. Para te deixar com ciúme. A primeira e última coisa humana que eu já o vi fazer.

Sam deu um passo para trás, olhando ao redor da sala.

— Vou travar novamente o estúdio. Andrew nunca saberá que estivemos aqui. Proceda normalmente quando eles chegarem aqui.

Ele se virou, batendo no batente da porta.

O forno apitou lá embaixo, e ouvi Tin-Tin ganindo de alegria.

Estávamos ficando sem tempo.

Achei que Sam fosse dizer algumas palavras de despedida.

Sobre minha jogada ousada.

Sobre o risco que corri por meu marido.

Mas isso implicaria que Sam Brennan estava impressionado.

E se havia algo que eu sabia com cada osso do meu corpo, era que, infelizmente para Aisling, meu amigo Sam Brennan, que odiava mulheres, nunca ficaria impressionado com o outro sexo.



— Vou embora depois de hoje, mas as coisas estão prestes a mudar aqui. Eu pensei que você deveria saber. — Sentei Tinder na frente dos biscoitos queimados e desfigurados. Nenhum de nós tocou nos doces. Seus grandes olhos castanhos agarraram-se a mim como se eu fosse uma tábua de salvação.

— M-mudar como?

— Seu pai não está te tratando bem. Ele não deveria fazer as coisas que está fazendo, e eu não posso – não *vou* – ser capaz de estar aqui o tempo todo para protegê-lo. Chegará o dia em que você crescerá e se decidirá sobre o que estou prestes a fazer. Você vai me odiar ou me apreciar. — Eu balancei minha cabeça, sentindo as lágrimas brotando em meus olhos, mas me segurei. Tinder merecia mais. Ele merecia minha compostura e



segurança. Ele merecia o mundo. — Independentemente de como você decidir sentir por mim, vou aceitar e respeitar isso. Acho que vou colocar seu pai em muitos problemas em breve, mas você ainda terá sua mãe e seu irmão, e eles são a parte importante, está me ouvindo? Eles são a parte em que quero que você se concentre.

Ele balançou a cabeça lentamente, absorvendo tudo. Era muito. Mesmo eu não tinha certeza se entendia totalmente o que estava prestes a fazer. Abaixei minha testa na de Tinder, respirando-o. Se eu inspirasse muito profundamente, ainda poderia detectar fracamente. Esse cheiro de bebê indescritível que fez meus ossos derreterem.

— Eu já te contei sobre The Wish Cloud, Tin-Tin?

Ele balançou sua cabeça.

— Estou prestes a presentear-lo com um desejo. Algo para se lembrar de mim. Mas você terá que escolher seu desejo com cuidado. Você só tem um. E você só pode lucrar com o desejo quando vê uma nuvem solitária em um céu claro.

— Eu sei o que vou e-e-escolher, tia Persy, — ele disse, sorrindo. — Vou escolher o que sempre escolho. Eu vou escolher você.



Duas horas depois, o resto da família voltou do evento de caridade. Eu me levantei do sofá e caminhei até a entrada. Assim que Andrew entrou pela porta, apontei para ele com o dedo, minha expressão muito possivelmente maníaca.

Joelle recuou, tropeçando com um suspiro. Tree olhou para trás e para frente entre seu pai e eu.

— O que está acontecendo? — O menino fungou.

— Eu sei o que você fez com o Tinder, — sussurrei para Andrew. — Eu preciso falar com vocês dois. *Sozinhos*.

Os olhos de Andrew fixaram-se nos meus, suas narinas dilatadas.

— Tree, pegue seu irmão e suba para o seu quarto, — ele instruiu. Os meninos dispararam escada acima. Andrew abriu a boca, mas levantei minha mão. Ainda estávamos parados na porta.

— Guarde isso. Eu sei sobre o governante. Sobre as surras. Como você empurrou Joelle da grade.

Joelle gritou atrás do marido, cobrindo o rosto com as mãos e soluçando. Seu mundo cuidadosamente encenado estava entrando em colapso.

— Eu sei sobre Cillian, — eu terminei suavemente. Eu estava blefando principalmente, mas sabendo com certeza que queimava dentro de mim que ele fez ao meu marido algo que o tornou do jeito que ele era. Isso o mudou irreconhecível.

O rosto de Andrew empalideceu, sua mandíbula cedeu. — Ele te contou?

Eu não conseguia mentir, então sorri no que esperava ser semelhante a confiança, encolhendo os ombros.

— Seu segredo está se tornando não tão secreto. Não é um bom presságio para o seu papel como presidente da Green Living. De qualquer forma, estou aqui para lhe dizer que foi a última vez que você bateu em seu filho. Estou levando isso para o Serviço de Proteção à Criança. Já que não é meu primeiro rodeio com o SPC ⁴², deixe-me dizer como vai ser. Vou registrar uma reclamação, eles visitarão sua casa em 24 horas para verificar o bem-estar de seus filhos e, assim que encontrarem sinais de negligência ou abuso – o que acontecerá, porque Tinder está fisicamente ferido – eles removerão as crianças para um lar adotivo e apresentarão queixa contra você.

⁴² Serviço de proteção à Criança.

Joelle quase engasgou.

— Já que trabalhei com várias escolas durante minha curta carreira e conheço alguns agentes do SPC, provavelmente posso ajudar Joelle a conseguir a custódia total, já que ela não foi cúmplice do abuso. Agora, quanto a você, — Virei-me para Joelle, que se dobrou com as costas contra a parede, chorando no chão. Seu rosto estava molhado de suor, lágrimas e ranho.

— Você deve colocar seus filhos acima de tudo. Sempre.

— Eu fiz. — Joelle agarrou meu vestido, puxando-o desesperadamente. — Eu faço! Você acha que gostei do que ele fez? Você acha que é minha culpa? Eu não tinha ideia de que seria assim. Eu nunca teria me casado com ele, Persy. *Nunca.*

Não achei que fosse culpa dela. Ela não era a parte abusiva. Ela também foi uma vítima. Mas eu sabia que seus filhos talvez não vissem dessa forma. Eles podem crescer ressentindo-se da mulher que se agarrou ao braço do pai com um grande sorriso no rosto, sabendo o que ele fazia a portas fechadas.

— Não importa o que você pensou. É hora de você assumir a responsabilidade e se afastar desse relacionamento tóxico. Coloque você e os gêmeos primeiro. Considere esta minha renúncia oficial. Ah, e Andrew? Retire o processo contra meu marido. Você terá que renunciar ou será demitido nos próximos dias, e terá peixes legais maiores para fritar.

Peguei minhas chaves e bolsa, olhando por trás do ombro. O que vi quebrou meu coração. Tinder e Tree estavam amontoados no último degrau da escada, boquiabertos para mim com lágrimas nos olhos.

Desabei, caindo de joelhos, deixando cair todas as lágrimas que eu contive. Ao começar este trabalho, eu sabia que me apegaria, mas nunca pensei que os amaria tanto.

— Venham aqui, meninos. — Eu abri meus braços.

Eles correram para mim, gritando. Como sempre, recuei com o impulso, com a tempestade de seus abraços, permitindo que enterrassem a cabeça em meus ombros, chorando junto com eles.



Mais tarde naquela noite, examinei o material do disco sobre o tom que Sam me deu.

Levei três horas e duas taças de vinho para encontrar o arquivo que estava procurando. Foi simplesmente nomeado. CFF.

Cillian Frances Fitzpatrick.

Eu cliquei duas vezes nele, bebi o vinho e fiz uma oração.



Eu não sabia no que estava me metendo.

Eu só sabia que não estava pronta para isso.

Vinte e Um



Cillian

O passado.

A primeira vez que entrei em uma clínica de tratamento juvenil foi aos quatorze anos.

No início daquela semana, eu me bati tanto que ainda estava urinando sangue e cuspiendo dentes. Meu rosto estava tão inchado que levou três dos meus colegas para reconhecer quem eu era quando me encontraram no chão da biblioteca.

Minha mãe me acompanhou até a clínica suíça. Relutantemente. Eu estava coberto com um casaco, chapéu e óculos de sol para esconder minha figura maltratada, como uma celebridade da lista D correndo por um aeroporto, tentando não ser identificada. Minha mãe permaneceu em silêncio durante a maior parte da viagem de avião da Inglaterra à Zurique, exceto por uma breve conversa, sussurrada depois que as aeromoças estavam fora do alcance da voz.



— Seu pai não pode saber.

Essa foi a primeira coisa que ela disse.

Não como você está.

Como isso aconteceu.

Seu pai não pode saber.

Fiquei quieto. Afinal, não havia nada a dizer. Ela estava certa. *Athair* não poderia saber. E, de qualquer forma, não havia como explicar o que havia acontecido. Um segundo eu estava sentado em frente aos meus livros na biblioteca, estudando *pra caramba* para terminar em primeiro na classe, como sempre, a pressão estranha familiar – uma tensão intangível que eu não poderia explicar – subindo pela minha espinha como uma aranha, e no outro, eu estava no chão, espancado até virar polpa, sem saber ao certo quem era.

Agora eu sabia quem era essa pessoa.

Fui *eu*.

Eu me bati até o ponto de perder a consciência.

— Cillian Frances, você me ouviu? — Mãe entrelaçou os dedos sobre o colo, rosto rígido, postura perfeita.

— Alto e claro. — Olhei pela janela para as nuvens que passavam.

— Bom. — Ela franziu a testa para um ponto invisível na porta da cabine. — Ele vai me culpar, de alguma forma. Ele sempre faz, sabe? Eu nunca consigo parar com este homem.

Minha mãe não era uma pessoa má. Mas ela era fraca. *Conveniente*. Agora mais do que nunca, tendo dado à luz meu irmão, Hunter, há menos de três anos.

O novo bebê havia prejudicado o casamento de meus pais. Quando vim para uma visita durante o verão, eles mal se falaram. Quando minha mãe perguntou se eu queria abraçar meu irmão, minha reação inicial foi um *inferno, não*, mas então ela me lançou aquele olhar tímido e pobre de mim e acrescentou: — Seu pai nunca o segura.

Então eu o segurei. Olhei para a careca minúscula e de aparência idosa que me encarou com grandes olhos azuis que não se pareciam em nada com os meus e disse: — Aperte o cinto, irmãozinho. Você definitivamente nasceu em uma bela família.

— *De qualquer forma*, — mamãe ressoou novamente no avião, reorganizando seu colar de pérolas, — espero que isso não tenha nada a ver com Andrew Arrowsmith. Você não o verá mais fora de Evon.

— Não o tenho ouvido ou visto desde que *Athair* despediu seu pai, — admiti em uma tentativa vã de tentar obter algumas informações.



— O pai dele não teria sido despedido se não fosse um vigarista, — bufou a mãe.

— Eu não me importo com o pai dele.

— Veremos se ele termina seus estudos na Evon, — ela continuou, ignorando minhas palavras. Muitas vezes me perguntei por que me incomodei em responder a ela. — Seu pai o está processando por tudo que ele roubou.

— Eles costumavam jogar golfe juntos. Tirar férias anuais. Visitar cassinos na Europa. Ir pescar, — eu disse, deixando de fora as acompanhantes, clubes de strip e bares subterrâneos que eles prometeram levar Andrew e eu quando fôssemos mais velhos.

Ela revirou os olhos. — Não seja ingênuo, Cillian. As pessoas farão de tudo para chegar perto de nós, Fitzpatricks. Não podemos ter amizades de verdade.

Minha mãe me deixou na clínica assim que pousamos, assinou a papelada e disse que viria me buscar em algumas horas.

— Eu ficaria, — ela suspirou, — mas você sabe como fico nervosa nas clínicas. Eles não são minha cena. Além disso, tenho algumas compras para fazer. Você entende, não é, Kill? — Ela beliscou minhas bochechas. Eu me afastei, me virei e saí sem dizer uma palavra.

Uma enfermeira me levou a uma pequena sala branca com uma mesa e uma cadeira. Ela trancou a porta atrás de mim. Sentei-me, olhando para uma câmera de segurança que foi apontada para mim. Eu estava obviamente sendo vigiado.

Eles me mantiveram assim por cerca de vinte minutos antes que uma voz masculina soasse atrás de um espelho retrovisor.

— Olá, Cillian.

— Olá.

Eu não estava com medo. Eu era extremamente adaptável. Veio com o território de crescer nas mãos de babás e frequentar escolas particulares longe de casa a partir dos seis anos.

— Como você está se sentindo?

— Estive melhor. Já estive pior. — Cruzei minhas pernas, ficando confortável.

— Isso é interessante, — disse o médico. Não era, realmente, mas apreciei sua simpatia, fosse genuína ou não. Era mais do que eu recebia de minha própria mãe, muitas vezes.

— Você sabe por que está aqui? — A voz agradável perguntou.

— Acho que é porque tenho uma coisa chamada síndrome de Tourette. — Recostei-me na cadeira, absorvendo toda a



brancura. A calma disso me agradou. Um longo silêncio se estendeu do outro lado da janela. — Há quanto tempo você sabe?

— Cerca de uma semana.

Eu ouvi páginas virando em uma prancheta do outro lado. Eu sorri severamente. Normalmente, era o paciente que estava no escuro.

— Como pode ser? Diz aqui que seu ataque de tique ocorreu há dois dias, — disse outra voz. Uma mulher de meia-idade foi meu palpite. Ambos os médicos tinham sotaque. Um era provavelmente italiano e o outro suíço da fronteira francesa.

— Sim, — eu disse lentamente, dando-lhes tempo para preencher seus gráficos. — Mas tenho sentido a tensão do ataque nos dias anteriores ao aumento, então fiz algumas pesquisas.

— Então você sabia que iria conseguir? — A médica suíça perguntou incrédula. — O ataque.

Balancei a cabeça secamente. Ela engasgou. Ela realmente *engasgou*.

— Coitadinho, — disse ela. Muito pouco médico.

— Nunca fui acusado de ser assim antes, — eu murmurei, checando meu relógio para ver as horas.

— Onde estão seus pais? — A médica perguntou, sua voz crescendo mais perto. Eles iriam abrir a porta entre nossos



quartos? Eu esperava que não. O contato visual não era meu favorito.

— Meu pai está em Boston, cuidando dos negócios da família, e minha mãe está fazendo compras. Zurique é um de seus pontos de varejo favoritos.

Conhecendo mamãe, ela iria me buscar com sacolas cheias de sapatos novos, abotoaduras e roupas de verão para mim. Sua versão de ser maternal.

— Por que você não contou a ninguém? — O médico perguntou. — Sobre a síndrome de Tourette.

— Qual era o ponto? — Limpei minhas calças de fiapos. — Conhecendo minha família, manteremos minha condição em segredo. Então, ou você me prescreve com merda, tenta um novo tratamento em mim ou me deixa ir. Vou descobrir uma maneira de esconder isso.

— É um distúrbio neurológico, — explicou a médica, sua voz ficando ainda mais suave. — Causado por uma série de coisas muito complexas, principalmente por causa de anormalidades em certas regiões do cérebro. Os tiques vêm e vão e, embora possamos oferecer alguns tratamentos para aliviar o distúrbio, a maioria veio para ficar. Você não pode controlar isso. A própria definição de Tourette é que seus tiques são involuntários. Você não pode treinar seus nervos. Eles estão por toda parte em seu

corpo. Para entorpecê-los, você terá que parar de sentir completamente.

Perfeito.

— Então é voluntário. — Levantei-me, indo para a porta.

— Não, — o médico hesitou. — Para você parar os tiques, você terá que parar de sentir. Eu não acho que você entende...

— Eu entendo tudo. — Enrolei meu punho, batendo na porta três vezes, sinalizando para a enfermeira que eu queria sair.

— Senhor. Fitzpatrick...

Eu não respondi.

Eu tenho o que vim buscar aqui.

Uma solução.

Agora tudo que eu precisava era praticar.



A Operação Cancelar Sentimentos não teve um início suave quando voltei para a Inglaterra.

Para começar, eu não era muito fã de sentimentos. Isso não quer dizer que eu não tivesse sentido nenhum. Eu era capaz de ficar triste, feliz, com fome, divertido e com ciúme. Eu odiava muitas pessoas – certamente mais do que um garoto da minha idade deveria – e até amava um pouco.

Principalmente meu irmão caçula, que tinha a vantagem de não poder responder e, portanto, não poder me irritar. Mas também amava outras coisas. Polo e Natal e mostrar a língua quando chovia. O sabor sedutor do inverno.

Também gostava de minha amizade com Andrew Arrowsmith. Muito.

Não da mesma forma que gostava de garotas. A maneira como elas se moviam, cheiravam e existiam, o que eu achava mágico e confuso. Eu sabia que era cem por cento correto. Gostei de Andy porque ele me pegou. Porque éramos as duas crianças com sotaque de Boston que faziam tudo juntos. Estudamos, saímos e assistimos a filmes e programas e praticamos os mesmos esportes. Fizemos peças perigosas juntos. Peidamos e culpamos seus cachorros durante a hora do jantar. Assistimos ao nosso primeiro filme pornô juntos, brigamos por futebol e fugimos dos policiais naquela vez, quando acidentalmente colocamos fogo em uma lata de lixo no country club...

Éramos crianças e compartilhávamos qualquer infância que nossos pais nos permitissem ter juntos.

Ele era a coisa mais próxima de uma família que eu já tive. Razão pela qual fiquei furioso com Andrew Sênior por roubar dinheiro da Royal Pipelines, e com meu próprio pai por descobrir, e também com *Athair* por ter agido na traição.

Sim, o pai de Andy roubou de nossa empresa, mas Andy era minha salvação. *Athair* não *podia* deixar essa merda passar?

Depois de semanas sem ouvir ou ver Andy em Evon, finalmente encontrei com ele na capela principal. Meu alívio foi misturado com pavor.

Acenei para ele do outro lado da capela. Havia um enxame de alunos entre nós, e todos nós estávamos usando o mesmo uniforme. Andrew me notou e desviou o olhar.

A pontada de dor em meu peito me assustou. Eu não podia me dar ao luxo de sentir. Os sentimentos inspirariam mais ataques aos nervos, e os ataques dos nervos fariam *Athair* me *renegar*. Embora eu realmente gostasse do bebê Hunter, não queria vê-lo roubando o título do filho mais velho como herdeiro da Royal Pipelines.

Sem mencionar que *Athair*, Mãe e Hunter eram a única família que me restava, agora que Andy provavelmente me odiava.

Atravessei o gramado depois da missa de domingo, as mãos cruzadas nas costas, franzindo a testa para a grama exuberante.

Eu nem me importava muito que tivesse Tourette. Era inconveniente, com certeza, mas depois de engolir algumas revistas médicas e alguns livros sobre a síndrome, decidi que superaria isso antes de me formar e seguir para a faculdade.

E quando decidi algo, nunca falhei, não importando os meios necessários para alcançá-lo.

A nuca doeu com uma dor repentina. Eu parei, trazendo minha mão para esfregá-la. Era quente e elegante. Eu retirei minha palma, olhando para ela. Estava cheia de sangue. Eu me virei. Andrew caminhou em minha direção com alguns de seus amigos, jogando uma pedra na mão.

Ele sorriu.

— Que porra é essa, Arrowsmith?

— Que merda é que seu pai é um idiota ciumento, e meus amigos aqui me disseram que você é uma aberração. Eu ouvi sobre o *acidente* da biblioteca.

Achei que ele faria. Endireitei minha postura, lembrando a mim mesmo que não havia necessidade de desperdiçar nenhum sentimento com esse absurdo. Ele não foi a primeira pessoa a sair. Ele não seria o último também.

— Sim? Bem, eu o-ouvi que seu pai roubou dinheiro para pagar sua passagem por Evon. Está com pouco dinheiro, Arrowsmith? — Soquei meu próprio rosto do nada.

Que porra é essa?

Os olhos de Andrew brilharam enquanto ele avançava em minha direção, ganhando velocidade. Seus amigos seguiram o exemplo.

— Oh, cara, você está gaguejando agora!

— Não estou gaguejando. — Soltei um rosnado baixo, batendo no meu próprio rosto novamente.

Não, não, não.

Eu não estava em uma biblioteca vazia neste momento. Eu tinha uma plateia e eles estavam assistindo, rindo, tendo um vislumbre do show de horrores. Eu tinha que parar.

Parar de sentir.

Parar de querer.

Parar de doer agora.

— A coisa boa, — Andrew parou apenas quando estava perto de mim — é que eu não sou um Fitzpatrick. Um Arrowsmith sempre vem em socorro de seu amigo. E você precisa ser resgatado, não é, Kill?

Seus amigos riram, as mãos enfiadas nos bolsos, olhando para mim, esperando a palavra *vá*.

Olhei para trás, batendo no meu próprio rosto novamente. Eu provavelmente poderia correr, mas não adiantava. Os tiques iam me atrasar e, de qualquer maneira, sempre fui mais rápido a cavalo do que a pé.

Olhei de volta para eles. Agora era um momento tão bom quanto qualquer outro para verificar a caixa de dor na minha lista e ter certeza de que eu não podia sentir.

Andrew estalou os nós dos dedos ruidosamente.

Eu fiz a mesma coisa.

Nota para mim mesmo: estalar os nós dos dedos é muito reconfortante.

— Estou prestes a foder sua cara feia ainda pior do que você, Fitzzy.

Sorri, sentindo-me completamente entorpecido. — Dê o seu melhor, Oliver Twist.



Andrew acabou filmando alguns de seus abusos, provavelmente para escondê-los e se lembrar do que aconteceu.



Mas ele não era um idiota e tomava o cuidado de nunca mostrar o rosto.

Foi uma das coisas que nos ensinaram. Nunca filme nada incriminador. O infame Bullingdon Club já havia custado bastante embaraço à Universidade de Oxford, e ninguém nas boas instituições britânicas queria que sua reputação fosse manchada por um bando de adolescentes safados.

O abuso não foi unilateral.

Na verdade, durante nossa primeira luta, eu percebi que quando Andrew me bateu, parei de sentir. Os tiques pararam. E então, eu procurei Andrew. Ia para seu quarto semanalmente. Incitava-o a lutar, abusar e bagunçar comigo.

Andrew assumiu. Cruzamos os limites muitas vezes.

Ossos quebrados. Cicatrizes permanentes. Queimaduras de cigarro.

Fiquei mais forte e mais indiferente a cada vez.

E ele? Ele chorava quando fazia aquelas coisas comigo. Chorava como um bebê.

Passar pelas provações e tribulações de ser intimidado – queimado, afogado, esbofeteado no rosto cada vez que gaguejava ou me batia, cada vez que me *contorcia* – provou ser altamente eficaz.

Aos quinze anos, o ano em que descobri que Andrew Arrowsmith não terminaria seus estudos em Evon, eu estava livre de sintomas.

Externamente, de qualquer maneira.

Eu ainda estalava meus dedos.

Ainda respirava fundo e lentamente para diminuir minha frequência cardíaca.

Ainda resistia a qualquer tipo de sentimento, esmagando-os sempre que tentavam subir acima da superfície.

Quanto mais eu controlava os tiques, piores eles se tornavam. Felizmente, eu sempre os liberava quando estava na privacidade do meu quarto.

Eu chutava, gritava, me batia, quebrava paredes, rasgava móveis e destruía tudo ao meu redor. Mas fiz em meus termos, e apenas quando sentia que estava pronto. Foi assim que consegui suprimir minhas emoções com sucesso.

Até que um dia, os tiques pararam completamente.

Os sentimentos estavam tão distantes do meu reino de existência que eu não precisava mais me preocupar.

Mas as fitas ainda estavam lá, e Andrew as tinha.

Como aquela minha deitado em uma poça de meu próprio vômito.

Ou aquela em que me sentei no fundo da piscina por um minuto até ficar azul. Cada vez que calculava mal o tempo e subia à superfície muito rapidamente, ele me acertava.

Uma coisa era certa: Andrew queria vingança, eu queria controle total e nós dois conseguimos o que queríamos.

Quando nos separamos, seu trabalho estava feito e o meu também.

Eu pensei que estávamos quites.

Eu pensei que nós dois tínhamos o que merecíamos.

Achei que nunca mais fosse imune aos sentimentos.

No fim das contas, cada uma dessas suposições estava errada.



Persephone

A terceira vez que corri para o banheiro para vomitar, joguei a toalha e fechei meu laptop, escondendo-o debaixo da minha cama, como se os vídeos pudessem me assombrar. Eu já estava farta de ver meu marido – então um adolescente – ser abusado.

Espancado.

Esmagado.

Quebrado.

Engasgando.

Chorando.

Rindo.

Perdendo.

Encontrando.

Eu queria matar Andrew Arrowsmith com minhas próprias mãos.

E sabia com uma confiança que me assustava que era capaz de fazer isso também, se tivesse oportunidade.

O rosto de Andrew não estava nas fitas. Mas sua voz estava lá. Assim eram seus motivos para fazer o que fez.

Às seis e meia da manhã, levantei-me e fui até o chuveiro. Meus olhos estavam inchados de tanto chorar a noite toda.



Havia duas coisas que eu sabia sem sombra de dúvida:

Um - eu iria garantir que Arrowsmith estivesse arruinado, mesmo que fosse a última coisa que eu fizesse na minha vida.

Dois - Cillian era realmente incapaz de sentir qualquer coisa depois de tudo que ele havia passado. Mas mesmo os que não amavam mereciam ser amados. Até ele merecia paz, pertinência e um lar.

De agora em diante, eu iria deixá-lo me ter em seus termos.

Mesmo que matasse meu bleeding heart.

Vinte e Dois



Cillian

— Sim, você tem uma visita.

Não tirei os olhos da tela, ainda digitando uma mensagem para minha equipe jurídica a respeito da Green Living.

— Você tem olhos, Serena?

— Sophia, — corrigiu ela suavemente, como se o erro fosse sua culpa. — Sim, senhor.

— Então sugiro que você faça uso deles e olhe para meu planejador. Está totalmente aberto por uma razão. Não aceito visitantes neste momento.

Ela ainda estava parada na minha soleira, imaginando como abordar seu novo chefe. Às vezes, eu tinha certeza de que a definição de inferno eram novos assistentes pessoais passando por orientação. Sophia precisava ser alimentada com tudo, e sua única graça salvadora foi que, ao contrário da Sra. Brandt, ela

não era uma vadia de classe mundial que parecia uma Barbie meio derretida

— É sua esposa. — Ela se encolheu fisicamente, preparando-se para uma surra verbal.

Resisti à vontade de tirar os olhos do meu laptop e dar uma olhada na Flower Girl através da parede de vidro.

Para dizer à Sophia para deixá-la entrar.

Nada de bom sairia disso.

Ela provavelmente estava aqui para me dar o terceiro grau sobre ameaçar seu ex-marido com uma arma. Ou talvez ela finalmente percebeu o quanto eu sou um idiota e decidiu ajudar Andrew com seu processo. Testemunhar.

Minha esposa sabia meu segredo.

Sam me contou sobre sua pequena passagem pela casa de Andrew Arrowsmith assim que ele saiu pela porta do meu inimigo. Eu sabia que Persephone tinha visto os vídeos.

Ela não tinha o direito.

Nenhum direito de se intrometer no meu negócio. Nenhum direito de descobrir o que eu queria manter em segredo. Não tinha o direito de descascar as camadas que eu me recusei a tirar quando ela tentou do jeito bom.

— Mande-a embora, — ordenei, meus olhos ainda no meu monitor.

— Temo que ela não pode e não vai fazer isso. Além disso, não fale nesse tom com ela. Ela é sua assistente, não sua serva. — Eu ouvi uma voz doce e gutural vinda da porta. Desta vez, eu olhei para cima.

A Flower Girl estava parada na porta. Ela usava um vestido ensolarado e um olhar severo. Eu queria tirar os dois dela.

— Você demitiu a Sra. Brandt. — Ela fechou a porta na cara de Sophia, entrando em meu escritório. — Por quê?

— Isso não é da sua conta. — Fechei o laptop.

— Tente novamente. — Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Porque você a odiava, — eu cuspi, enojado comigo mesmo.

Ela sorriu.

Eu morri um pouco por dentro.

Oh, como os poderosos caíram.

Levantei-me, recolhendo a papelada na minha mesa para evitar que meus olhos traidores vagassem em seu caminho. Observar minha esposa era semelhante a observar o sol. A ideia

eufórica e cegante de que você era ao mesmo tempo imortal e pateticamente humano agarrando você pela garganta.

— Suponho que você está aqui porque seu ex-marido a largou novamente. Eu sou o prêmio de consolação? — Enfieei minha papelada em minha pasta, ansioso para ir a algum *lugar* – *qualquer lugar* – que fosse longe desta mulher.

A pressão sinalizando um ataque iminente pressionou contra meu esterno. Cada vez que ela entrava na sala, eu tinha que recuperar meu controle.

— Você sabia que ele estava na cidade? — Seus olhos azuis pavão me seguiram atentamente.

— Suas câmeras de segurança, — eu apontei, caso ela planejasse me acusar de esbofeteá-la com mais investigadores particulares.

Ela caminhou em minha direção.

— Eu o expulsei na noite em que ele apareceu. Você saberia disso se tivesse se incomodado em atender qualquer uma das minhas ligações ou se realmente tivesse passado pela dor de me dar atenção quando tentei visitá-lo em sua casa.

Sua casa.

Claro que era minha casa.

Por que seria nossa? Eu a tirei do apartamento clínico em que a coloquei, coloquei-a em um dos quartos de hóspedes e esperava que ela... o quê? Formasse algum tipo de apego ao lugar?

— Você gostaria de um prêmio por permanecer fiel? — Arqueei uma sobrancelha. Ela parou bem na minha frente. Seu cheiro estava por toda parte na sala, afogando meus sentidos, e eu queria agarrá-la pelos ombros e sacudi-la. Expulsá-la, beijá-la, foda-se, gritar com ela. Todas essas possibilidades exibiam emoção e total falta de controle.

— Sam disse a você, não foi? — Ela inclinou a cabeça, me examinando. Ela se referia ao laptop de Andrew Arrowsmith. As fitas que ela deve ter assistido.

— Ele *está* na minha folha de pagamento.

— O resto da cidade também.

— Você incluída, então faça um favor a si mesma e pare de farejar meu negócio antes que eu interrompa você.

— Nós dois sabemos que não estou aqui pelo dinheiro. Agora, quero falar sobre o que aprendi.

Ela entrou com cuidado na conversa.

— Não, — eu disse categoricamente. — Você não tinha o direito.

— Não tenho direito? — Ela riu tristemente. — Eu sou sua esposa, Kill. Aceite ou não. Eu queria te ajudar. É por isso que decidi trabalhar para Andrew em primeiro lugar. Para extrair informações. Para ter um vislumbre de seu lugar mais íntimo. Eu sabia que havia muita coisa em jogo nessa operação e que você tentaria me impedir porque é muito justo para aceitar que precisava da minha ajuda.

— Seu trabalho não é me salvar.

— Por quê? — Ela colocou a mão na cintura. — Por que não é meu trabalho salvá-lo? Perdi a conta das vezes *que você* me salvou. Você me salvou de Byrne e Kaminski, de um cavalo, de uma flor venenosa, do meu ex-marido. A lista continua e continua. Por que está tudo bem para você desistir de toda a sua existência pelo mundo, para colocar as necessidades de seu pai antes das suas, para atravessar o fogo pelas pessoas de quem você gosta, mas eu não posso fazer isso com você?

— Porque você não conseguiu nada! — Explodi em seu rosto, mostrando meus dentes. — Sua linda idiota, os vídeos que você encontrou não vão se sustentar no tribunal. Eles não são evidências legais. Eles são roubados e provavelmente confusos, e não capturam seu rosto. Você trabalhou para *nada*.

A frustração de saber que ela tinha me visto no meu pior, e sem nenhuma razão, me enlouqueceu. Agarrei os braços da minha esposa. — Sua pequena façanha não fez nada mais do que



prejudicar nosso casamento de três metros, o que, a propósito, foi o pior erro da minha vida.

As palavras voaram antes que eu pudesse detê-las. Já tinha ouvido falar de pessoas dizendo coisas que não queriam dizer enquanto estavam com raiva, mas nunca tinha experimentado porque, bem, eu nunca estava com raiva. Este foi um primeiro indesejável e humanizador. Os olhos azuis de minha esposa brilharam de raiva. Eu queria me desculpar, mas sabia que todo o andar estava olhando através das paredes de vidro do meu escritório e que um pedido de desculpas não levaria a nada.

Nós terminamos.

Eu estava com defeito. Quebrado além do reparo, e ela não ficaria por aqui por tempo suficiente para tentar me consertar.

— Você não sabe o que eu descobri, — ela disse calmamente.

— Eu não me importo!

Na minha visão periférica, pude ver Hunter marchando de seu escritório para o meu. Ele acenou para longe a curiosa plateia formando do lado de fora da minha porta, lançando-me um olhar de *junte isso*.

Eu tinha oficialmente atingido o fundo do poço. Nada dizia que você era um perdedor de classe mundial mais do que o maldito Hunter Fitzpatrick dizendo para você relaxar.

Voltei minha atenção para Persephone, abaixando minha voz, mas ainda sentindo aquele tremor inegável. — Nada que você encontrou no laptop de Andrew pode me ajudar a vencer este caso. A única coisa que você fez foi dar a ele mais munição comigo. Agora ele provavelmente está dizendo às pessoas que mandei minha esposa farejar seu trabalho e fiz com que ela fizesse dois trabalhos para tentar descobrir alguma sujeira sobre ele. Você não apenas não me ajudou, mas também se colocou em risco, e eu...

Foi aí que parei. E o *quê*?

Persephone levantou uma sobrancelha, estudando-me com olhos tão famintos, se eu tivesse um coração, ele se quebraria por ela. Ela claramente queria que eu me importasse.

— E você o *quê*, hubs? — Ela perguntou suavemente. — O que teria acontecido se Andrew tivesse feito algo comigo?

Um violento estremecimento percorreu meu corpo.

O afogamento.

As queimaduras.

As surras.

Ficar trancado na cabine de confissão por horas em uma igreja escura com apenas meus demônios para me fazer companhia.

Voltando para ele, pedindo mais. Para expiar os pecados do meu pai. Para lamentar nossa amizade. Para entorpecer meus sentimentos.

E assim, me lembrei de quem eu era.

Quem Andrew Arrowsmith me fez.

Quem meu pai – minha família inteira – esperava que eu fosse.

Um sorriso sombrio cortou meu rosto como uma ferida. Inclinei-me, meus lábios roçando a orelha da minha esposa, meu hálito quente soprando em seus cabelos claros.

— E eu gostaria que ele tivesse terminado o trabalho, Flower Girl, para que eu pudesse finalmente ir em frente e me casar com alguém da minha própria liga. Você foi um erro. Um erro tolo e excitante. O divórcio não poderia vir rápido o suficiente.

Eu senti, ao invés de vê-la dar um passo para trás. Foi quando percebi que fechei os olhos como um idiota patético, inalando-a.

Com a cabeça inclinada para cima e a coluna rígida, ela puxou uma pilha de papéis de sua bolsa e bateu contra meu peito.

— Nesse caso, parabéns. Você trabalhou muito para me mostrar que Andrew o transformou em um monstro sem coração.

Considere-se livre deste casamento. Aqui está seu presente de despedida de mim. Um relatório do Serviço de Proteção à Criança considerando Andrew um pai perigoso e impróprio. Achei que pudesse ser do seu interesse, já que ele perdeu a custódia dos filhos e vai perder o emprego a seguir.

Ela respirou fundo que sacudiu todo o seu corpo minúsculo.

— Eu te amo, Cillian Fitzpatrick. Eu sempre te amei. Desde o momento em que nos conhecemos no baile de caridade, quando o vi do outro lado da sala. Você era um deus entre os mortais. Vital ainda morto. E quando você olhou para mim – quando você olhou *além de* mim – eu vi todo o meu futuro em seus olhos. Eu sabia que você era rico, bonito e poderoso. No entanto, a única coisa que eu realmente queria de você, Kill, era *você*. Para tirar as camadas, derramá-las com minhas unhas, e ter você, e amar você, e *salvá-lo*. Achei que pudesse mudar você. E eu tentei. Eu realmente fiz. Mas não posso mudar quem não quer mudar. Eu te amo, mas também me amo. E eu mereço mais do que você me deu. Mais do que você está disposto a se separar. Então, estou salvando você desta vez, por todas as vezes que você me salvou, e dizendo adeus.

Ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo frio e impessoal em meus lábios, seus cílios roçando meu nariz.

— Sempre fomos muito ruins em respeitar os limites um do outro. Quebramos nosso contrato repetidas vezes. Se você tem

um pingo de simpatia por mim nesse seu coração frio, não entre mais em contato comigo. Não importa o que aconteça, não importa o quanto você queira me dizer algo, me deixe em paz. Preciso de tempo para digerir, lamber minhas feridas, seguir em frente. Não apareça na casa da minha irmã, ou no meu trabalho, ou em qualquer lugar que eu esteja. Deixe-me superar você. Meu coração não aguenta mais um golpe.

Ela se virou e foi embora.

Deixando-me ficar com meu cartão de monopólio para sair da prisão, a prova perfeita contra Andrew Arrowsmith, e meu coração na garganta.

Bateu, alto e rápido.

Vivo.

Bravo.

E cheio de emoções.



Em vez de apagar os quinhentos incêndios que devastavam minha vida, optei por pegar o carro, dirigir até a loja de bebidas mais próxima, estocar a marca de vodka mais barata e punitiva



– o tipo que certamente me deixará com uma ressaca infernal – e dirigir para o rancho.

Fiquei bêbado com meus cavalos (bebi tudo; eles estavam lá para me vigiar pelas meias portas de suas baias), com o telefone desligado. Flower Girl finalmente terminou comigo. Missão cumprida. Agora, quando eu tinha a queda de Andrew em meu bolso traseiro, quando eu sabia que ele desistiria do processo graças a ela, tudo que eu queria fazer era cair em chamas junto com ele.

Tomei um gole da vodka, encostado na parede do celeiro, cercado de merda de cavalo.

Fechei meus olhos. Um fragmento de algumas semanas atrás jogado atrás de minhas pálpebras.

De Persephone me puxando para a lavanderia – eu não tinha ideia de onde aquele quarto era, exatamente, antes daquele momento – pulando em uma máquina de lavar funcionando, abrindo suas coxas para mim e gemendo meu nome enquanto eu a fodia com força.

Eu abri meus olhos, esfregando-os. Estava escuro lá fora. Devo ter desmaiado algumas horas atrás e apagado.

Excelente. Mais alguns meses disso e eu deveria estar bem para voltar ao meu estado anterior de dormência.

Faróis amarelos tremeluziam do lado de fora da porta aberta do celeiro. Pneus esmagaram feno lá fora. Alguém estava chegando.

Soltei a garrafa de vodka vazia, observando enquanto ela rolava até a baía de Hamilton. O idiota quase me custou uma esposa. *Fodido*.

O intruso desligou o motor, abriu a porta do motorista e saiu, o som áspero das folhas sob suas botas me irritando.

— Kill? Você está aí? — O barítono de Hunter exigiu. Desde quando meu irmão se tornou uma figura respeitável e autoritária?

— Não, — eu rosnei, sabendo que ele iria entrar de qualquer maneira.

Ele fez exatamente isso, parando na porta do celeiro com as mãos nos quadris.

— Sailor teve o bebê. Eu tenho uma filha.

Eu esperava sentir o alívio por ele não ter um filho, um herdeiro de verdade, alguém para assumir a Royal Pipelines, mas tudo o que senti foi o vazio. Eu sabia que pessoas normais ficariam felizes por seu irmão. Eu não era normal.

— Parabéns, — eu disse monotonamente. — A mãe e a filha estão saudáveis?



— Muito.

— Boa. Abri um fundo fiduciário em homenagem ao seu filho. Três mil por mês até a faculdade.

— Obrigado, mas não é por isso que estou aqui. — Ele deu um passo para dentro, fechando a porta atrás de si. — Sam descobriu que Andrew colocou Paxton Veitch no avião de volta para Boston. Foi assim que ele chegou aqui. Arrowsmith estava obviamente tentando mexer com a merda.

Paxton não era mais uma ameaça.

Ele provavelmente nunca foi uma ameaça.

A única pessoa que estava no meu caminho para ter Persephone Penrose era eu, e eu fiz um ótimo trabalho em nos manter separados.

Abri outra garrafa de vodka. Minha bexiga gritava para eu parar de beber, mas meu cérebro me incentivou a continuar até que a dormência feliz fosse restaurada.

— Eu sei, — eu disse lentamente. — Eu mesmo tirei de Paxton. Aparentemente, sou o único filho da puta qualificado para fazer a merda.

— Duvido. — Hunter suspirou.

— Por quê?

— Porque você está tentando afrouxar o fundo de uma garrafa de bebida.

Meu irmão pegou a vodka da minha mão, virando-a de cabeça para baixo. Aproveitei a oportunidade para ficar de pé cambaleante. Eu me virei e mijei. A rigor, mijar no estábulo dos cavalos estava vandalizando minha propriedade. Então, novamente, me punir parecia uma boa ideia.

Virei-me. *Ceann beag* me entregou a garrafa silenciosamente. Eu olhei para ele. Em todas as seis versões dele.

— Eu cuidei do problema do Arrowsmith, — eu disse suavemente. — Bem, minha esposa fez.

— Não é por isso que estou aqui também.

— Por que você *está* aqui? — Apertei os olhos. — Vá ficar com sua família.

Hunter tinha sua própria família. Uma *verdadeira* família, formada e moldada por ele e sua esposa. A dele não estava podre por dentro, construída sobre as ruínas de posição social, dinheiro antigo e ganância.

— *Estou* com a minha família. — Ele agarrou a garrafa na minha mão, jogando-a de lado com uma carranca. — Com a família que precisa de mim agora. E eu gostaria muito de voltar para aquela que acabei de criar, então você poderia me dizer o que diabos está acontecendo com você?

Eu ziguezagueei até a porta, abri-a e saí do celeiro. Hunter grunhiu, me seguindo. Não me passou despercebido que a situação mudou. Eu era o irmão de show de merda agora, e ele era o homem de família responsável.

— Ela salvou minha bunda, — eu disse enquanto meu irmão me rastreava pelo caminho de terra de volta à cabana principal. — Cuidou dos filhos daquele idiota. Desenterrando sujeira sobre ele. Ela fez isso por mim. Todo esse tempo, pensei que ela estava apenas se vingando de mim por ser cruel com ela.

— Você xingou, — observou ele.

Merda nenhuma, Sherlock.

E era bom demais para parar, caramba.

Já que a síndrome de Tourette era conhecida como “aquele distúrbio da maldição”, fiz questão de nunca proferir um palavrão. Não havia melhor maneira de me distanciar do estigma. Mas palavrões nunca foi meu problema. Eu nunca amaldiçoei durante meus ataques.

Naquele momento, porém, tive um caso agudo de não dar a mínima.

Não dando a mínima se as pessoas descobrissem.

Não dando a mínima se praguejar não fosse apropriado ou educado.

Não é nobre o suficiente para o herdeiro de Royal Pipelines.

— Persy está apaixonada por você, — ele resmungou, ainda me seguindo.

— Ela está apaixonada pela *ideia* de mim. — Muitas mulheres eram. — *Tudo* se resume a isso, *ceann beag*. Ela é, e sempre será, uma mulher que comprei como um saco de batatas. Ela veio com uma etiqueta de preço, como todas as mulheres antes dela. E se você pode comprá-la, você pode substituí-la. Vou encontrar outra pessoa. E Persephone? Ela vai se casar de novo também.

Hunter parou. Segui em frente, passando pela cabana, em direção ao meu carro. Eu precisava superar essa pequena festa de autopiedade, dirigir de volta para o escritório e começar a colocar as coisas em movimento.

De repente, senti algo pesado e úmido grudado nas minhas costas. Eu me virei. Meu irmão jogou estrume em mim.

— Que f...

— Seu idiota! — Ele se agachou, pegando outra bola de estrume no escuro. Eu nunca briguei com meu irmão mais novo. E definitivamente nunca fomos físicos. Não havia nada de fraterno em nós, além do título.

Ele sabia disso.

Eu sabia.

Hunter mirou - e pegou - meu ombro.

— Pare, — eu rosnei, estreitando meus olhos para ele.

Ele me ignorou, ajoelhando-se para pegar mais estrume. Um toque infantil de vingança despertou dentro de mim. Abaixei-me para pegar o máximo de estrume que pude encontrar.

— Ela nunca amou sua personalidade, idiota. — Hunter balançou o braço para trás, como um jogador de beisebol, e me pegou no peito. Mirei minha bola de merda em seu rosto, atingindo uma boa parte de seu pescoço e queixo.

Agora estávamos ambos na merda. *Literalmente.*

— Stalin tinha um personagem mais adorável, seu idiota. Ela sempre foi estupidamente... e devo acrescentar *irracionalmente...* apaixonada pela sua bunda!

Ele jogou outra bola em mim.

Eu joguei um de volta para ele.

— Ela devia muito dinheiro, — gritei de volta. — Eu paguei a dívida dela. É por isso que ela se casou comigo.

— Eu sei! — Hunter riu histericamente, abandonando o estrume e se lançando sobre mim. Ele me jogou no chão, torcendo as lapelas do meu blazer enquanto me prendia. — Eu

sei, porque depois da noite em que Persy veio aceitar sua oferta na nevasca, eu bati na porta dela. Eu sabia que tinha que consertar. Não para ela ou para você, mas para minha esposa. Não queria que nada aborrecesse Sailor tão cedo na gravidez. Persy me contou sobre sua dívida. Eu me ofereci para pagar integralmente e passei um cheque bem na frente dela.

Pisquei para ele, confuso e desapontado comigo mesmo por querer ouvir o resto, o sangue trovejando na minha cabeça.

— Você escreveu um cheque? — Rosnei. — A sua geração não é Venmo⁴³?

Ele abaixou a cabeça para mim, seus olhos queimando de raiva. — Ela rasgou a cadela na frente da minha cara e me disse que ela estava se casando com o seu traseiro. Ela *queria* se casar com você! Estipulações e baboseiras incluídas. Agora, minha pergunta é: como você conseguiu perdê-la? Como você deixou a única garota que você amou apenas... ir?

— Eu não...

— Claro que você faz! — Ele bateu minha cabeça contra a terra. Eu me virei, agarrando-o pela camisa e rolando-o, mudando nossas posições para que eu estivesse em cima dele agora.

⁴³ Serviço gratuito para fazer pagamentos online.

— Seu tolo, qualquer um com um par de olhos ativos poderia ver que você é louco por ela. Você não poderia olhar Persephone nos olhos como uma criança de seis anos desde que a conhece. Você não conseguiu comparecer ao maldito casamento dela. Você está sofrendo por ela desde o momento em que a viu. Você a deixou ir por causa de suas inseguranças estúpidas. Por estar tão convencido de que é o Hades, condenado, sombrio e irrecuperável, você nem se preocupou em ler o mito até o fim.

Ele estendeu a mão para envolver os dedos em volta da minha garganta, pressionando, drenando o oxigênio de mim.

— *Persephone!* — Ele apertou com mais força.

— *Apaixonada!* — Ele me sacudiu pelo pescoço.

— *Hades!*

— Eu não a a-a-a-amo. — Eu puxei, caindo em seu rosto com meus punhos. Engasgando. Perdendo.

Hunter sorriu apesar da dor.

— Diga mais alto, — ele sussurrou.

— Eu não a a-a-amo, caramba! — Eu dei um soco nele novamente. Desta vez, sua mandíbula.

— Mais alto.



— Você é um idiota? — Eu não sei porque fiz essa pergunta. Eu já sabia muito bem que meu irmão possuía a inteligência de um peru. Um recheado de porra, para falar a verdade. — Eu não amo minha esposa.

Ele me deu um soco de volta, rindo. Rolamos no chão, batendo um no outro, puxando os cabelos, cutucando os olhos, xingando e grunhindo como dois homens das cavernas.

Como dois *irmãos*.

Continuei dizendo que não a amava, e Hunter continuou gargalhando como se isso fosse a coisa mais engraçada que ele já tinha ouvido.

Eu não sabia quanto tempo havia passado, mas quando terminamos, nós dois parecíamos e cheirávamos a merda de cavalo.

Ofegando e suando, estávamos cobertos de lama e estrume da cabeça aos pés.

Hunter foi o primeiro a se levantar e voltar para o carro.

— Peça desculpas, — exigi para suas costas. Ele me dispensou.

— Irmãos não se desculpam. Eles apenas começam a agir bem um com o outro. Agora, você não vai dirigir a lugar nenhum depois de engolir uma garrafa de vodka. Coloque sua bunda no



meu carro. Vou jogar você no chuveiro e levar você para ver sua sobrinha.

Abri minha boca para dizer algo. Mesmo que ele não pudesse me ver, ele ainda ergueu a palma em advertência.

— Salve, mano. Eu não me importo. E se você está preocupado em ver sua ex-esposa no hospital, não faça isso. Quando chegarmos lá, ela estará no trabalho. Você nem perguntou qual era o nome da minha filha. — Ele abriu a porta do motorista de seu Audi.

— Qual é?

Por favor, não deixe ser Grinder ou Nature Valley.

O sorriso que apareceu em seu rosto ameaçou quebrá-lo em dois.

— Rooney.

Vinte e Três



Cillian

Fui até a casa de Andrew Arrowsmith assim que beijei minha nova sobrinha, Rooney, olá.

Ela era uma bola rosa com uma cabeça cheia de cabelos ruivos assim como sua mãe e olhos azuis como seu pai. Os pulmões, ela provavelmente herdou de Michael Phelps. A criança poderia explodir do telhado com seus gritos.

Ao todo, Rooney foi um dos bebês mais fofos que eu vi e uma adição bem-vinda à família.

Apreciei como Sailor se absteve de apontar que eu era um lixo humano completo e absoluto pelo que fiz à sua melhor amiga. Ela aceitou meus parabéns com um sorriso morno, embora fosse óbvio que eu era o responsável pelo fato de seu marido ter voltado para seu quarto de hospital espancado até uma polpa e ostentando duas olheiras.

Algumas horas depois, peguei Andrew cambaleando de sua porta da frente para um caminhão U-Haul com uma caixa de

papelão debaixo do braço. A calça de moletom suja e o cabelo desgrenhado estavam muito longe de seu traje usual de menino bonito.

Estacionando atrás do U-Haul e bloqueando seu caminho, deslizei para fora do meu Aston Martin, meus óculos de sol e terno novo escondendo minha condição nada limpa.

— Movendo-se tão rápido, Arrowsmith? Nós nem tivemos a chance de tomar um brunch.

Ele jogou a caixa de papelão a seus pés, gemendo.

— Vou entregar minha demissão amanhã. Eu tirei um tempo para me mudar, como você pode ver. — Ele acenou para o caminhão, insinuando que eu estava atrasando seu progresso.

— Não funciona para mim, infelizmente, — eu *disse*, examinando o caminhão meio cheio. — Você vai entregar sua demissão no final do dia de trabalho e desistir do processo às três horas. Se não, vou processá-lo por cada centavo que gastei em taxas legais desde que essa merda começou.

Seu queixo caiu.

Sim, eu amaldiçoei.

Não, eu não estava mais com medo de que a verdade aparecesse.

Eu já tinha perdido a coisa mais valiosa que tinha “minha esposa” e a opinião de qualquer outra pessoa sobre mim não importava. Muito menos a dele.

— Por quê? — Ele perguntou, erguendo a cabeça para trás para olhar para mim. — Por que eu faria as coisas do seu jeito? Tudo o que sua esposa desagradável tem sobre mim é um relatório ruim de um assistente social.

A velocidade com que o prendi ao caminhão pela garganta o fez engasgar.

— Sua boca não é digna de se referir à minha esposa, muito menos chamá-la de desagradável.

Asfixiado, ele enrolou os dedos em volta do meu pulso, que era a largura de seu pescoço. Me irritar não foi sua melhor ideia este ano. Infelizmente para ele, ele percebeu isso tarde demais.

Andrew ficou rosa, depois roxo antes de eu aliviar a pressão em sua traqueia.

— Quanto à sua pergunta; É mais do que um relatório, e nós dois sabemos disso. Você está abusando de uma criança com transtorno. Seu *próprio* filho. E não vamos esquecer a carga da bateria pelo que você fez com sua esposa. Isso não é muito *caridoso*, não é, Andy?

Eu li o relatório contra Arrowsmith a noite toda, uma e outra vez, resistindo ao impulso de pegar o telefone e implorar perdão

à Persephone. Ela fez um trabalho completo entregando-me meu inimigo em uma bandeja de prata.

Andrew cedeu, respirando com dificuldade.

— Eu não estava... eu não... — Ele balançou a cabeça, virando as costas para mim, colando a testa na caminhonete e fechando os olhos. — Eu amo o Tinder. Eu só não sabia por que eu. Por que isso aconteceu com meu filho? Como era justo que eu tivesse que criar uma criança tão complicada quanto o homem que eu mais odiava...

Eu.

— Meu único pecado foi ser filho do homem que machucou sua família.

Ele se voltou para mim.

— Bem, odiá-lo era inútil, não era? Ele tinha um bom motivo para fazer o que fez com meu pai. Além disso, não era como se eu tivesse qualquer acesso a ele. Você representava os Fitzpatricks. Você era a pessoa que eu via dia após dia. Eu me senti traído e jogado. Nossos caminhos, que sempre foram paralelos, agora se bifurcam em direções diferentes. Eu me senti privado. Privado de oportunidades e perspectivas e um futuro que eu merecia.

Ele respirou fundo, inclinando a cabeça para o céu.

— Eu costumava me revirar na cama esperando que os Fitzpatricks me adotassem. — Houve uma pausa. — Meu desejo... minha fantasia... era ser você. E quando descobri que você era menos do que dourado, menos do que *mo òrga*, usei isso a meu favor.

Eu desviei o olhar, estalando os nós dos dedos. Eu estava experimentando uma série de emoções negativas em relação a Arrowsmith, do ressentimento à pena.

Eu estava sentindo de novo, quisesse ou não.

— Você e eu, estávamos no negócio da dor. Mas com o Tinder... — Andrew esfregou o rosto. — Nunca percebi que o estava machucando. Achei que estava ajudando-o. Sua esposa disse que isso vai passar se eu fizer terapia três vezes por semana e morar em uma casa diferente. Dei a custódia total para Joelle ontem de manhã. Eu só posso ver meus próprios filhos enquanto supervisionado agora.

Minha esposa era fantástica *pra* caralho. Era difícil acreditar que a tinha confundido com uma garota nervosa e inocente que não conseguia se defender.

Persephone era a deusa da primavera e a rainha do submundo.

— Você tem até o final do dia, — eu repeti, dando um passo para trás. A necessidade de sair fez as solas dos meus pés

coçarem. Eu tinha lugares melhores para estar. Coisas melhores para fazer. Todos eles conectados ao que importava. Para a pessoa que importava. — Retire o processo e renuncie, em seguida, escreva um extenso comunicado de imprensa beijando minha bunda e admitindo seus erros.

Virei-me para sair, sabendo que ele jogaria em minhas mãos.

— Cillian, — Andrew gritou. Eu parei, sem me virar.

— Como você fez isso? — Ele perguntou. — Aprendeu a sentir de novo.

Tive um palpite de que sabia por que ele estava me fazendo essa pergunta.

Que, na verdade, não fui a única pessoa que aprendeu a parar de sentir no processo que passamos juntos naquele ano na Inglaterra.

Andrew também estava ferido e machucado.

Balancei minha cabeça enquanto deslizava de volta para o meu carro.

— Eu não fiz, — eu murmurei. — Ela me ensinou.



Dirigindo de volta para minha casa, percebi que havia tirado dois dias inteiros de folga do trabalho, mais do que desde que terminei a faculdade. Subi para o meu escritório e peguei o contrato. Aquele em que eu entreguei minha alma à Persephone.

Eu ia deixar para ela no correio. A correspondência de Emmabelle. Persephone voltou para a casa de sua irmã ontem, depois de visitar meu escritório.

Tentei implementar regras, termos e condições para que minha esposa tivesse minha alma. Nunca levando em consideração o fato de que a maldita palavra com A não pedia permissão para ser sentida.

Não importava o que eu queria dar a Persephone.

Porque meu amor por ela era um dado adquirido.

E era hora de ela saber disso.

Vinte e Quatro



Persephone

— Este veio pelo correio para você. — Belle jogou um envelope grosso sobre a mesa da cozinha enquanto se dirigia ao chuveiro, esticando os braços.

Eram sete da manhã. Eu tinha tomado banho, estava vestida e pronta para trabalhar. Eu não tinha conseguido dormir na noite passada, ou na noite anterior.

Desde que deixei Cillian, eu mal conseguia funcionar, mas sabia que tinha que deixá-lo ir.

Por ele.

Por mim.

— Não se esqueça, nós prometemos visitar Sailor às cinco. Deixe-me saber se você quiser que eu vá buscá-la no trabalho. — Belle foi para o banheiro depois de uma longa noite de trabalho. Nem é preciso dizer que deixei o Telsa de volta ao apartamento que Kill me deu.



Pegando o envelope, eu fiz uma careta.

Virei para frente e para trás antes de abrir a coisa.

Meu contrato de compra de almas estava lá, devidamente assinado, autenticado e apostilado.

Meu coração martelou contra minhas costelas. Desdobrei o contrato com dedos trêmulos. Quando uma nota escapou dele, reconheci os traços longos e ousados de meu marido.

Minha alma é sua.

Sem termos anexados.

Avise-me se tiver alguma condição para mantê-lo.

Eu vou conhecer todos eles.

Cillian

Lágrimas encheram meus olhos.

Kill não acreditava em almas. Ele estava me dando algo que não tinha valor para ele. Por mais que quisesse acreditar, sabia que não deveria. Cada vez que escolhi o otimismo ao invés do realismo em nosso relacionamento, eu me queimava.

Oferta e procura.



Não que *eu* não acreditasse que ele tinha alma. Não questionei a existência do que ele me ofereceu. Mas enquanto rasgava o contrato em pedaços, jogando-o na lata de lixo, comecei a seguir as pegadas da mente de Cillian.

Ele sabia que Sailor dera à luz Rooney.

Imaginei que a espada estava perto de seu pescoço, que era apenas uma questão de tempo até que Hunter produzisse herdeiros homens.

Ele me queria de volta em sua casa.

Volte, ponto *final*.

Usar.

Para tirar suas pedras.

Para impregnar e descartar.

Eu não estava caindo em sua teia de aranha. Ele me salvou. Eu o salvei. No que me dizia respeito, tínhamos acertado as contas.

Era hora de nós dois seguirmos em frente.

Virei-me, peguei minha bolsa e corri para a bicicleta que havia estacionado do lado de fora do prédio.

Nada dele era mais meu.



No dia seguinte, recebi uma mensagem de texto do meu marido logo pela manhã.

Tive que esfregar meus olhos duas vezes para ter certeza de que não estava tendo alucinações. Ele nunca me mandou uma mensagem. Pelo menos, ele nunca iniciou os textos. Prossegui com cautela, me perguntando o que ele tinha me enviado.

Era a imagem de uma nuvem flutuando em um céu claro.

Cillian: *Sua tia me fez uma visita. Ela me disse que eu era uma vadia. Eu não discordo.*

Cillian: *Jante comigo.*

Soltei uma risada.

Ele era mau, mas estava tentando, e o fato de que ele fez meu coração derreter, não importa o quanto eu soubesse que precisava deixá-lo.

Belle se espreguiçou ao meu lado na cama, deixando escapar um leve ronco.

— Kill?

— Sim. — Pressionei o telefone contra o peito, sentindo-me protetora com ele mesmo depois de tudo o que aconteceu.

— Não responda. — Ela balançou a cabeça. — Ele precisa suar um pouco. Veja se você tem uma espinha dorsal.

Excluí a mensagem antes que a vontade de responder vencesse e continuei meu dia.



Seis semanas se passaram.

Seis semanas, treze fotos de Cillian de tia Tilda no céu e um pedido de encontro.

Agora, com o processo fora de cogitação, Kill teve tempo de colocar seu plano de herdeiro em alta velocidade.

Nunca respondi a nenhuma de suas mensagens.

Não se tratava de punir meu marido; era para ter certeza de que eu protegeria minhas próprias costas. Recusei-me a ser possuída, mesmo que, inicialmente, tivesse sido comprada.

Seis semanas depois que Rooney Fitzpatrick veio a este mundo, preenchi meus papéis do divórcio.

Sentei-me no escritório da advogada da família que cheirava e sangrava dos anos oitenta, sentindo os olhos dela em mim o tempo todo enquanto eu assinava toda a papelada.

— Tem certeza que quer fazer isso? — Ela perguntou pela milésima vez, deixando escapar uma tosse de fumante. Ela me lembrou a agente de Joey da série Friends, Estelle. — Quero dizer, você não vai ouvir nenhuma reclamação minha. Estou recebendo meus honorários, mas os Fitzpatricks não são uma família ruim para se casar, criança.

— Tenho certeza. — Assinei a última página, empurrando-a sobre a mesa em sua direção. — Você pode enviar para ele, por favor?

Ela balançou a cabeça.

— Desculpa. Seu cônjuge deve ser servido pessoalmente. E tem que ser por um xerife, que vai dar a prova por meio da devolução do serviço.

Um xerife.

A lista de pessoas que eu conhecia que pagariam um bom dinheiro para assistir Cillian receber os papéis do divórcio pela aplicação da lei era mais longa do que *Guerra e paz*. Mas eu não queria causar mais problemas ou humilhação ao Kill.

— É realmente necessário?

Ainda esta manhã, Cillian me deixou outra mensagem com uma nuvem.

Cillian: *Falei com sua tia (se você contar a alguém que conversei com uma nuvem, vou negar). Ela disse que eu deveria levá-la em uma lua de mel. Comprei ingressos.*

Ele parecia indiferente. Ao mesmo tempo, apreciei ele me dando meu espaço. Ele nunca apareceu na minha porta ou invadiu minha vida como costumava fazer.

— Sim, — disse a advogada, balançando a cabeça como um cachorro de painel. — Talvez você devesse falar com ele se você está tão insegura. Se você vai se divorciar de um homem, pelo menos dê a ele a cortesia de esperar por isso.

Levantei-me, recolhendo os papéis.

— Eu vou notificá-lo.

Eu precisava.

Eu não continuaria em um casamento sem amor.

Mesmo que fosse pelo amor da minha vida.



— Posso ligar as notícias locais? — A Sra. Gwen pegou o controle remoto de uma das mesas redondas na sala dos professores, apontando-o para a televisão e mudando o canal de esportes. Alguns professores gemeram em protesto.

Cutuquei meu macarrão no micro-ondas, sentada no fundo da sala, tentando não pensar em como Belle tinha prometido entregar os papéis do divórcio para Cillian assim que ela acordasse hoje, que deveria ser por volta das duas da tarde.

Não pude prosseguir com a coisa do xerife. Eu simplesmente não conseguia imaginar colocá-lo nisso. A humilhação. O constrangimento. A publicidade de tudo isso.

Ainda assim, o limbo teve que parar. Eu tive que seguir em frente.

— O que vamos assistir? — A Sra. Hazel se sentou ao lado da Sra. Gwen e eu, colocando sal e vinagre na boca. — Espere, isso é uma conferência de imprensa?

— Notícias de *última* hora. — A Sra. Michelle parecia surpresa. Mantive minha cabeça baixa enquanto eles aumentavam o volume. Eu ouvi o murmúrio do pessoal da imprensa antes de uma conferência, e então as intensas vozes abafadas e cliques altos das câmeras quando a pessoa que estava falando subiu ao palco. Recusei-me a tirar os olhos do prato que nem estava comendo. Eu tinha essa coisa de novo onde eu sabia

que se eu fizesse um movimento – mesmo subisse meu olhar alguns centímetros – as lágrimas começariam a cair.

— Ei, Pers, o que o seu cara gostoso está fazendo no noticiário? — Sra. Michelle tocou.

— Quebrando o coração de seus pobres colegas, é isso que ele está fazendo. — Sra. Gwen riu. — Ênfase na palavra *pobre*. O que você ainda está fazendo aqui, Persy? Você não recebeu o memorando que carregou?

— Ora, olá, querido, — assobiou a Sra. Regina para a tela da TV de uma maneira que eu sabia que Cillian odiaria. — Você pode arruinar meus recursos naturais em *qualquer* dia da semana.

— Senhoras e senhores, muito obrigado por terem vindo aqui hoje. Como mencionei, esta declaração será breve e, como meu temperamento, curta.

Meus olhos saltaram da minha comida congelada. Minha garganta travou.

Cillian estava parado lá. Meu marido – pelo menos por enquanto – em um de seus gloriosos ternos cinza-escuros, cabelos escuros e sedosos e a expressão encapuzada de um predador à espreita. Ver seu rosto novamente me lembrou por que insisti que ele nunca me procuraria. Isso me desarmou completamente.



A voz dele. Sua presença. Seus olhos âmbar esfumaçados.

As câmeras clicaram com entusiasmo. Foi bizarro ver o homem com quem passei inúmeras noites na tela da televisão, entregando uma mensagem para a cidade de Boston.

Ele estava anunciando nosso divórcio?

Belle já o servia?

— Apesar de provar ser um grande recurso financeiro e revelar grande potencial para obter mais petróleo, a Royal Pipelines decidiu interromper as perfurações de exploração do Ártico imediatamente e indefinidamente. Todas as plataformas programadas serão fechadas, os planos futuros serão arquivados e os testes em execução atuais deixarão de operar a partir de — ele ergueu o braço, verificando seu relógio de designer com uma carranca — exatamente quinze minutos a partir de agora.

Murmúrios e suspiros explodiram na sala de mídia da Royal Pipelines. Jornalistas e repórteres gritaram perguntas sobre o Green Living, Andrew Arrowsmith, e o possível conflito com o Greenpeace, que havia rumores de que continuaria o processo onde Arrowsmith parou.

Meu coração bateu tão rápido que pensei que fosse desmaiar.

Kill ergueu a mão com indiferença, interrompendo o fluxo de perguntas.

— Como disse, o comunicado será breve e não responderei a perguntas. Além de interromper todas as ações de plataformas de petróleo, a partir desta tarde, também sou o orgulhoso proprietário das áreas árticas circundantes, que mostraram potencial e promessa de descoberta de petróleo, o que significa que a Royal Pipelines atualmente detém todas as reservas e opções para qualquer pessoa perfurar no Ártico. Sempre.

— Vou explorar opções mais limpas em minha tentativa de aumentar o capital da Royal Pipelines e ainda estou comprometido em empregar dezenas de milhares de americanos. Na verdade, gostaria de informar aos nossos investidores que já coloquei minhas mãos em algo muito mais lucrativo do que o Ártico e não tão destrutivo.

O sorriso vitorioso de vilão que ele disparou para a câmera era de alguém que estava tendo um momento de xeque-mate, não alguém que acabara de desistir de sua operação principal. Mas esse era Cillian. Sempre três passos à frente do jogo.

— O motivo da minha decisão executiva não tem nada a ver com o Green Living. Como vocês sabem, a Green Living decidiu desistir do caso contra a Royal Pipelines. Até hoje, ninguém havia conseguido pegá-lo e carregá-lo. O motivo da minha decisão é totalmente pessoal.

— Como alguns de vocês sabem, casei-me há menos de um ano. Uma das coisas que minha esposa me ensinou foi ouvir. Sou

eu ouvindo o que ela tem a dizer. Ela tem sido abertamente contra perfurar no Ártico durante nosso breve casamento. — Ele fez uma pausa, torcendo a boca severamente. — Ela dirige um Tesla, você vê.

Os jornalistas e fotógrafos explodiram em gargalhadas. Alguns colegas me lançaram olhares curiosos. Meus colegas sempre me perguntavam o que eu estava fazendo aqui. Como se acordar para o trabalho fosse algum tipo de punição. Como se eles não sentissem falta de nossos alunos se parassem de trabalhar. Eu praticamente ignorei, mas a verdade é que gostava de manter meu emprego porque não sabia se Cillian iria *me* manter.

Tentei piscar para conter as lágrimas, desviando meu olhar da TV.

Eu disse a ele para não entrar em contato comigo, e ele continuou encontrando maneiras novas e criativas de entrar em contato comigo.

Levei meses para virar as costas para nós, mas nunca levei em consideração que pode haver uma virada de jogo.

Que Cillian possa acordar e lutar por nós.



Cillian

— Alguém interessado em ouvir uma piada sobre aquela época em que Kill perfurou o Ártico, mas parou porque alguém descongelou seu coração gelado?

Hunter bufou quando eu saí do palco, andando atrás de mim. Devon o seguiu.

— Não, — Devon e eu latimos em uníssono.

Hunter concordou. — Ok. Boa conversa.

Escorregamos pela porta dos fundos, pegando o elevador de volta ao andar da administração. Fiquei checando meu relógio, imaginando quando seria o momento apropriado para tentar ligar para minha esposa. Eu finalmente entendi. Como era horrível ser ignorado. Eu ignorei Persephone por meses quando a tive na minha cama, doce e disposta.

Seus textos, suas palavras, suas observações peculiares. Eles eram todos meus.

Agora eu tinha que fazer a perseguição, e tinha que admitir, eles não estavam brincando quando chamavam *Karma* de vadia.

O elevador apitou. Caminhei até meu escritório, acenando para Hunter ficar o mais longe humanamente possível de mim.

Eu era um filho da puta mal-humorado atualmente. Amaldiçoei. Gritei para os funcionários. Fiz um monte de coisas mortais a que as pessoas não estavam acostumadas de mim. Outro dia, eu disse *foda-se* enquanto jogava golfe com meu pai. Ele quase teve um derrame.

Falando em *Athair*, vi o velho idiota andando de um lado para o outro na sala de reuniões com o canto do olho e fiz uma curva rápida e brusca em direção a ele. Uma TV no alto reproduzindo minha coletiva de imprensa dançava na parede atrás dele. Olhando mais de perto, vi que mamãe também estava lá, empoleirada em uma das poltronas perto da mesa em formato de rim, arrumando a maquiagem.

Abri a porta, fechei-a e esperei a tempestade. Não tive que esperar muito.

— Seu pequeno pedaço de...

— Eu não terminaria essa frase se fosse você. — Levantei minha palma aberta, com um sorriso fácil no rosto. — Você está falando com o CEO da Royal Pipelines. Desrespeite-me e você será escoltado para fora do meu prédio.

— *Seu* prédio? — Ele gaguejou. — Essa é boa. Não. Você nunca faria isso, — meu pai cuspiu. Eu não tive que agradecer isso com uma resposta. Ele já sabia que eu era capaz de praticamente qualquer coisa.

Ele caiu em um dos assentos, agarrando a cabeça com as mãos, sacudindo-a. — Eu não entendo.

— Não tenho obrigação de fazer sentido para você, — informei a ele.

— A Green Living desistiu do processo. Esta poderia ter sido a operação de plataforma de petróleo mais lucrativa do mundo. Quero dizer, foi *você* quem pressionou por isso. Você era o chefe de pesquisa. Você passou três malditos meses vivendo em um iceberg, gerenciando este projeto de perto. Este era o seu bebê, Cillian.

— Sim, — eu disse. — E agora estou interessado em outro bebê. Um humano. É por isso que gostaria que minha esposa estivesse o mais contente possível.

— É disso que se trata? — A mãe saltou, justificando finalmente o consumo de oxigênio na sala. — Querido, nós apreciamos você se casar com essa... essa garota doce e *comum*, mas há outras por aí. Tão bonitas quanto, e não vão interferir nos seus negócios. *Eu* não interfiri nos negócios do seu pai.

— Não, — concordei. — Você também tinha merda a dizer sobre qualquer coisa, desde nossa criação até nossa educação. Correndo o risco de soar desrespeitoso – o que, aliás, fico feliz em aceitar – não quero o seu tipo de casamento. Parece horrível, por dentro e por fora. Eu não quero o *administrável*. Não quero que

minha esposa seja o fantasma de uma mãe. Sim, mulher. Um adereço. E eu gosto muito da minha esposa comum, mãe.

Mais do que como ela.

Persephone sacrificou mais por mim em nosso breve casamento do que mamãe desde que nasci.

— Isso supera todo o propósito de você se casar! — Meu pai trovejou, levantando-se de um salto. — Perdendo esta oportunidade de 1,4 bilhão de dólares por uma... por uma...

— Diga. — Eu sorri. — Por uma boceta, certo? Nenhum outro órgão do corpo de uma mulher conta para você. Muito menos um coração.

Para mim também não. Não até recentemente.

— Sim! — Meu pai explodiu, jogando os braços para o alto, o rosto vermelho, uma gota de saliva manchando seu lábio inferior. — Se eu soubesse que era esse o caso, nunca teria pressionado você a se casar.

— Estou feliz que você fez. — Abri a porta de vidro. — Este casamento me ensinou uma lição importante. Uma lição que Evon, Yale e Harvard combinadas não conseguiram. Agora, permita-me aplicar algumas das conclusões a que cheguei nos últimos meses e jogá-lo para fora do meu escritório – sim, *meu* escritório, se eu dedicar 60 horas de trabalho por semana, sou eu quem está chamando injeções – com esta dica: nunca, *nunca*



me diga o que fazer com meu trabalho, minha vida e meu casamento.

Empurrei meu queixo para fora da porta. Meus pais me encararam com os olhos arregalados.

— Continue. Você sabe como usar as pernas, não é?

Afastou-se de mim várias vezes em suas vidas, fiquei tentando a acrescentar.

Os olhos da minha mãe brilharam enquanto ela tentava se recompor enquanto *Athair* mantinha uma expressão solene e digna. A linha foi traçada. Eles começaram a sair do escritório. Minha mãe parou na porta e segurou meu rosto, olhando para mim.

— Sinto muito, — ela sussurrou, sua voz tão suave que só eu podia ouvi-la. — Sinto muito por tudo. Você está certo. Você merece coisa melhor do que nós fizemos de nossas vidas, Cillian.

Eu beijei sua bochecha. — Tudo perdoado.

— Mesmo?

Eu dei a ela um breve aceno de cabeça. — Agora saia.

Em seguida, foi a vez de meu pai parar na porta. Seus olhos se enrugaram com uma mistura de aborrecimento e deleite.

— *Mo òrga*. — Ele inclinou a cabeça. — Você continua me surpreendendo com sua força. Seu irmão sempre foi um curinga, mas fácil de decifrar. É por isso que libertei a garota Brennan sobre ele. Sua irmã... bem, ela é uma santa com a qual não preciso me preocupar, mas com você. — Ele inalou, fechando os olhos. — Você era meu filho machucado, o que o tornava muito mais perigoso porque nós dois sabíamos que você poderia sobreviver a qualquer coisa. Você acha que eu não sei, — ele sussurrou em meu ouvido, chegando perto, muito perto. O mais próximo que ele já esteve de mim fisicamente — mas eu sei. Eu sei sobre seus demônios, Cillian. Os mesmos vivem no porão do meu coração. A única diferença é que você parecia ter matado o seu. Bom para você, filho.

Desorientado e precisando de uma bebida forte, caminhei até meu escritório.

— Senhor. Fitzpatrick! — Sophia saltou de sua estação, correndo em minha direção assim que saí da sala de reuniões. — Você tem uma visita.

— Quem?

— Senhorita Penrose.

— Chame-a assim mais uma vez e você estará permanentemente na lista negra de trabalhar em qualquer empresa respeitável de Boston.

Obrigando-me a manter meus passos regulares, caminhei para o meu escritório, encontrando Emmabelle Penrose sentada na minha cadeira executiva, suas longas pernas dobradas sobre a minha mesa cromada. Ela usava um par de Louboutins que eu tinha certeza que pertencia à minha esposa, uma saia lápis e uma blusa que não deixava muito para a imaginação.

E o dia continua cada vez melhor.

— Deixa *para* lá. Irmã errada. — Acenei para Sophia, abrindo a porta de vidro e fechando-a atrás de mim. Inclinei um ombro contra a parede de vidro, enfiando minhas mãos nos bolsos da frente.

— Cillian! Como a vida está te tratando? — Emmabelle ronronou, erguendo os olhos do telefone.

— Como se eu tivesse fodido sua filha menor de idade, e agora é por vingança, — eu respondi suavemente, empurrando a parede e me sentando na frente dela. Eu era – e sempre seria – imperturbável por todo o seu ato de Dita Von Teese com esteroides. Seu grito por atenção caiu em ouvidos surdos no meu caso.

— Pés fora da mesa, — instruí. — A menos que você queira quebrá-los.

— Oh, querido, alguém está de mau humor. — Ela tirou as pernas da minha mesa, jogando sua bolsa Prada feia de segunda

mão em cima do meu laptop. Resisti à vontade de jogá-la pela janela. Eu duvidava que isso me ganhasse algum ponto com minha esposa. — Receio que as coisas vão de mal a pior.

— Sinceramente, duvido que haja espaço para deterioração, — retruquei.

— Então estou aqui para provar que o céu é o limite, baby. — Ela tirou algo de sua bolsa – uma pilha de papéis – e deslizou pela minha mesa com sua unha vermelha pontuda. — Você foi servido.

Eu não toquei nos papéis. Olhei para baixo e vi a letra de minha esposa. Sinuosa. Romântica. Pequena. Como ela.

Por um segundo, a tentação de não sentir foi avassaladora.

Para rir disso.

Para expulsar Emmabelle.

Para mostrar a ela que eu não me importava.

Então me lembrei que era exatamente por isso que eu tinha que lutar para ter minha esposa de volta.

— A resposta é não, — eu disse suavemente, estalando os nós dos dedos debaixo da mesa. — Eu disse à Persephone que o divórcio não era uma opção. É cafona, traz má publicidade e, além disso, ela ainda não cumpriu sua parte no trato.

— Você percebe que não é Deus, certo? — Emmabelle inclinou a cabeça para o lado. — Você não pode simplesmente estalar os dedos e fazer as pessoas entrarem na fila.

Eu a encarei. — Prove.

— Ela não quer mais você.

— Eu posso mudar sua mente.

— O que te faz pensar isso? — Belle sorriu, seus olhos brilhando.

— Ela me queria antes mesmo de eu tentar. Agora que pretendo fazer um esforço, ela não vai conseguir resistir a mim. De qualquer forma, nós dois sabemos que você está saindo daqui com a petição de divórcio se eu tiver que alimentá-la com isso. Isso não tem base legal. Você não é o xerife e eu não sou um cara que você pode empurrar. Se for ao tribunal, vou pedir ao juiz a terapia do casal – e vou recebê-la – visto que estamos casados há um curto período e nenhum adultério ou abuso ocorreu.

— Isso foi o que eu pensei. — Emmabelle riu, retirando os papéis da minha mesa e colocando-os de volta em sua bolsa. — Olha, eu não sou sua maior fã por vários motivos. No topo deles está o fato de que você planejou trancar minha irmãzinha em um McMansion suburbano e fazer com que ela produzisse herdeiros para você enquanto você ficava aqui e vivia uma grande vida. Mas

passsei a aceitar que, apesar de suas deficiências sociopatas, você realmente aprendeu a amá-la. Estou certa?

Havia muitas coisas ofensivas na ponta da língua, mas Emmabelle estava em vantagem hoje. Eu tinha que deixá-la ter seu dia ao sol, mesmo se eu quisesse queimá-la.

— Sim, — eu concordei mal-humorado. — Eu amo muito sua irmã.

Tanto que dói pra caralho.

— Bem, talvez seja hora de dizer a ela como você se sente. — Belle se levantou, pegando sua bolsa e jogando-a sobre o ombro. — Você tem se desculpado pela coisa errada o tempo todo. Persephone não te deixou porque você é um idiota. Heck, tenho certeza que é metade do seu charme. Ela o deixou porque acha que você é incapaz de sentir. Prove que ela está errada.

— Como diabos posso fazer isso, já que não devo vê-la?

— Quem disse? — Ela piscou surpresa.

— Ela disse, — rosnei. — Ela me disse para não ir atrás dela.

— Desde quando você escuta o que minha irmã diz? Uma das coisas que ela adora em você é que você faz o que quiser. Sempre.



Claro, a única vez que decidi obedecer, foi para a porra da instrução errada.

Minha cunhada bateu no meu ombro ao sair do meu escritório.

— Vá buscá-la. Ela está esperando, e estou ficando cansada de levar minhas aventuras de volta para seus apartamentos porque ela está na minha cama.

Era hora de quebrar mais uma promessa.

Vinte e Cinco



Persephone

— Há uma nuvem em nosso quintal! — Dahlia, uma de minhas alunas, engasgou, apontando seu dedo gordinho para fora da janela atrás de mim.

— *Uau!* — Os olhos de piche de Reid se arredondaram, suas pupilas dilatando como dois respingos de tinta. — Essa é uma nuvem gigantesca e *monstruosa*.

— Agora, amigos, — eu disse por cima da borda do livro que estava lendo. Eles se sentaram ao meu redor no tapete colorido do alfabeto. A névoa lá fora os distraiu. — Crisscross appleuce⁴⁴. Todos se sentem e prestem atenção na história. Precisamos terminar de ler sobre Paddington participando da Busy Bee Adventure Trail antes de podermos brincar ao ar livre.

— Coletar palavras com B é B-o-r-r-i-n-g⁴⁵! — Noah soletrou a palavra errada, jogando seus membros no tapete em frustração.

⁴⁴ Postura em que as crianças se deitam de barriga para baixo com as pernas cruzadas, cotovelos dobrados, e de frente para a professora que vai contar uma estória.

⁴⁵ Boring, significa “chato”, porém a criança soletrou errado, com 2 erres.

— Mamãe diz que os professores não são muito espertos, ou não seriam professores. Quero brincar com a nuvem gigante!

Bem, Noah, mamãe é B de bitc⁴⁶...

— Por favor! — Dahlia chorou.

— Oh, Sra. Persy! — Reid choramingou.

As crianças me cercaram, rastejando no meu colo enquanto pressionavam as mãos suplicantes. — Por favor, por favor, podemos brincar com a nuvem? O bom homem quer tanto que nos juntemos a ele. Olhe para ele brincando sozinho.

O bom homem?

Brincando sozinho?

Pensando que agora era um ótimo momento para chamar a polícia e fazer uso do meu spray de pimenta, chicoteei minha cabeça, meu queixo caiu.

Meu marido – que de acordo com Belle recusou os papéis do divórcio ontem e a expulsou de seu escritório – estava de pé no quintal do Little Genius, mangas enroladas, cabelo despenteado, um joelho no chão enquanto criava uma nuvem enorme, branca e solitária que flutuava acima de sua cabeça. Era do tamanho de

⁴⁶ B de bitch (cadela, vadia).



um balão de ar quente. Grande, fofa e branca. Meus olhos dispararam para o chão. Como ele fez isso?

Avistei uma bandeja de metal, um agitador, um fósforo e um frasco de vidro espalhados embaixo dele.

Olhamos um para o outro sem palavras através da parede de vidro.

O livro escorregou dos meus dedos. Senti a manada de crianças passando por mim correndo, disparando para a janela, pressionando seus dedos pegajosos e narizes no vidro enquanto gritavam de entusiasmo.

Evitar meu marido não era mais uma opção.

Ele me trouxe uma nuvem.

Ele me trouxe a *tia Tilda*.

Minhas pernas me levaram para a parede de vidro. Ele se aproximou, encontrando-me atrás da barreira fina.

Coloquei minha mão no vidro. Cillian refletiu a ação, nossas pontas dos dedos tocando a parede.

— Eu disse para você não vir aqui. — Engoli em seco.

— Eu te disse um monte de coisas das quais me arrependo, — ele respondeu. — Espero que talvez o que você disse seja um dos seus.

— Eu já usei meu Cloud Wish, Kill. Eu não posso ter outro.
— Minha voz falhou.

— O desejo não é para você fazer, Persephone. — Ele sorriu.
— É para mim.



As crianças caíram no quintal como lava quente, espalhando-se rapidamente, estalando de alegria.

Seus braços pequenos alcançaram a nuvem, tentando agarrar o inegável, esticando os dedos na tentativa de capturar sua magia.

Fui a última a sair para o quintal, parando a alguns metros de distância de meu marido. Vê-lo depois de semanas foi como deixar cair uma pesada mochila de acampamento na porta de sua casa. Eu queria enterrar meu nariz em seu pescoço e respirá-lo.

Eu não perguntei a ele o que ele estava fazendo aqui. Tive medo de acreditar. Ter esperança.

Descender do Olimpo não tornou meu marido menos régio e bonito, e os deuses gregos tinham uma história de fazer os mortais fazerem o seu próprio jogo.

— Está aqui é Dahlia. — Ele apontou para uma das crianças, que estava socando a fumaça, tentando submetê-la. — Você a chama de Ratinha. Atrevida, doce, teimosa. Este é Teo, — ele continuou, apontando seu queixo para Teo, — tímido e reservado, mas observador. E esse é o Joe, — continuou ele, olhando para Joel, um dos meus alunos favoritos. Um sonhador com uma cabeleira ruiva brilhante.

— Como você sabia? — Sussurrei.

— Tenho ouvido durante os nossos jantares, — admitiu. — Para cada palavra que você disse. Mesmo que eu fingisse o contrário.

Meu coração disparou.

— Você está reivindicando seu Cloud Wish? — Torci meus dedos no meu colo, transformando-me na mesma garota que ele conheceu anos atrás na suíte nupcial. Inocente. Não tenho certeza.

— Sim.

— Quem disse que você tem um? — Um sorriso vibrou em meus lábios.

— Sua tia. — Não havia nenhum traço de zombaria em sua voz, o que apreciei, considerando que ele era fluente em sarcasmo. — Ela disse que eu tenho que ter cuidado. Que você só consegue um desejo na vida.

Espere um minuto...

Foi a mesma coisa que tia Tilda me disse. E não me lembro de ter contado a Kill sobre essa parte em particular. Não pode ser. Isso não faz nenhum sentido.

— Qual é o seu desejo? — Sussurrei.

As crianças estavam fervilhando ao nosso redor, e eu pensei que era simbólico, que a razão pela qual fomos reunidos - herdeiros - envolveu-nos, embora eu não tivesse concebido.

— Eu quero uma hora com você. Sessenta minutos do seu tempo. É tudo que peço. Quando você sai do trabalho?

— Quatro, — respondi. — Mesmo de sempre.

— Eu vou esperar.

Pelo menos ele não me disse para abandonar o trabalho desta vez.

— Como você fez uma nuvem? — Apontei para trás dele.

— A NASA tem um manual. Não é nada.

— É incrível.

— Os alunos da terceira série podem fazer isso.

— Eu não me importo. — Balancei minha cabeça. — Você vai me esperar? — Gesticulei ao nosso redor, para a escola.

Ele sorriu. — Persephone, minha querida, estou esperando há oito anos. Mais quatro horas não vão me matar.



O caminho para a casa de Cillian foi silencioso. Antes de sair do Little Genius, coloquei um alarme para exatamente sessenta minutos no meu telefone. Agora, eu mexia na alça da minha bolsa de ombro, apreciando a vista monótona do lado de fora, tentando regular minha respiração.

Era hora de fazer ou quebrar. Uma parte de mim sempre soube que Cillian não iria simplesmente aceitar o divórcio. Talvez tenha sido por isso que continuei com a papelada. Inconscientemente, eu sabia que seria um chamado para ele se aproximar.

Para me procurar.

Para me desafiar.



— Você interrompeu a perfuração no Ártico. — Limpei a garganta, ainda olhando pela janela. Já se passaram vinte minutos. Maldito trânsito de Boston. Tínhamos mais quarenta. Tecnicamente, pelo menos.

— Sim.

— Aquilo foi legal.

— Dar flores a você é bom. Perder cerca de 1,4 bilhão de dólares por ano em receitas é, no mínimo, um gesto romântico de proporções shakespearianas.

Ele disse isso tão incrédulo - tão sério - que não pude deixar de soltar uma risada.

— Eu nem tenho certeza de quantos zeros isso acarreta.

— Nove. — Seus dedos bateram em seu joelho, e eu sabia que ele estava ansioso por um charuto, mas tentando se comportar da melhor maneira possível. — Dez, incluindo eu, se meu plano hoje não funcionar e eu descobrir que fiz isso por nada.

Quando chegamos em sua casa, percebi que Petar estava fora. O resto da equipe também. Nunca tinha visto o lugar tão vazio. Tive a sensação de que foi planejado.

— Devemos ir para o seu escritório? — Perguntei educadamente. Uma parte de mim ainda o considerava um completo estranho.

Ele balançou sua cabeça. — Eu quero te mostrar algo.

Gesticulando para que eu o seguisse até o quintal, ele abriu as portas duplas de sua sala de estar e saímos. Visitei seu jardim religiosamente. Não só era lindo, mas eu ainda estava à procura da evasiva fonte do demônio. Para a parte misteriosa da propriedade de Cillian que eu ainda não descobri.

Eu o segui, prendendo a respiração quando ele parou perto da porta com paredes altas e adornada com hera. Eu tentei abri-la duas vezes, mas estava firmemente trancada. Kill pegou uma chave e a destrancou, abrindo-a.

Nós dois entramos e lá estava a fonte do demônio. Com água escorrendo do monstro parecido com um morcego com dentes pontiagudos.

Era um espaço pequeno – talvez tão grande quanto o apartamento de Belle – e me perguntei o que o fez fechar esta seção e isolá-la do resto do jardim.

Kill agachou-se, com as mãos nas coxas, apertando os olhos. Havia algo em sua linguagem corporal que me abalou. Uma certa rigidez que se foi. Sua postura era menos que perfeita. Eu gostei.

— O que estamos olhando? — Eu vim ficar ao lado dele, inclinando-me para frente. Ele me pegou pela cintura, puxando suavemente meu vestido para me impedir de chegar muito perto das flores.

Para o mar de flores.

Acabei de perceber que esta seção da casa estava repleta de flores silvestres. E não apenas *quaisquer* flores. As flores rosas e brancas tinham a forma de pequenos corações tristes. Engoli, dando um passo para trás.

— Há quanto tempo você tem isso?

— Quase quatro anos. — Ele se virou para mim com uma carranca leve. — Cerca de um mês depois do casamento de Hunter e Sailor, meu paisagista me chamou para fora, insistindo que eu tinha que ver isso. Ele disse que era peculiar. Que ele não plantou o bleeding heart, então ele não tinha ideia de como a flor tinha chegado aqui. Seu melhor palpite foi sementes de um jardim próximo que foram sopradas pelo vento e se estabeleceram aqui. Mas me lembrei que depois que tirei as flores do seu cabelo, coloquei em um guardanapo. Mais tarde naquela noite, quando cheguei em casa, fui ao jardim fumar um charuto, encontrei o guardanapo e joguei-o fora. Era apenas uma flor, e meu paisagista perguntou se eu queria ficar com ela. Eu imediatamente pensei sobre sua maldição – *desejo*, — ele emendou, — e disse não. Ele arrancou o bleeding heart de sua

raiz no mesmo dia. Um mês depois, outro bleeding heart cresceu no mesmo local. Eu o fiz arrancar de novo. Desta vez, ele chegou a envenenar o solo. Na quarta vez, desisti. Uma parte de mim queria ver o quão teimosa você era. E olhe agora. Meu jardim está cheio deles.

Pressionei meus lábios, lutando contra um sorriso.

Ele barricou uma parte de seu jardim porque isso o lembrava de mim.

Enjaulado onde ninguém pudesse ver.

— Então eu vivi com seu bleeding heart. Um lembrete venenoso do quanto eu te queria. Não muito depois, descobri que você ia se casar.

— Você nunca respondeu ao meu convite de casamento. — Senti minha pele corar.

— Todo mundo tem seus limites. Eu desenho o meu para comemorar minha idiotice de empurrar você para os braços de outro homem. O tempo passou. Eu tinha me esquecido de você, principalmente. As rodas da vida continuavam girando e, por mais rápido ou lento que fossem, eu mal lembrava que estava a bordo. Então Paxton saiu, fui nomeado CEO da Royal Pipelines e você apareceu no meu escritório procurando um favor. Minha reação inicial foi colocar tanto espaço entre nós quanto possível.

— Você não queria sentir, — eu disse suavemente. Ele balançou sua cabeça.

— Nesse ponto, eu nem estava preocupado com a possibilidade de sentir. Eu ainda estava aborrecido principalmente com as malditas flores que continuavam aparecendo do nada no meu quintal. Como se você se escondesse à noite e as plantasse lá. Mas então surgiu a necessidade de uma noiva...

— Sim, e você tinha várias candidatas para escolher. Você cancelou o noivado com Minka Gomes. Por quê?

Ele franziu a testa para o canteiro de flores.

— Ela não era você.

— Ela poderia estar grávida agora.

— Nunca foi sobre ter um herdeiro, — ele brincou. Um rei lindo e irresistível que foi mal julgado e mal compreendido. — No fundo, eu não era altruísta o suficiente para me importar com a linhagem.

Olhei para o meu telefone. Tínhamos no máximo meia hora antes que seu desejo acabasse.

— Conte-me sobre o Tourette, — implorei. — Tudo, desde o início. Só vi alguns vídeos, mas foram o suficiente para me mostrar o que você passou.

— Tudo começou com tiques simples, logo depois que meu pai demitiu Andrew Sênior, e passou a ataques completos quando voltei para a Inglaterra após as férias de verão. Quanto mais solitário eu me sentia, pior eles se tornavam. Eu tinha entrado e saído das clínicas e, além da síndrome de Tourette, também recebi o diagnóstico de comorbidade de ter TOC e TEA. Para mim, parecia o fim do mundo. As pessoas pensam em Tourette como pessoas loucas que gritam obscenidades contra sua própria vontade em trapos na rua, TOC como maníacos compulsivamente obsessivos que lavam as mãos quinze vezes por hora, e ASD⁴⁷ significa que estou no espectro do autismo. O que basicamente faz as pessoas pensarem que sou uma espécie de Rain Man. Bom com números, burro em tudo o mais.

— Rapidamente, percebi que precisava controlar essa condição se quisesse me tornar tudo o que nasci para ser. Aprendi que embora não pudesse controlar os tiques, podia controlar o que os fazia acontecer. E o que os fazia acontecer era eu estar dominado pela emoção. *Qualquer* tipo de emoção. Seja tristeza, angústia, raiva, medo ou mesmo alegria. Se eu estava animado – se meu coração disparava –, geralmente vinha a pressão de um ataque. Enquanto eu não me permitia sentir, mantive os tiques sob controle. Foi muito simples e funcionou para todos os envolvidos.

⁴⁷ Sigla para Autism Spectrum Disorder, ou seja, Transtorno do Espectro Autista.

Isso explicava muito.

Por que Cillian gostava tanto de suas luvas de couro – ele não gostava de tocar em coisas estranhas, devido ao seu TOC.

Por que ele conseguiu se desconectar de seus sentimentos com tanta eficiência quando eles se tornaram uma complicação.

Por que ele sempre estalava os nós dos dedos - para regular a respiração, para se acalmar. Foi um tique. Um lembrete do que ele tinha que viver. Ele não conseguia desligar quem ele era. Não totalmente. Não importa o quanto ele tentasse.

Por que ele sempre manteve a guarda alta.

Por que ele me ignorou por anos em vez de ceder à tentação.

— Todo mundo menos você. Você é aquele que não conseguia sentir nada.

— Eu sobrevivi bem.

— Sobreviver não é suficiente.

— Eu sei disso agora. — Seus olhos sensuais brilharam para mim. — Graças a você.

O ar entre nós ficou denso e carregado. Ele pegou minha mão na sua. Um gesto tão simples, mas parecia que ele arrancava as estrelas do céu para mim. Ele pressionou minha mão contra seu coração. Ele correu sob a minha palma, batendo

violentamente, desesperado para quebrar a barreira entre nós e saltar para o meu punho.

Os corações mais fortes têm mais cicatrizes.

— Mantenha aqui até que eu termine, — ele instruiu, respirando fundo.

— Eu quero você. — Ele ergueu um dedo. — Eu sempre quis você com uma fome que fez meu peito doer e minha boca ficar seca. Essa é uma emoção. Eu sou ciumento e possessivo de você. Caso você não tenha notado. — Ele ergueu mais dois dedos no ar. — Eu me preocupo e temo por você. Quando descobri por que você decidiu trabalhar para Andrew, quis esfolar você viva por se colocar em risco por mim. São mais dois. — Ele espalmou sua mão inteira sobre uma tela invisível entre nós, esticando todos os cinco dedos.

— Cinco emoções para baixo, mais cinco para ir. Você me fez mais feliz do que nunca. Também o mais triste. — Ele agora ergueu dois dedos da outra mão. — E me causou uma quantidade infinita de dor e prazer.

Havia apenas um dedo enrolado agora.

Uma emoção que ele ainda não havia revelado.

O relógio em seu pulso marcava cinco para as cinco. Apenas mais cinco minutos antes que o desejo de tia Tilda evaporasse e

ficássemos sem tempo para dizer todas as coisas que queríamos dizer.

Minha respiração engatou.

— Eu te amo, Persephone, — ele rosnou. — Eu te amo *pra caralho*. Em algum lugar ao longo do caminho, eu suavizei. Posso ter salvado você de um bleeding heart, mas seu bleeding heart *me* salvou. Dez emoções não são vinte e sete. Ainda há mais pela frente, mas quero fazer essa jornada com você.

— Não somos Hades e Persephone, Flower Girl. Nunca fui. Eu não te arrastei por um caminho escuro. Você me puxou para a luz. Desamparado, eu a segui. Cegamente, me queimei. Eu sou Ícaro. — O relógio bateu cinco. Nossos sessenta minutos acabaram. O alarme do meu telefone tocou para me dizer isso, mas eu bati no botão lateral para silenciá-lo. — Eu te amo como ele amava o sol. Muito perto. Demasiado difícil. Muito rápido.

Ele baixou a cabeça, fechando a boca na minha. Eu fiquei mole em seus braços. Ele me apertou contra o peito, forte e resistente, firme. Um rei frio em seu jardim venenoso, finalmente deixando os raios de sol tocarem sua pele.

Nós caímos de joelhos no chão, e eu não temia mais que a terra abrisse sua mandíbula e me engolissem para o mundo subterrâneo.



A boca de Kill se moveu sobre a minha. Ele separou meus lábios, rolando sua língua com a minha provocativamente, me provando. Eu gemi, envolvendo suas maçãs do rosto, aprofundando nosso beijo enquanto subia em seu colo, o único lugar que já me senti em casa.

Nós nos beijamos por horas. Quando nossos lábios se quebraram, minha boca estava seca, meus lábios racharam e uma sombra azul aveludada coloriu o céu.

Meu marido deslizou o nariz pela ponte do meu.

— O contrato ainda está de pé. Minha alma é sua.

— Eu nunca quis sua alma. — Sorri em seus lábios, meus olhos encontrando os dele. — Eu o rasguei em pedaços no minuto que o recebi pelo correio. Eu sempre quis apenas seu coração. Agora que tenho, tenho um segredo para lhe contar.

Ele arqueou uma sobrancelha.

Coloquei meus lábios em seus ouvidos.

— Eu também não acreditava em almas antes.

— Antes?

— Antes de te conhecer.

Epilogo



Persephone

Um ano depois.

— Você parece que está prestes a explodir.

Eu queria estrangular minha irmã, mesmo que suas palavras fossem ditas com preocupação genuína.

Objetivamente falando, eu *parecia* como uma laranja. Eu estava grávida de 41 semanas de nosso primeiro filho. Estava claro que meu filho, assim como seu pai, não devia ser apressado. Em vez disso, ele decidiu optar por uma grande entrada enquanto estava elegantemente atrasado, algo que meu corpo *não* gostou.

Meus seios eram do tamanho de melancias e constantemente doloridos, minha parte inferior das costas parecia que nada além de agulhas pontudas suportavam e meus hormônios estavam em todo lugar.

Na semana passada, eu não consegui nem mesmo sair da cama. Tive que contar com Cillian para comida e entretenimento. Ah, e chegando àquelas partes incômodas que não conseguia mais esfregar enquanto tomava banho.

Inclinei-me sobre a cabeceira da cama com um beicinho, mexendo os dedos dos pés, embora eles fossem nada além de uma memória distante que eu não podia mais ver.

— Quando as mudanças de humor vão acabar? — Ponderei em voz alta. Sailor e Aisling estavam na sala também, bajulando-me. — Estou cansada de chorar sempre que vejo um comercial do Super Bowl e sempre que uma música de Katy Perry toca no rádio.

— Você chora porque ela é uma merda, certo? — Belle caiu ao pé da minha cama, massageando meus pés. — Só quero confirmar se seus hormônios estão apenas mexendo com seus sentimentos e não com seu gosto musical.

Bufei, dando-lhe um chute brincalhão. — Estou falando sério.

— Minhas mudanças de humor nunca passaram, — disse Sailor, acomodada em uma poltrona reclinável no canto de nosso quarto principal. — Lembro-me de empurrar o carrinho de Rooney ao longo de uma trilha de corrida, olhar para um esquilo correndo e pensar em como sua cauda seria perfeita para limpar mamadeiras. Em minha defesa, *era* realmente fofo.

— Sem ofensa, vadia, mas você não é um grande exemplo.

— Belle colocou meu tornozelo direito sobre sua coxa, cavando seus polegares profundamente no arco do meu pé. — Você engravidou de novo antes de Rooney passar da visão de sombras para o reconhecimento de vozes. Seu marido sabe que pode guardá-lo de vez em quando?

— Não, — todos nós dissemos em uníssono, rindo. Aisling torceu o nariz. Ela estava de pé na janela, observando meu jardim exuberante. O dia em que me mudei de volta para a mansão também foi o dia em que o bleeding heart começou a murchar e eventualmente morrer. Era como se tivesse servido ao seu propósito e depois se aposentado. Sempre pensei nisso como tia Tilda finalmente respirando depois de realizar meu desejo.

— Bruto. É do meu irmão que estamos falando. — Ash estremeceu. — Pensando bem, além de você, Belle, todas as minhas amigas também são minhas cunhadas, e todas elas engravidaram de meus irmãos. É alarmante.

— O que é alarmante é que esse bebê ainda está dentro de mim. — Apontei para minha barriga enorme.

— Garoto de sorte. — Meu marido entrou em nosso quarto, tranquilo e elegante em seu terno de grife. Sua postura sozinha me fez babar um pouco. Cillian foi muito complacente quando descobrimos que minha gravidez veio com um aumento do apetite sexual. No entanto, nos últimos dois meses, fazer sexo tornou-se



uma tarefa árdua, atualmente estávamos contando com favores orais e Netflix para nos manter ocupados à noite.

— Satan, — Belle saudou. Minha irmã e meu marido se davam bem ultimamente. Ele até a ajudou a comprar a parte de seus dois sócios de negócios, então agora ela era a única proprietária de Madame Mayhem.

— Lúcifer, — Sailor cumprimentou.

Ela também não tinha mais rixas com o cunhado.

— Kill. — Ash concordou.

Ele ignorou as mulheres na sala, caminhando em minha direção para se inclinar e pressionar um longo beijo de boca fechada na minha testa.

— Como você está, Flower Girl?

— Cansada. Sonolenta. — Estiquei-me preguiçosamente, sorrindo para ele.

Ele esfregou minha barriga através do tecido laranja elástico do meu pijama.

— E o garotinho?

— Ótimo. Acho que ele vai ser jogador de futebol. Ele está chutando uma tempestade a manhã toda.

Cillian ergueu as sobrancelhas. — Qualquer coisa que queira durante a adolescência. Mas quando ele sair da universidade, ele terá que ocupar seu lugar na Royal Pipelines.

Gemendo, agarrei a ponta da gravata do meu marido e puxei-o para mim, calando-o com um beijo. — Já passamos por isso, hubs. Ele vai ser o que quiser. Ele não é você.

Tínhamos conversado muito sobre o que significava para Cillian ser Cillian. O herdeiro da Royal Pipelines. Como talvez, se não fosse pelo peso de sua linhagem, ele não teria que encontrar maneiras criativas e destrutivas de lidar com seu distúrbio. Um distúrbio que ainda – além de mim, Andrew e Joelle Arrowsmith – ninguém sabia de nada.

Nem mesmo sua mãe, que – Kill me disse uma vez – provavelmente bloqueou a memória daquele laboratório suíço para se proteger.

— Claro, — disse ele categoricamente. — Ele pode ser o que quiser. Um jogador de futebol, um músico, um menino de sinuca.

Olhei para ele.

— Mas ele vai querer ser um CEO, — Kill finalizou, sorrindo.

— Tudo certo. — Belle bateu em meus tornozelos. — Eu acho que nós vamos deixá-los antes de arrancarem a roupa um do outro e terem *muito* sexo grávida na frente de nós. Tem sido real. Pers, mamãe diz que vem esta semana e que vai ficar. Ela



tem a sensação de que você vai parir no fim de semana. — Ela se levantou, gesticulando para que minhas amigas a seguissem.

— Vou pedir a Petar que prepare um dos quartos de hóspedes, — disse Kill.

— Mas ainda não esfreguei a barriga de Persy hoje! — Ash protestou.

— Deus, Ash, você precisa do seu próprio bebê. — Sailor riu, empurrando-a para fora.

— Tenho a sensação de que ela vai ter um em breve, — Belle murmurou, fechando a porta atrás delas.

Kill lançou um olhar irritado para a porta, então voltou seu olhar para mim.

Levantei minhas palmas. — Eu não posso evitar o que sai da boca da minha irmã.

— Se você pudesse, teria um trabalho de tempo integral gerenciando isso. Você ouviu falar de Joelle esta semana? Ela perguntou quando poderia passar por aqui.

Pouco depois de Cillian e eu voltarmos, retomei minha comunicação com Joelle Arrowsmith. Ela estava se divorciando de Andrew, que ainda estava fazendo terapia, trabalhando no setor privado como consultor jurídico e tentando se tornar um pai melhor para Tree e Tinder. Joelle ficou aliviada quando

comecei a visitá-la novamente, muitas vezes com Cillian, que ficava de olho no Tinder e sempre dava conselhos e orientação à Joelle.

Eu até levei as crianças e meu marido para ver a Sra. Veitch em uma festa de Natal em sua casa de repouso. Ela morreu algumas semanas depois dormindo.

— Eu preciso ligar para ela de volta, mas eu espero que da próxima vez que a vir, eu tenha um bebê em minhas mãos. Você pode me ajudar a levantar? Eu preciso de um banho. — Cambaleei sobre a cama.

— Peguei você. — Ele me pegou em seus braços e me carregou para o nosso banheiro. Lá, eu fiquei sob o fluxo de chuveiros, o vapor nublando as portas de vidro enquanto Kill encostou-se nas bancadas de mármore, me fazendo companhia.

— Sailor está começando a aparecer, — eu observei, ensaboando meus braços.

— Hmm, — Kill respondeu evasivamente. Eu podia vê-lo acariciando o queixo no espelho à nossa frente. — Ash realmente quer um bebê?

Dei de ombros. — Não me surpreenderia. Eu tenho vinte e sete anos. Isso a torna... o quê? Vinte e seis? Não muito rebuscado, embora ela ainda tenha sua residência para concluir.

— Ash era uma médica agora. — Sempre fomos as românticas fora do grupo. Sempre quisemos famílias grandes.

— Com a ligeira distinção de que você nunca foi obcecada pelo rei do submundo, — observou Kill.

Sam Brennan era seu amigo, mas também era um homem que não queria para sua irmã.

— Não, — concordei. — Eu simplesmente me apaixonei pelo vilão favorito da mídia. — Eu sorri, desligando o fluxo de água e batendo levemente nos ladrilhos do meu roupão. — Não se preocupe, nós temos sua irmã. Vamos mantê-la segura e não vamos deixá-la fazer nada muito selvagem.

— Assim como elas impediram você de se casar comigo, — disse Kill, não convencido. — Você é doce, mas teimosa, e minha irmã é quase a mesma. Tenho idade suficiente para lembrar que, quando ela tinha cinco anos, quase arrastou a porra de uma gambá viva para dentro de casa porque meus pais se recusaram a conceder a ela o animal de estimação que ela tanto queria.

Meu marido praguejou. Não com frequência, e apenas na minha frente e um pequeno grupo de amigos e familiares, mas ele fez.

Balancei minha mão para desligar a água.

Espere, eu já não fiz isso?



— ...quebrará todos os ossos de seu corpo e o remontará para se parecer com uma pintura de Picasso se ele apenas tocar um fio de cabelo da cabeça dela...

— Kill, — eu respirei.

— O quê? — Ele parou de falar, virando-se para o chuveiro.

— Eu desliguei a água... — eu murmurei, olhando para baixo. — Mas a água ainda está correndo.

Seus olhos dispararam entre minhas pernas.

— Querida, sua bolsa estourou.

Nós dois olhamos um para o outro.

— Pronto, Papai Kill?

— Vamos fazer isso, Flower Girl.



Cillian



Astor Damian Archibald Fitzpatrick nasceu no dia mais quente da história de Boston. Mais quente do que o dia infeliz de nossa lua de mel atrasada na Namíbia, quando minha esposa realizou seu sonho de se deitar em uma duna amarela aveludada e olhar para o sol desafiadoramente. A quarenta e cinco graus, suei minhas bolas por perto, esperando por ela pacientemente com uma garrafa de água fria.

Estava tão quente, a energia caiu, geradores tiveram que ser usados para manter a eletricidade funcionando no hospital e minha esposa parecia uma versão líquida de seu antigo eu.

Então ele veio ao mundo e tudo deixou de ter importância.

— E minha professora da quarta série disse que nada sairia de mim. — Persephone bombeou o ar quando o médico pegou o bebê, rindo e chorando ao mesmo tempo, o que, eu aprendi enquanto estive com ela, era aparentemente uma coisa completamente válida de se fazer por um ser humano.

— Qual é o nome dela? — Exigi. — Vou me certificar...

— Deus, Kill, quem se importa com a Sra. Merrill! Dê-me meu bebê! — Definitivamente havia mais risos do que choro agora.

Astor não saiu chutando e gritando, como os bebês, rejeitando a própria ideia de deixar o conforto e a segurança calorosa do útero em que foram criados.

Ele saiu quieto e severo. Muito quieto, na verdade. Tanto é verdade que o médico o levou para uma mesa próxima antes que pudéssemos vê-lo direito e começou a acariciá-lo com uma toalha e aspirar o líquido de sua boca.

— Estou apenas tentando estimular seu primeiro choro, — disse Braxman calmamente. — Seu pulso e cor estão bons, então tenho certeza de que não é nada. Provavelmente apenas um bebê resistente e resiliente.

Persephone envolveu minha mão na dela, apertando-me com o resto de sua energia, pingando suor. Depois de um trabalho de parto de doze horas, fiquei surpreso por ela ainda estar acordada.

— Kill, — ela gemeu, movendo sua boca. Eu a puxei para um abraço, esticando o pescoço ao mesmo tempo para ver o que o Dr. Braxton estava fazendo.

— Está bem. Tudo está bem. Vou dar uma olhada.

Ela assentiu.

Enquanto me dirigia ao médico, que ainda estava acariciando e tocando meu bebê, rodeado por duas enfermeiras, tentando fazê-lo chorar, a força crescente de um ataque de Tourette iminente subiu pela minha espinha. Meu coração disparou. Meus dedos estalaram. Meu desejo de proteger meu filho queimava tão ferozmente em mim que eu tinha certeza que

poderia destruir todo o prédio com minhas duas mãos se algo acontecesse com ele.

Assim que dei o último passo em direção ao Dr. Braxman, Astor abriu sua minúscula boca vermelha e soltou um grito que quase quebrou as janelas, enrolando seus pequenos punhos e empurrando-os no ar como Rocky.

— Ah. Aqui estamos. — O Dr. Braxman envolveu meu filho como um burrito e o entregou para mim, apoiando sua cabeça. — Dez dedos nas mãos, dez dedos dos pés, um par de pulmões saudáveis e muita personalidade.

O médico agiu rapidamente, acomodando-se entre as coxas de minha esposa, que haviam sido cobertas com um pano, e começou a costurá-la.

Eu fiz uma careta para meu filho.

O chamado objetivo. O fim do jogo. Minha missão depois de marcar com sucesso todas as caixas no meu caminho para assumir as rédeas da família Fitzpatrick.

E de todos os sentimentos que eu senti – alegria, prazer, admiração, felicidade, antecipação selvagem e proteção violenta, até mesmo um pouco de medo lançado – eu não poderia, pela minha vida, ver-me passando a ele o fardo de passar pelo que eu tive que passar para deixar meus pais orgulhosos.

Não era justo com ele. Para mim. Aos filhos de Hunter e Aisling, e a todos os filhos que teríamos no futuro.

Estudando seu rosto, admirei sua perfeição. A natureza escolheu a dedo nossas melhores características para ele. Ele tinha olhos azuis enormes como os de sua mãe, meu cabelo escuro e um nariz proeminente como o meu. Mas suas orelhas eram pequenas, como as de minha esposa, e ele tinha aquela aparência – a aparência que poderia fazer os impérios caírem – que apenas Persephone Penrose conseguira aprimorar.

Um olhar que me desarmou.

Um olhar que me disse que talvez eu não fosse o policial mau da casa, afinal.

— Com licença, — Persephone cantou de seu lugar na cama, acenando para mim. — Minhas desculpas por interromper, mas há alguma maneira de eu poder ver meu próprio filho também?

Eu ri, caminhando até ela. Astor ainda estava gritando e jogando seus pequenos punhos em mim. Ele tinha unhas surpreendentemente longas para um recém-nascido, mas pareciam finas e quebradiças. Eu o abaixei até o peito dela, que estava apenas parcialmente coberta por sua bata de hospital.

A mãe e o bebê se encararam e o mundo ao redor deles parou em seu eixo. Astor ficou muito quieto e muito sério.

Persephone respirou fundo e eu parei de respirar, a pressão do ataque diminuindo.

— Olá, anjinho. — Ela sorriu para ele.

Ele olhou para ela, hipnotizado.

Eu conheço o sentimento, filho.

Recuei e os observei.

Minha própria pequena família.

Uma coisa perfeita neste mundo imperfeito.

Saber que poderia ter passado para Astor exatamente a coisa com a qual a vida me amaldiçoou, porque era hereditária.

Sabendo disso, com toda probabilidade, meu pai também tinha.

E jurando que Astor nunca ficaria preso em uma cabine de confissão de igreja com seus demônios.

Que ele também um dia seria capaz de se aquecer na luz.

Fim

Agradecimentos

Este livro foi definitivamente um passeio para escrever. Demorou muito de mim mental e fisicamente. Não acho que seria capaz de escrever sem meu grupo de apoio. Então aqui vai:

Para meus leitores beta: Tijuana Turner (que também é minha momager e minha fada madrinha), Vanessa Villegas, Lana Kart, Amy Halter e Chelsea Humphrey. Obrigada por sua contribuição valiosa e sua dedicação a esta história. Definitivamente, você tornou o trabalho muito divertido.

À minha equipe de edição, Cate Hogan, Mara White, Paige Maroney Smith e Jenny Sim. A sua atenção aos detalhes e dedicação à palavra escrita e à qualidade da história que tem pela frente nunca para de me surpreender. Sou eternamente grata por ter você ao meu lado.

Para minha designer de capa de bruxa, Letitia Hasser, que ainda não se divorciou de mim – obrigada por isso. Agradeço tanto sua paciência, seu trabalho árduo e seu talento avassalador. Você está presa comigo para sempre! E também a Stacey Blake da Champagne Formatting, outra favorita que está sempre lá para mim e sempre entrega!



À minha agente, Kimberly Brower, da Brower Literary, por ser uma das minhas apoiadoras mais incríveis, e ao meu time de rua KICK-ASS, que é muito mais do que um time de rua: Avivit, Vanessa, Lulu, Ratula, Sheena, Sarah Plocker, Sarah Grim Sentz, Chele, Jacquie, Ariadna, Yamina, Nadine, Nina, Leeann, Samantha, Stacey, Summer, Isa, Sher, Lisa, Tanaka, Marta, Keri, Rebecca, Betty e Lin. Se você vir nomes recorrentes a cada lançamento, é porque eles são meu passeio ou morrem.

E aos meus melhores amigos em todo o mundo, Charleigh Rose, Ava Harrison, Parker S. Huntington, Tijuana Turner e Vanessa Villegas. Obrigada por ser meu sistema de apoio. Sempre.